Conde J.W. Rochester

Abadia dos Beneditinos

Uma história do século XIII

Psicografia de

WERA KRIJANOWSKY

(Tradução de Manoel Quintão)

J. W. ROCHESTER
ABADIA DOS BENEDITINOS

Conde J. W. Rochester (espirito)
Abadia dos Beneditinos (Obra Mediúnica)
Médium: Wera Krijanowsky Tradução de Manoel Quintão

11?- Edição - Do 56(2 ao 65';-) milheiros novembro - 1998
Nota: A LAKE é uma entidade sem fins lucrativos, cuja diretoria não possui remuneração. Capa: Christof Gunkel

ISBN: 85-7360-089-6
LAKE - Livraria Allan Kardec Editora (Instituição Filantrópica) rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
Tel.: (011) 229-1227 • 229-0526 • 227-1396 FAX: (011) 229-0935 • 227-5714 São Paulo - BRASIL
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Rochester, John Wilmot, Conde de (Espírito)
Abadia dos Beneditinos:
Obra Mediúnica / John Wilmot Rochester médium senhorita Wera Krijanowsky;
tradução de Manoel Quintão
11 edição - São Paulo - LAKE, 1998.
Índices para Catálogo Sistemático:
1. Escritos psicografados: Espiritismo 133.1
2. Romance mediúnicos: Espiritismo 133.1

ÍNDICE

CAPITULO I

A NARRATIVA de PATER SANCTUS

O corpo que me serve de invólucro para viver e lutar, neste ano de 1884, repousava calmamente; e ninguém, que assim o visse, suspeitaria nele mais que um homem adormecido. Contudo, a verdade é que tenho desligado, em parte, os

fios materiais que me prendem a esse corpo e o fazem funcionar. Deixêmo-lo, então, repousar e abastecer-se de força

vital, enquanto com o perispírito me elevo na atmosfera transparente - pátria do espírito - que a retina humana não

pode perceber. Este espaço mais próximo da Terra se destina à atividade dos espíritos em relação com os encarnados;

e só com o auxílio de seus amigos invisíveis pode a criatura terrena mergulhar nos segredos do passado, imemorial e

nebuloso. Assim eu, hoje S. M., vejo-me esta noite face a face com Rochester, que me diz : - Queres tu, Pater

Sanctus da Abadia dos Beneditinos, volver à era de 1242 e confiarme algumas páginas desse tempo remoto, para que as

transmita aos viventes da Terra? Ouvindo aquele nome - personificação de criminoso passado - estremeci no meu

perispírito ; rasgou-se-me um como véu diante dos olhos e, tal como através de lanterna mágica, revi altaneira em

seu rochedo, a velha abadia circundada de muralhas de ameias, com estreitas janelas góticas, longos corredores

escuros, celas pequenas e vazias, mas, sem embargo . fervilhantes de pensamentos criminosos. Depois, em desfile

de tela animada, o jardim, o refeitório, etc. Um arrepio sacudiu-me o corpo espiritual e vi, também, as masmorras e

alçapões que ali se abriram para tantos infelizes. E aquele monge de hábito negro e traços acentuados era eu mesmo,

Pater Sanctus, que passava humilde, cabisbaixo, olhos semicerrados e lábios em prece, a maquinar

um crime! Acolá, no fim do corredor, a biblioteca com os seus tesouros: estantes pejadas de massudos volumes,

encadernações preciosas e poeirentos manuscritos; a secretária alta em que trabalhava, noites inteiras, à luz de

mortiça lamparina. Aí apresentou-se-me, também, aquele que muitas vezes compartilhava da minha tarefa e de quem

me fizera amigo e braço direito nos planos tenebrosos. Só à pronúncia do nome Pater Sanctus, desdobravam-se cenas e

mais cenas ante meus olhos, parecendo-me que ainda apertava a mão daquele esguio e pálido monge de olhar

impenetrável e profundo, e que, só pela cruz de ouro pendente do pescoço, se distinguia dos quinhentos irmãos que o

rodeavam. Ele era o mais calado, o mais discreto de todos. Nunca se aborrecia abertamente; dirse-ia que apenas se

movia e vegetava... E, no entanto, prior do convento, era ele quem sustinha e desdobrava com mão de ferro toda a

malha de intrigas e crimes que se agitavam fora da comunidade. Rochester também se transfigurou a meus olhos, e o

Conde de Rabenau, um dos atores principais desse antigo drama, se me deu a conhecer. Esmagado, então, pelas

recordações, curvei a fronte e consenti em ditar esta minha confissão de culpa.

Quando comecei a sentir que era gente, ao tempo em que inicio esta narrativa, ou seja, em princípios do século

XIII, não passava de um menino de 4 a 5 anos, ignorando quem fossem meus pais e onde nascera. Morava no torreão de

um velho castelo em ruínas, sob a guarda de um soldado veterano e de sua mulher, que muito me estimavam, mas não

eram meus pais. A parte ainda habitável do imponente edifício conservava-se rigorosamente fechada, e tudo quanto

dela sabia é que, no cofre do meu guardião, existia um molho de chaves daqueles compartimentos onde nunca eu

entrara. Minha existência transcorria descuidada, relativamente feliz, e nada me faltava; comia e brincava à

vontade, ora trepando às árvores para colher frutos ou ninhos, ora correndo pelos jardins e varando os

compartimentos da parte arruinada: o castelo de Rabenest. Assim cheguei à idade de 12 anos.

Uma noite, reunidos para a ceia, junto do fogão em que ardia e crepitava uma chama clara, enquanto lá fora sibilava

o vento e chovia a cântaros - lúgubre concerto a que se misturava o pio dos mochos aninhados na torre - ouvimos, de

súbito, um tropel de cavalos que nos alarmou. A seguir, vozes de alô, alô, ó da guarda! Meu pai adotivo tomou da

parede um archote e saiu. Acompanhei-o. O vento forte apagou a luz, mas nós pudemos distinguir um grupo de

cavaleiros. Aproxima-te - disse a meu pai, em tom imperativo, o cavaleiro mais próximo - e mostrando-lhe o anel,

acrescentou : - em nome do conde de Rabenau, manda abrir o castelo. Meu pai se inclinou humilde e reverente,

dizendo : - Inteiramente às ordens, dignai-vos seguir-me. Correu a buscar o molho de chaves, ordenando ao

cavalariço que tomasse conta dos cavalos. Notei, então, que o grupo se compunha de seis pessoas, inclusive quatro

homens de armas, todos de viseira baixa. O homem que falara a meu pai era um tipo imponente, de olhar severo e

altiva fronte. O segundo mantinha-se cabisbaixo e pareceu-me que sobraçava alguma coisa sob o manto. Os quatro

homens da escolta acompanharam-nos a distância. Tomei também o meu facho e ajudei a aclarar a estreita e tortuosa

escada de acesso aos compartimentos ainda habitáveis, até que paramos diante de maciça porta. Entramos. Era um

salão grande como eu jamais vira. Teto baixo, formado de enormes vigas e estreitas janelas, ou antes, seteiras, que

mal coavam a luz do dia, ao centro, grande mesa escura de carvalho e cadeiras da mesma cor, de alto espaldar

brasonado. De frente, às janelas, sobressaía a grande chaminé da lareira. Meus pais adotivos, auxiliados pelo

zagal, apressaram-se a tudo dispor e logo o escuro salão tomou aspecto mais hospitaleiro. Acenderam os

candelabros de prata, puseram lenha ao fogão, e já uma temperatura agradável se derramava no ambiente. Dos seis

personagens, apenas dois se haviam sentado. Quando os dois cavaleiros levantaram a viseira, observei-os curioso : o

que me parecia ser o chefe, tinha um rosto insinuante, de uma palidez mate, mas não doentia, emoldurado por uma

barba curta, sedosa e anelada. Os grandes olhos negros, transpirando energia e autoridade, tinha um fulgor difícil

de afrontar. De súbito, reparando em mim, perguntou :

Quem és tu? - Eu... eu ... - respondi gague jante, pois aquele homem não me inspirava confiança - eu? E fiz menção

de fugir. Sim, tu mesmo, meu sapinho - disse, agarrando-me pelo braço. - Sou - gritei em tom já alterado pelo temor

e a indignação que me causara o epíteto - sou Ângelo, filho adotivo de pai Hilberto. Ouvindo meu nome, o fidalgo

estremeceu, largou-me o braço e, tomando um candelabro, aclarou-me o rosto, como se quisesse fitar-me bem. Depois,

cenho carregado, deixou escapar um ah! e prosseguiu: - Olha, Bruno, vê se lhe descobres traços de alguém... O outro

ergueu a cabeça, encarou-me de olhos fatigados, estremeceu também e disse emocionado: - É o retrato de Rosa... -

Cala-te - retrucou, deitando furtivo olhar aos quatro homens da comitiva. Depois, inclinando-se para o companheiro,

entraram a conversar baixinho. Isso me levou a examiná-los e a concluir que o que me falara era um jovem de 22

anos, quando muito, enquanto o outro deveria ter mais de 40. Muito pálido, lábios retraídos, dava impressão

de

amargura e tristeza. Só, então, reparei que ele tinha ao colo uma menina de cinco ou seis anos, profundamente

adormecida. Seus cabelos louros, fartos e anelados, pareciam uma auréola, o que me deu a impressão de estar vendo

um anjo. Quando terminou a conversa, mandaram-me embora bruscamente. Afasteime, como que sonhando, e só dei por

mim quando o casal de bons velhos me apareceu lá na torre. Aí, enquanto concluíamos a modesta ceia, repentinamente

interrompida, mãe Brígida contou que os dois cavaleiros tinham discutido calorosamente depois que ela foi acomodar

a menina, muito dócil e encantadora, por sinal. Fui dormir nervoso e só despertei no dia seguinte, sacudido por mãe

Brígida, a gritar-me: - Avia-te daí, meu palerminha, todo mundo está de pé e os hóspedes já vão longe. - Como?

foram-se embora? - repeti desapontado. - Não todos; sossega. E rindo-se: - o fidalgo mais velho e a pequena ficam

morando aqui. Patusca idéia de gente rica, não é? - acrescentou alçando os ombros - morar nestas brenhas e num

castelo em ruína!

Esta velha mansão de Rabenest só pode servir para os pobres da nossa laia, que se consideram felizes, desde que

tenham um teto para se abrigar e um pouco de pão que lhes engane a fome. Alguns dias se passaram sem que tornasse a

ver o fidalgo e a menina. Nossa vida retomou o ritmo habitual. A única alteração consistia no cuidadoso preparo das

iguarias destinadas aos recem-vindos, a cargo de mãe Brigida, e no meu trabalho de transportar da adega as garrafas

de vinho velho. Mãe Brigida contava maravilhas de candura e beleza da mimosa Nelda, honrada com a tarefa de vesti-

la e niná-la. Um dia, aventurei-me até o jardim e lá se me deparou a menina assentada na relva, a brincar com as

flores. Vendo-me com um passarinho na mão, chamou-me e assentei-me a seu lado, para lhe mostrar a avezinha que

acabara de apanhar. Nelda acariciou-lhe a cabecita com os dedinhos róseos e pediu-me que lha desse. Consenti, de

bom grado e ela ficou encantada. - Vem dai, - disse, tomando-me a mão - vamos procurar papai; ele nos

dará uns

docinhos. Mãos dadas, escadas acima, varamos pelo corredor, até que paramos diante de uma porta entreaberta.

Espreitando o interior, Nelda me fez entrar em uma sala cujo aspecto me impressionou: aclarada por uma única

janela, ali se deparava uma porção de livros espalhados pelos móveis e até no assoalho. Junto da grande secretária,

sentado, com a face apoiada nas mãos, o idoso fidalgo lia massudo alfarrábio. - Pai! - gritou a pequena - veja que

bonito passarinho, que me deu o menino! Você não me dá um docinho para ele? À voz da filha, o cavaleiro voltou-se

e, dando comigo, corou; depois, ergueu-se e inclinando-se espalmou a mão nas minhas costas, enquanto eu lhe notava

o semblante alterado e os olhos castanhos, de extrema doçura. - Toma lá e regala-te com o teu novo amiguinho...

Nelda não se fez rogada, encarapitou-se numa pilha de livros e entramos a saborear os finos bombons cristalizados.

Depois, passou a mostrar-me os seus brinquedos e tudo quanto lhe parecia interessante. - Que é que tem ali dentro?

- perguntei, curioso, apontando os livros. O cavaleiro, que passeava a longos passos, ouvindo a pergunta, deteve-se

e assim me falou sorridente: - Ali há muita coisa bela e útil. Já sabes ler?

Não! - respondi. - E quererias aprender? Conhecer outras línguas, saber o que se passa noutras terras, compreender

porque há estrelas à noite, conhecer a virtude das plantas para manipular remédios, saber, em suma, o que os homens

fizeram antes de nós, ou seja a história dos povos? Eu estava mudo, o peito opresso, mas, enfim, desabafei: - Oh!

se quero... Sim! Saber algo mais que saltar muros e pilhar ninhos; compreender o que fazem as estrêlas nos céus!

Meu entusiasmo desatou nos lábios do fidalgo um sorriso expressivo e o seguinte convite : Neste caso, procura-me

diariamente e tudo te ensinarei; mas, olha, a coisa não é fácil. A partir daí, passava a maior parte do meu tempo

junto do senhor Teobaldo, nome este que só mais tarde soube não ser legítimo. Uma vez adquirido o sabor da leitura,

passei a viver exclusivamente para os livros, neles estimando preciosos tesouros. Desde que comecei a

estudar, o

tempo corria com a rapidez dos meteoros e eu me esforçava sem tréguas. O mestre, competente e bondoso, alegrava-se

com os progressos do discípulo. Cedo familiarizado com o latim, logo me absorvi no estudo da Medicina e da

Astronomia. As horas de folga eram dedicadas a Nelda e a uma orfãzinha que o destino encaminhara ao castelo de

Rabenest. A esse tempo o filho único de meus pais adotivos voltou ao lar, gravemente enfermo, em conseqüência de um

ferimento sofrido em combate, pois era soldado. Casado, longe dos pais, e porque também lhe falecesse a esposa,

trouxera consigo a filhinha Gertrudes, robusta e linda criança, mais ou menos da idade de Nelda. Semanas após,

falecido o pai, ficou a menina Gerta ao cuidado dos avós. O sr. Teolbaldo houve por bem colocá-la junto de Nelda,

para servi-la e distraí-la; Nelda, porém carinhosa e boa, via na órfã menos uma serva que uma companheira e

amiguinha de infância, não obstante a disparidade de gênios. Viva, caprichosa e arrebatada, a pequena Gerta se

afeiçoou a mim singularmente. Eu tinha, de fato, absoluto império sobre aquela criatura tão impulsiva, a ponto de

lhe acalmar, com um simples olhar, os freqüentes acessos de cólera.

Mais de sete anos assim transcorreram, de vida pacífica, sem episódios dignos de menção. Eu completara, então, meus

19 anos e muito havia adquirido em saber e boas maneiras, com a convivência do sr. Teobaldo que - coisa estranha

num homem de nobre estirpe - jamais saía do castelo e tampouco recebia visitas. A esse tempo, a chegada imprevista

de um hóspede proporcionou grande alegria ao solitário castelão. O recém-vindo, homem de bela aparência, apenas se

dava a conhecer pelo nome de Edgar ; mas eu logo deduzi do seu porte altaneiro e maneiras elegantes, que se tratava

de um homem de nobre linhagem. Notei, também sua grande afeição ao sr. Teobaldo, que era, suponho, seu compadre, ou

parente. Surpreendido com o desenvolvimento e atrativos de Nelda, no esplendor dos seus treze anos, o sr Edgar se

propôs levar a jovem para companhia da avó a fim de - dizia - apresentá-la à sociedade e dar-lhe a remate

indispensável às jovens da sua condição. Nisso, como em tudo mais, sempre me abstive de intervir, mantendo-me

discreto, até que um dia o sr. Edgar entrou a conversar comigo e nossa palestra foi interessante para ambos, visto

que, a partir desse dia, nos tornamos amigos inseparáveis. Demorando-se no castelo mais de três meses, esse tempo

foi mais que suficiente para cimentar entre nós uma amizade indestrutível. Certa manhã, o sr. Teobaldo me chamou ao

gabinete e disse, apertando-me a mão : Caro Ângelo, a sorte favorece-te; o amigo que apenas conheces pelo nome de

Edgar é filho do Conde de Rouven, um dos fidalgos mais poderosos desta região. Pois bem : ele quer levar-te

consigo, angariar-te uma posição social e eu não posso nem devo deixar de aconselhar-te que o sigas. Compreendi que

era loucura recusar o convite e, um belo dia, retendo as lágrimas, deixei, em companhia de Edgar, o velho teto que

abrigara os sonhos mais calmos da minha existência. Edgar chegara ao castelo de Rabenest escoltado apenas por

alguns soldados veteranos; mas, à certa altura do caminho, esperava-o numeroso séquito de escudeiros e homens de

armas - um cortejo realmente digno do herdeiro dos Rouven. As variadas impressões de uma viagem primária, apagaram

desde logo as penosas mágoas. Quando o amigo me advertiu que estávamos

para chegar, não pude afastar uma impaciente e vivaz curiosidade. Deixamos a última estação de pouso, ao romper da

aurora, e conversávamos a cavalo, um tanto à frente da escolta, quando, de uma curva da estrada, magnífica paisagem

surgiu aos nossos olhos. Era um vale de colinas arborizadas. Sobre um rochedo maciço assomando as cercanias, o

vasto e sombrio edifício! - Vês? - disse apontando-o - aí tens uma jóia da nossa região - a Abadia de São Benedito.

É um pequeno ducado este rico mosteiro; quinhentos irmãos nele se abrigam, e em que condições!... Ali, segregado do

mundo, pairando acima de todas as fraquezas humanas, reside a santa comunidade. Entretanto, o reverendo-prior tem

mão de ferro, cujo peso se faz sentir por toda parte. Levantei a cabeça e examinei com interesse a imponente

construção cercada de muralhas, a elevar-se altaneira no seu granítico pedestal. Mas, sem saber porquê, a visão

daquele Convento me deu uma sensação de angústia e de tristeza, até então nunca sentida. Batia-me o coração

penosamente, como se a simples visão do negro edifício houvesse estendido espesso véu sobre os meus anos de

mocidade feliz e descuidosa. Edgar também baixara a cabeça, como que absorvido em tristes cismares. E assim

prosseguimos, silenciosos, nossa jornada. Horas mais tarde, parávamos junto à ponte levadiça do castelo de Rouven,

vasta fortaleza rodeada de fossos profundos e torreões maciços. Quando Edgar se deu a conhecer, a ponte desceu e

penetrei na mansão, acompanhando o jovem conde, que respondia displicente às atitudes respeitosas da criadagem.

Apeando no pátio de honra, um escudeiro logo anunciou a Edgar que seus pais estavam à mesa, pelo que subimos logo

ao salão de jantar, algo parecido com o de Rabenest, embora mais rico e mais bem conservado. Como estivéssemos em

fins de outono, grande lume ardia no fogão e lançava revérberos avermelhados no madeiramento das paredes. Ao centro

da sala estava a mesa, de tamanho regular, ostentando preciosa baixela; assentados em torno, em cadeiras

brasonadas, três comensais se deparavam: uma senhora muito bem vestida, um homem maduro, de altivo e belo

semblante, e um rapaz de doze anos mais ou menos - Seja benvindo, meu filho, - disse o castelão, erguendo-se e

abraçando Edgar. Depois, dando comigo,

encarou-me com altivez e espanto. Corei e, pela primeira vez na vida, experimentei a amargura de não possuir foros

de nascença. Edgar, porém, tinha-me tomado a mão. - Pai, este rapaz é o meu amigo Ângelo, que deseja ficar

ignorado, mas eu respondo pela sua nobreza. - Basta - disse o Conde, estendendo-me a mão e convidando-me a sentar -

continuemos nosso jantar. Edgar beijou a mão da madrasta, abraçou o irmãozinho e assentou-se a meu lado. Encetou,

então, animada palestra, derivada para o campo da Astrologia, que muito interessava ao Conde Hildebrando de Rouven.

Muito versado, para não dizer profundo conhecedor do assunto, minha palestra encantou o fidalgo e me

granjeou sua

amizade. - Felicito-vos, meu jovem amigo - disse, quando, terminado o repasto, nos reunimos em torno do fogão -

sois um sábio como raros se encontram na vossa idade, sobretudo entre pessoas da vossa classe mas, dizei-me:

conheceis também as esgrimas de lança e de espada, a equitação etc.? Pergunto, porque teremos aqui torneios,

(sorriu) e eu suponho que desejareis brilhar perante o belo sexo, pela destreza e coragem, tanto quanto perante os

homens sensatos, pela vossa inteligência e sabedoria. Corei, nada respondi.   A destreza das armas, apanágio da

nobreza da época, faltava-me de todo. Edgar interveio: - Pai, bem vês que Ângelo tem levado uma vida de sábio,

antes que guerreiro, e está muito jovem para trocar uma por outra. - Sim, certamente - disse Hildebrando, sem

demonstrar surpresa - mas essa falha involuntária é fácil de reparar; e para isso tem ele, desde já, as minhas

equipagens ao seu dispor. O velho Bertrand, sabeis, é um mestre de armas como poucos, e o nosso jovem amigo cedo

aprenderá tudo que deve saber um cavaleiro. Demais, havemos de empreender freqüentes caçadas. Tudo isso constitui

benéfico exercício, reparador de energias, após as exaustivas elucubrações do espirito. E, voltando-se para mim : -

Breve o teremos rijo de corpo e de alma... Curvei-me, agradeci tanta bondade e, findo o jantar, Edgar acompanhou-me

ao quarto de dormir.

Logo que ficamos a sós, desabafei : - Olha que me estás fazendo passar por aquilo que não sou, e sinto-me confuso

e envergonhado. - Não te incomodes, eu respondo pelo que houver; tu mesmo não sabes quem seja e bem pode suceder

que em ti floresça o rebento de um tronco ilustre. Coragem, meu Ângelo, verás que tudo acabará bem. A partir desse

dia, entrei num regime de vida ativa e trepidante para compensar o sedentarismo estudioso de até então : - caçava,

montava a cavalo, esgrimia a lança e a espada, adquirindo bem depressa a destreza e o vigor necessários. O velho

Bertrand mostrava-se encantado com os meus progressos e chegava a felicitar-me, tanto quanto eu mesmo.

As vezes, em

noites de luar, subia com o conde à torre mais alta do castelo e entretinha-me a explicar-lhe as maravilhas do

firmamento e suas relações com os destinos humanos. Edgar, que jamais negligenciava um projeto concebido, ajeitou

em bons termos a madrasta, para acolher Nelda. Enviando um portador ao castelo de Rabenest, dentro de sete meses,

tínhamos Nelda em Rouven, acompanhada de Gertrudes. Não direi da alegria do nosso reencontro, senão para notar que

o ambiente doméstico muito se animou com a presença da jovem, que soube cativar todos os corações com a doçura do

seu caráter e a vivacidade da sua inteligência. Um dia, quando jantávamos, a trompa tocou anunciando visita. O

escudeiro acorreu a declarar que era o conde Lotário de Rabenau, acompanhado pelo filho. Ouvindo pronunciar esse

nome, estremeci. Lotário era o dono do castelo de Rabenest e, logo que entrou, identifiquei o rosto pálido, os

olhos negros e a expressão inquieta do jovem cavaleiro que acompanhara o senhor Teobaldo na memorável noite em que

o vi pela primeira vez. O senhor de Rabenau pouco havia mudado nos oito anos decorridos. Aproximou-se, altivo e

displicente, segurando a mão do filho, meninote de seus nove a dez anos, louro, olhos azuis, uma bonita criança,

enfim. Exceto D. Matilde, todos se ergueram para saudar o visitante. Lotário beijou com galanteria a mão da castelã

e apertou cordialmente a de Hildebrando. - Trago-vos meu filho - disse - o meu herdeiro, ou seja o que de mais caro

tenho no mundo; isto porque

ainda não tiveste ensejo de o conhecer, pois este meu Kurt é tão débil e enfermiço que me força a retê-lo em casa.

Assim se exprimindo, o conde punha nos olhos e na voz uma nota indefinível de paternal ternura, ao passo que

acarinhava com os dedos a sedosa e anelada cabeleira do menino. - Ah! senhor Edgar - exclamou, estendendo a mão ao

jovem conde - há muito que vos não vejo e eis que vos encontro homem feito e, seguramente, prestes a receber as

esporas de cavaleiro. Eu me sentia impressionado e inquieto. Iria o conde revelar minha verdadeira

condição? Não

obstante os anos decorridos, poderia, talvez, reconhecer-me... Meu coração parou quando seu olhar me envolveu, como

que analisando-me as feições. Tal como da outra vez, singular inquietação se lhe manifestava nos olhos; e não foi

sem custo que os desviou, quando Nelda interferiu, apresentando-me: - Ângelo, o meu melhor amigo. Mas o conde já se

dominara. - Perfeitamente - disse - e estendendo-me a mão: lembro de já o ter visto e folgo de o encontrar aqui.

Antes da ceia, o conde de Rabenau aproveitou um instante em que ficamos a sós, para dizer-me com chispas de fogo no

olhar : - Elas por elas, meu rapaz; conheço o senhor Ãngelo e endossarei a nobreza do seu berço; mas Deus o livre

de lembrar-se de Rabenest, do seu hóspede solitário e do conde Rabenau, que lá passou uma noite ... Repito,

portanto : silêncio, porque, "elas por elas." Fiquei aparvalhado! Sem o querer, via-me emaranhado em teia

misteriosa e deveria guardar segredo de coisas cujo sentido me encontrava na dependência do conde de Rabenau; mas,

ainda que assim não fosse, como e por que haveria de trair o Sr. Teobaldo, a quem tanto prezava? Prevenido por

Edgar, abstivera-me de qualquer insinuação ou referência ao solitário hóspede de Rabenest. Nelda e Gertrudes também

guardaram, a respeito, a maior reserva. Durante a ceia, detive-me a observar o conde de Rabenau e, pôsto não me

inspirasse simpatia, admirei-o e senti-me involuntariamente subjugado por singular fascínio. Ele seria capaz de

fazer lançar aos seus pés quantos lhe experimentassem o olhar ardente e dominador. Na-

quele momento, parecia possuído de franca alegria, fisionomia entreaberta e iluminada por espiritual sorriso;

palavra fácil, colorida, a evocar episódios imprevistos, originais e interessantes. No dia seguinte, despediu-se e

partiu com o filho, acompanhado por numerosa escolta. Muitas semanas após, não me saía da mente a cena daquela

noite e o perfil do singular personagem. Nesta altura, vale mencionar alguns episódios e impressões, que

produziram, no futuro, grandes acontecimentos e profundas alterações na minha vida, tanto quanto na de Edgar.

Vivendo na intimidade dos Rouven, de há muito percebera o profundo e mal contido ódio entre a madrasta e

o enteado,

ódio apenas superficialmente disfarçado por enganosas aparências. Muitas vezes, quando a Sra. Matilde se julgava

inobservada, eu lhe surpreendia os olhares implacáveis cravados no jovem conde; e este, por sua vez, não se referia

à madrasta sem deixar de trair os mesmos sentimentos. Para comigo a condessa demonstrava sempre a maior

benevolência. Eu podia, aliás, gabar-me de ser então um belo rapaz, alto, esbelto, possuidor de basta e negra

cabeleira e de uns olhos cor de aço. Não ignorava, tampouco, o valor de tais predicados, mas a verdade é que,

dotado de temperamento frio, as mulheres pouco me interessavam. Nelda, contudo, por seu caráter meigo e rara

beleza, me avassalara o coração. E esse amor era tanto mais intenso e vivo quanto me cumpria ocultá-lo

cuidadosamente. Antes de tudo, tinha-lhe admirado, como artista, o porte clássico, os grandes olhos cristalinos, o

talhe esbelto e flexuoso, admiravelmente proporcionado. Apesar de seu dezesseis anos completos, continuava a

tratar-me como amigo de infância. Assim, passávamos horas a fio, na mais doce intimidade, e subitamente, pouco a

pouco, o amor se me infiltrou no coração. Gertrudes, que continuava junto de Nelda no seu papel de amiga e serva,

também ganhara corpo e se apresentava robusta morena, de olhos e cabelos negros, um tipo de sensual beleza, em tudo

contrastante da loura e clara Nelda. Também ela, a Gerta, se considerava minha amiga de infância e seus olhares de

fogo me acompanhavam por

toda parte, embora a subalternidade da sua condição lhe impusesse as maiores reservas. Um dia, a sós com a dona do

meu coração, entramos a falar do grande torneio em perspectiva e para o qual o duque reinante convidara a nobreza.

A família Rouven não podia deixar de comparecer. Edgar havia-se armado cavaleiro um ano antes e desejava tomar

parte nas justas, e Nelda deveria apresentar-se em público, pela primeira vez, no palanque da condessa Matilde. À

simples conjetura de que tantos homens iam ter ensejo de contemplar a criatura amada, negro ciúme se apossou de

mim. - Ah! Nelda - falei amargurado - antevejo o que se vai passar; você vai ver muitos cavaleiros formosos, que

ficarão deslumbrados, apaixonados; depois se casará e, então, terá soado a hora de nossa separação. - Só casarei

com o homem da minha predileção - respondeu baixando a cabeça. - Sem dúvida, retruquei; mas, o certo é que você vai

ver e amar, talvez, algum dos nobres cavaleiros que lá se encontrarão. - Já fiz minha escolha - balbuciou.

Sobressaltei-me; o coração queria arrombar o peito... A quem poderia ela amar? Edgar... talvez. Ele era belo,

Poderoso, sedutor. As- idéias baralhavam-se-me no cérebro, estendi a mão e gaguejei emocionado: - Quem será o

venturoso eleito? Diga-me como se chama, confie na minha amizade. Intenso rubor lhe cobria as faces, mergulhou nos

meus os seus olhos límpidos, e disse sorridente: - E se fosses tu, Ângelo, não me quererias por castelã? Parecia-me

um sonho, abracei-a em transportes de louca alegria e trocamos juras de amor e de fidelidade eterna. Hora de

inebriante ventura, os momentos que me proporcionou foram os melhores de toda a minha vida; mas, foram também o

toque de rebate para o despertar de minha alma prestes a se aniqüilar no desespero. mesmo com o coração

enceguecido, não previste que breve haverias de ter o ser abafado e comprimido entre as paredes de um claustro,

para que tua raiva impotente procurasse uma válvula de escapamento a todos os crimes. Desde esse dia, o universo

pareceu não mais existir para mim. Passei a viver num mundo fantástico, povoado de sonhos e de esperanças

deliciosas.

Preocupado comigo, mal poderia atentar no ambiente que me cercava. Mas sempre pude, enfim, notar que Gertrudes

havia mudado extraordinariamente. Muito pálida, calada, indiferente, como que se me esquivava. Supondo se tratasse

de qualquer íntimo desgosto, procurei tratá-la com maior ternura, uma vez que, ditoso qual me sentia, quisera que

todos o fossem igualmente. Na mesma noite do colóquio e confissão de Nelda, ctudo revelei a Edgar, que me ouviu

solícito, como sempre, e prometeu proteger-me caso fosse mister. Confioume por sua vez as preocupações que

começavam a lhe sombrear o futuro. Também ele amava e era amado, mas as circunstâncias o impediam de proclamar a

sua escolha. O barão de Falkenstein pai de sua eleita, homem mau e irascível, alimentava velha inimizade à familia

Rouven, e o meu amigo previa perigoso rival na pessoa de um cavaleiro que nos visitava muito. Esse rapaz chamava-

se Ulrich de Waldeck e era sobrinho da condessa Matilde. Se bem que muito rico, era odiado em toda a região, por

sua cupidez, orgulho e desregrada conduta. No físico, tão repelente quanto na alma ; corpulento, mal

proporcionado, um rosto sempre coberto de espinhas, cabelos ruivos. Claro que não podia deixar de odiar a Edgar,

despeitado com a bela aparência do meu nobre amigo. Só muito tarde pude conhecer, em toda a extensão, as intrigas

de que esse homem foi instrumento. Com o ardor da sua paixão, Edgar me descrevia a rara beleza e a inteligência da

sua adorada Maria, acabando por exibir várias composições poéticas da sua lavra. Além da inquietação que lhe

causava a rivalidade de Waldeck, tinha de proteger-se contra o ódio da madrasta. Já de algum tempo que lhe vinham

insinuando, um pouco de parte, que conviria renunciar à sua herança em benefício do irmão mais moço e tomar ordens

no convento dos Beneditinos, deixando entrever, de futuro, a suprema investidura abacial. Essa perspectiva não era

de tentar o jovem Rouven, ávido de amor e liberdade. Sabia, ademais, que o plano só poderia partir da madrasta que,

impaciente por consumá-lo, deixara-o escapar uns dias antes. Assim, depois de longa conversa, ela própria tentara

persuadí-lo e ele, indignado, revoltado com tamanha ousadia, não só repelira a idéia, como desejava casar-se, certo

de que o conde o apoiaria.

Alguns dias se passaram, após essas confidências recíprocas, quando, certa manhã, um homem se fez anunciar. Era um

mensageiro de Maria de Falkenstein, que lhe comunicava ter sido chamada pelo pai e advertia de que se casaria com

Waldeck. A jovem donzela protestara, declarando-se noiva de Edgar, o Barão lhe respondera, com estúpida

gargalhada

e forneceu intimação para que o casamento se realizasse dentro de poucos dias. Ao receber tais informes, Edgar

não pôde conter-se; mandou selar a montaria a fim de procurar o rival e provocar uma reparação pelas armas. Vendo-o

assim exacerbado, não quis deixá-lo partir sozinho. O sr. Ulrich nos recebeu em sua sala de jantar, cercado de

alegre companhia. Mal avistou Edgar, gritou insolente : Conde de Rouven, presumo saber a razão de sua visita ;

mas, creia que nada adianta, pois tenho a palavra do barão e a bela Maria será minha esposa, queira ou não. -

Nunca! - disse Edgar, arrancando da espada - pois eu aqui estou para impedi-lo. Mas de que modo? - chasqueou

Ulrich - Quererá arrebatar-me a noiva? - Sim, se tanto for preciso - respondeu Rouven fora de si - fá-lo-ei; mas,

antes disso, quero matar, como a um cão, o indigno cavalheiro que se impõe a uma mulher ao invés de protegê-la...

Lançando a seguir um olhar de ostensivo desprezo aos circunstantes, o amigo afastou-se e retomamos o caminho de

casa, visto que tentar a entrada na residência de Filikeinstein seria loucura. Meu amigo estava exasperado e a sua

última esperança dependia do próximo torneio. Lá, diante do duque e de toda a nobreza, provocaria o rival a um

combate de morte. Esses dias foram para mim tão aflitivos que nem mesmo cogitei do meu problema amoroso. O dia

impacientemente esperado chegou afinal. Dia auspicioso de alegria para milhares de criaturas, mas que a mim

sobrecarregava de idéias sinistras e negros pressentimentos. Por isso, não me separei de Edgar um só instante,

até que ele montasse a cavalo para encaminharse à liça. Enquanto os escudeiros o armavam, notei, alarmado, que

estranha, intermitente palidez lhe visitava o espírito...

Estás indisposto? Sentes alguma coisa? - pervinde]. - Nada, não é nada; apenas ligeiro peso de cabeça, que a figura

de Waldeck bastará para curar. Isto dizendo, saltou à sela e eu me encaminhei para o palanque da condessa Matilde.

Sem nome e sem linhagem confessável, os jogos eram-me proibidos. Lá chegando, sentei-me atrás de

Nelda, que, no

seu vestido de brocado azul e um diadema de pérola na cabecinha loira, afigurara-se-me um anjo. Após trocarmos um

olhar apaixonado, comecei a examinar o quadro esplêndido: bandeiras tufadas ao vento, tribunas ricamente atapetadas

regurgitando de cavaleiros e nobres damas cobertas de jóias ; na liça e nos portões, a multidão de escudeiros e

pajens com suas vestes multicoloridas, os cavaleiros de reluzente armadura e soberbas montarias que relinchavam de

impaciência. Edgar mantinha-se à distância, pois Waldeck ainda não havia chegado. Quando o duque e sua família

tomaram lugar no palanque de honra sob um pálio dourado, os jogos começaram. Alguns combates de somenos já haviam

começado, quando, de repente, assomou na entrada, coberto de poeira, o cavaleiro Waldeck. O cavalo que montava,

escumante, precipitou-se ao encontro de Edgar e o cavaleiro bateu-lhe com a lança no escudo, passou a desafiá-lo em

altas vozes, exprobando-lhe o rapto da esposa, consumado por mercenários da casa de Rouven, como se comprovara por

uma divisa achada no local. E acrescentava que o jovem conde o tinha ameaçado com esse rapto, em seu próprio

castelo, perante testemunhas. Edgar protestou, indignado... Que não, que nunca praticaria uma ação indigna de um

cavaleiro. Mas Waldeck insistia, colérico, e o duque mostrava-se indeciso. Foi quando o acusador tonitroou: - Pois

que o cavaleiro de Rouven se obstina em negar a verdade, apelo para o juizo de Deus e o provoco, confiante na

vitória da verdade e da inocência, sobre a mentira e o crime. Febril agitação sacudiu a assembléia : em todos os

grupos se cochichava e comentava. Em nosso camarote, bem se vê que reinavam os mais tumultuosos sentimentos. O sr.

Hildebrando abandonou a tribuna para juntar-se ao filho e eu, não sei porque, concentrei toda minha atenção na

senhora Matilde. Notei que ardente rubor lhe esfogueava o rosto; os olhos coruscavam e os lábios se lhe

contraíam num ricto nervoso, ao mesmo tempo que agarrava e comprimia a mão do filho. Vaga suspeita me confrangeu o

coração e desci, acabrunhado, procurando acercar-me do amigo que, calmo, estendeu-me a mão e disse : -

Estou

inocente, devo triunfar: mas, que terão eles feito de minha pobre Maria? Nesse ínterim os arautos faziam evacuar a

liça, fincavam duas bandeiras, apregoavam os nomes e as condições da luta. Seria a pé, à espada, ambos

completamente armados. Regressei ao palanque, coração aos pulos, na expectativa do prélio iminente. O duque, que

muito considerava e estimava Hildebrando, mandou convidá-lo para assistir ao duelo a seu lado, no palanque ducal.

Ao primeiro sinal, os campeões se defrontaram, formando perfeito contraste. De um lado, Ulrich, retacado, maciço,

braços de gigante; doutro, o rival delgado, elegante, franzino, mas tendo a seu favor habilidade e destreza

incomuns. A um aceno do duque, os contendores se chocaram: ofegante, fascinado, incapaz mesmo de formular uma prece

pelo amigo, eu seguia estarrecido o quadro emocionante. A princípio, a luta se manteve equilibrada, via-se que

Waldeck procurava fatigar o adversário, valendo-se de golpes falsos, que o obrigavam a manter-se coberto; Rouven,

entretanto, impulsivo e nervoso por temperamento, impacientava-se cada vez mais, e, avançando sempre, culminou num

embate indescritível ! Silêncio de morte reinava no ambiente, apenas quebrado pelo retinir das armas, enquanto o

sangue corria e avermelhava a arena. De repente, Waldeck se descobriu e acutilou tão brutalmente o peito de Edgar,

que o vi oscilar e cair de joelhos. Ulrich aproveitou o momento e lhe fez saltar a espada das mãos. Ferido o meu

amigo? Simplesmente aturdido? Fosse como fosse, a verdade é que fraquejava a olhos vistos. E Waldeck atirou-se a

ele e o derrubou de vez. Um ah! de surpresa e espanto escapou de todas as bocas! O vencedor apoiou o joelho sobre o

peito do vencido, que parecia desacordado. Depois, erguendo a espada, voltou-se para o duque a quem, somente, por

direito, cabia decidir a sorte do vencido. Edgar, segundo as leis vigentes, vencido em combate acabava de perder

nome, nobreza, e direitos de progenitura. Momento soleníssimo, inolvidável ! A multidão silenciosa como que deixara de respirar, petrificada.

Apenas o conde de Rouven, mais lívido que um espectro e de olhos desvairados, balbuciava frases incoerentes. O

duque, visivelmente comovido, apertou a mão do infeliz pai, pronunciou em voz alta a palavra "graça". Meu amigo foi

removido da arena, desacordado e a festa perdeu todo o atrativo. A família ducal retirou-se, espectadores e

campeões se dispersaram tumultuàriamente. Os Rouven, por sua vez, retomaram o caminho do lar, exceto o sr.

Hildebrando que, incorporado ao respectivo cortejo, acompanhou o filho até o Convento dos Beneditinos. Quanto a

mim, desesperado, impaciente, aguardava notícia do malogrado amigo, perguntando a mim mesmo se deveria desejar-lhe

a vida ou a morte. A condessa procurou aparentar grande sofrimento, mas a verdade é que lhe não vi nos olhos uma

lágrima. Dentro de alguns dias o conde regressou, acabrunhado, soturno, encanecido. Disse-me que Edgar estava

gravemente enfermo e que, não obstante, o caridoso monge que o assistia esperava salvá-lo. É verdade que, para o

mundo, deveríamos considerá-lo definitivamente perdido ; mas, ainda assim, no seu egoísmo de pai, queria que

vivesse e tudo faria para lhe comprovar a inocência, pois sabia que Edgar estava isento de culpa. O tempo se

escoou, melancólico, sem que me fosse permitido rever o amigo. Só o conde o visitava, até que um dia me comunicou

que estava fora de perigo, porém, num estado de exaltação indescritível. Agora, o herdeiro do nome, do título e da

fortuna da casa de Rouven, era Alberto, o irmão mais moço do meu inditoso amigo. D. Matilde exultava de

contentamento e mal conseguia aparentar tristeza diante do marido. Aquela atitude da nobre dama confrangia-me o

coração. Também a mim me obcecou a descoberta do rapto de Maria. Empresa temerária, difícil, a exigir argúcia e

tempo, todos os planos concebidos se me afiguravam impraticáveis. Lembrei-me, então, de consultar o conde de

Rabenau, com quem me avistara algumas vezes e que, por sua acuidade espiritual e profundo conhecimento da vida,

sempre me impressionara. Nesse propósito, dirigi-me ao seu castelo e, como o assunto era o prato do dia em todas as

bocas, não foi difícil provocá-lo e expor meus intuitos. - Eis o que penso - disse o conde de Rabenau, após meditar

um instante - é inútil toda e qualquer idéia de penetrar no castelo de Waldeck, onde tudo está previsto e barrado

para um assalto. Outro tanto se dá com o solar do velho Falkeinstein. Procurai, porém, na extrema divisa das

terras da Abadia, um albergue mal afamado, por sinal, e bem conhecido por Estrela da Noite. A estalajadeira, a quem

chamam Linda Berta, é criatura ambiciosa, capaz de vender a própria alma ; uma consciência sem escrúpulos, enfim.

Essa criatura é amante de um tal Bertrand, alcoólatra e espadachim da pior espécie. Esse tipo, que também se diz

descendente de família ilustre, é amigo de Waldeck e, como tal, tem entrada nos dois castelos. Se, pois,

conseguirdes interessá-lo na vossa causa, será possível obter os pretendidos informes. Advirto, contudo, que para

conquistar Betrand só por meio de Berta. Dinheiro é o que ela quer e provavelmente precisará, visto que o sr. de

Mauffen, seu "protetor" e freqüentador, não é nenhum mão-aberta. Agradeci o excelente conselho e logo no dia

seguinte me dirigi para o Estrela da Noite, grande e arruinado edifício, rodeado de cavalariças, no cruzamento de

duas estradas. Amarrei a montaria em frente à porta e entrei no grande salão, onde estavam reunidos alguns homens

de má reputação. Sociedade suspeita e promíscua. Uma mulher ainda bonita, de fisionomia enérgica e negra cabeleira,

atendia aos fregueses, auxiliada por um mocetão alegre e expedito. Era a estalajadeira. Aproximei-me e, depois de

trocarmos algumas palavras, solicitei uma entrevista em particular. - As vossas ordens - respondeu de pronto - e

dirigindo-se ao rapaz : - Gaspar, olha que nada falte à freguesia. Fez-me entrar para um pequeno gabinete e foi

logo interrogando, ao mesmo tempo que me examinava de olhos percucientes, da cabeça aos pés. - Diga-me em que lhe

posso ser útil. - Desejo, - respondi sem preâmbulo - que me apresente ao sr. Bertrand, amigo dos cavaleiros Waldeck

e Falkeinstein. - Mas ... de que se trata? - arriscou suspeitosa. - Uma simples informação ; sei que tem grande

ascendência sobre Bertrand, mas, diga : ser-lhe-á possível decidi-lo a trair os dois amigos, caso necessário? Berta

botou as mãos nos quadris, esgarçou os lábios num sorriso típico e respondeu : - Esse biltre lambe-se de amores por

mim e creio que será capaz de trair não dois, mas dez amigos, se eu

o exigir: somente, - acrescentou piscando um olho - preciso convencer-me da importância do negócio. Dinheiro não me

faltava. Edgar sempre se mostrava pródigo e ainda na véspera do torneio me ofertara um cofre com grande soma de

ouro, dizendo que o fazia para o caso de sucumbir na luta. Pus a bolsa em cima da mesa e a mulherzinha logo se

transfigurou. - Dê-me suas ordens - disse, em atitude humilde e reverente - diga-me se é preciso matar ou roubar e,

de qualquer forma, conte comigo. Nesse instante, repercutiu na sala uma voz áspera e rude. - Ei-lo que chega, o meu

caro Bertrand. Faça o favor de esperar aqui mesmo, enquanto vou falar com ele. Passado algum tempo, voltou

acompanhada de um homem alto e gordo, mal trajado, envolvido em largo manto. O rosto quadrado, algo túmido e

revestido de barba ruiva, traía o vício da embriaguez. Saudou-me e deixou-se ficar, por um momento, a respirar

ofegante. - Caro Bertrand - disse a estalajadeira - este senhor deseja de ti um serviço pelo qual te dará uma bolsa

igual a esta com que me gratificou, só para que te apresentasse. Não! - disse comigo - é simplesmente rapina! -

mas, para conhecer a verdade, que venha o assalto. O brutamontes lançou um olhar cúpido à bolsa que a estalajadeira

não se cansava de afagar com os dedos carnudos, e todo o seu rosto se iluminou ao dizer-me baboso: - Caro e nobre

senhor, permita que me apresente: Bertrand de Eulenhof, para o servir; queira dispor de uma espada e de uma cabeça

que não são para desprezar... Berta se retirou e nós conversamos à vontade. Depois de acertarmos a quantia a pagar,

Eulenhof prometeu fornecer-me todas as informações, ficando eu de lá voltar. Recolhi-me à casa satisfeito, mas

abstive-me de comunicar ao conde as minhas esperanças, porque antes de tudo desejava provas. No curso destas

diligências foram-se alguns meses. Já tinha feito duas visitas ao albergue e Bertrand apenas me informara que

Ulrich, muito envaidecido com a derrota de Edgar se preparava com grande pompa, a fim de assistir ao torneio que o

duque pretendia oferecer à nobreza e ao seu povo, em compensação do anterior, tão imprevista e tristemente

interrompido pelo duelo judiciário.

Ora, eu já tinha ouvido falar dessa festa e sabia que nenhum membro da família Rouven lá compareceria. Quando, pela

terceira vez, voltei ao albergue da Estrela, Bertrand me recebeu com demonstrações de triunfo, dizendo que tudo

soubera. Maria casara, obrigada, com Waldeck, e continuava em custódia no castelo do pai. O marido a visitava

diária mas ocultamente, por isso que a presença da jovem no castelo constituía segredo. Estas informações eu as

paguei a bom preço e pedi, então, a Bertrand, que procurasse um meio de libertarmos a prisioneira. Eu quisera que

ela comparecesse ao torneio e lá testemunhasse ao duque que nunca fora raptada e sim constrangida a casar-se, para

ficar seqüestrada na casa do pai. Eu sabia que, para reabilitar Edgar, ela não mediria sacrifícios. Mas, para isso,

precisava de liberdade, visto que só a denúncia do seu encarceramento não bastava : era preciso que ela mesma

depusesse livre e publicamente. Assim, esperançado e satisfeito, eis que me chegou às mãos a seguinte carta :

"Angelo, meu amigo, tens o direito de me desprezar, sabendo que vive e pronunciei votos mas, tão só para me vingar.

E uma voz interior me diz que o conseguirei. Qual toupeira, abrindo caminho subterrâneo, hei de atingir o miserável

e dar-lhe morte que os próprios demônios do inferno hão de invejar. Esta, a única esperança que me sustenta nesta

vida miserável. Não procures visitar-me e acredita que, só depois de saciado o meu ódio, só depois de esfacelar em

minhas mãos sangrentas o coração do mortal inimigo, só então quererei ver-te".

"Edgar Beneditino".

Estarreci desolado! A reparação chegava tarde. Contudo impunha-me provar, a qualquer preço, a inocência do amigo, e

dar ao menos esse consolo ao seu coração ulcerado. Dias mais tarde, Bertrand me comunicou que a fuga de Maria

estava decidida, disfarçada em serva. Só então informei o conde de Rouven do que se passava e ele, abraçando-me

eternecido, disse : - Meu pobre filho já não pode combater, mas eu saberei provocar e enfrentar o infame Waldeck.

Recebido o combinado aviso de Bertrand, fui ao albergue de Berta e lá encontrei Maria. Disse-me que por Edgar

estava pronta a sacrificar tudo, denunciando publicamente a infâmia do pai e do marido. Bertrand deveria conduzi-la

secretamente ao torneio, de modo que lá surgisse no momento exato. D. Matilde ficou muito surpresa com a resolução

do conde, e procurou dissuadi-lo de comparecer à festa ; mas, nada conseguindo, resolveu acompanhá-lo. Na manhã do

dia marcado para o inicio das justas, ou seja o terceiro da evasão da jovem, o conde de Rouven acolheu-a e levou-a,

em primeiro lugar, ao duque, relatando-lhe toda a verdade. Conduziu-a, depois, ao seu palanque, onde ela permaneceu

de rosto velado, para não se fazer notada antes do tempo. Claro que os dois cúmplices ainda ignoravam a fuga,

(Bertrand me dissera que ele havia deixado o castelo dois dias antes) pois o barão de Falkeinstein se mostrava

muito tranqüilo em seu palanque, antegozando as proezas do genro que, ostentando soberba armadura, lá estava na

liça caracolando e desafiando os mais intrépidos cavaleiros. Logo que o duque tomou lugar na tribuna, o conde de

Rouven surgiu na arena e acusou Waldeck de felonia, malvadez e sacrilégio, de vez que se atrevera a invocar o nome

de Deus para acobertar um falso rapto e um infame seqüestro. O argüido estremeceu e tentou falar ; mas o duque,

altaneiro, o interrompeu, dizendo: - Já sei - e apontava o palanque da condessa de Rouven, onde Maria, de pé,

acenava e confirmava o veemente libelo. Os adversários se recolheram às barracas, a fim de se prepararem para o

combate; mas, só o conde retornou à liça. O cavaleiro Waldeck, três vezes chamado pelo arauto, eclipsara-se. Um

escudeiro enviado à respectiva tenda, veio dizer que a tenda estava deserta e o cavaleiro desaparecera sem deixar

traços. O conde de Rouven avançou, então, para a tenda do barão de Falkeinstein, que endossara e

projetara a

ignóbil trama, e lançou-lhe a férrea luva. Raivoso, o barão levantou-se, declarando aceitar o repto. Não entrarei

nos detalhes da luta. Direi apenas que o barão, gordo, pletórico, esgotado por uma vida dissoluta e, ao demais,

pouco exercitado nas armas, esfalfou-se rapidamente; ameaçado sem tréguas pela espada inimiga, acabou tombando. O

vencedor meteu-lhe o joelho ao peito e lhe cravou a adaga na garganta. Depois, sacando o ferro

ensangüentado, exclamou com voz retumbante : o celerado está morto! Aclamações frenéticas reboaram, mantilhas e

flores choveram sobre o conde, contagioso delírio se propagou na multidão. Só a pobre Maria desmaiara ao ver

sucumbir o pai. Mas, no tumulto das aclamações coletivas, aquêle incidente passou quase despercebido. Sôfrego de

levar a Edgar a notícia da sua reabilitação, aproveitei o momento em que todos se fixavam no arauto que percorria a

liça, proclamando que "o poderoso senhor Edgar de Rouven estava imune de qualquer suspeição e reintegrado em todas

os seus direitos", para esgueirar-me e partir a galope. Poucas horas depois, esbarrava o cavalo, ofegante, na

sombria portada do convento. Puxei, nervoso, o cordel da sineta, cujo som estridente me fez estremecer. Ouvir

constantemente aquele toque, devia ser uma tortura - refleti ... Mal sabia, então, que haveria de a ele me habituar

um dia. Um tilintar de chaves me advertiu que o irmão porteiro se aproximava e logo surgiu o rosto austero e magro

do frade no postigo. Disse-lhe quem era e ao que vinha, queria falar ao irmão Benedictus, ex-cavaleiro de Rouven. -

Só com autorização do prior ; mas, queira entrar e acompanhar-me à presença de Sua Reverendíssima. Abriu a pesada

porta, atravessamos o pátio lajeado para transpor segunda porta e subir uma escada em caracol. Comecei a sentir

certo mal-estar. Aquelas abóbadas escuras, aqueles corredores longos e mal iluminados, aquelas estreitas janelas

góticas, que mais semelhavam seteiras, tudo aquilo me acabrunhava. Alguns vultos negros com que cruzamos mais

aumentaram minha indefinível angústia. Finalmente, paramos diante de uma porta e o guia bateu de leve. Uma cabeça

de noviço apareceu, discreta, na escassa abertura, e depois de informar-se, desapareceu. Dentro de alguns minutos,

reabriu a porta e fez-me sinal para que o acompanhasse. Atravessamos outros corredores e compartimentos, até que

chegamos a pequena sala, no centro da qual estava posta magnífica mesa. Baixela preciosa e iguarias finas.

Assentado em poltrona de alto espaldar, cruz de ouro pendente do pescoço, um homem gordo jantava. Era o prior.

Depois de me conceder a solicitada bênção, procurou conhecer o motivo da minha vinda. Notei, de logo, que a

fisionomia nada revelava de invulgar, pôsto que transpirasse benevolência e bonomia. Do-

tado por natureza de senso analítico, surpreendi naquele rosto bonachão uma boca de lábios expressivos, cujas

comissuras retraídas denunciavam férrea energia, e uns olhos semicerrados, nos quais toscanejavam a astúcia, a

sagacidade e a crueldade. Enquanto procurava, em termos adequados, explicar meu desejo de ver Edgar, o prior

brincava com a cruz de ouro; mas logo que pronunciei esse nome, interrompeu-me com veemência : - Quereis dizer

irmão Benedictus, esse hoje precioso irmão de nossa comunidade, a quem amo com particular afeto, pelo zelo e

piedade que o levaram a libertarse de toda ligação com o mundo, desistindo de bens e títulos temporais? Quando

falei da reabilitação, o abade juntou as mãos, ergueu os olhos para o alto e disse com unção. - Já o tinha previsto

: a inocência triunfa sempre. Terminou por permitir a entrevista e fui levado por outro frade que, detendo-se

afinal disse: - Agora, queira ficar aqui enquanto vou prevenir o irmão Benedictus. Uma vez só, aproximei-me da

janela e lancei um olhar para fora. Que magnífico panorama dali se descortinava, abrangendo vastíssima região! A

estrada sinuosa a desdobrarse, qual vermelha serpente, e no horizonte longínquo a massa negra: as torres altas do

Castelo de Rouven! Suspirei profundamente, pensando na ironia da sorte, que, despojando de todos os bens o herdeiro

dos Rouven, ali o fixara para a visão constante da ancestral moradia e dos ricos domínios para sempre perdidos. O

ruído da porta entreabrindo-se me fez voltar, e confesso que mal reconheci Edgar no monge pálido que se

me

defrontava. Estranhamente transfigurado e metido naquele negro burel, parecia mais alto e mais magro. Abraçamo-nos

estreita, demorada e comovidamente. Tão estreitamente que lhe sentia o desordenado e violento pulsar do coração. -

Edgar! - disse - desprendendo-me e tomando-lhe as mãos - trago-te boas notícias; estás desagravado, reabilitado,

apto, enfim, a gozar de todos os teus direitos e regalias. No torneio de hoje tudo se desvendou. Ele empalideceu,

vacilou e, encostando-se à janela, exclamou: - Justiçado? Mas... é tarde... é muito tarde!

Depois, em tom confidencial: - Justificado, sim mas definitivamente condenado, Ângelo! Olha estas algemas,

irrevogáveis, que ora me acompanham por toda parte! Embargou-se-lhe a voz e, agarrando o hábito com ambas as mãos,

era como se quisesse arrancá-lo. Impressionado, mudo, eu não sabia como acalmar a tempestade. Peito ofegante, faces

contraídas, olhos flamejantes, Edgar era bem a encarnação do desespero. Por fim, deixou-se tombar pesadamente no

peitoril da janela e mergulhou o rosto entre as mãos, permanecendo calado por algum tempo. Súbito, ergueu a fronte

e já não era a mesma fisionomia: à raiva sucedera uma expressão de fria crueldade, os olhos tinham um brilho

sobrenatural. Resta-me a vingança, disse, tocando-me no ombro - eles, os inimigos, não terão tempo para me

esquecer. Pobre, desgraçado, eu quereria puni-los como merecem; agora, porém, justificado, saberei destruí-los.

Nesse instante, o prior surgiu à porta e seu olhar percuciente cravou-se em Benedictus, que logo emudeceu e baixou

a cabeça. - Meu filho, aqui estou para te felicitar e lembrar que o Senhor também disse que só a Ele cabia vingar.

Não te esqueça o preceito e não recaias nas paixões do mundo. Abriu os braços e Benedictus neles se lançou

precipitadamente. Aquele monge mentia; sua ternura me parecia duvidosa. Nem me passou despercebido o olhar que

entre si trocaram, olhar de aliados que se entendiam. Que significaria tudo aquilo? - considerei. Como o abade nos

honrava com a sua presença, tratei de despedir-me e voltei pensativo ao castelo, convicto de que o prior não

passava de astucioso comparsa, cuja fama era, aliás, bem conhecida em toda a região. Certo, ele acompanhava em

qualquer parte as próprias intrigas, utilizando nesse mister instrumentos jovens e dóceis. Ora, Edgar era arguto e

inteligente; mas, sem embargo, infeliz e quiçá ingênuo para enfrentar um homem astuto e hábil como o padre Antônio.

Era um caso para pensar e prevenir. Quando cheguei ao castelo, era noite. Buscando logo o meu quarto, respirei

desafogado e tranqüilo, procurando apagar da memória as sombrias abóbadas do convento. No dia seguinte procurei

Nelda; conversamos sobre os acontecimentos da véspera e soube que Maria havia

solicitado ao duque que lhe permitisse regressar ao castelo de Falkeinstein, com o cadáver do pai, a fim de lá

sepultálo com todas as honras. Também me disse, com tal ou qual orgulho infantil, que o duque a felicitara por sua

beleza, cumulando-a ostensivamente de gentilezas. Essa atitude para com a dona do meu coração me impressionou

grandemente, confesso. Bem verdade que o duque era casado e algo idoso; mas, nem por isso, isento da fama de

galanteador aventuroso. Uma vaga inquietação se apossou de mim, e nunca lamentei tanto a obscuridade do meu nome e

as incertezas do futuro. A idéia de penetrar o mistério do meu berço não mais me abandonou. Sabia que os dois

zeladores do castelo de Rabenest não eram meus pais: quem, pois, me teria confiado a eles? Lembrava-me, também, da

impressão que causei aos dois cavaleiros, na noite em que lá chegou o sr. Teobaldo. Este, pelo menos, deveria

conhecer a verdade. A coisa chegou a um ponto que não pude mais suportar e resolvi partir para Rabenest e descobrir

o mistério a qualquer preço. Pretextei o cumprimento de um voto religioso e Nelda, que foi a única pessoa a quem

informei do meu destino, sobrecarregou-me de beijos e saudades para seu pai. Viagem rápida e fatigante, até que uma

noite parei diante da velha torre da minha infância. Ao meu apelo, não se fez demorar aquela voz de meu pai

adotivo : - Quem está aí ? - Sou eu - respondi, rindo-me - e será que não chego a tempo? Correu pressuroso, o bom

velho, e exclamou radiante: - Oh! peste de rapaz, por que não disseste logo? Abraçamo-nos e lá nos fomos ao quarto

de mãe Brígida, que me acolheu com lágrimas de alegria. Serenadas as primeiras emoções, depois de entregar os

presentes, meus e de Nelda, fui procurar o Sr. Teobaldo. Minha impaciência era tal que não pude aguardar o dia

seguinte. O velho cavaleiro me acolheu com a paternal bondade que sempre me dispensara; elogiou-me a boa aparência

e entrou a pedir notícias de tudo e de todos. Contei-lhe, então, sucintamente, os terríveis acontecimentos dos

últimos meses, acrescentando que minha viagem a Rabenest visava esclarecer minha origem e saber o nome de meus

pais.

Ouvindo tal, o sr. Teobaldo empalideceu e tapou os olhos. Vendo-o assim, tão comovido, tomei-lhe a mão e disse :

- Por amor de Deus, diga-me a verdade... Qual ansioso espectador diante de cerrada e espessa cortina, o coração me

pulsava precipitado ; embargou-se-me a voz ! Que quadro, que surpresas me reservaria a cortina levantada? E

apertava, então, cada vez mais efusivo, a mão do cavaleiro profundamente concentrado e mudo. Depois de minutos que

me pareciam eternos, descobriu o rosto lívido e falou com tristeza : - Sim, filho, eu conheço a tua origem ; mas,

nada me perguntes, porque nada obterias de consolador e benéfico. Minha curiosidade, contudo, não comportava

considerações quaisquer, por sensatas que fossem. - Diga, diga-me tudo - insistia - pois eu prefiro a mais crua

verdade a esta dúvida que me devora, a estas conjeturas que me assaltam a cada momento. Considero que, nascido, não

quiseram perder-me de vista, pois, aqui tenho, no braço, a marca de um brasão. Evidente, pois, que alguém por mim

se interessou, para que eu não ficasse irremissivelmente confundido na plebe. Teobaldo levantou-se, andou de um

lado para outro, até que parou diante do fogão, cruzou os braços e demorou-se a contemplar o lume. Parecia

indeciso e suspirava profundamente. Estava a observá-lo, assim, aflito, quando uma idéia insensata me brotou no

cérebro conturbado; quem diria não fosse ele mesmo, Teobaldo, o pai que eu procurava identificar? Sim... Por que se

comovia falando da minha origem, por que sempre me tratou com carinho paternal? Quase maquinalmente, fixei os olhos

na imponente figura do cavaleiro, cujo rosto nobre, emoldurado pela barba grisalha, banhava-se na claridade do

fogão. Comparei, mentalmente, nossos traços fisionômicos e concluí que havia entre nós afinidades morfológicas.

Nessa altura, fui por ele interrompido, vindo sentar-se a meu lado. - Pois que assim queres, ouve - começou dizendo

- mas, não me interrompas nem antecipes conclusões, porque, ao fim de minha narrativa, tudo saberás. Concentrou-se

um pouco e prosseguiu : - O nome pelo qual me conheces é apócrifo. Meu verdadeiro nome é Bruno, conde de Rabenau,

legítimo dono do título e dos domínios que lhe correspondem. Para

o mundo, entretanto, estou definitivamente morto e um rico mausoléu assinala o sítio do meu repouso. Meu sobrinho

Lotário herdou minha fortuna e eu o prezo sinceramente, como digno representante que é, da minha estirpe. Tempo

houve em que eu ostentava com orgulho o nome ilustre dos antepassados, amando ciosamente os privilégios que esse

nome me outorgava: e, quando, mais tarde, vi em casa de um meu irmão (mais moço um ano do que eu, e, não obstante,

já casado) sua cunhada Rosa, encareci minha riqueza, porque Rosa era pobre e vivia a expensas da irmã. Apaixonei-me

loucamente por essa criatura adorável que, ai de mim, não o era senão pelo físico.   Nosso casamento se fez com

toda a pompa e sob os melhores auspícios, mas a verdade é que a ventura foi efêmera e passageira, e para logo me

convenci de que Rosa não me amava e procurava todos os pretextos para se afastar de mim. Sobretudo, fazia contínuas

peregrinações a um convento das Ursulinas, que tinha por prioreza uma de suas amigas.   Aquelas freqüentes evasões

acabaram por me despertar suspeitas. A tal abadessa, madre Bárbara, era moça de seus vinte e dois a vinte e três

anos, eleita, dizia-se, graças à proteção ducal. Essa criatura me repugnava a mais não poder, mas eu não tinha

motivo para impedir as relações de Rosa com ela, porque sua reputação de virtude merecia geral consenso. Corriam os

anos, eu me sentia cada vez mais apaixonado por minha mulher e esperávamos justamente o nascimento de Nelda, quando

imprevistos e grandes negócios me forçaram a ausentar-me por algumas semanas." Nesta altura, o conde fez uma pausa

e eu, que acabava de ouvir o nome de Nelda, depois de acompanhar silencioso a narrativa, senti pulsar mais forte o

coração. - Tinha pressa de regressar - prosseguiu - e de fato o fiz dez dias antes do tempo previsto. No intuito de

causar agradável surpresa, distanciei-me da escolta e, seguido apenas do velho e fiel fazendeiro João, penetrei no

lar, por uma das bocas da galeria que se disfarçava no jardim, atrás de enorme pedra recoberta de musgo. Aos

primeiros passos dados no jardim, detive-me estarrecido: é que ouvi vozes e não tardei a reconhecer a condessa, que

entretinha com alguém amoroso colóquio. Esgueirando-me entre moitas e tufos, aproximei-me de um banco e vi, nem

mais nem menos, o duque em pessoa! - o duque que, ausente havia um ano, regressara e ali estava conchegado-o

à minha mulher ! Naquele momento preciso, pelo que diziam, certifiquei-me de que aquela intimidade provinha de

alguns anos, pois que eles falavam de um filho, fruto de seus amores ... Aquela revelação me fez perder a cabeça :

arranquei da adaga e atirei-me ao duque, mas, antes que pudesse atingi-lo, ele assobiou e pôs-se em guarda. Homens

de sua escolta, adrede ali postados, atacaram-me pelas costas a golpes de punhal e, gravemente ferido, tombei

desacordado. Quando voltei a mim, estava na choupâna de um carvoeiro e o fiel João à minha cabeceira. Por ele,

soube o que ocorrera durante o meu desmaio. Também ele ouvira o infame colóquio ; mas, durante a refrega,

compreendendo que contra o duque e, sobretudo, contra o número de seus guardas nada podia tentar, conservara-se

distante. Quando tombei, a condessa sentira-se mal e o duque a levara consigo, logo acompanhado de toda a guarda.

Depois, o fiel João me carregou para o subterrâneo, cuidou como pôde os ferimentos e, receoso de que me

massacrassem ou envenenassem, caso permanecesse no castelo, foi buscar seu irmão o carvoeiro - e pela calada da

noite me conduziram à floresta. Logo que possível, tornei ao castelo, onde novos desgostos me aguardavam. Rosa

fugira, dias antes, abandonando um filho recém-nascido, ao mesmo tempo que uma serva me informava ter o duque vindo

ao castelo e com ela combinado a minha morte. Como o desaparecimento da condessa tivesse ficado em segredo entre os

fâmulos, fiz divulgar a notícia de que ela falecera de parto e, (oh! ironia da sorte) improvisei-lhe um túmulo com

lápide e um epitáfio mentiroso, tal como deveria suceder comigo, anos mais tarde. A princípio, a repudiada criança

me inspirou grande repulsa. Pouco a pouco, porém, fui-me ligando a ela. Não podia, certo, considerá-la meu filho,

mas, quem o poderia saber? Nunca mais ouvi falar de Rosa.   Também o duque parecia haver-me esquecido. O mesmo não

se dava comigo. Sim. Eu pensava nele, queria revê-lo, vingar-me. Somente precisava esperar a ocasião, visto que

atacar o suserano era empresa difícil e perigosa. Contudo, essa ocasião pacientemente esperada apresentou-se,

quatro anos mais tarde, quando, atravessando minhas terras, seguido de poucos homens, o ataquei e feri gravemente.

Não tive, entretanto, melhor chance, porque fui preso e encarcerado. A coisa podia acabar mal, se meu sobrinho Lo-

tário não tivesse preparado minha evasão e feito constar, a meu pedido, que eu tinha sucumbido de uma queda, quando

fugia. Alguém, desconhecido, foi enterrado em meu lugar. Morto para o mundo, isso pouco se me dava, porque tudo no

mundo se me figurava odioso. Meu sobrinho me acompanhou ao velho solar dos Rabenest e, de passagem, recolhi Nelda,

a quem amo como filha e talvez o seja realmente. Lotário entrou na posse pacífica dos meus bens e o duque não lhe

criou dificuldades, porque não queria mais ouvir falar do nosso caso. O resto tu já sabes, isto é, sabes que és

filho do duque e de minha mulher. A mãe de Lotário me confessou que, para ocultar tua existência aos olhos do

mundo, tinham-te entregado aos velhos guardiões de Rabenest." Mal acabara de ouvir as últimas palavras

do conde e

parecia-me que ia enlouquecer. Pois que: Nelda era minha irmã! Mas isso significava a morte mesmo do meu amor, da

minha vida. Dobrado ao peso das emoções, lancei-me aos pés do homem cuja ventura se esfacelara com o meu nascimento

gritando desesperado : Oh! Maldição! Nelda é minha irmã e eu a amo louca, perdidamente! Com um gesto carinhoso,

Bruno me abraçou, como não faria o mais carinhoso dos pais, em idênticas circunstâncias. Sim, porque, aquele a

quem ele afagava era, simples e tão-somente, o filho do seu rival. Nada, porém, poderia consolar-me naquele transe,

pois eu chorava ainda as lágrimas da infância com a primeira esperança destruída. As exortações de Teobaldo

acabaram por acalmar-me. Resolvi, desde logo, fugir de Nelda, sem lhe dizer a verdade. Sentia-me, entretanto, muito

mal. O choque fora violento demais; uma encefalite se declarou. O sr. Teobaldo desdobrou-se em cuidados paternais e

pouco a pouco me restabeleci. Só então soube que durante minha enfermidade lá estivera um misterioso personagem,

buscando informações minuciosas sobre a minha pessoa e domicílio, desde quando deixara Rabenest. O velho nada

ocultara e o indivíduo desaparecera inesperadamente. A notícia daquele interesse tardio pela minha pessoa, pouco

me incomodou, uma vez que a relação da minha origem me tornava odioso a mim mesmo. Uma noite, conversando ao canto

do fogão, o sr. Teobaldo me disse: "Recebi carta de Nelda, exigindo notícias tuas e pedindo-me consentimento para

casar contigo; seu único de-

sejo - acrescentou é ficarmos os três reunidos neste retiro, certa de que os teus pensamentos são antes os de um

sábio que de um guerreiro. O que mais a estimula a deixar o castelo de Rouven, diga-se, é a atitude do duque, que a

persegue ostensivamente, tornando-se-lhe odioso. Precisamos subtraí-la a essa perseguição. Logo que te sintas

forte, irás colocá-la sob a proteção de Lotário que, estou certo, vai acolhê-la com alegria. E, com relação ao teu

futuro, eis o que proponho : procura obter uma audiência do duque. Dar-te-ei um anel que tua mãe

esqueceu e que te

identificará, porque corresponde à marca que aí tens no braço. A meu respeito, nem, uma palavra ... Lembra-te de

que estou morto para todos os efeitos". Abriu um baú, retirou um anel e alguns pergaminhos. Aqui tens o que Rosa

deixou ; mas, ouve ainda isto : - antes de tudo, procura o convento das Ursulinas e informa-te do nome da atual

abadessa. Se madre Bárbara ainda for viva, mostra-lhe o anel e os pergaminhos, pois ela deve saber muita coisa do

teu nascimento e poderá dar-te preciosas informações. Dias mais tarde, despedi-me do cavaleiro e dirigi-me para o

convento indicado, que ficava, por sinal, muito próximo da abadia a que se acolhera Benedictus. Entardecia quando

atingi o termo da viagem. Exausto, vendo surgir um albergue à margem da estrada, ali me detive sem atentar no que

ele deixava entrever de suspeitoso. Ao entrar na sala, reconheci logo que estava na hospedaria e pedi um quarto de

pernoite. Atirei à mesa um escudo de ouro e mandei servir a ceia. Assentado a um canto e debruçado à mesa, deixei

-me engolfar nas minhas tristes cogitações : quando um ah ! abafado me fez estremecer e levantar a cabeça. Era a

hospedeira que se acercava com uma bilha e um copo, ao mesmo tempo que mirava o anel ducal, com insistência.

Retirei a mão, bruscamente, ela não se conteve : - Perdão, cavaleiro : é que me pareceu já ter visto esse anel, há

muitos anos, no dedo de um poderoso personagem. - É possível, respondi calmamente, pois sou mensageiro de um senhor

de alta linhagem. Depois de rápida conversa, retirou-se e não mais a vi nessa noite. No dia seguinte, fui ao

convento e o anel aplainou todas as dificuldades, abriu todas as portas, de sorte que,

prestes me defrontei com a abadessa. Madre Bárbara era uma mulher de quarenta e cinco anos, alta, bem conservada,

mas nunca se poderia julgar bela. Fisionomia vulgar, deixava transparecer grande bondade ; mas seus olhinhos

castanho-azulados eram impenetráveis. Indagou com muita delicadeza o objetivo da minha visita e eu lhe respondi,

sem preâmbulos, que sabia das suas velhas relações com a condessa Rosa de Rabenau. Depois, ela passou a interrogar

-me sobre os detalhes mais insignificantes e eu, papalvo, mal suspeitando que ela fizesse de má fé, a tudo

respondia com a maior franqueza. Por fim, notando minha grande emoção, disse: - Seja franco comigo, meu rapaz : que

secreta mágoa pode assim acabrunhar um coração tão jovem? Não creio que a simples suspeita de sua filiação possa

perturbá-lo a tal ponto. Iludido por aquela aleivosa compaixão, acabei confessando minha paixão por Nelda, e que

desejava ouvir da boca do próprio duque se ela era realmente minha irmã. - Espero o vosso auxílio, minha santa

madre, certo como estou de que conheceis, mais que ninguém, os fios desta infeliz história. - Ai de mim, meu filho;

de mim que nada sei ; é verdade que vi muitas vezes a condessa de Rabenau, minha amiga de infância ; compreende,

porém, que a uma mulher nas minhas condições uma mulher que renunciou ao mundo, a condessa jamais confiaria seus

segredos de amor. Mas, Nelda é sua filha, apesar de tudo ... Ah! pobre órfãzinha, quanto desejaria vê-la e

aconchegá-la ao coração! Quanto ao que te diz respeito, prometo colher todas as informações possíveis, mas, deixe-

me antes estes pergaminhos, que te devolverei mais tarde. Retirei-me aflito. A abadessa não me havia descontentado

inteiramente, tão boa, tão meiga me parecera ; mas, quem podia garantir não tivesse qualquer motivo secreto para

ocultar a verdade? Resolvi procurar o conde Rabenau, a fim de pedir que acolhesse Nelda ; mas, chegando ao castelo

passei pela decepção de saber que Lotário estava ausente e só poderia falar com sua mãe, ou com o seu filho, pois o

conde era viúvo. Ainda assim, me fiz anunciar e fui conduzido a uma sala onde respeitável matrona, ricamente

vestida, trabalhava um tapete. Junto dela, assentada, uma galante menina de dez anos, mais ou menos, a brincar com

um velho cão de caça que, desde a minha entrada, não se fartava de me fixar curiosamente com uns grandes olhos negros. A

velha condessa mostrou-se muito cortês e disse-me que o neto andava à caça, em companhia de um amigo, o barão

Wilibald de Launay. - Esta pequena é sua irmã, Rosalinda de Launay, pupila de Lotário - acrescentou designando a

interessante menina. Passei a expor o fim da visita, o acolhimento de Nelda naquela casa. Evidente que a velha

fidalga nada sabia do passado, visto que sentenciou admirada e com tal ou qual frieza : - Com franqueza, não

compreendo esta vossa pretensão, quando mal conheço essa moça e não há motivo para ofendermos a condessa de Rouven,

tomando-lhe uma criatura que ela trata como se fosse sua própria filha. - Nobre senhora, respondi baixando a voz -

esta Nelda merece vossa proteção ; é filha da condessa Rosa de Rabenau, embora não legitimada pelo defunto conde. A

velha senhora estremeceu, chamou uma serva e ordenou que levasse a pequena Rosalinda. - Quem vos disse tal coisa? -

perguntou, logo que ficamos a sós. Por única resposta levantei a manga do gibão e mostrei o escudo impresso no

braço. - Ângelo ! exclamou empalidecendo e recuando apavorada. - Sim ! Ângelo ! - repeti com amargura - e agora

sabeis porque reclamo vossa proteção para Nelda, minha irmã, visto que o duque pretende conquistá-la e precisamos

defendê-la. Olhos já mareados de pranto, a velha matrona abraçou-me, beijou-me na testa e prosseguiu : Pobre

criança, que triste sorte te reservou tua mãe ! Descança, porém, que tudo farei para assegurar teu futuro, dando-te

uma proteção definida na sociedade. Quando tudo estiver preparado apresentar-te-ás ao duque, que muito te estimava

quando eras pequenino. Aqui, podes considerar-te em tua casa. Lotário é bom, é generoso ; quanto a Nelda, porém,

nosso castelo não é refúgio aconselhável, dado que precisamos seqüestrá-la inteiramente à convivência do duque, o

qual, bem sabes, é muito amigo de Lotário e nos visita constantemente. Mas, tenho outro plano : conheço a abadessa

das Ursulinas, criatura de austeros costumes, digna, sob qualquer ponto de vista, e a quem poderemos confiar Nelda,

até que a situação melhore. A entrevista se interrompeu nessa altura com a chegada de Kurt e Wilibald, este um belo

rapaz de dezoito anos, muito parecido com a irmãzinha :

os mesmos cabelos negros, sedosos, anelados; os mesmos olhos grandes, vivos, ardentes. Kurt tinha crescido

bastante, desde que o vira no castelo de Rouven. Orçava, agora, pelos quinze anos, era um belo rapaz, se bem que a

pele rosada, os longos cabelos louros e os olhos azuis o fizessem parecer um tanto efeminado. Via-se logo que a avó

o adorava, pela ternura com que o abraçou e procurando saber da sua saúde. Apresentado aos dois rapazes, pouco

conversamos, porque meus pensamentos vagavam alhures. Enquanto trocava raras frases com Wilibald, Rosalinda corria

para junto de Kurt, que parecia estimá-la muito. - Sabes que o padrinho de Rosalinda é Edgar? - disse a velha

condessa. É que seu pai, tendo adoecido na ocasião, mandou o jovem conde para representá-lo no ato. Pobre, infeliz

Edgar ! Da última vez que aqui esteve, mostrou-se muito satisfeito por ter uma afilhadinha tão bonita. Repare que

ela conta apenas nove anos e parece ter mais. Ouvindo pronunciar o nome de Edgar, Rosalinda parou diante de mim,

dizendo : - Quando estiver com meu padrinho, diga-lhe que muito o estimo e irei vê-lo muito breve, em companhia de

Wilibald. É coisa certa, pois eu quero e Wilibald não pode esquecer de mim. Ri-me, prometi não esquecer o recado,

mas longe estava de imaginar que essa mesma Rosalinda viria, algum dia, tornar-se para Edgar, e para mim, objeto do

maior interesse, encarecendo nossos cuidados e grandes inquietações para salvá-la.   Quis retirar-me,

constrangeram-me a ficar ; e quando ceávamos, ouvimos as trombetas anunciando o regresso do castelão. A alegria que

se espalhou em todos os semblantes, senhores e servos, convenceu-me de que o conde era sinceramente estimado. Todos

se levantaram e quando Rosalinda, que correra ao encontro do tutor, mal atingia a porta, esta se abriu e o sr. de

Rabenau se deteve no limiar. Com grande mágoa da pequena, Kurt antecipou-se e foi o primeiro a abraçar-

se ao conde. Este, muito lisonjeado com a disputa, tomou a pequena nos braços e beijou-a nas duas faces, risonho.

Depois, saudou a progenitora, apertou-me a mão e assentou-se à mesa. A conversa de pronto se reanimou, pois o

castelão, embora fatigado da viagem, lhe imprimiu logo o colorido vivo e original que lhe era peculiar. Sua verve e

bom humor pareciam inesgotáveis, enquanto os belos olhos negros irradiavam a alegria de encontrar-se

entre os seus.

Quando fitava o filho, dir-se-ia ser este uma linda donzela, pela qual estivesse enamorado. E força é reconhecer

que o mesmo embevecimento se retratava na fisionomia de Kurt. Findo o repasto, o conde levou-me para o gabinete,

onde conversamos a vontade.   Ao terminar minha exposição, apertou-me a mão amistosamente e disse : - Como parente

mais próximo e teu maior amigo, dispõe dos meus préstimos em que te possam ser úteis. Agradeci comovido e ele

prometeu internar Nelda nas "Ursulinas". Efetivamente, logo no dia seguinte, a velha condessa foi buscá-la e

quando lhe explicavam o motivo do internamento, Nelda concordou de bom grado e partiu satisfeita, em companhia da

velha castelã. Ainda por esta, soubemos que a abadessa a acolhera de braços abertos. Escusado dizer que em todos

esses passos mantive-me ignorado e oculto, pois não tinha coragem de rever, como irmã, a criatura que desejava como

noiva. Assim resolvida a situação, despedi-me dos novos parentes com o intuito de rever Edgar.   No momento de

partir, Rabenau me disse com olhar de muita bondade : - Tem cuidado, meu Ângelo ; não te fies no Convento e na sua

gente. Não vás cair nalguma cilada, certo de que nada existe mais odioso que esses monjes, com o seu prior à

frente... Prudência, portanto, muita prudência no falar e proceder. Quando cheguei à abadia, o irmão porteiro disse

que era muito tarde para falar a frei Benedictus nesse dia, e conduziu-me a uma das celas destinadas aos viajantes

em trânsito.   Só, insone, faltava-me o ar naquele exíguo ambiente. Procurei o corredor e uma porta, felizmente não

trancada, deu-me acesso ao jardim. Noite magnifica de plenilúnio, com revérberos de prata nas plantas, nas flores,

nas aléias arenosas ! Depois de alguns passos,

percebi que estava no cemitério, contíguo à igreja do Convento.   Cruzes, monumentos de bronze e de mármore, por

toda parte projetavam longe sombras bizarras e fantásticas.   A passo vagaroso, dobrando uma aléia, deparou-se-me

soberbo panorama, que me fez parar fascinado : o rochedo em que se alteava o convento, talhava-se a

prumo, deste

lado, e defrontava outro rochedo semelhante, no qual se erguia o mosteiro das "Ursulinas", apenas separado por um

grotão profundo.   Altas e grossas muralhas cintando as duas construções, pareciam atestar que nada tinham de comum

entre si. Assaz fatigado, estranha melancolia me assaltou naquele sítio de repouso. Assentei-me no socalco de um

velho túmulo e deixei correr o pranto. Absorto em meu cismar, não percebi que alguém se aproximava e, de repente,

senti que me tocavam no ombro. Apavorado, gritei ; mas, abrindo os olhos, vi um monje alto, de longas barbas negras

e rosto macilento, fitando-me compassiva e serenamente. Rígido, impassível, dir-se-ia uma estátua, se os olhos,

apenas, lhe não brilhassem estranhamente nas órbitas profundas. Não se assuste: não pertenço ao número dos que aí

repousam e nada mais têm que ver conosco. Sou Pai Bernardo, membro desta confraria e o que se dá, apenas, é que

vejo muitas coisas que os outros não vêem. Perfilou-se, apontando os monumentos fúnebres, e continuou: - Eu os

vejo, todos esses que aí estão sob essas lousas e a sua impassibilidade me revolta. Sim.   Toda uma grande

sociedade aqui se encontra : gente que viveu, amou, odiou ; que tomou parte em caçadas, em torneios, em guerras...

Agora, todos esses corpos, outrora cheios de vida, aí jazem ricamente amortalhados, inertes e alheios a tudo! Mesmo

os que se amaram e se sepultaram juntos, calam-se ! Ah! (resfolegou forte) eis o que me faz enlouquecer: este

silêncio, esta sociedade subterrânea, esses rostos parados! Por bela que seja a lua que os banha, ou por violento

que seja o tufão que os vergasta, eles ficam impassíveis, sempre hirtos e impassíveis! Às vezes, o espirito que os

anima vem visitá-los, mas isso também não os comove .. Calou-se, ensimesmado. Essas coisas eu as ouvia confuso, sem

lhes apreender o sentido, entretanto assomado de supersticioso temor.

De repente, o monge ergueu a fronte e fitou-me de modo particular. - Ah! meu rapaz - disse em tom profético - tu

também vestirás a roupeta, não voluntariamente, certo, mas levado pelo desespero. Toma cuidado ! - continuou

levantando a mão - pois através do teu cérebro, como através destas campas, vejo teus pensamentos e tudo aí será

negro - uma retorta de crimes e chamas de vingança; uma como pirâmide de fogo remontando às nuvens. Misturarás teu

sangue com o de tua irmã e acabarás aqui mesmo enterrado, impassível e mudo, ao lado do figadal inimigo. Aturdido,

assombrado, ouvia o tétrico vaticínio, e quando dei por mim e quis interrogar o monge, ele se tinha evaporado.

Presa, então, dos mais lúgubres pensamentos, voltei à cela. Mas só pela manhã consegui adormecer. Despertando mais

calmo, procurei Edgar e fui encontrá-lo tranqüilo e resoluto. Disse-me ter sido nomeado secretário, com pesados

encargos, e que o prior se lhe revelara um verdadeiro amigo. - Estou satisfeito e conformado porque espero vingar-

me, - disse, de olhos estranhamente acesos. Procurou em seguida informar-se do meu caso e deume excelentes

conselhos, inclusive o de não me apresentar ao duque. Infelizmente, ai de mim! não estava em condições de atendê-

lo. Quinze dias após meu regresso ao castelo de Rouven recebi carta de Nelda, na qual me comunicava que resolvera

professar. Graças, dizia, às razões que lhe impunham essa decisão, mas apesar do seu amor por mim, não queria

confessá-las e apenas pedia que não a esquecesse, embora desistindo de toda e qualquer esperança temporal. Grande

foi o meu espanto. Quem diria? Nelda tão jovem, tão bela, enterrada num claustro? Que fatores teriam

concorrido para semelhante resolução? Teria sabido a origem do meu berço, que era minha irmã? Isto só a abadessa

poderia revelar... Sim, aquela mulher de plácido semblante e olhar tão doce, era-me agora mais que suspeita. Em

todo caso, era preciso prevenir Nelda. tudo eu poderia admitir, menos que ela professasse. Sem dúvida, o egoísmo e

o ciúme sussurravam a meus ouvidos: nem tua nem de ninguém! Mas.., não; essa hipótese não podia vingar.

Encaminhei-me para as "Ursulinas" e lá interditaram-me a entrada, alegando que Nelda se recusara receber-me e a

Madre abadessa, adoentada, conservava-se em repouso. Que fazer? Considerando-me envolvido numa rede de intrigas,

resolvi apresentar-me ao duque, mas soube que ele havia partido para uma caçada longa e distante. Esperar, quando

cada dia me parecia um século? Nova tentativa para franquear o convento, novo fracasso. Ao regressar dessa nova

investida, o cavalo que montava espantou-se, corcoveou e caí, luxando um pé. Assim me recolhi ao castelo e lá

permaneci três semanas acamado. Logo que me restabeleci, fui procurar o duque e, como não podia fazer-me anunciar,

senão pelo nome de Ângelo, negaram-me a entrada. Vali-me, então, do anel; um pajem o levou e dentro de poucos

minutos me defrontava a sós com o árbitro do meu destino. Entre atemorizado e curioso, fixei o homem que

considerava meu pai e de quem dependia a minha salvação ou a minha perda. O duque mantinha-se de pé carrancudo, a

examinar o anel. Quando entrei, voltou-se e encarou-me desconfiado. - Quem vos deu este anel? O coração me pulsou

violento e respondi, tímido e respeitoso: - Sou filho ilegítimo da condessa Rosa, mulher do falecido conde Bruno de

Rabenau, e... - Mentes! gritou, lívido, recusando - a condessa de Rabenau nunca teve filhos espúrios! Eu me sentia

mortalmente atingido no meu orgulho e revidei com amargura: - Alteza! não estou aqui para que me reconheçais, pois

sei que minha vida ou minha morte jamais vos interessaram; mas, trata-se de Nelda, uma segunda filha da condessa e

que, certamente, não desconheceis. Pois bem: essa menina está no Convento das Ursulinas e quer professar, por

motivos que ignoro. É por ela que venho interceder, para que a livreis de tão ingrato futuro. Sua alteza tornou-se

violáceo e deixou-se cair na poltrona, exclamando com voz estentórica : - Nelda, filha da condessa! Será possível?

- É a pura verdade, que a prioreza poderá confirmar, pois foi ela quem mo revelou, dizendo-me ser possuidora de

valiosos documentos a êsse respeito. Um rugido de cólera lhe escapou da garganta.

- Ah! É isso? A miserável intrigante! Ela soube que eu sou seu pai! Que fiz eu, ó Deus? - Mas, essa não era a

minha intenção... Afundou a fronte nas mãos e compreendi, num relance, que algo de horrível se passara entre Nelda

e o duque. - Que fizestes - exclamei fora de mim- sinto, sei que a seduziste, não é assim? - Sabeis... - murmurou,

como confirmando. Num ápice, a respiração me faltou, as pernas fraquejaram, mas a raiva triunfou: - Bandido,

infame, eu te arrancarei a máscara perante o mundo, para que saibam todos quem é essa abadessa e o duque seu

comparsa! Desesperado, ele tirou do cinto um apito de ouro e soprou forte. A sala regurgitou de escudeiros e

pajens. - Prendam esse louco que se atreve a insultar-me! E antes que me pudesse defender, mãos de ferro me

subjugaram, me trancaram num quarto, ou antes, numa sala abastecida de ricos, porém velhos móveis, e aclarada por

uma única janela gradeada. Exausto de alma e contundido de corpo, deixei-me cair numa poltrona. Que lucrara,

afinal, com aquela tentativa? Que destino me estaria agora reservado? Veio a tarde, caiu a noite, ali fiquei

mergulhado em treva, até que uma chave rangeu na fechadura e apareceu alguém. Aproximou-se da mesa, acendeu a

candeia e tirou de sob o manto uma botija de vinho, pão e um naco de carne; depois, sem dizer palavra, retirou-se.

A fome e a sede instavam, não recusei a provisão e entrei, depois, a divagar na velha poltrona.   Estranho torpor

me invadiu todos os membros e mergulhei num sono de pedra, para só despertar tragicamente. Sim, porque, quando abri

os olhos, depois de um tempo que não poderia precisar, estava justamente numa cela e vestido de monje! Dei um

salto desvairado, atirei-me à porta. Fechada! Encostei-me à parede, aniquilado, e foi quando me veio à mente a

predição de "Pai" Bernardino, no episódio do cemitério. "Também vestirás a roupeta", dissera ele, e o vaticínio ali

estava na expressão de crua realidade! E não por minha vontade, mas por desespero.   Sim, o desespero, a

imprudência, me desvairavam. Compreendi que estava perdido. Procurando acalmar-me, verifiquei que o hábito que

trazia era de no- viço e concluí que não teria pronunciado votos quaisquer, no estado de inconsciência. Logo, ainda era tempo de

resistir, tentar a fuga, se possível, ocultando-me junto do sr. Teobaldo, para só me dedicar ao trabalho e ao

estudo. Aquela estreita, sombria cela me abafava; era preferível perder tudo, antes que a liberdade. Mas, que

fizera, afinal, para merecer tamanha desdita? Onde a justiça divina? Onde esse Deus protetor dos inocentes?

Terrível furacão se me desencadeou na alma e rugiu, surdamente, contra Aquele a quem se atribuía o direito de

regular os destinos humanos! E era a ele, a serviço dele, que cumpria sacrificar minha vida! Tudo mentira, então? A

maioria dos homens ali reunidos, segregados da sociedade, riscados do número dos vivos, condenados a aniquilar

sentimentos humanos, eram vítimas - bem o sabia - das quais o mundo procurava desembaraçar-se hàbilmente, depois de

lhes haver arrancado o coração com mil torturas morais! E todas essas vitimas deveriam reunir-se ali para servir a

Deus e entoar louvores; para dominar todas as paixões, do corpo e da alma, em nome desse verdugo invisível, cuja

requintada crueldade ia ao extremo de nos tirar o senso de sua compreensão! Assim conjeturando, todo um inferno me

borbulhava na alma; eu era justo um daqueles anjos revoltados contra o Criador. O ruido da porta que se abria me

cortou os pensamentos. De pé, na ombreira, divisei o vulto esguio e negro de um monge embuçado, tendo na mão uma

lâmpada. Pela cruz de ouro que lhe pendia do peito, identifiquei o prior! Colocou a lâmpada em cima da mesa e

caminhou até junto de mim, de braços cruzados. Pupilas incendidas, mergulhou no meu o seu olhar, e esboçando

estranho sorriso, falou em tom de superioridade : - Pobre louco, estou advinhando na expressão do teu semblante,

que vim interromper uma declaração de guerra a Deus e aos homens: fica sabendo, então, pobre criança duplamente

louca, que nada podemos contra imperantes do Céu e da Terra. E agora, filho, acalma-te e escuta o que te vou dizer,

não como a uma criatura a mercê do meu arbítrio, mas a um ser consciente e racional. Não estás aqui por minha

ordem, nem por minha vontade, crê; mas, empenhado na tua conversão e aceitação, todos os recursos que empregar,

neste sentido, estão de antemão justificados. Fora destes muros, serás sempre a lebre

contra a qual se açulará a matilha, visto que tiveste a imprudência de te identificares como fruto de um erro da

mocidade - e os potentados da Terra querem ser infalíveis. Além disso, difamaste o Convento das Ursulinas,

desvendando um crime odioso... Evidente, pois, que o duque e a abadessa não te darão tréguas, até que consigam

aniquilar-te. Aqui, ao invés, membro da comunidade, o hábito te dará uma posição definida, terás independência; a

estima, o conceito público te abrirão todas as portas, o confessionário te devassará as consciências, mesmo as mais

culposas. Sei que és inteligente, que tens sólida instrução e, nessas condições, poderás superar três quartas

partes dos monges aqui congregados. De mim, somente, dependerás, de mim, teu abade, que sabe prezar em cada qual os

dotes intelectuais e a linhagem social. Aos imbecis, eu costumo punir com o jejum e a prece; aos inteligentes,

porém, reservo a persuasão e eles se dobram, voluntariamente, ao regime monástico. É meu dever designar-lhes

tarefas condignas de suas necessidades espirituais, que lhes evitem o desânimo e o desespero. Meus irmãos

inteligentes não são meus escravos, mas combatentes conscientes, em pé de igualdade comigo, pelos direitos de nossa

comunidade. E agora pergunto: queres submeter-te livremente ao inelutável, não para me satisfazer, mas para te

poupares a torturas que me repugna infligir? Eu estava fascinado: tinha-me enganado a respeito daquele homem, que

acabava de evidenciar tão perfeito conhecimento do coração humano. Mas, aquela voz metálica, aquele olhar

coruscante, seriam bem dele? Não; eu não estava enganado; a espessa barba negra, os olhos acerados eram bem

dele; somente havia emagrecido, como verificava pela mão apoiada à mesa, aliás autêntica mão de prelado, branca,

dedos afilados. - Submeto-me - acabei por dizer sem hesitação - pois reconheço que tendes inteira razão. - Muito

bem, meu filho - a biblioteca fica-te desde já franqueada e lá encontrarás tudo que a ciência e a história nos têm

oferecido até hoje. Lá, teu espírito encontrará lenitivo e remédio para esquecer. De resto, ainda voltaremos a

falar do assunto. Deu-me a bênção e saiu. Olhos pregados na porta, fiquei a considerar a impressão que acabava de

receber, comparada à do nosso primeiro encontro. Quem poderia, então, presumir que ainda houvesse de

render-me ao

fascínio daquele homem, só pelo timbre da voz e do seu pro-

fundo bom senso? Podia ser que se mostrasse assim, outro, diante de irmãos noviços, mas o certo é que tudo quanto

me havia dito era a pura verdade. Sentindo-me aliviado, estendi-me no estreito e duro catre e adormeci

profundamente. No dia seguinte, colocado entre os noviços, com eles fui ouvir a missa na magnífica igreja do

convento, e lá o que meus olhos buscavam não era o seguimento do ritual, nem as magnificências do templo, mas, o

prior, até que o lobriguei assentado numa cadeira alta, a fronte pendente, na atitude de quem ora. Comecei a

compará-lo mentalmente com o entrevistado da véspera e conclui que era o mesmo homem. Também não avistei

Benedictus, e quando perguntei por ele, disseram-me que estava na enfermaria, privado de visitas. Um dia, mais

tarde, fui à biblioteca e lá encontrei tesouros de consolação. Depois, achei um grande volume fechado a cadeado e

com sobreposta papeleta que dizia : para ser lido pelo irmão Ângelo. Ao lado, a chave. Abri, sôfrego, e qual não

foi minha alegria, reconhecendo que se tratava de rarissima quão preciosa obra de Alquimia e Magia. Todo um

cabedal suficiente para absorver e nutrir as faculdades espirituais. Escusado dizer que me embriaguei dessa

leitura, só interrompida para cumprir os deveres da vida monacal. Ainda assim, não descurava os problemas que

entrevia a cada passo, no meu estudo, só lastimando a falta de um laboratório, que me ensejasse experimentar e

resolver alguns problemas da ciência fascinadora. Diante da minha exemplar conduta, o noviciado foi breve e não se

fez tardar o dia solene dos votos. Não tive outra ocasião de falar a sós com o prior, mas, devo confessar que a

austera cerimônia que me despojava de todos os direitos sociais, para só me conferir o hábito e o nome de Pater

Sanctus, não me causou maior abalo. Depois de receber a bênção do prior e os cumprimentos da confraria, recolhi-me

à cela, na companhia de Benedictus. Lá, quando a sós, abraçamo-nos e já não pude conter o pranto, relembrando a

liberdade perdida. Recapitulei nossa primeira viagem e a penosa impressão que me causara o panorama do mosteiro. -

Pobre amigo - disse ele, apertando-me a mão - também tu aqui estás, compelido pela sorte impiedosa, mas não

ficaremos absolutamente abandonados e juntos haveremos de matar o tempo.

- Que te parece o nosso prior, Benedito? - Cala-te! Aqui é preciso muito cuidado com as nossas opiniões. Nosso

abade é uma esfinge - prosseguiu em surdina - dir-se-ia que há nele duas almas no mesmo corpo: ocasiões há em que a

entonação da voz, gestos, olhares parecem transfigurá-lo; astucioso, de uma argúcia genial mesmo, ele é, não

obstante, bondoso e delicado, se bem que muitas vezes por cálculo. Mas, mudemos de assunto. - Então, dize-me:

continuas firme nos teus planos de vingança? - Se continuo, meu Ângelo. Mas, noto que só abordas assuntos

perigosos. Desses falaremos depois, à vontade, no laboratório. - Um laboratório aqui? - Pois então? mas olha que te

repito: cuidado. A tempo tudo saberás. No dia seguinte, durante os ofícios noturnos, Benedito me segredou no

ouvido: - Quando todos saírem, deixa-te aqui ficar atrás de qualquer coluna. Terminado o oficio, deslizei à sombra

de um confessionário e esperei que o último irmão retirante fechasse as portas do templo. Pouco a pouco, à luz

escassa da pequena lâmpada que piscava diante do altar-mor, comecei a perceber sombras a deslizarem entre as

colunas. Benedito não tardou. Trazia na mão uma espécie de capuz e foi dizendo: - Toma, veste. Era um amplo

poncho de lã, tendo apenas duas aberturas para os olhos. Igualmente embuçado, convidou-me a segui-lo. Encaminhou

-se para o altar-mor, ali apanhou qualquer coisa que não pude ver e aproximou-se de uma das grandes colunas que

sustentavam a nave. De repente, grande brecha se abriu no fuste. - Agarra-te ao meu hábito e conta até 27 -

disse, enfiando-se pela abertura. A passagem se fechou sem ruído e nós descemos vinte sete degraus, em completa

escuridão. Meu guia parou diante de uma parede, bateu, e um som metálico se fez ouvir. - Quem é? - perguntaram do

outro lado. - "Irmãos vingadores" - respondeu Benedito. - Aonde ides? - Ao purgatório.

- Abriu-se estreita porta-falsa e penetramos num pequeno subterrâneo arredondado, escassamente iluminado por uma

lamparina, que mal deixava entrever um colchão de palha, pequena mesa e, sobre ele uma bilha d'água e pão.

Circunvagando o olhar curioso, notei que a porta se havia fechado de tal sorte que não deixava traço. Ninguém diria

houvesse naquela cripta qualquer saída. - Entrai, irmão - disse um velho gordo, de longas barbas brancas. Pelo que

vejo, temos um noviço? - É verdade - respondeu Benedito. O velho nos entregou duas tochas; e, quando acabei de

acender a minha, vi que outra porta estava aberta atrás de nós. Saímos por ela e depois de percorrer escadas e

corredores, que me pareciam intermináveis, fizeram-nos parar diante de outra porta, onde vários homens embuçados

nos pediram a senha. Essa porta dava para extenso corredor, que desembocava em pequena sala completamente vazia. Aí

nos detivemos e logo uma voz, vinda não sei de onde, repercutiu no ambiente. - Sim, ainda que a custo da própria

salvação - respondi sem hesitar. - Deves, então, nomeá-los sem temor. Vacilei um instante, mas logo com firmeza : -

Quero vingar-me do potentado que me negou sua paternidade; da mulher que me gerou e renegou, se ainda for viva; e

da madre abadessa das Ursulinas. - Perfeitamente, mas dize: poderás fazê-lo independente de qualquer auxílio? -

Não. - Precisas de aliados, então? - Sim, de fato. - Queres, então, prestar o juramento de aliança aos "Irmãos

Vingadores"? Eles te ajudarão, mas sabe que o pacto é de auxílio mútuo. - Nada mais justo. - Irmão Benedito - disse

a voz oculta, leva-o ao "purgatório." Benedito acercou-se de uma porta que tinha esculpida uma caveira e vários

sinais cabalísticos. Quando essa porta se abriu, fiquei maravilhado! Era um salão enorme, fartamente iluminado;

tendo ao centro um altar forrado de veludo encarnado e sobre ele um crucifixo de ouro encimando um coração crivado

de flechas e um grande livro aberto. Ali estavam congregados perto de cem indivíduos, todos embuçados, como nós.

Atrás do altar, assentado num tamborete, um personagem igualmente mascarado, no qual supus reconhecer

o prior.

- Ouve as condições do juramento - começou dizendo o suposto chefe - Vais jurar, não por Deus, mas por tua honra ; certo, porém saibas

que o perjúrio a qualquer tempo te custará a vida, às mãos de qualquer destes irmãos conjurados que te ouvem o

juramento. Se entre eles encontrares um inimigo mortal, poderás provocá-lo a duelo de morte, perante nós; mas não

poderás, nunca, em caso algum, utilizar contra ele os recursos que a comunidade te vai facultar. Agora, ajoelha-te

e ouve a fórmula. Ajoelhei-me, calado, e ouvi : "Todo aquele que aqui jura sobre este coração trespassado, deve,

fitando-o, considerar seu próprio coração atravessado por mil flechas morais. Recordando os próprios sofrimentos

que o levaram a envergar o hábito, cada qual compreenderá o sofrimento de seus irmãos. Agora, estende o braço e

repete comigo: "Juro, por meu coração torturado e por minhas angústias passadas, que pretendo vingar-me e infligir

as mesmas penas que me causaram meus algozes, a saber : - o duque, minha mãe e a madre abadessa das Ursulinas. Juro

igualmente que, a partir deste momento, pertenço de corpo e alma à "Vingança"; mas nada podendo fazer por mim, só,

invoco o auxílio dos irmãos aqui reunidos, para que mo prestem moral e materialmente, até que possa realizar meus

fins. Em compensação, lhes hipoteco a todos em geral, e a cada um em particular, a minha pessoa física e moral,

considerando-me desde já desligado do juramento de castidade imposto ao padre e ao monge, permitindo-se-me, para

atingir meus desígnios, renovar relações com o mundo feminino. Da meia noite ao primeiro cantar do galo, fico

autorizado a usar trajes seculares, fora da Abadia. Em tudo mais, me conformo e prometo dedicar o tempo aos

interesses da comunidade, estimando na pessoa do chefe o mestre soberano, por obedecer-lhe as ordens, ainda que com

risco da própria vida." Esse juramento foi pronunciado em voz alta, breve e pausadamente. - Muito bem - disse o

prior - recebe agora o sinete da nossa confraria... Senti na espádua agudíssima dor e não pude conter um grito. É

que dois monges me haviam sutilmente atingido pelas costas com um ferro em brasa. Mas eu não

podia mostrar-me acovardado. Mordi os lábios, deixei que cuidassem da queimadura. Depois, todos me apertaram a mão,

repetindo : serviço por serviço, conte comigo. Por último o prior, que me ofertou pequena chave presa a um cordão

de ouro, dizendo : - O cofre do convento fica-te aberto e podes nele tirar o de que necessitares; e quanto aos

subterrâneos, também ficam à disposição dos irmãos para seus trabalhos e divertimentos. Agora, vamos à ceia.

Benedito tomou-me o braço e penetramos num grande subterrâneo contigo ao primeiro. No centro, a mesa fornida de

rica baixela de ouro e servida por oito monges. - Como? - disse admirado - pois há servos aqui? - Sim - disse

Benedito rindo-se - mas não há temer qualquer traição, pois são imbecis filhos da plebe, condenados ao cárcere por

crimes comuns. Em vez de lá apodrecerem, eles aqui vegetam sem esperança de rever jamais a luz do sol mas, ainda

assim, satisfeitos porque comem, bebem, dormem ... - Assentei-me ao lado do amigo e reparei que todos se regalavam,

mas nenhum levantou o capuz. A confraria guardava o jejum com o mesmo respeito que tinha à castidade, tal a

profusão de boa caça, vinhos finos e excelentes compotas que ali se deparavam. Terminado o repasto, a dispersão foi

rápida. O prior aproximou-se de Edgar e disse: - Mostra os subterrâneos ao novo frade, para que tenha uma idéia

perfeita da sua nova investidura. Acenou com a mão amigável e desapareceu. O amigo tomou uma tocha e disse

satisfeito : - Anda a ver que não somos dos menos ricos senhores do mundo, mas somos dos mais poderosos.

Percorremos uma galeria abobadada, na qual se deparavam, de um lado, inúmeras portas baixas. Abrindo uma delas,

Edgar me chamou a atenção para horrível calabouço mal aclarado por uma luz branquicenta, coada de exígua seteira

. Estranhos rumores nos chegavam, como que provindos do exterior. Que é isso? - perguntei. - Entra e verás.

Acompanhei-o. Abriu uma porta, subiu alguns degraus ; depois, outra porta mais resistente e eu recuei ! À nossa

frente se estendia vasta massa líquida, cuja superfície azulada pranteava-se aos revérberos do luar.

Compreendi que

estávamos à margem do lago que banhava um

lado da penedia. Edgar cruzara os braços, absorto nos seus pensamentos. - Aqui - disse esboçando um sorriso

significativo - hei de arrastar, um dia, o cadáver de Ulrich para atirá-lo nestas águas profundas. Elas apagarão as

manchas do sangue ... Há também por aqui um bueiro, que, destampado, acarreta a inundação. Mas o processo é ao

gosto dos juízes. De qualquer forma é aqui que se aviam as encomendas e por isso chamamos cemitério a esta

masmorra. Além desta, temos três outras saídas para o lago. Trata-se, como vês, de primitivas cavernas,

posteriormente muradas, mas, com tamanha perfeição que se confundem com a própria rocha. Em geral, estas

construções são interessantíssimas, pela habilidade com que aproveitaram cada brecha e cada furna, articulando-as

num tão vasto quão perfeito labirinto. Dali passamos a outro subterrâneo, guarnecido de enormes estantes pejadas de

pergaminhos. Dispostas em círculo, inúmeras secretárias, todas numeradas, e algumas ocupadas por frades embuçados,

lendo ou escrevendo. - Esta é a sala do expediente, onde se fazem buscas, se escrevem cartas, se falsificam

documentos e tudo mais que seja preciso, de vez que lá em cima não pode haver traço de qualquer atividade, senão

religiosa. Ali, naquele canto, à direita, estão juntas as nossas bancas de trabalho. Estás vendo o teu número?

Sempre que algum irmão precisar de ti, depositará em tua mesa uma espécie de carta-aberta, e ficas na obrigação de

responderes com o teu conselho e parecer. Eu me valho muito do N.° 52, personagem assaz inteligente, que me tem

dado excelentes conselhos e, por sua vez, a mim costuma recorrer. Finalmente, nestas caixas se encontram resumos

biográficos de todos os irmãos, bem como os nomes de seus Inimigos e a lista das pessoas de suas relações na

sociedade profana. Tua história aqui ficará igualmente arquivada. Assim, desde que encontres alguém que, por suas

relações anteriores te possa auxiliar, escrever-lhe-ás e receberás todas as informações necessárias, porquanto nos

cumpre ajudarmo-nos da melhor forma possível. Aquele velho que viste lá na primeira cripta, bem como aqueles que

nos pediram a senha, são confrades já saciados de vingança, que agora servem a comunidade com devotamento e

discrição absoluta. Aqui, por conseguinte, havemos de trabalhar pela nossa "vingança"; mas não hoje.

Agora, quero levar-te ao que chamarei paraíso dos teus sonhos, ou seja o laboratório, a fim de conheceres pai

Bernardo, excelente criatura, que persegue a fabricação do ouro e acredita em almas do outro mundo, presumindo

saber evocá-las. Passamos, então, para uma caverna circular e enfumarada e que exalava um cheiro acre. Grande

forno, retortas, todo um arsenal de redomas e frascos de vários feitios e tamanhos. O monge, de pé, junto da

secretária, parecia absorto na leitura de massudo alfarrábio. - Bom dia, Pai Bernardo - disse Edgar - e perdoe

incomodá-lo, mas quero apresentar-lhe o amigo de quem lhe tenho falado. O frade voltou-se e levantando a lâmpada me

aclarou o rosto. Oh! surpresa! - era o mesmo que havia predito o meu destino! Ah! - exclamou ele sorrindo - sois

vós? Penso, então, que acertei; mas sede benvindo e dizei em que vos posso servir, com a condição de não

interrogarmos o destino, pois é sempre melhor desconhecer o futuro. Depois de o fitar com muita simpatia, dado meu

inato pendor pelas coisas misteriosas e pela Alquimia: - Meu padre, sou apenas um principiante, desejoso de

aprender, e muito me agradaria tornar-me vosso discípulo e compartilhar vossas experiências. Ele cruzou os braços e

falou convicto: - Meu filho, para aprofundar estas coisas a existência humana é muito curta; trata-se de uma

ciência fascinante e fatal, visto que nos depara, continuamente, obstáculos insuperáveis; duvidamos das maravilhas

que se ocultam atrás da cortina; e, contudo, a pontinha já erguida nos deslumbra. A única coisa que podemos saber é

que um fio ininterrupto conduz à verdade e que qualquer descoberta é penhor de outra descoberta. Se o desejares

trabalharemos juntos. Queres saber? Meu inimigo morreu antes que eu pudesse vingar-me; agora, sacrifico minha

vida para descobrir um meio de o atrair à Terra, de o ver, tocar e torturar com as minhas provocações. Sabe, então,

que tenho visto muitas dessas criaturas errantes, desconhecidas, e nunca a que procuro para desagravar-me. E,

contudo, devo ir até o fim, pois lá está consignado nas Escrituras e nos livros de Astrologia, que os mortos

voltaram e foram tocados. O que resta é o meio de os tornar visíveis e tangíveis. Calou-se, pensativo, olhar

perdido no espaço e Edgar me fez um sinal que traduzi por - vamos deixá-lo por-

que, neste particular, é um desequilibrado ..." Bastante intrigado estava quase a cortar a palestra nessa altura. -

Dizei-me por favor, pai Bernardo : exceto a ausência da alma visada, que mais pudestes obter do Além? Conseguistes

atrair outra alma? - Apenas tenho podido atrair espectros de animais. - E podereis dar-me uma só prova disso? - De

muito bom grado e até imediatamente. Edgar quis interromper-me, mas eu o forcei a entrar numa gruta ao lado,

igualmente atravancada com aparelhos e utensílios de alquimia, inclusive um grande forno esbraseado e

superaquecido. - Veja - disse Bernardo - eis aqui três galinhas pretas, bem vivas, como podem verificar. Vou

colocá-las em cima desta mesa. Tomando algumas brasas, colocou-as diante das aves, cujos pés e asas estavam

amarrados, lançando-lhes uma pitada de pó branco, que logo se inflamou e projetou uma luz tão viva que mal podíamos

fixá-la. Depois, estendeu os braços acima das galinhas e disse: - criaturas inferiores, postas pelo Criador à nossa

disposição, eu vos ordeno que chameis um ser da vossa espécie. Extinguindo-se a chama, o frade aproximou a candeia

e vimos que as aves estavam completamente imóveis, como que adormecidas, enquanto o operador as fixava de cenho

carregado. Também nós estávamos atentos e vimos, então, surgir uma quarta galinha em cima da mesa, preta como as

outras e evidentemente viva! - Reparem - é a sombra desta galinha que matei hoje de manhã - e apontava um

tamborete. Nele, uma galinha, morta e absolutamente igual às que estavam em cima da mesa. Essa ave abriu as asas e,

sem adejar, desdobrou-se em forma vaporosa, que se dissolveu no espaço. Edgard, persignando-se, não se conteve : -

Bravo! pai Bernardo, exclamamos a um só tempo. - Mas isso éo a b c da ciência que me absorve dias e noites ; e,

contudo, ainda não pude atingir meus fins. Lá obtive este mesmo fenômeno com os gatos, por exemplo ;

mas, que me

adianta isso quando o que procuro é a alma do inimigo? Quanto a ti, meu filho, podes vir até aqui sempre que

puderes e quiseres. Não te faltarão livros. Conheces o latim?

- Se conheço ... - Tanto melhor, pois isso facilitará a tarefa. E agora, muito boa noite, porque tenho de

trabalhar até a madrugada. A noite é sempre mais própria à invocação dos invisíveis. Despedimo-nos e saímos. -

Curioso personagem - disse Edgar. Sabes o que a mim me vaticinou? - Que chegarias a te vingares? - Sim -

confirmou satisfeito - todos os meus algozes serão aniquilados. Waldeck perecerá às minhas mãos ; o patrimônio da

condessa de Rouven pertencerá ao nosso Convento e ... (nesse momento aprumou-se com orgulho) um dia a cruz de ouro

brilhará neste peito. Compreendes, Ângelo, o alcance dessas palavras? Valem por ter um cetro e uma coroa

invisíveis; deter poderes quase ilimitados ; ser prior e chefe da nossa organização secreta, tudo dirigir, ajudar a

vingança de todos e gozar simultaneamente de toda a liberdade, nadando em ouro. Isso é que é viver ! Oh! O mundo já

me não desperta inveja nem saudades. Simples cavaleiro de Rouven, eu não seria, nem mais nem menos que um senhor

entre senhores, tão ricos e poderosos quanto eu. Fiz, portanto, um alto negócio. Uma só coisa não compreendo na

profecia de Bernardo, quando me disse que "combateria e venceria o gigante pela traição do meu predecessor..." Não

sei quem possa ser o gigante. Subimos pelo mesmo caminho que descêramos e, quando, quinze minutos mais tarde,

deitado no meu catre recordava tudo que vira e ouvira, pareceu-me que sonhava e temi que o sonho se esvanecesse ao

despertar. No dia seguinte não vi Edgar, mas fui procurar pai Bernardo e lá passei algumas horas trabalhando.

Confesso que os novos labores científicos me absorviam a ponto de esquecer, por algum tempo, os meus planos de

vingança. De resto, não sabia como e por onde começar para atingir o duque. Folheava, atento, as biografias dos

confrades, mas só encontrei uma que me pareceu aproveitável, por se tratar de um homem que lhe merecera confiança,

evidentemente depositário de altos segredos e que, em conseqüência de vil traição, fora encerrado no Convento.

Escrevi a esse homem e, em vez de responder, apresentou-se-me ele, uma noite, diante da secretária, dizendo:

- Conheço-te, isto é, assisti ao teu nascimento, pois era então pajem do duque e sei, efetivamente, de muita coisa.

Tua mãe, quando desapareceu, tinha vinte e cinco anos. Casou-se muito jovem com o conde de Rabenau e quando se

descobriu o segundo escândalo tu contavas sete anos. Se, pois, estás agora com vinte e dois e ela ainda vive, deve

estar beirando os quarenta. Além da sua aventura com o duque, tinha ela outra ligação amorosa com um tal de

Eulenhof que, por atos de felonia, suponho, perdera os títulos de nobreza e acabara fugindo. O que ele fez no

exílio só Deus o sabe; mas o certo é que um dia reapareceu e carregou com a condessa, sem que alguém jamais os

visse. Não obstante, deves agir com muita prudência, guardar absoluta reserva em tudo isto, pois o nosso prior é,

ao que consta, irmão gêmeo do tal Eulenhof. Posso também acrescentar que o duque não é tão invulnerável como

supões, visto que foi descoberto em suas correrias noturnas pelos albergues de má fama. Quanto à abadessa das

Ursulinas, penso que deves deixá-la de lado, por enquanto, pois não vejo como atacá-la, sem provocar suspeitas.

Procura, apenas, saber se ela nada sabe da sua grande amiga Rosa. Agradeci a informação e fui logo entender-me com

Edgar, de vez que prometêramos não guardar segredo entre nós. - Ouve-me - disse ele, depois de refletir um instante

- quando me contaste os pormenores da libertação de Maria, creio haveres mencionado o nome de Eulenhof. - É

verdade, mas o que não sei é como disso me esqueci inteiramente. Amanhã mesmo estarei lá no albergue. Nessa altura,

lembrei-me de um incidente mínimo - um simples ah! da estalajadeira, quando viu o anel ducal. Eu lhe dera uns

trinta e cinco anos, mas nada impedia que tivesse mesmo os quarenta, em bom estado de conservação. Depois, veio-me

à mente o ascendente da sua autoridade sobre o aventureiro. Ah! Se eu pudesse obter a chave do mistério... Esse dia

me pareceu interminável e, no dia seguinte, à tarde, dirigi-me ao prior e avisei que pela primeira vez queria

realizar uma saída noturna. - Com que fim? - perguntou, calmo. Visto que lhe era lícito saber tudo e ligado pelo

juramento de sigilo absoluto, tudo lhe confiei, omitindo apenas, por delicadeza, o nome de Eulenhof, e só

mencionando a estalajadeira. Quando acabei a confidência, ele teve um

gesto brusco e baixou a cabeça, meditativo. Por fim, disse : - Pois sim, filho : podes sair logo que termine o

ofício noturno ; pede ao n.° 13 a chave do guarda-roupa e somente não deixes de regressar à hora regimental.

Chegada a noite, meti-me na farpela civil e de barbas postiças, saí pelo subterrâneo que desembocava não longe da

estrada em que demorava o albergue. Caminhei lesto e não tardou a surgir no cruzamento da rota o casarão

escalavrado, no qual, uma janela fracamente iluminada anunciava que a Estrela da Noite se mantinha aberta aos

viajantes retardatários. Uma velha mulher me abriu a porta. Ninguém na sala. Um vulto feminino que, à primeira

vista, me pareceu a estalajadeira, veio ao meu encontro, perguntando o que queria e logo reconheci meu equívoco,

pois tinha a defrontar-me bonita mocetona de formas bem nutridas, por sinal, parecidíssima com a jovem Berta.

Diante do meu olhar agudo, ela baixou os grandes olhos negros e, quando lhe disse que desejava falar à dona da

casa, suspirou com tristeza : - Minha mãe faleceu há um mês e me deixou só aqui, pois meu tio levou o que

possuíamos de melhor e não sei onde está. Então, com o que restava de vinho e mantimentos, atirei-me à luta,

auxiliada por minha mãe de leite, e vamos vivendo sabe Deus como. - Desde quando essa tua ama de leite conhece tua

falecida mãe? - Gilda! - gritou - e logo apareceu uma velhota suja, vesga e antipática ; a mesma que me abrira a

porta. - Ás vossas ordens, disse, fixando-me suspeitosa. Dei-lhe um escudo de ouro que ela guardou com avidez e

perguntei : - Conheceste a mãe desta rapariga antes dela nascer? Que sabes, enfim, a respeito de Berta, e dos seus

antecedentes? - Sem dúvida que lhe conheço a história, pois tenho cinqüenta anos e ela quando teve a menina teria

não mais de trinta e um. Conheci-lhe o pai, que, por sinal, foi hoteleiro. Berta, aos dezesseis anos, fugiu com

um

trovador; quando voltou, pediu-me que tomasse conta de Godeliva, visto que sua vida de aventuras não lhe permitia

criar a pequena. - Mas, tendo ela adquirido antes este albergue, como e por que não morava aqui ?

- Esse é justamente o seu segredo. Agora que ela morreu, não sei como, Deus a tenha em bom lugar. - Mas, diga-me

ainda uma coisa : quem era esse Eulenhof, seu auxiliar, seu braço direito? - Ah! - explodiu furiosa - conheço bem

esse patife, êsse ladrão, espadachim de má sorte, que nos tem roubado e maltratado bastante. E olhe que o seu

cinismo vai ao ponto de intitular-se barão de Eulenhof, como se o nome e o titulo não fossem roubados a um senhor

Eulenhof, de quem fora palafreneiro, que desapareceu após uma série de desgraças imerecidas. Esse salafrário

beberrão nunca foi nobre. Queira, finalmente, perdoar esta minha exaltação ; mas a verdade é que o sangue me sobe à

cabeça só com ouvir pronunciar esse nome. A mulher falara torrencialmente e com tamanha convicção que eu não podia

suspeitá-la de embusteira; provàvelmente eu me enganava e seria loucura querer identificar, numa estalajadeira

vulgar, minha mãe, mulher elegante e de alta linhagem. Enquanto a outra desabafava, Godeliva não despregava os

olhos do meu rosto. - Senhor, - disse corando - permita que lhe ofereça minha ceia, pois deve estar fatigado da

viagem. Não sabia o que dizer, senão que aqueles belos olhos me deslumbravam nos meus vinte e dois anos. Fiquei, e

ela toda sorrisos, me serviu de forma que o copo não se esgotasse. Posto que disfarçados, os olhares enternecidos

da jovem não iludiam o seu encantamento pela minha pessoa. Debruçada à mesa, a entrar-me pelos olhos ali, naquela

sala mal iluminada, a figura de Godeliva, ressumando volúpia, exaltava-me os sentidos. Quando me serviu o terceiro

copo, apertei-lhe a mão e a resposta foi : Que adianta deixar-me assim prender, se daqui a pouco te vais para não

voltar e só me deixares saudades? Não deixei de considerar tanta facilidade e precipitação mas a fatuidade

lisonjeada me falava mais alto que aquela moça bonita e exuberante de seiva, que havia do aspirar algo mais que a

rústica freguesia da sua taverna. Evidentemente, algo haveria em mim que lhe agradava e penso que, em tais

circunstâncias, nenhum homem é insensível. Demais, meu juramento assegurava imunidades até o primeiro cantar do

galo . . .

- Bela Godeliva - disse, levantando-me e afagando-lhe a mão -tu me falas uma linguagem enigmática, perguntas se

voltarei: permite, então, por minha vez, te pergunte: - se eu voltar, encontrarei abertos os teus braços e o teu

coração? Dize sim e eu te prometo que voltarei. Ela ergueu os grandes olhos úmidos e murmurou trêmula: - Sim, volta

para amar-me, tanto quanto te amo, sem saber quem sejas, senão que serás sempre benvindo. Abracei-a, beijei-a e

Nelda, o mosteiro, tudo o mais eclipsou naquele instante... Deixei o albergue prometendo voltar e não faltei à

palavra. Essa ligação durou bastante, até que um dia, saciado, rompi com ela e perdi de vista a interessante

Godeliva. Meu plano de vingança estava então paralizado; minha mãe continuava incógnita e a prioresa das Ursulinas

Invulnerável na sua astúcia. Consolava-nos, a mim e a Edgar, a convicção de que em assuntos dessa natureza se deve

ter paciência, pois quem mais espera melhor alcança. As horas mais felizes eram as do laboratório de pai Bernardo,

onde me era dado trabalhar e tudo esquecer. Três anos assim decorreram, sem maior novidade, até que um belo dia

chegou a notícia de haver falecido o conde Rouven, deixando todos os bens ao filho mais novo. Edgar ficou

profundamente impressionado com a morte do pai, mas eu estranhei que o conde nada legasse ao convento, da herança

de Edgar. Meses após o falecimento do conde, Edgar me procurou à noite, em minha cela, revelando-se muito

esperançado, dizendo chegada a hora da vingança e que seria eu quem lhe haveria de servir de instrumento. Contou

que o capelão do castelo de Rouven tinha falecido e a condessa donatária havia pedido ao nosso abade um novo

confessor, ficando assentada a minha designação, a fim de pesquisar, controlar e, possivelmente, encontrar a pista

da traição, que ele atribuía à madrasta. Confessor hábil, competia-me arrancar pouco a pouco os segredos

da matrona

e saber, finalmente, o paradeiro do sobrinho Ulrich. Fazia quatro anos que a Senhora Matilde me perdera de vista.

Eu deveria estar bem mudado, já não era o adolescente jovial e esperançoso, trajado à gentil-homem;

minhas feições se ressentiam da profunda revolução que em meu íntimo se operava. Deixara crescer a barba. Pater

Sanctus, caracteristicamente entalhado em sua forma confessional, semblante austero e maneiras graves, era bem

outro personagem e, como tal, lhe cumpria fazer-se confidente intimo da condessa. E concluiu a entrevista com

estas palavras: - Ângelo, não esmoreças no teu posto, certo de que aqui trabalharei igualmente por ti. Fica a meu

cuidado não descurar de coisa alguma. Faze outro tanto por lá, esmerilha, aproveita todas as brechas, mesmo porque

o prior tem também seus planos a respeito. Na véspera da partida fui chamado à presença do prior. A sala estava

apenas aclarada pela chama que se desprendia do grande fogão e, ao fundo, na poltrona de alto espaldar, ressaltava

a figura imponente do chefe. - Irmão Sanctus - disse em tom grave - eis que tem a seu cargo uma grande tarefa : os

bens da família Rouven são assaz consideráveis e seria para desejar que ninguém pudesse herdá-los, eu sei, de boa

fonte, que há projetos de casamento da filha mais nova do duque, com o Senhor de Rouven. O Conde Alberto é, como

sabemos, uma criatura fraca e enfermiça, que poderá morrer sem descendência e o duque deseja, a todo o transe,

incorporar ao de sua família tão opulento patrimônio. Seu papel consiste, portanto, em fazer malograr esse plano...

- Compreendo: o duque terá de ver tudo por um olho - respondi tranqüilamente. - Procure então, anular esses

projetos, mas seja prudente; não proceda de forma a ter de violar o juramento monacal, senão quando quiser ficar

senhor absoluto da situação e pouco ou nada mais tenha a desejar. Lembre-se de que é preciso dominar com mão de

ferro a alma mundana da condessa, penetrando-lhe todos os segredos, para que ela nada faça de seu próprio arbítrio

ou sem o seu consentimento. E para tanto conseguir, lembre-se Intribém das suas prerrogativas de

cavaleiro, da meia

noite até o primeiro cantar do galo. Isso dito, abençoou-me e, no dia seguinte, alcancei o vantelo, onde a nova

ovelha me recebeu no seu oratório. Tal como previra, ela não me reconheceu. Atento ao papel que me competia

desempenhar, comecei por um exame sutil, mas profundo, e certifiquei-me de que ela pouco havia mudado. Sempre bela,

uma bela mulher! Não

obstante a expressão fisionômica, algo rígida e altaneira, não inspirava simpatia. Às vezes, nos olhos, lampejos

apaixonados indicavam que poderia ser dominada pelo lado sentimental. O terreno me favorecia. Conversamos, então,

mas, seja dito, guardando ambos a mais absoluta reserva, versando apenas motivos de santidade e humildade, que

devem despertar no coração humano a idéia de grande pobreza moral. Ao lhe falar da morte do marido, levou a mão aos

olhos; mas quando os descobriu, não vi neles sequer uma lágrima. Tratei de me despedir e me recolher aos meus

aposentos - nada menos que dois quartos regiamente mobiliados, ao lado da capela. Uma escada secreta e pequeno

corredor ligavam esses quartos ao oratório. Pondo-me logo à vontade e satisfeito com o meu papel, entrei a

trabalhar lenta mas seguramente, para atingir o fim colimado. Assim, orientando-me em todas as direções, observava

a condessa, o filho e quantas visitas apareciam. O conde Alberto de Rouven era agora um belo rapaz de dezoito anos,

mas de compleição delicada, caráter maleável, desconfiado e taciturno. Mostrava-se muito afeiçoado ao Barão de

Wilibald de Lunay e cortejava a irmã, Rosalinda, admiravelmente bela, nos seus quatorze anos. Muitas vezes, o irmão

e a irmã, acompanhados de Kurt Rabenau, passavam semanas no castelo de Rouven e eu me aproximava intimamente de

Rosalinda que, piedosa e ingênua, me dispensava muita atenção e confiança ilimitada. Rosalinda amava o irmão com

todas as veras da alma, mesmo porque, órfãos de tenra idade, era ele o parente único que lhe restava na terra. Um

dia, o jovem Kurt, que também me honrava com a sua confiança, me procurou em meu quarto, aflito e embaraçado,

acabando por declarar que vinha pedir um grande favor, pelo qual me ficaria eternamente grato. Tratava-se de um

casamento secreto com uma criatura da sua paixão. - Receio, - acrescentou - que Vossa Reverendíssima me negue seu

consentimento, porque tenho apenas vinte anos. Mas creia que sua recusa será minha sentença de morte. - Ouça, meu

caro conde : não se meta nessa aventura, pois seu pai não o casará, decerto, em desacordo com os seus desígnios ;

visto que teme revelar a seu pai o nome da mulher que elegeu é possível que ela não esteja ao nível da sua classe.

Semelhante estigma nos seus brasões seria uma ofensa que ele jamais perdoaria. Quanto a

mim, não posso nem quero envolver-me em assuntos tão graves. O rapaz mostrou-se exasperado: chorou, contorceu as

mãos e assim se foi praguejando. Depois, não o vi falar mais no assunto e supus estivesse tudo acabado. Mas,

transcorridas algumas semanas, apareceu-me de surpresa o conde de Rabenau dizendo que tencionava casar Kurt com

Rosalinda que, bela quanto inteligente, lhe parecia talhada para acalmar a excitação afetiva e modificar o gênio do

rapaz. Verdade que Rosalinda era ainda muito nova; mas, para afastar quaisquer outros candidatos, convinha

antecipar os esponsais. Kurt, ultimamente, dera para desaparecer e isso o preocupava muitíssimo. No dia seguinte

apresentou-se-me pálido e desfigurado: - Aconselhe-me, salve-me Reverendo Sanctus, pois não sei como confessar a

meu pai que estou casado. - Casado? - exclamei aturdido. Sim. Eu vos disse que estava loucamente apaixonado e

precisava casar-me. Mas, a história é complicada, porque minha desposada é a filha do Barão Eulenhof que, por

motivos de intriga política, perdeu a fortuna e os brasões. - A baronesa, excelente criatura, me ajudou quanto pôde

e agora o que me cumpre é trabalhar para reconduzir a família à situação que de direito lhe compete. Cabisbaixo,

ruminando a estranha confissão, não dera com a presença do conde de Rabenau, que entrara de mansinho e, ali, estava

parado à porta, lívido e de olhos chamejantes. - Eulenhof casou-te com a filha! (atirou-se ao rapaz e sacudiu-o

pela gola). Como te atreveste a desonrar meu nome, filho indigno e traidor imbecil? Anda, responde!... Aquela

cena me aturdia. Como podia um pai extremoso maltratar assim um filho estremecido? Mas, onde teria eu ouvido o

timbre metálico daquela voz? - Onde está essa mulher, essa condessa de Rabenau - insistia o desvairado conde - e

como se chama essa Matura? - Godeliva - respondeu o rapaz fora de si. - Godeliva! exclamei também, fora de mim. -

Conhece-a? - perguntou o conde? Sim, porém não como filha do Barão.

Intensa palidez cobria o semblante do rapaz e o conde, assim o vendo tímido, acovardado, comoveu-se, largou-o.

Enxugou o suor que lhe banhava o rosto e disse mais calmo : - Vais comigo direto ao castelo e lá ficarás em

custódia até segunda ordem. ó pai ! - exclamou Kurt de mãos postas - consente possa ver ao menos minha mulher. O

conde se aprumou, terrível na sua cólera, e resmungou entre os dentes : - Cala-te, se não queres te estrangule aqui

mesmo ; que esse nome jamais te venha aos lábios; não contes comigo para coisa alguma neste particular. E ai de ti

se me desobedeceres. Kurt perdeu os sentidos. Nós o sentamos em uma cadeira. - Criança louca, quanto abusaram da

tua fraqueza - suspirou Rabenau, já enternecido. Até à vista PaterSanctus ; também precisamos conversar ; mas, por

agora, vou providenciar a remoção do rapaz. Nesse mesmo dia, solicitei à condessa dois dias de licença e fui ao

mosteiro, ansioso de estar com Edgar. Antes de tudo, ele quis saber como caminhavam os seus negócios com relação à

madrasta e eu pude, em consciência, informar que as nossas piedosas conversas não eram de todo improdutivas. D.

Matilde se abrandava aos meus olhares, pelo que esperava para breve uma confissão plena. Por sua vez ele segredou

que acabara de receber ordem para ficar à disposição do prior, a fim de o acompanhar numa diligência noturna. Disse

mais que, certa feita, ao galgar secreta escada junto ao gabinete do mesmo prior, surpreendera estranha conversa e

uma voz desconhecida a dizer: Livra-te da minha cólera, miserável! Tirei-te do nada, dei-te imensos poderes e é

assim que me pagas, cão? Que fizeste?. No dia seguinte, voltei ao meu posto e, pouco depois de lá chegar, uma

dama de companhia da condessa foi comunicar-me que a nobre senhora estava à minha espera no oratório. Lancei

furtivos olhares ao espelho de metal, alisei a sedosa barba e, certo de agradar, fui ao encontro da minha filha

espiritual. Abri a porta do compartimento bem conhecido e detive-me na ombreira. Fora, o crepúsculo mal começava a

cair e no entanto a luz do ambiente era tão escassamente coada pela estreita janela que a escuridão se tornava

quase completa. Duas velas ace-

sas no genuflexório, derramavam uma luz avermelhada e frouxa, deixando entrever a condessa ajoelhada, com a cabeça

apoiada nas mãos e completamente absorta na prece. Trajava um belo vestido branco, ajustado à cintura por um cordão

de seda, cujas mangas flutuantes, abertas até às espáduas, deixavam os braços a descoberto. A cabeleira solta caía

-lhe em ondas pelas costas. Analisei-a com íntima ironia e concluí que não me havia enganado com os olhares que me

vinha deitando nos últimos encontros. Minha respeitosa autoridade tê-la-ia irritado e por isso, proscrevera os

pesados vestidos que a moda impunha e que lhe desenhavam bem as formas esbeltas, mas escondiam os braços e bem

assim o toucado, que disfarçava a cabeleira... Então, ali estava D. Matilde, no esplendor dos seus trinta e oito

anos, a receber-me pela primeira vez daquela forma, cuja sugestividade lhe seria bem conhecida e previamente

calculada. Estaquei à porta, considerando mentalmente o alcance do serviço que ia prestar a Edgar, arrancando

preciosas confissões da condessa, bem como o prazer de uma ligação com uma mulher ainda bela e apetecível, e não

pude deixar de concluir que me tornara digno Instrumento da minha comunidade. Nenhum escrúpulo me embaraçava,

nenhum pesar me constrangia. Estava pronto para mentir, para assumir o papel de amante apaixonado; mas, sem deixar

de ajustar meus sentimentos à gravidade dos segredos a devassar. Sim! Infelizmente, eu já não possuia a inocência

da juventude e ia resvalando para esse rebaixamento da alma que conduz ao crime. Essas reflexões não duraram mais

de uns poucos segundos. Empurrei a porta com estrondo, entrei. D. Matilde estremeceu e levantou a fronte: Ah! meu

pai, sois vós? Baixou novamente a cabeça, como que confusa. - Sim, filha - disse, aproximando-me e dando-lhe a

bênção. Cheguei para junto do confessionário o tamborete em que costumava ouvir os penitentes e assenteime. Vendo

que continuava cabisbaixa, inclinei-me e disse fingidamente comovido: - Noto no seu olhar qualquer perturbação e no

semblante laivos de tristeza ; é preciso que tenha absoluta confiança no seu confessor, e, sejam quais forem as

agruras do seu coração, derrame-as no meu, que é um túmulo Inviolável. Saiba que não há mortal algum isento de pe-

cados. Todos experimentam tentações a que se deixam arrastar ; mas, lembre-se que a confissão foi instituida para

aliviar as consciências e reparar, pelo arrependimento, as faltas do passado. Nós somos os dispenseiros dos

benefícios legados pelo Salvador à posteridade e, por isso, renunciamos ao mundo com suas paixões e fraquezas ;

fazemos votos de completa abnegação e humildade, para sermos pastores do Senhor, conduzindo o seu rebanho às

moradas eternas. Pense nos direitos que Jesus nos outorgou, quando disse: O que desligardes na terra será desligado

no céu. Fale sem temor, minha filha, pois há muito venho suspeitando que me oculta alguma coisa, pobre ovelhinha -

quem sabe? - desgarrada do caminho da salvação. Calei-me e fitei-a com bondade, deixando, contudo, entrever na

austeridade do frade um pouco da admiração do homem. - Ah! meu pai murmurou, tapando o rosto - quão culpada me

reconheço! Diga-me se os grandes crimes podem ser perdoados mediante uma sincera confissão, e se me não vai repelir

indignado, por haver cometido horríveis pecados, que me vêm atormentando e tirando o repouso.   Contudo, estou

pronta a submeter-me ao seu juramento, abrindo-lhe a alma, de vez que tenho na sua pessoa ilimitada confiança.

Levantou o rosto, faces molhadas, e dos grandes olhos de turquesa irradiava uma ternura indisfarçável. Juntou as

mãos alvas e pousou-as nos meus joelhos: - Fale, meu pai, porque do senhor depende a salvação. Sua voz melíflua e

atitudes graciosas deleitavam-me deveras. Comecei a conjeturar quanto essa mulher superior se diferençava das

amantes vulgares que até então se me haviam deparado. Acarinhei-lhe as mãos de neve, e de olhos incendidos

murmurei : - Filha querida, para curar uma chaga, o médico precisa vê-la ; fale, portanto, confesse-me seus

pecados, por mais graves que sejam, e se lhe falecerem forças para tanto, aqui estou para ampará-la em meus braços

e conchegá-la ao coração paternal ; fale sem demora, porque as palavras de consolo e perdão que lhe ofereço, em

nome do divino Mestre, também não tardarão a secar suas lágrimas e desfazer as rugas dessa linda fronte. As mãos

ardiam entre as minhas, inclinei-me roçando-lhe os lábios com a face.

- Cometi um grande e odioso crime contra a natureza, mas, o que me levou a proceder assim foi o temor de ver

perdida grande parte da herança de Alberto, visto querer o conde, meu marido, legar grandes haveres ao seu

convento, a título de herança do seu filho mais velho, que lá ingressou. Em tais circunstâncias... - Nessa altura,

calou-se e baixou totalmente a cabeça. Por minha vez, suspensa a respiração, eu aguardava a centelha do mistério.

Tardava ... - Vamos... diga: que fez? - Envenenei o conde, para lhe frustrar a decisão - concluiu com voz quase

imperceptível. A boa ética mandava duvidasse, mas eu precisava representar o meu papel para conseguir o resto. Dei

um salto, repelindo-a, e recuei até a porta ; - Ah! desgraçada, como pode perpetrar tão monstruoso crime! E para

esbulhar o Convento, uma instituição pia, de bens que por direito lhe cabiam? Oh! Nunca poderia presumi-la tão

culpada! A senhora impediu a igreja de receber um benefício... A Igreja que, só ela, lhe pode dar a paz e a

salvação! Se ainda tivesse errado por impulso pessoal, fosse por uma paixão amorosa, mesmo ilegítima, seria

perdoável, 'mas fraudar a Igreja... E comprimindo a fronte com as mãos: - Já não posso aqui ficar, sua confissão

me aterroriza. Fiz menção de sair. Ela, que me ouvira com espanto, rojou-se-me aos pés. - Meu pai, não me abandone!

Eu quero abrir-lhe toda a minha alma, dizer-lhe todos os motivos do meu feito. Fique, por misericórdia e me

perdoe por amor de Deus. - Filha - disse fingindo mais calma -- só uma confissão integral pode levar-me a conceder

-lhe minha afeição; e mais ainda - a conservar o amor todo mundano que me inspirou, a mim, pobre exilado, privado

de todos os prazeres deste mundo. Sou muito monge, muito aferrado aos meus votos para ousar perdoar tão perniciosos

atentados aos interesses da comunidade. Só exculpada perante a Igreja, poderei tornar-me seu amigo, seu confidente

e cooperar, enfim, para que obtenha o perdão do céu. À medida que assim falava, com arrebatamento crescente, a

expressão de terror da condessa se transmudava como por encanto. Levantou-se, tomou-me a mão e disse:

- As palavras que acabo de ouvir transformam em paraíso o meu inferno, porque a verdade é que o amo louca,

perdidamente, e quero justificar-me a seus olhos, com o meu amor maternal. Ouça-me, pois, meu pai, meu amigo, meu

confessor. Ajoelhou-se; retomei o meu posto. Começou a falar do seu ódio a Edgar, de quem sempre sonhara

desembaraçar-se; disse que Ulrich de Waldeck, rapace consumado, prestou-se a urdir a trama tão bem sucedida. Fora

ela que sugerira Maria de Falkeinstein como pomo de discórdia. Por fim, temendo a destreza de Edgar, acumpliciara

Gerta, mediante promessa de casá-la com um jovem aventureiro chamado Ângelo, que se ligara a Edgar, e por quem a

rapariga morria de amores. Confessou que abominava esse tal Ângelo, tipo que não sabia onde Edgar o descobrira, e

que exercia sobre o meu enteado um grande ascendente. Waldeck desapareceu e nunca mais teve notícias dele. Pelo que

lhe dizia respeito, conseguiu o desejado: o conde faleceu sem deixar testamento. Não creia, porém, meu pai -

disse - que eu visasse prejudicar o Convento e sim, e só, a Edgar, a quem odeio; mas... (seus olhos ardentes se

fundiram nos meus) se eu pudesse obter o perdão de um beneditino com doação destas terras, estou pronta a fazê-

lo... Responda meu pai: - perdoa-me? Por única resposta, tomei-a nos braços e murmureilhe no ouvido : - Sim, minha

filha, preciosa ovelha do meu rebanho, que espero reconduzir ao redil. Quase sem dar por isso, na ânsia de possuir

essa mulher, nossos lábios se colaram para a linguagem do amor. Quando voltei ao meu quarto, os primeiros raios do

sol clareavam o horizonte. Alisei os cabelos e a barba, e debruçado à janela banhei a fronte nas auras matinais,

frescas e perfumosas. Pensamentos díspares me assomavam; um desprezo incoercível pela condessa e, ao mesmo tempo, a

convicção do absoluto domínio sobre ela! Mas... qual o melhor caminho a seguir? Como proceder? Que ordenar? Um

momento, veio-me a idéia de obter para a comunidade toda a fortuna dos Rouven, e daí, toda uma série de combinações

complicadas... Mas bem depressa me adverti: se conseguisse enriquecer tão opulentamente o Convento, qual seria o

meu proveito pessoal? Sempre envolto no meu hábito negro, - men-

tira viva diante dos homens - eu não teria, depois de ter feito dois ou três cadáveres, mais que o vácuo de um

futuro sem finalidade. Eu queria viver, gozar de liberdade, não ser forçado a mentir, a fingir, a arrancar alheios

segredos para, em seguida, prejudicar quem mos confiava. Essa vida era odiosa e a religião que me havia ensinado o

sr. Teobaldo não era isso. Todos esse malefícios eu os praticava em nome de Jesus, que morrera pedindo por seus

algozes! E nós não passávamos de uma agremiação de celerados, acobertados com o título de filhos da Igreja! O que

ainda restava de bom em meu coração emergia naquele instante e uma vaga intuição como que me dizia : falhaste na

prova; reverte à virtude; resiste... As cadeias do meu círculo eram, porém assaz fortes para que as quebrassem os

estos do coração. A consciência sombreou e noite trevosa me envolveu tôda a alma. Sacudi a cabeça revoltado e disse

para comigo: louco que sou! Minha vida está destruída, perdido o futuro e eu a atormentar-me com escrúpulos

imaginários... Vamos! Quero, preciso vingar-me e ajudar outros para que o façam. Deus também disse que - olho por

olho e dente por dente. Seguirei este preceito até as últimas conseqüências. Calmo, então, fechei a janela,

deitei-me e dormi profundamente. No dia seguinte, à tarde, montei na minha mula e toquei para o Convento, depois de

alegar a D. Matilde que precisava visitar um irmão enfermo. Fiz o percurso embuçado no meu capuz, não por

humildade, como imaginariam, talvez, os estúpidos campônios que encontrava, mas para me absorver mais à vontade em

meus planos de vingança e gozar a certeza inebriante de ter conquistado uma escrava submissa na condessa de Rouven.

Desta feita, tocando a sineta do Convento, não tive arrepios. A gente a tudo se acostuma. Uma vez lá dentro, tive

ocasião de me perder num dos nossos corredores e desci nos subterrâneos. Na biblioteca, alguns monges trabalhavam e

perguntei pelo N.° 85. Era Edgar. Mas, como ninguém me pudesse informar onde o encontraria, fui procurar pai

Bernardo. O velho monge estava todo entregue à fundição de metais, que exalavam cheiro acre e desagradável. - Tu me

abandonaste, Sanctus, - disse ele - agora não tenho quem me ajude; isto quer dizer que, se fizer a

grande descoberta, não terei com quem repartir os louros da vitória. Mal me assentei cruzando os braços e logo

ouvimos um : - Boa noite, meus irmãos... Era a voz do prior. Levantei-me e lá estava ele, imponente, de capuz

descido, encostado ao portal. - À vontade, filhos; como vamos de trabalho? Ouro para breve, pai Bernardo? - Assim o

espero, pois o problema se aclara dia a dia - respondeu convicto o alquimista. Leve sorriso se fez ouvir sob o

capuz do prior, sorriso que me não pareceu estranho. - Sabe que penso, pai Bernardo, existem forças inteligentes

dirigindo nossa vida e atos, não chegareis jamais a produzir ouro, porque nesse caso a própria vida perderia a sua

razão de ser. Sim, porque o ouro é o móvel único dos nossos atos e para possuí-lo vamos ao extremo de nos

escravizarmos a nós mesmos. E a riqueza inesgotável, uma vez encontrada, arrasaria tudo. Nem o diabo nem os anjos

teriam já motivos para nos perder ou salvar. A esse metal se prendem todos os prazeres e gozos da vida, e para

adquiri-lo o homem se entrega às mais profundas cogitações, movimenta todas as energias da alma. Os espíritos se

atritam nessa faina, talvez indigna, mas indispensável ao progresso intelectual da humanidade. Se, portanto, o meu

irmão chegasse a fabricar esse precioso metal, tornando-o comum, ele se depreciaria e os homens não teriam outra

preocupação que a de o fabricar e esbanjar. Ao irmão Bernardo restaria a glória de patrono da inatividade, da

preguiça e do embrutecimento sistemático da espécie. O homem se animalizaria, devorando o seu alimento, sem cogitar

da sua procedência, o cérebro se lhe atrofiaria à falta de trabalho e eu não posso crer que o meu caro Bernardo

tenha a má sorte de entravar o progresso das nações. É a necessidade e não a abundância que engendra as

descobertas, que dá celebridade e faz os heróis. Sumamente interessado e admirado de tamanha lógica e profundez

filosófica, eu repetia intimamente comigo : ninguém como este homem para manter e dirigir a nossa organização

secreta! Pai Bernardo deixara pender a cabeça sobre o peito, calado. - Não se impressione, não desanime pelo que

digo - continuou o prior - investigue sempre, pois nessa faina

talvez encontre algo de mais útil à humanidade do que libertá-la de todo trabalho. Aliás, não vim aqui para

perturbá-lo, senão porque, de passagem, veio-me a idéia de entrar. Quanto a vós, irmão Sanctus, querendo ver vosso

amigo, vá à gruta 4 do subterrâneo que comunica com o lago, e olhe que ele talvez esteja precisando do seu auxilio.

Compreendi que o prior queria ficar a sós com Bernardo; levantei-me, cortejei, saí, dirigindo-me para aquela furna

conhecida como cemitério. Bati à porta que me pareceuencimada pelo N.° 4, e do interior ouvi a voz de Edgar: -

Quem é? - Sou eu, Sanctus. Corrido o ferrolho, entrei e vi, à luz de uma tocha que ardia no primeiro compartimento,

Edgar de pé, mais pálido que nunca e tendo na mão um manuscrito. - Que fazes aqui? - foi a minha primeira pergunta.

- Espero - respondeu-me - mas... a que vens e como pudeste saber que eu estava aqui? - Quem me disse foi o prior;

mas, de qualquer forma, como estamos sós, quero contar-te grandes coisas. Antes de tudo: a condessa vomitou um mea

culpa comileto. - Sim. Conta-me lá isso - encareceu de olhos incendidos. - Não imaginas.   Só te digo que está na

ratoeira, amarradinha de pés e mãos. Safa! que até me estás parecendo feiticeiro... Atraiu-me para junto de

si, a

um banco de pedra e contei. Quando falei no envenenamento, deu um salto e exclamou: pobre pai! também tu serás

vingado; agora, o que só nos falta é traçar um plano. - Obrigado, Ângelo, pelo serviço que acabas de me prestar

(interrompendo-se de súbito) mas, creio que é tempo de... - De que? - perguntei admirado. - Vais ver... Abriu uma

porta e, acercando-se de uma trave de madeira, começou a acionar um rolete como esses utilizados nos poços,

pedindo-me que o ajudasse, enquanto o suor lhe

gotejava da fronte. Obedeci e ouvi o rumor da água que caía e se espalhava no chão. - Já te falei da possibilidade

de inundar estas gru-

tas; atrás desta porta há uma cavidade, que, neste momento, se encontra submersa e precisamos esgotá-la.

Dentro de 15 a 20 minutos, o barulho da água cessou; ele tomou a tocha e abriu a referida porta, que atravessamos

para descer alguns degraus completamente encharcados.   De repente, recuei trêmulo... É que, estendido numa pequena

plataforma, jazia um corpo de mulher afogada! Que é isso? - exclamei estarrecido. - São ordens do prior, explicou

Edgar, dando de ombros. Mas, acalma-te, pois não há de que nos sobressaltarmos diante dos inimigos aniqüilados.

Assim falando, abaixou-se e aclarou um rosto pálido, contraído, em parte coberto pela cabeleira negra em desalinho.

- Godeliva!? - bradei espantado. - Tu a conheces? Mas, olha, deixemos isso para depois. Agora, o que se faz preciso

é que me ajudes a consumir com ela. Levantamos então o cadáver, subimos, com dificuldade, a escada até a porta que

dava para o lago e lá o arremessamos com uma pedra aos pés.   Para as vistas humanas, extinguiam-se assim todos os

vestígios do crime. A superfície do lago enluarado espraiava-se calma e polida como a face de um espelho. Encostado

à muralha, de braços cruzados, eu pensava naquela Godeliva do albergue, qual a vira pela primeira vez. Depois,

lembrei-me de Rabenau e de que ele tinha motivos para aniqüilar essa criatura. Ela acabava de ser ali consumida:

logo, o nosso grupo deveria sabê-lo... Esta suspeita me deixava gelado. Não, não era possível! Absorto nestes

cismares, deixei a Edgar o cuidado de repor tudo em seus lugares, até que me falou: - Consumatum est. Vamo-nos.

Saímos calados, ele todo entregue a seus planos de vingança, eu remoendo mil e uma conjeturas. Certo, Rabenau

conhecia os mistérios do subterrâneo e assim eliminara a nora indesejável. Mas seria membro da nossa sociedade?

Como, se apenas os professores tinham esse direito? Por fim, interpelei Edgar : - Que plano concebeste com relação

a tua madrasta? Como bem podes avaliar, não há tempo a perder; preciso agir quanto antes. Ele parou e lhe notei nos

olhos chispas de ódio.

- É simples: tudo adquirir para o convento, "depená-la", da mesma forma engenhosa por que o fez a mim; e quanto ao

seu mimoso filhinho, esse terá que ser meu irmão em São Benedito, e quando todos estiverem mortos ou deserdados,

eu, o irmão que enriqueceu tão regiamente a comunidade, farei jus à cruz de ouro do priorato, na primeira vaga. Aí

tens meu plano, em traços gerais; todavia, antes de te desvendar todo o meu pensamento, preciso refletir. Deves

convir em que, no momento, devo estar perturbado com as tuas revelações, tanto que ia me esquecendo de dizer-te que

também tenho notícias que te concernem, como, por exemplo, que a bela estalajadeira Berta está viva e bem disposta.

Muito ao contrário do que te disseram, ela é amicíssima da abadessa, e o que só nos resta é desentocá-la. Eulenhof

também está vivo e são como um perro; mas, sem paradeiro conhecido. Nesse instante, destacou-se da parede um vulto

franzino de frade embuçado e fez um sinal a Edgar, que logo se aproximou dele, acenando-me com a mão em despedida,

e dizendo: - Até à vista; agora preciso falar com este irmão. Parti intrigado. Quem seria aquele monge? Não me

recordava de ter visto, jamais aquela silhueta e, contudo, não tardou que me abstraísse nas próprias cogitações da

minha causa. A notícia da hoteleira despertara-me a idéia de que ela poderia ser minha mãe e o coração me

paralisou, porque, nesse caso, Godeliva havia de ser minha irmã, eu teria praticado um incesto, nem mais nem menos.

E, como se isso não bastara, oh! ceus! acabava de atirar no lago o seu cadaver ! Dizer ainda que fora a própria

Berta quem me havia posto em relação com Godeliva para desviar suspeitas... Simplesmente horrivel! Meu desespero

era tal que, se ali me surgisse Berta, a estrangularia. No dia seguinte, deixei o convento e ninguém diria, vendo o

sacerdote, que ele saía de um antro onde se cometiam, sem vacilar, os crimes mais hediondos. Regressando ao

castelo de Rouven, nada me apressava ; podia repousar de corpo e alma ; se o futuro não se auspiciava radioso,

também não era para que o dissesse ameaçador. Passados alguns dias, um cavaleiro, que se intitulava conde Léo de

Loevenberg, chegou ao Castelo. Era um belo e elegante rapaz, de maneiras aristocráticas, que pretendia com essa

visita regular amigavelmente um litígio de terras confinantes com as de Rou-

ven. Estava eu assistindo à intrevista dos três - a condessa, Alberto e Léo - quando Rosalinda irrompeu na sala com

um falcão na mão, pois que regressava de um passeio a cavalo. Faces afogueadas, excitada pelo exercício e as

emoções da carreira, Rosalinda estava mais que nunca sedutora e os olhos do cavaleiro nela se fixaram com ostensivo

deslumbramento. A condessa os apresentou um ao outro e a conversa se generalizou sobre caçadas, passeios,

diversões. Rosalinda estava em pleno viço de suas quinze primaveras e tinha consciência de que era realmente bela,

mas foi a primeira vez que lhe notei a preocupação de agradar. Era evidente que o esbelto conde de Loevenberg a

impressionara de maneira irresistível. A essa primeira visita, outras se seguiram. Mas, um belo dia, o conde de

Rabenau levou Rosalinda e alguns meses transcorreram sem que eu tornasse a vê-la. Minha autoridade crescia dia a

dia no solar dos Rouven, a condessa me obedecia cegamente e Alberto, que era também meu tutelado espiritual, não me

encarecia provas de sua maior reverência. Esse falso melancólico era assaz fanático, confessava-se muitas vezes e

passava horas e horas a rezar. Por esse lado, tudo corria bem ; mas a verdade é que a minha empreitada estacionara,

não me fora possível descobrir o esconderijo de Berta para lhe arrancar as revelações que me facultassem atingir o

duque, a quem odiava mais que nunca. Baldados também os esforços para descobrir as relações de Rabenau com o

Convento. E, assim, transcorreu todo um ano de intrigas e combinações improdutivas. Um dia, estava lendo à janela,

quando ouvi o tropel de cavalos a galope. A condessa estava ausente, de visita a uma velha parenta enferma e nós,

Alberto e eu, deveríamos ir ao seu encontro, dentro de poucos dias. Conjecturei que se tratava de algum vizinho que

viesse visitar o jovem conde e tinha quase esquecido o incidente, quando a porta se abriu e vi Alberto entrar muito

aflito, dizendo : - Padre, venho consultá-lo: é que Rosalinda acaba de chegar, foragida do seu tutor que, diz, quer

casá-la com Kurt; ela, porém, ama o conde Léo e quer esposá-lo secretamente, pelo que, vem pedir que consumeis e

abençoeis esta união. Entretanto, quero dizer-lhe que me oponho.   Em primeiro lugar - e franziu a testa - porque

também a quero para mim ; e depois, porque abomino as uniões secretas e acho que ela procede indignamente, vio-

lando uma promessa já feita. Peço-lhe, pois, meu padre, que não se meta nesse negócio ... - Mas, meu caro conde -

respondi - se Rosalinda ama o senhor de Loevenberg, que é um homem tão simpático, por que obstar o casamento?

Assim me exprimindo, considerava, constrangido, que era lamentável impedir a felicidade daqueles dois jovens, belas

e nobres criaturas, quando a sorte é tão avara permitir a conjunção de dois corações afins. Temi, um instante,

prejudicá-los por excesso de zelo e lembrei-me também de que Edgar era padrinho de Rosalinda. Mas, preveni-lo

demandava tempo e Rabenau poderia manobrar de modo a fracassar o negócio. Tomei de. pronto uma resolução :

perfilei-me austero e disse: - Filho, não lhe compete permitir ou impedir o exercício do meu santo ministério; o

senhor e sua mãe são os donos desta casa, mas na capela quem manda é o sacerdote. Abençoarei o amor de Rosalinda

(erguendo a fronte) e responderei pelos meus atos diante de todos e de cada um. O que lhe cumpre, meu filho, é

submeter-se à decisão do seu confessor. O conde estava longe de ser um espírito ousado e não ignorava o meu

ascendente sobre a sua genitora; de sorte que não opôs maior resistência. A meu pedido, levou-me ao apartamento da

condessa, onde fui encontrar Rosalinda desfeita em lágrimas, Vendo-nos, correu para mim, tomando-me das mãos,

suplicou : - Pater Sanctus, não seja mau; case-me com Léo, que aqui vem juntar-se a mim; uma vez casada, ficarei

garantida e resguardada em seu castelo, pois o senhor não imagina o pavor que me causa esse infame cavaleiro

Mauffen, com quem pretendem casar-me à força. Ele me persegue e atribula com persistência incrível, posto que meu

tutor o tenha repelido três vezes. De Kurt não há temer, porque me ama e não se mostra muito apressado. -

Tranqüiliza-te, minha filha, logo que chegue o sr. de Loevenberg, realizarei o casamento. Daí a uma hora, dois

cavaleiros acompanhados de escudeiros e homens de armas paravam no pátio de honra. Eram Léo e Wilibald. Avistando o

irmão, Rosalinda deu um grito e correu ao seu encontro. - Não tenho palavras com que possa traduzir minha gratidão

pelo benefício imenso que me faz. Se um dia lhe puder ser útil, disponha de mim como de um filho.

Apressaram-se as providências, iluminou-se a capela e, ainda por sugestão minha, Alberto testemunhou e assinou o

termo que o escriba do castelo rapidamente redigira. Isto feito, galguei o altar e não esperei muito pelos

nubentes. Rosalinda, que trouxera seu enxoval (a mulher é sempre mulher!) estava simplesmente encantadora. O belo

par ajoelhou-se reverente e eu, estranhamente comovido, ao lembrar que, deserdado de ventura pessoal, podia, ainda

fazer ventura alheia, pronunciei as palavras sacramentais que os ligariam para sempre. Finda a cerimônia, felicitei

o jovem par e nos encaminhamos todos ao salão de jantar, para beber uma taça de vinho. Dali, ouvimos dentro em

pouco um rumor de cavalhada no pátio. Correndo à janela, Alberto gritou atarantado : é o conde de Rabenau!

Rosalinda empalideceu, conchegou-se ao marido ; Wi libald empertigou-se altaneiro, junto da irmã. Alberto, sempre

sonso e timorato, disse esboçando um sorriso malicioso: - Cá por mim, estou inocente, pois não fiz mais que acatar

as ordens do confessor de minha mãe, que se ufana da obediêli-ncia que lhe presta : e, neste caso, minha influência

é nula. Assim se exprimindo, enviava-me um olhar de ódio e despeito. Considerei: será que suspeita das minhas

relações com a genitora? Desconfiará que pretendo arrancar-lhe parte da fortuna em beneficio do convento? A

intempestiva entrada do conde de Rabenau me impediu de dar a Alberto a necessária resposta. O conde estava excitado

pelo esforço da viagem : cabeça alta, olhos flamejantes, deteve-se diante de nós e eu não deixei de experimentar um

certo temor de haver contrariado aquele homem que, contra a minha vontade, sempre me fascinava. Ao invés da

legitima cólera que todos esperavam, desdenhoso sorriso lhe frisou os lábios e disse, fixando-me com ironia : -

Pater Sanctus, apressando-se a realizar este matrimônio, imaginastes, talvez, subtrair Rosalinda à minha tutela;

mas, vale dizer que não passais de um simplório, porque com esta precipitação mais não fizeste que ensejar a meu

filho uma aliança muito mais brilhante, pois sei que o duque deseja casar sua sobrinha, a princesa Ürsula, COM

Kurt; e, dessarte, se o duque morrer sem deixar fi-

lhos, a fortuna dos Rabenaus reverterá à sua família. Não há como desconhecer que acabais de prestar um serviço ao

nosso amado suserano, serviço que vos agradeço também eu. Depois, acrescentou baixinho : amor com amor se paga,

serviço por serviço... As palavras do juramento?! Recuei, petrificado : Ele era dos nossos, tudo sabia...

Dirigindo-se a Rosalinda, prosseguiu : Conhecia teu plano e deixei que fugisses porque jamais te obrigaria a casar

contra a vontade ; mas, dada a tua deslealdade, agindo sem consultar-me, sinto, bem a meu pesar, desinteressar-me

de ti para te entregar à própria sorte. Agora casada, que teu marido te defenda e ampare; nada mais tenho que ver

contigo. Rosalinda correu para ele estendendo as mãos súplices: - Perdoa, eu não podia adivinhar teus

pensamentos.

- Vai-te, nada mais tenho a dizer-te. Afastou-a com brandura, trançando a capa. Detendo-se ainda um instante à

frente do noivo, mordiscou o bigode disse - Felicito-o, senhor de Loevenberg; e não lhe guardo nenhum rancor ; as

mulheres são a nossa perdição, desde que o mundo é mundo; é o caso de Adão. Fez menção de partir bruscamente,

quando Alberto se Interpôs, dizendo : - Oh! senhor conde, não me inculpe de coisa alguma em tudo isso, pois eu

cheguei a me opor, mas não podia desobedecer ao confessor de minha mãe. O conde parou e mediu o rapaz com evidente

desprezo : - Tínheis mesmo de obedecer - acentuou com malicioso sorriso - é curioso ; que vossa mãe obedeça,

compreendo e convenho; mas vós que sois o dono da casa... Se ainda tivésseis por confessor alguma freira das Urso

linas, vá lá; mas, de outra forma, é singular. De resto... Conde Alberto, permita lhe diga que sou um cavaleiro

experiente e prático em gozar a vida e que é desairoso confessar obediência cega, ainda mais quando o dever imponha

proteger os que se abrigavam em seu solar, de armas na mão, se eu tentasse violá-lo. É pena que um descendente dos

Rouvens desconheça tais deveres de cavalaria. Os jovens nubentes e Wilibald me reiteraram agradecimentos e se

retiraram depois de saudar friamente o

dono da casa. Voltei ao meu quarto completamente desorientado. Que grande leviandade tinha cometido. A idéia de

haver favorecido o duque no seu projeto de açambarcar a fortuna imensa dos Rabenaus não me saía da cabeça. Resolvi

chegar ao convento e consultar Edgar. Lá chegando, aproveitei um momento azado e tudo lhe contei. Depois de ouvir-

me com muita atenção disse : - É realmente estranhável, porque nunca logrei aqui ver o conde de Rabenau e não posso

atinar como chegou a conhecer nossos segredos. Quem aqui tenho visto, algumas vezes, e por que em longas

conferências com o prior, é o senhor de Mauffen ; e sempre desejaria saber que motivos levam esse antipático

personagem a procurar nosso chefe. Mauffen? - atalhei surpreso - parece-me que o nome não é estranho...

Ah! é

verdade agora me lembro. Ele é conhecido da dupla Berta-Eulenhof e, provavelmente, amante dela. Peço, portanto, que

o não percas de vista. Talvez possa apanhar alguma coisa dessas confabulações. Quem sabe não se oferece aí uma

pista dessa infame condessa que não posso reconhecer por minha mãe, embora algo me diga que ela e a hoteleira são

uma e única pessoa. Obtida a promessa de tudo fazer em tal sentido, passamos a tratar do que lhe concernia,

expondo-me ele o plano traçado para aniqüilar a madrasta. - Sabes que pretendo retribuir à condêssa as delícias

desta vida monástica que ela tão generosamente me granjeou ; mas a verdade é que só o filho poderá levá-la a

professar. Verdade, também, que ele está farto da sua dominação e sequioso de independência e predomínio. É uma

circunstância que nos favorece, como vês. Tu te conservarás neutro e ele é que há de levá-la a expiar no claustro a

morte do marido.   Para obter de Alberto o nosso desejo, deverás mostrar-te indignado com as suas freqüentes

escapadas do castelo, obrigando-o, de qualquer forma, a vir confessar-se e orar aqui, certo de que o devolverei a

ti, prontinho e afinado para desempenhar o seu papel. Uma vez Ursulina, D. Matilde ficará sendo o instrumento da

tua vingança, junto da ignóbil abadessa, que até agora não pudeste atingir.   Uma vez lá dentro, a condessa te

guardará fidelidade, verás, sobretudo se lhe deres a entender que ela poderá ser, um dia, a sucessora de madre

Bárbara. Trata, pois, de mandar-me Alberto quanto antes e confia em mim, certo que estou de te proporcionar muito

breve uma alegria tão grande quão

imprevista. Uma coisa só te peço: é que nada me perguntes, porque devo ficar mudo. Eu lhe conhecia a sagacidade e a

segurança dos cálculos, de molde a confiar inteiramente no que dizia. Despedi-me, lembrando-lhe apenas que não se

esquecesse de Mauffen. Aflito estava eu para reassumir o posto e encetar minha tarefa. A esperança de me vingar da

abadessa enchia-me de coragem e satisfação. Comecei por demonstrar ao jovem conde uma reserva glacial,

recusando-me

acompanhá-lo todas as vezes que procurava avistar-se com a mãe. Quando esta regressou ao castelo, aguardei uma

ocasião que estivesse a sós com o filho, para lhe apresentar minhas saudações. Mostrando-me insensível aos

olhares lângüidos que ela me dirigia, falei-lhe em termos severos que o jovem conde me havia desgostado

profundamente. Narrei-lhe as peripécias do casamento realizado na sua ausência, acrescentando que diante daquelas

pessoas estranhas o sr. Alberto se atrevera a falar dela, e de mim, de maneira ofensiva e capaz de suscitar

suspeitas. Que fizéramos, afinal, que justificasse essa conduta? E concluí declarando que a partir daquele dia

deixava de ser seu confessor e não mais queria saber de um homem que prometia tornar-se ímpio, de vez que, tão

jovem, já ousava ofender assim, grosseiramente, o seu pai espiritual. Fora de si, debulhada em lágrimas, ela

repreendeu o filho e exigiu que me pedisse desculpas, pois, fosse qual fosse o bem que lhe queria, mais caro lhe

era eu. A principio ele recusou-se; mas, temendo a cólera materna, acabou pedindo-me perdão. Por minha vez, comecei

recusando qualquer entendimento; e, só depois de muitas rogativas, cedendo a súplicas e lágrimas da condessa,

aceitei as desculpas, para Impor-lhe uma penitência de duas semanas no convento, (obrigado a preces, jejuns e três

confissões. Tinha certeza de ser obedecido, porque a condessa fazia questão de me acalmar. Efetivamente, no dia

seguinte o rapaz lá se foi ao convento e do que lá fez ou lhe fizeram, não sei, senão que voltou estranhamente

mudado. O olhar esquivo, duvidoso, que lançara à genitora, Indicou-me que Edgar atingira o alvo. Quanto a mim,

abstive-me de ir ao convento naquelas duas semanas, para evitar suspeitas.

Após os primeiros cumprimentos, o jovem conde se declarou muito fatigado e pediu à condessa lhe concedesse uma

entrevista à noite, com a minha presença, pois precisava falar-lhe de assuntos da mais alta importância. Na hora

aprazada, compareci ao oratório e pouco depois entrava Alberto, muito pálido, deixando transparecer no rosto grande

abatimento moral. Assentou-se, carrancudo, e depois de breve recolhimento, disse : - Permita, minha mãe,

vos relate

graves coisas que me preocupam e me tiram todo o repouso. Durante o retiro e penitência no convento, achei que

devia visitar o túmulo de meu pai e lá rezar por sua alma. À hora do Angelus, encaminhei-me sozinho para o

mausoléu, onde repousam os restos de nossos avós e, de joelhos, absorvi-me na prece. A noite caía e o local apenas

se desenhava à luz escassa de uma lâmpada quando, súbito, uma voz se fez ouvir distintamente debaixo da lousa,

dizendo : "Alberto, meu filho"! - e o que meu pai (pois era bem a sua voz) me disse, ides saber quando eu terminar

este depoimento que, bem o vejo, vos alarma, quanto a mim mesmo... Sim, eu vejo que empalideceis e tremeis. Pois

bem: como podeis imaginar, fiquei aturdido e o que essa voz de alémtúmulo me disse, assombrou-me e deitei-me a

correr espavorido. A condessa, pálida de morte, passava as mãos pela fronte inundada de suor, enquanto eu procurava

aparentar indiferença, muito embora interessado. No dia seguinte - prosseguiu - contei a meu confessor, um monge

sábio e respeitável, o fato insólito, sem contudo pormenorizá-lo; e o santo homem, depois de madura reflexão falou

: - Meu filho, repita essa visita duas vezes e se os mesmos fenômenos se reproduzirem, devemos aceitá-los como um

aviso providencial. Neste caso, convirá consultar um piedoso eremita, a quem concede Deus, por sua vida exemplar,

os dons da clarividência. Convicto do grande alcance desse conselho, não vacilei em voltar duas vezes ao túmulo, lá

ouvindo a mesma voz e as mesmas palavras de meu venerando pai. À vista disso, o confessor me encaminhou ao referido

eremita, âncião respeitável, de longas barbas brancas e de olhos negros e penetrantes. Inferi logo que fosse pai

Bernardo. Eu pedia a Deus que me dissuadisse da veracidade das palavras ouvidas, - continuou o jovem conde - mas,

ai de mim! que não logrei ser atendido. O bom eremita me perguntou o que queria, mas, logo que comecei a falar,

interrompeu-me e disse : - Quem falou foi mesmo vosso falecido pai; e, nesse caso, ele vai dizer-vos o que deseja,

de viva voz, pois que a mim nada interessa saber. Com isto, deitou carvão num grande fogareiro e começou a orar.

Chamas esquisitas, multicores, seguidas de espessa fumarada, saíam do fogareiro e, de repente - juro que me não

iludi - surgiu à minha frente o espectro de meu pai, com um pergaminho na mão! Diante da macabra aparição, perdi os

sentidos. Quando voltei a mim, o eremita me entregou o pergaminho, dizendo: eis aqui o pergaminho trazido por vosso

pai. Aproximai-o do fogareiro e vereis o que ele vos quer comunicar. Levantei-me aturdido e examinei o pergaminho

de todos os lados, conclui que nada havia nele escrito. Sem o perder de vista, aproximei-o, então, do fogareiro, e

comecei a distinguir letras e frases inteiras a brotarem como por encanto do fundo branco do pergaminho, para

formarem os mesmos conceitos ouvidos no cemitério. A condessa, mais morta que viva, mal se aguentava na poltrona.

Alberto agarrou-a pelos braços, sacudindo-a com violência e gritando : - Poderás negar que envenenaste meu pai? Até

que chegou a hora de ver em teu rosto o sinal do teu crime! D. Matilde caiu de joelhos. - É a justiça de Deus! Os

mortos ressurgem para me acusar ! Sim, culpada, mas não me julgues, tu, meu filho, tu por quem me tornei criminosa,

vítima do meu coração maternal. Estendia para o filho as mãos súplices, mas ele as repelia horrorizado. - Por minha

causa? Queres fazer-me cúmplice? Pois saiba que eu não desejaria nenhum tesouro do mundo mediante um tal crime. Ela

deu um grito abafado e tombou desacordada. Alberto voltou-se para mim em tom de censura: - Tínheis conhecimento de

tudo isso, meu pai, e nada dissestes... Eu bem vi pelos olhares que ela vos dirigiu, que tudo vos havia confessado.

- Dizes bem, meu filho, eu de tudo soube ; mas o meu filho também sabe que os ouvidos do sacerdote, nestes casos,

são como um túmulo. Considera, porém, que se o meu juramento mandava calar, a Providência te permitiu descobrir a

verdade. E agora, dize-me : ainda acre-

ditas que pudesse haver ligações culposas entre mim, servo de Deus, e essa infeliz criatura a quem só me cabe

deplorar e cuja submissão e humildade só provinham da certeza de que lhe conhecia o crime odioso? - Perdoai-me e

não me recuseis vossa bênção - concluiu, beijando-me a mão e retirando-se apressado. Finalmente, a sós com a

condessa desmaiada, não era ela que me preocupava e sim, e só, a minha situação pessoal. Atingira a meu fim,

liberto de uma tarefa que começava a pesar-me. Agora, o que mais de pronto se impunha era procurar Edgar e conhecer

as suas últimas intenções, visto que, na primeira entrevista com a castelã, teria de resolver definitivamente o seu

destino, prescrevendo-lhe o que melhor me conviesse. Chamei, portanto, uma das aias e lhe recomendei tivesse o

máximo cuidado com a condessa. Isto posto, mandei selar o animal e dirigi-me ao convento. Edgar recebeu-me de

braços abertos e, agradecido, entrando a contar, sorridente, como enganara o estúpido Alberto. - Eis que realizo

uma parte da minha vingança - disse de olhos fuzilantes. Quando ela estiver lá no convento, quando houver perdido o

nome, o título, a liberdade, então irei vê-la e lhe direi face a face : - olho por olho, dente por dente. Suspirei,

levei a mão ao peito. Invejava ao amigo as delícias da vingança que ele de antemão saboreava. Quando chegará a

minha vez? - murmurei baixinho ... Falas de uma entrevista com tua madrasta e acho muito justo, mas, como a

obterás? Ele me fitou com olhos profundamente calmos : - Eu sei o que digo e porque o digo; só te peço que tenhas

paciência, pois te garanto uma vingança completa. Por enquanto, nada posso adiantar, mas depois que estiver com

minha madrasta, tudo saberás. Afagando novas esperanças, voltei ao castelo, onde a condessa se conservou invisível

durante três dias. Na manhã do quarto dia, mandou chamar-me e quando apareceu fiquei surpreso com o seu aspecto.

Procurando velar o rosto palidíssimo e as olheiras roxeadas, falou-me em tom lastimoso : - Padre, aconselhe-me na

minha desgraça, por amor de Deus! - Filha amantíssima, creia que terá em mim o conselheiro e protetor que prometi

ser ; fale, descarregue o

coração; eu sou o médico da alma e hei de encontrar o bálsamo para sua consciência. - Meu padre, tenho

no senhor a

minha tábua de salvação, a minha única esperança neste mundo. Sei que é misericordioso como aquele Senhor a quem

serve. Confrangeu-se-me involuntariamente o coração: aquela mulher era uma grande criminosa; mas naquele momento

falava com sinceridade e convicção ; ao passo que eu, servo de Deus e de Jesus, tinha traído o segredo

confessional, depois de fingir-me apaixonado, no intuito de aniqüilá-la. Curvei a cabeça e parece que algo como a

voz da consciência me dizia : covarde, traidor, perjuro, como te apresentarás no tribunal do Senhor? A condessa não

podia ler meus pensamentos, pensamentos que eu mesmo considerava sinal de fraqueza e como tais repelia. Comecei

então por perguntar-lhe o que pretendia fazer, antes de dar meu parecer. - Não sei, meu filho está louco, a exigir

que professe; eu, por minha vez, me sinto aterrada com uma prova tão evidente da sentença divina e estou disposta a

tudo fazer para expiar minha falta. O convento me apavora; mas, diga : poderei reparar minha falta nos meios

profanos, sacrificando tempo e fortuna em benefício dos pobres e dos enfermos, ou deverei amargurar o resto da

existência em clausura religiosa? Respondi-lhe sem hesitar : Certo, seu filho doará à Igreja a herança que lhe

pertence e que, dessarte, irá beneficiar os pobres... E quem melhor os conhece, com as suas necessidades, do que

os ministros de Deus? Se minha filha quiser atribuir-me esta tarefa sagrada, eu a desempenharei com alegria, certo

de concorrer para sua salvação. A senhora deve por si mesma, renunciar o mundo, tomar o véu e, como serva humilde

do Senhor, apagar a nódoa do crime horrível que cometeu. Somente atrás das paredes de um convento pode a criatura

humana reaver a paz do espírito uma vez perdida. Mentira ignóbil, pois é lá precisamente que se perde toda a paz e

se engendra um inferno dentro da alma ; a verdade, porém, é que eu tinha prometido enclausurá-la e ela ali estava à

minha discrição. - Submeto-me, disse, baixando os olhos - tomarei o véu... Levantei-me eletrizado e tomando-lhe a

cabeça entre as mãos, disse em voz alta :

- Abençoada sejas, minha filha, e que Deus e seus anjos te mantenham nesse propósito edificante. Também podes

contar com as minhas preces neste sentido. Todavia, não deixes de regularizar os teus negócios temporais,

considerando-te na condição de viajante que segue em busca de longínqua região. Tua fortuna requer cuidados, por

evitar discórdia e malentendidos, após a internação. - Sim, tudo farei e permita-me contar desde já com o seu

auxílio, neste particular. Os dias imediatos passâmo-los concertando o magno assunto. Tudo que lhe pertencia

pessoalmente em dinheiro, jóias, etc., me foi confiado para distribuir aos pobres; uma grande propriedade foi

adjudicada ao Convento das Ursulinas, tocando a nossa comunidade grande soma em dinheiro e terras vinhateiras, como

parte do quinhão cabível a Edgar. Esse quinhão correspondia, mais ou menos, ao que o falecido conde pretendia

legar, e querendo a condessa, tanto quanto possível, reparar o mal, exigi que as disposições do morto fossem

atendidas. Assim, com a descoberta do crime materno, o jovem Alberto teve de muito desfalcado o seu patrimônio.

Quando dei conhecimento das resoluções da condessa, ele quis comentálas e embargá-las, mas eu adverti : - Filho,

você exigiu que sua mãe professasse; foi para impedir esta doação que ela sacrificou seu pai; portanto, é mais que

justo queira agora, para expiar seu crime, executar as vontades da vítima. Quanto à sua fortuna pessoal, está no

seu direito dá-la aos pobres, para que orem por ela e por seu marido. A Igreja, como sabe, tem um direito

consagrado, atinente à fortuna de seus irmãos; portanto, não há o que embargar, ainda mais quando resta muito

dinheiro, terras e castelos, ao senhor de Rouven. Mais : ao senhor resta-lhe a liberdade, a riqueza, todos os bens

mundanos e poderá, qual águia de asas soltas, planar sobre os dois rochedos, nos quais vão viver seqüestrados do

mundo a ex-condessa de Rouven e seu nobre enteado Edgar. Quatorze dias passados, rompendo as brumas da manhã,

acompanhei a senhora Matilde ao convento das Ursulinas, depois de haver resignado o cargo de capelão do castelo,

prevenindo ao jovem conde que, de volta, seguiria definitivamente para o meu mosteiro. A condessa apresentou-se

toda de preto e, após despedir-se do filho e dos fâmulos, aos quais na véspera distribuíra presentes,

desceu, apoiada em meu braço, aquela mesma escada de honra que eu galgara um dia, cheio de esperanças, pela mão de

Edgar. Comitiva composta de alguns pajens apenas, a cerração forte logo encobriu a silhueta do castelo num véu de

cinza. Pensativa, cabisbaixa, a companheira de viagem não disse uma palavra. Após três horas de caminho avistamos

o convento das Ursulinas. Para demonstrar humildade, a condessa apeou e prosseguimos a pé. Tocando a sineta do

portão, veio-me à mente a primeira visita lá feita. Franqueada a entrada, tive de amparar D. Matilde, que parecia

prestes a desmaiar. A abadessa recebeu-a de braços abertos, estreitou-a de encontro ao peito, chamando-a de irmã.

Não mudara, a abadessa : era a mesma figura beatífica, de olhar sereno. Notei que me fixou com insistência, mas não

me reconheceu e saudou-me com muita afabilidade. Disse-lhe que era o confessor da condessa e queria continuar

assistindo-a, ainda, porque, como executor de suas disposições testamentárias, teria de lhe prestar contas. Ao

mencionar o legado opulento, destinado à sua comunidade, a zelosa pastora da Igreja me apertou efusivamente a mão,

dizendo em tom melífluo : - Muito bem, padre; venha, sempre que quiser, consolar nossa irmãzinha e creia que será

sempre benvindo. Despedi-me e, nada mais tendo a fazer no castelo de Rouven, dirigi-me para a Abadia, a fim de

entender-me com Edgar. Ele me ouviu radiante mas, passada a primeira emoção, contou que havia surpreendido uma

entrevista do prior com Mauffen, porém em termos tais que o deixaram indeciso e confuso, sem saber o que pensar. O

grande caso é que o abade tinha usado uma linguagem de cabotino e não de um homem da sua classe. E falaram também

de um chefe, sem o nomear, já se vê. Afora isso. adquira a certeza de que Berta era a mesma condessa Rosa, e que o

tal Dilauffen tramava uma vingança contra Léo de Loevenberg, pois que o citara com ameaças. Como via, era já alguma

coisa e com paciência também me chegaria a vez de cobrar as contas de madre Bárbara e de minha mãe. Dias mais

tarde, fui às Ursulinas e lá estive com a condessa, já enfronhada no seu hábito de noviça. Resignada, declarou-me

que o seu amor por mim era o seu único consolo neste mundo. Intra muros", para distrair e matar o tempo, voltei a

trabalhar com pai Bernardo, o sábio infatigável, sempre na pista de alguma descoberta e de tal modo absorvido nas

coisas transcendentes, que tudo esquecia, inclusive seus próprios planos de vingança. Dois segredos, sobretudo,

queria ele arrancar aos arcanos da natureza : a fabricação de ouro e a manifestação das almas desencarnadas. Com

esse objetivo, estudava noite e dia e assim passávamos o tempo debruçados sobre velhos manuscritos, contendo

estranhas experiências e relatos de necromantes egípcios e caldeus. Bernardo fazia de asceta, alimentando-se do

estritamente indispensável, a ponto de parecer isento de tôda e qualquer necessidade fisiológica. Sua vida era tão

espiritualizada que chegava a esquecer que tinha corpo. O prior visitava-o, uma vez ou outra, no laboratório.

Bernardo pouco falava e lia muito, anotando quanto lia, num pergaminho; mas, se houvesse de fazer qualquer

explanação ou comentário, era magnífico de verdade e erudição. Um dia, ocupado em pesar alguns ingredientes que

desejávamos fundir, sempre no afã de obter ouro, enquanto o prior assentado diante de pequena mesa lia um velho

tratado, vimo-lo interromper-se de súbito e dizer naquela voz metálica, toda sua: - Irmãos, vejam quão cegos e

atrasados ainda estamos; ouçam esta maravilhosa narrativa de um visionário caldeu, que acabo de traduzir neste

velho alfarrábio : "Tendo, quanto possível, desacostumado o corpo de toda necessidade material, sobretudo de

alimentação, que embota a inteligência, (eu havia notado diversas vezes que, depois de um copioso repasto, me

sentia amolentado) consegui, à força de periódicos jejuns e concentração mental sobre questões abstratas, consegui,

repito, deixar e retomar o corpo à minha vontade. E fazia-o colocando-me em sítio amplamente aclarado, fitando o

sol. As primeiras experiências foram infrutíferas ; nada perdi com isso, de vez que os raios do astro em torno do

qual gravita o nosso planeta, deveriam depurar-me. Quando consegui fixar persistente e ininterruptamente o foco

luminoso, não pude mais despregar dele os olhos, e pouco a pouco comecei a ver uma luz radiante penetrar-me o corpo

e o encher de massas nebulosas, de sorte que, por elas premida, a alma pouco a pouco se lhe evadia, em amálgama

igualmente nebuloso, porém prateado, à semelhança de uma cascata esbatida à luz do sol. Certo estava eu de ser a

alma que se destacava, pois essa massa nebulosa era o molde exato do corpo, posto que mais diáfano, mais belo, como

se presume peculiar a todo espirito com permissão de exte-

riorizar-se. Apenas um cordão luminoso, muito espesso e sólido, ligava o espírito ao corpo, facultando a este

movimentar-se à vontade, e contudo, impedindo-o de libertar-se completamente. Pude, então, distinguir todos os

objetos ao redor, vi um grande rochedo a meu lado, ao mesmo tempo que lhe via o âmago ; vi que o mesmo raio solar

ali penetrava e com isso parecia decompor-se em milhões de gotículas multicores. Depois, meu espirito visitou as

entranhas do globo e lá percebeu os mesmos raios de sol vivificante. Notei que, sempre depois das flamas

policrômicas, havia alguma coisa que lembrava a fumaça. Regiões havia onde tudo borbulhava, à guisa de água

fervente, desentranhando-se pouco a pouco em faíscas depois, fumarada negra que, desfeita, deixava entrever linhas

como de cristais, uns de ouro, de metais outros, ainda outros de pedras preciosas. Era como se lhes assistisse à

formação". Nesse ponto, calou-se o prior e nos disse : - Apenas até aqui pude fazer a tradução, porque o texto está

quase ilegível e muitos vocábulos me são desconhecidos; todavia, o sentido geral está no que acabo de ler; o que

penso de tudo isso, meus irmãos, é que precisaríamos conhecer as manipulações do invisível, que produzem ouro, e

não misturar, como fazemos, elementos já formados. Para conseguir esse intento, seria preciso podermos observar e

produzir as substâncias gasosas, tais como as viu o caldeu e isto não será jamais possível, pois que se trata de

matéria tão sutil quanto a que constitui a nossa própria alma. É fácil de compreender o interesse com que

acompanhamos a leitura e comentários do prior que, tendo um fundo de verdade, dava muito que pensar e suscitava mil

problemas. Se pudéssemos ter alguém capaz de os resolver ! Sim, eram gigantes que perseguíamos, sem jamais os

atingir, esses mistérios da natureza, que formigavam a cada passo, a cada olhar, no presente como no passado ou no

futuro. O próprio homem era um abismo insondável. Como se unia e se separava no corpo, esse ego invisível que

pensava, sofria, estudava e podia ainda ter afeições, ódio, raiva, ciúme, quando nada mais dele restava que massa

Inerte, como aquele cadáver de Godeliva que, também ela, tinha amado, sofrido, falado? Mistério ! Tudo isso se

ocultava nesse espaço transparente ; assim refletindo, tudo me pareceu insignificante, inútil, mesquinho, inclusive

eu mesmo, com todos os meus planos de vingança. Atrás de nós, quantos séculos e gerações extintas! Quantos

grandes homens com seus feitos e glórias desaparecidos, amortalhados nesse invisível onde, evidentemente, havia

lugar para todos. Enterrei a cabeça nas mãos, assoberbado, esmagado por inumeráveis enigmas que me preocupavam sem

que pudesse resolvê-los. Meu cérebro afigurou-se-me comprimido, experimentou uma coiro desordem funcional do

pensamento, como se esbarrasse num muro inabalável. Oh! Deus! - pensava se me fora dado levantar, a qualquer tempo,

uma pontinha desse véu, eu sacrificaria por essa vitória a própria vida. - Frei Sanctus - falou nesse momento a voz

do prior - não se aflija tanto assim; nossos miolos não são feitos para funcionar como queremos, mas... (aproximou

-se, pôs-me a mão no ombro e disse em tom firme) nós fomos criados para trabalhar e não para sonhar ; não se

entregue a tão lindas quimeras, que nos parecem promissoras de ricas descobertas e não passam de traiçoeiras

ciladas, pesadelos que só se desvanecem quando aqui (batendo na testa) tudo paralisa. A vida nos é dada para

viver... Vivemo-la, pois. - Sim, - murmurou pai Bernardo ele poderá fazê-lo com sua alma de gigante, com a sua

inteligência infatigável, mas, nós, pigmeus, eu pelo menos... Também me levantei dentro e fora de mim, tudo me

parecia incolor: futuro sem finalidade, meus projetos de vingança mesquinhos e ridículos. Antecipei-me no tempo e

no espaço, como se tudo houvesse realizado, vendo-me, sentindo-me alquebrado, envelhecido, confrontando um

resultado desolador para, finalmente, reentrar em o nada incongnoscível, na pátria de minha alma! Impossibilitado

de prosseguir no trabalho, pedi licença a pai Bernardo e voltei à minha cela. Ali fiquei alguns dias, acabrunhado e

apático mas, pouco a pouco, a mocidade reagiu, a impressão se desvaneceu e o tédio da vida monacal me reconduziu ao

laboratório de pai Bernardo. Tudo entrou no ritmo habitual. Semanas e meses decorreram sem acontecimentos dignos de

menção, até que um dia de manhã, Edgar me entrou na cela com um sorriso enigmático. - Ângelo, é hoje que a condessa

Matilde faz ato de profissão. Á tarde irei visitá-la e tu, findo o ofício da noite, irás esperar-me lá no velho

subterrâneo. Depois de rever minha madrasta, dar-te-ei a grande alegria, que há muito te venho prometendo.

Quis interrogá-lo, mas, logo se afastou, alegando ocupações. Um vago mal-estar me acabrunhou todo o dia. Eu não me

tinha afeiçoado a D. Matilde e, sem dúvida, essa criatura soberba e criminosa, fizera jus ao seu destino; mas, a

contragosto, não me saía da idéia que ela em Deus tinha um juiz superior a Edgar, e que o terrível transe que

arrostava, bem como a terrível entrevista em que haveria de perecer, eram obra minha. Esperei impaciente a hora

aprazada e, tomando uma tocha, dirigi-me para o ponto marcado. A velha catacumba era uma grande cripta subterrânea,

já inteiramente coalhada de sepulturas. Ninguém lá descia e eu estava certo de não ser incomodado. Prendi a tocha

num gancho de ferro e assentei-me no rebordo de uma campa. De todos os lados e, tão longe quanto o olhar podia

alcançar, elevavam-se monumentos funerários e as próprias paredes estavam revestidas de placas de mármore ou de

bronze. A luz oscilante da tocha fazia surgir da escuridão, ora a silhueta de um cavaleiro ajoelhado, ora a cabeça

de uma mulher de mãos postas, ou algum escudo - último sinal da estulta vaidade humana. E eu considerava

melancolicamente : todas aquelas criaturas, cujas efígies ali apareciam litografadas, estavam mortas de há séculos,

tinham-se engolfado no ignoto nada e também lhe haveriam sondado o mistério ! Esse problema da morte, que tanto me

interessava, de novo me empolgou. Não sei quanto tempo ali sonhei, senão que estremeci quando o sino badalava a

meia-noite. Edgar tardava. Teria ficado retido na Secretaria? Mas.., nesse instante, ouvi passos no fundo do

subterrâneo e Edgar me apareceu, saído não sei donde. Pela expressão do rosto, deduzi a satisfação do ódio saciado.

- Obrigado, Ângelo, - disse, apertando-me a mão - as horas hoje vividas me acalmaram e reconfortaram. - Viste-a? -

perguntei, sentindo a mesma impressão penosa que me apoquentara o dia todo. - Sim, vi aquela que já não passa de

sombra do que foi : a soberba condessa de Rouven. Ela tremeu, ao reconhecer-me, amargando a ironia com que encareci

minha vingança, bem como o teu nome e a tua traição. Agora, estou bem certo de que ela experimenta os mesmos

sofrimentos que eu amarguei, ao privar-me de tudo : nome, honra, liberdade, sacrificado em vilíssima intriga. Que

ela prove, também, os horríveis momentos nos quais o burel me parecia de chumbo e desejava arrebentar a cabeça de

encontro a estas paredes, feitas túmulo de minha vida.

Por agora, baste-lhe compreender o que sofri ; a ela que, habituada a mandar e a governar, não passará de

instrumento servil nas mãos de uma criatura como a madre Bárbara. Mas, olha que também te trago novas dessa boa

amiga. Ficam para mais tarde, porém, visto que agora quero dar esta prova de meu reconhecimento e que gozes os

remanescentes do amor que porventura ainda te reste no dilacerado coração. Nesse momento, dois vultos até então

despercebidos, destacaram-se da parede e duas freiras surgiram no ambiente mal aclarado pela tocha. A que de mim se

aproximou, deixando cair o véu, deslumbrou-me simplesmente! Ébrio de amor, louco de alegria, estreitei-a em meus

braços. Era Nelda! Sim, Nelda, minha irmã e, sem embargo, criatura da minha paixão. Uma nuvem me

passou pelos

olhos. - Tu aqui ? Que milagre é este? Recuei um passo, sem lhe deixar as mãos, e pus-me a examiná-la. Sim, era bem

ela, com a sua tez pálida, feições mudadas, mas sempre bela. Assim, inebriado, só depois de algum tempo volvi à

realidade, e vi Edgar encostado e, junto dele, a outra freira - Maria de Falkeinstein, cuja fisionomia espelhava

profundos sofrimentos morais, apenas atenuados pela presença do homem amado. - Assentemo-nos e falemos do que nos

interessa disse o companheiro, dando o exemplo. - Explica-me todos estes mistérios, Nelda Deixemos isso para

amanhã - interpôs Edgar

- e ouve agora as notícias graves que tenho a dar-te. Não me tenho descuidado, nem tu tampouco, e teu dia chegará,

pois já temos em mãos todos os fios da meada. Basta considerar que Nelda e Maria aí estão, nas Ursulinas, e nada

do que lá ocorrer nos escapará na trama. Toda a confraria está farta de madre Bárbara, com a sua refalsada

hipocrisia, e Maria tem elementos para destroná-la. Neste caso, nada mais preciso dizer, senão que também temos uma

galeria de comunicação com o convento, tão certo como aqui estarmos reunidos. Também não somos os únicos que têm lá

preso o coração. Já sabemos que a condessa Rosa se refugiou junto de sua amiga Bárbara ; de sorte que não será

difícil agarrá-la. Entretanto, antes de mais nada, precisamos capturar a abadessa e assim terás duas presas em

penhor de vingança. Outras tantas também me restam: - Waldeck e meu irmão. Eliminados

eles, poderei cuidar de mim, e então... quem sabe? talvez consiga realizar meu sonho... Mas ... - é tempo de nos

separarmos - disse, levantando-se. Até breve, pois agora poderás ver Nelda sempre que quiseres. Despedimo-nos; as

freiras desapareceram.   Edgar retesou-se e com olhos brilhantes, falou : - Sabes o que sonho e me inferna noite e

dia? - Como imaginá-lo, além da tua vingança, que vemos tão bem encaminhada - Isso é secundário -- disse com

vivacidade - o fato é que estou na pista de uma intriga inacreditável... (curvou-se e segredou-me no ouvido) nosso

prior não passa de um títere, dirigido por mão hábil, e todos nós somos instrumentos dessa vontade oculta. Ninguém

me tira da cabeça que o prior tem duas personalidades, uma que manda e outra que obedece, passiva e cegamente. Todo

o sistema admirável da confraria, triunfos, prestigio, riquezas, pode atribuir-se aos talentos desse homem

desconhecido; mas, no fim se não encontrasse auxiliares como nós, isto é, obreiros para toda espécie de crimes

secretos, nos quais não emporcalha as mãos. Ora, isso me revolta, pois bem sabes que nasci antes para mandar que

ser mandado. Certo estou de que, se lhe ocupasse o lugar, com os poderes de que dispõe, faria muito mais, e melhor.

Bernardo me prometeu a cruz de ouro, antes que eu nela pensasse, e agora essa idéia me persegue: - O prior tem que

ser deposto, tanto como a madre Bárbara, para que fiquemos senhores de tudo, já que no presente não passamos de

escravos, e o que mais é - escravos de algum aventureiro, talvez. - Quem poderá ser? - perguntei inquieto - pois

também já me havia ocorrido a mesma suspeita. - Sei lá! O que sei é que precisamos descobri-lo. Nesse intuito,

tenho feito minucioso exame de todos os colegas, estudando-lhes o andar, os gestos, o timbre de voz, etc ; e

conclui que ele não se encontra entre nós. Dirse-ia que surge sempre do quarto do prior, mas ainda não encontrei um

meio de o identificar. Preocupado e intrigado com todas essas conjecturas, não me contive e disse: - Olha que

estás jogando uma partida arriscada; a perspicácia desse personagem que nos dirige é bem maior que a nossa, e se

bem que eu faça justiça à tua energia e argúcia, temo que não possas competir com ele.

Meu amigo corou vivamente e li no seu olhar algo de ironia e rancor. - Pensas que me falte inteligência e energias

para descobrir essa farsa e atingir meu escopo? Então, quero me prestes um juramento. - Qual é? - O de não tentares

conquistar o priorato, caso eu consiga, com os meus esforços, a sua vacância. - Juro-te pela minha honra. -

Obrigado ! e agora, duas palavras mais, para que possas dormir inteiramente tranqüilo : sabe que fui à minha

madrasta, entrando pela portaria e dizendo-me teu mensageiro, pois seria perigoso (sorriu ironicamente) darlhe a

suspeitar a existência de um caminho mais certo e mais discreto, para rever Pater Sanctus - caminho por mim

descoberto muito antes, quando espionava o prior, que também o utiliza nas suas entrevistas. Aliás, foi por seu

intermédio que pude rever Maria, e foi igualmente dele que obtive licença para te aproximar de Nelda. Em geral, os

confrades que, como nós, têm velhas afeições nas Ursulinas, são os únicos a gozar desta regalia visto que as novas

relações são proibidas.   E agora que tudo sabes, boa noite. Algum tempo transcorreu sem maiores novidades, até que

um dia recebi a visita inesperada do barão Wilibald de Launey, pálido, desfigurado, visivelmente abatido de corpo e

alma. - De passagem por aqui, não quis perder a ocasião de visitá-lo, disse. Depois, contou em poucas palavras que

se tinha casado, mas não era feliz e que o infortúnio da irmã ainda mais o acabrunhava. Que houve, então?

perguntei ansioso e interessado pela formosa Rosalinda, cuja união abençoara. - Ignorais, então, o que por ai corre

de boca em boca? - Nada sei, absolutamente. Ele passou a contar que o conde de Mauffen, após haver muito perseguido

sua pobre irmã, cometera para com ela toda a sorte de infâmias. Por último, numa reunião, acusara Loevenberg de

haver, à falsa fé, assassinado o cavaleiro Sezefredo Mauffen, seu primo, quando este se dirigia, a negócios, para o

castelo de Loevenberg, acrescentando que o cadáver fora mais tarde encontrado em terras de Léo. Este, indignado,

protestou, e Mauffen man-

teve a acusação, insinuando que o acusado herdaria uma parte dos bens da vítima, cuja mãe, tia de Loevenberg,

detestava Hugo de Mauffen e tinha testado o sobrinho, caso o filho morresse sem deixar descendente. A discussão

degenerou em escândalo e acabou em recíproco desafio, resolvendo os contendores apelar para o juizo de Deus.

Rosalinda, quando soube, ficou exasperada e fez questão de assistir ao encontro, cujo desfecho lhe foi

desfavorável. Vendo tombar o marido, ela deu um grito que espantou todo o mundo, ainda porque, todas as simpatias

recaiam em Léo. O duque, visivelmente surpreso, não sabia como decidir o aniquilamento do vencido, diante

da jovem

esposa, considerando a grande paixão que os unia. No primeiro instante, Rosalinda estendia as mãos súplices para o

duque; mas, de repente, vimo-la estremecer e bradar : - Não, excelência! eu seria um inimigo pior que esse desleal

assassino, se vos pedisse a conservação de uma vida desonrada. Antes morto que desonrado! E calou-se. Eu, ocioso é

dizê-lo, perdi a cabeça. Ver sucumbir assim o nosso bondoso e querido Léo, sem poder valer-lhe! Nosso tutor

Rabenau, que tinha ido assistir ao combate, do nosso palanque, tomou Rosalinda em seus braços para subtrai-la à

visão do pavoroso desfecho. Essa narrativa me comoveu profundamente, devido à espontânea simpatia que o leal

mancebo sempre me inspirara. - Onde está Rosalinda agora? - perguntei. - Em casa de Rabenau, que lhe dispensa as

maiores atenções e cuidados. Parece que o heroísmo de minha irmã levou Lotário a esquecer a falta de confiança no

caso dos esponsais. Imaginai porém, Pater Sanctus, que esse patife de Mauffen, não satisfeito com a morte de Léo,

ainda roubou o cadáver que, levado para uma barraca e lá depositado, desapareceu e não houve meios de o descobrir.

Disto não demos ciência a Rosalinda, que ardia em febre e nada podia, felizmente, resolver por si mesma. Mas, eu

espero que há de chegar o dia de ajustar contas com esse Hugo de Mauffen, a quem voto ódio de morte, como bem

podeis avaliar. Pouco depois, Wilibald se retirava. noite, desci ao subterrâneo, lá encontrando Maria e Edgar.

Nelda chegou logo depois e começamos a falar dos nossos assuntos. As duas raparigas revelaram que tinham conseguido

propagar um surdo movimento de revolta contra a abadessa, cuja requintada maldade se tor-

nara, de longa data, intolerável a toda a confraria. Tudo estava previsto e preparado, apenas aguardando um momento

favorável. Além disso, Nelda havia surpreendido uma entrevista do prior com a condessa Rosa que, estava mais que

provado, era a estalajadeira Berta, em carne, e osso. Com grande surpresa de Nelda, eles haviam falado de um chefe

e o prior dissera que a vida abacial lhe era um fardo insuportável, tanto que, se pudesse assenhorearse do cofre,

quebraria as algemas e daria o resto ao diabo. Ouvindo tal coisa, Edgar levantou-se e começou a passear de um lado

para outro. Lembrou às duas amigas que era tempo de partirem e recomendou não perdessem de vista os colóquios de

Rosa com o prior. Uma vez sós, Edgar se perfilou e disse : - Estás vendo? O prior é um fantoche e nada retém :

contudo, quando precisa, nunca lhe falta dinheiro! Sabes o que pretendo fazer? Disponho de soma considerável, tu me

fornecerás parte do que recebeste de minha madrasta e eu tentarei corromper esse testa-de-ferro, que deve ser um

caráter maleável. Afastado ele, o cargo, assim vago, será meu. Ah! se eu pudesse saber quem é esse verdadeiro

chefe... Para o momento a descoberta não era fácil, mas o acaso protegeu os projetos do amigo. Uma noite, quando

descíamos ao subterrâneo, ao passar rente aos cômodos do prior, no mesmo local onde, certa feita, já ele havia

surpreendido uma conversa suspeita, ouvimos o murmúrio de duas vozes. Paramos cautelosos. Dizia alguém: "cão

ingrato, desobedeceste-me pela segunda vez e assim acabarás comprometendo-nos a todos; abusas da posição

independente que te facultei. Vamos, dá-me conta do dinheiro que te confiei e dissipaste. Livra-te de me esgotares

a paciência e não suponhas que podes zombar de mim. Tu não me conheces ; quebrar-te-ei como se quebra um vidro...

Eis o chefe, - sussurrou Edgar - e logo a voz do prior ecoou em tom servil: - Mas, conde, eu estou inocente ; que

mais posso fazer? Há muitos anos que vos sirvo, procurando fazervos todas as vontades e nunca estais satisfeito.

Deus é testemunha de minha gratidão ; mas a verdade é que muito me maltratais... - Bem, bem, conheço os teus

melindres - revidou o outro - mas ouve: é preciso ter de olho o irmão Benedito, que me rastreia, e cujos olhares

suspeitos tenho já

surpreendido. Esse homem não me agrada. Já lhe proporcionei meios de se vingar, que mais poderá querer? Edgar me

travou do braço e continuou dizendo : - Foi bom saber que ele desconfia de mim. Saberei precaver-me no redobrar dos

esforços, e fica sabendo que hei de saber quem és, ó Argos, que ouves crescer as plantas ! Porque, justiça lhe seja

feita, é mesmo um tour de force o ter surpreendido a minha espionagem. - Sim - confirmei - e vale repetir que estás

fazendo um jogo perigoso, enfrentando esse homem arguto e suspicaz. - Veremos : quem não arrisca não petisca e de

resto, (sorrindo significativamente) não me apraz combater inimigos menos valorosos. Bem ouviste que se trata de um

conde, e isso para mim tem muito valor. Separamo-nos. Fui procurar pai Bernardo, mas devo confessar que meus

trabalhos de laboratório, tanto quanto os planos de vingança estavam arrefecidos pelos idílios secretos com a

encantadora Nelda. Minha paixão por ela revivescera mais ardente que nunca, e era correspondida sem peias nem

medidas. Não havia entre nós escrúpulos nem remorços, os amores ilícitos vicejavam maravilhosamente, atrás das

paredes espessas dos dois austeros conventos. Algumas semanas assim decorreram, até que uma noite Benedito me

comunicou que chegara a ocasião tão desejada de abater a abadessa. Um surto variólico irrompera no convento,

algumas freiras haviam falecido, enquanto outras, já contaminadas, perigavam. Graças a uma droga de pai Bernardo,

madre Bárbara também se mostrava muito indisposta e Maria e Nelda, que a assistiam, declararam-na também atacada do

mal ; de sorte que, para evitar o contágio, ninguém podia visitá-la. Na noite seguinte, tudo foi preparado e surtia

o efeito desejado. A abadessa, narcotizada, foi carregada por nós para os subterrâneos, e ali depositada em uma

das prisões secretas, onde eu me poderia vingar à vontade, arrancando-lhe tôdas as revelações concernentes a minha

mãe e ao meu nascimento. Enquanto assim operávamos, secundados por outras colegas hostis a madre Bárbara,

geralmente detestada por sua maldade, substituíram o seu corpo pelo de uma freira falecida, cujo rosto desfigurado

pela enfermidade mal se reconhecia. No dia seguinte, conhecido o passamento, o temor do contágio e a precipitação

do enterro facilitavam a não identificação do cadáver, de sorte

que madre Bárbara estava definitivamente morta para o mundo e para a sua comunidade. Sendo Maria de Fal kenstein

muito estimada por sua inteligência e bondade, quanto pela integral doação de sua enorme fortuna ao convento, foi

eleita abadessa. Era uma grande vitória de Edgar, que assim ficava senhor absoluto do cofre das Ursulinas, de vez

que Maria estava sempre disposta a sacrificar tudo pelo seu bem-amado. E como Nelda assumiu o cargo de tesoureira,

nada mais poderíamos desejar. Nosso Edgar precisava de muito dinheiro para movimentar seus planos e, ainda bem que

naquela época não havia sistemas de fiscalização como os de agora. Tendo aqui mencionado estes fatos, para maior

clareza da narrativa, volto a madre Bárbara, trancada a sete chaves, com uma trégua de quinze dias para pensar e

convencer-se de sua impotência. Uma noite, munindo-me de boa vergasta e de material de escrita, desci ao calabouço.

Era meu intento anotar-lhe antes de tudo a biografia, que presumia interessantíssima. No estreito cubículo

arredondado e escassamente alumiado por uma lamparina, a enxerga de palha, um banco e mesa de pedra, constituíam

todo o mobiliário. Quando lá entrei, pálida e desfigurada, madre Bárbara estava estendida na miserável enxerga.

Tapando o rosto com as mãos, rompeu em soluços ao lhe ordenar, seca e severamente, uma completa confissão, sob pena

de castigo humilhante Mostrei-lhe a vergasta significativamente, recuou aterrada e disse : - Confessarei tudo! -

Não me dei a conhecer, pois não queria influir na confissão, para assim poder melhor apreciar a sua sinceridade.

Maria tinha-me entregado toda a correspondência particular da "boa" abadessa e foi dessa forma que vim a saber que

ela amara loucamente o Sr. Teobaldo e havia, por despeito, desiludida, professado. Após, protegera os amores da

condessa Rosa com o duque. Finalmente, um bilhete deste, agradecendo-lhe o haver denunciado os planos vingativos do

sr. Teobaldo, ou seja, do conde Bruno de Ratenau. Em geral, esses pergaminhos mencionavam muitos fatos cuja

significação me escapava, porque tópicos havia intencionalmente destruídos. Assentado, preparei meus cadernos e,

colocando a tocha de maneira a lhe aclarar o rosto em cheio, intimei-a a começar, acrescentando que fora incumbido

de um inquérito sobre os velhos amores de Rosa com o duque, bem

como do fim que tivera um filho dessa ligação adulterina. Em voz baixa, entrecortada de suspiros, eis que lhe ouvi

: - Órfã muito cedo, fui criada por uma tia muito amiga da condessa de Rabenau, mãe do sr. Bruno, a quem conheci,

pode-se dizer, na adolescência. Rica e bem nascida, houve quem projetasse nosso casamento, que passei a desejar de

todo o meu coração. Bruno era realmente um belo rapaz e me inspirou uma paixão como jamais pude encontrar na vida.

A verdade, porém, é que me não correspondia e até me tratava com indiferença. Quando sua mãe lhe deu a conhecer que

aprovava o casamento, ele se excusou peremptoriamente e, para evitar disputas e controvérsias com minha tia e com

sua mãe, resolveu fazer longa viagem, sem a ninguém prevenir. Esse procedimento me indignou a tal ponto que resolvi

professar e doar ao convento toda a minha fortuna. Entretanto, minha paixão malograda se transformou em ódio

inominável, e a idéia da vingança me perseguia noite e dia. Um ensejo se apresentou mais depressa do que pudera

esperar. É o caso assim. Bruno tinha um irmão mais novo, já casado, e com o qual morava sua cunhada Rosa, que, não

obstante mais moça do que eu dois ou três anos, tornou-se minha amiga íntima. Quando entrei para o convento, ela me

veio visitar muitas vezes; mas, de repente, desapareceu e meses depois vim a saber que esposara o homem que eu

amava perdidamente. O que se passou, então, no meu íntimo, só Deus o sabe... Mais tarde, quando ela reatou suas

visitas, desejei envenená-la, não só para arrancá-la ao marido, que eu adorava, mas também para o ferir no coração.

Todavia, um fortuito incidente me fez mudar de resolução. Tinha notado que a condessa, frívola e sensual, não

correspondia absolutamente ao amor de um marido tão belo quanto generoso; tanto que, em nossas palestras, só me

falava da corte que lhe fazia o duque, também jovem e sedutor, a esse tempo. Um dia, tive a diabólica idéia de

ajeitar o assunto e perguntar se lhe agradaria conquistar o amável duque e a resposta afirmativa não se fez

esperar, sem a menor hesitação. Quanto ao mais, eu sabia como agir. Tendo conservado algumas amizades na corte,

vali-me delas para obter uma entrevista com o duque e, com as devidas cautelas, lhe dei a entender as boas

disposições da condessa. O duque se inflamou e as coisas logo se verificaram à medida dos meus desejos. Facilitei-

lhe os encontros com Rosa, que, leviana e vaidosa por natureza, deixou-se empolgar por essa ligação. Estava o duque

igualmente rendido nessa aventura, quando Rosa começou a se queixar que não sabia como escapar à vigilância do

marido. Troquemos os papéis, propus-lhe. Representarás aqui o de abadessa, recebendo teu duque; dir-te-ei onde e

quando e enquanto isso, eu representarei o de esposa do conde Bruno. Para explicar a possibilidade desse projeto,

direi que o conde estava sofrendo uma enfermidade da vista, que nada lhe permitia ver à noite. Como lhe houvessem

aconselhado banhos frios de imersão, no lago, fora residir algum tempo no seu castelo de Lothersee que, como

sabeis, fica perto do nosso convento. Longo seria contar por que acaso eu tinha descoberto uma galeria subterrânea

entre o castelo e o convento. Onde começaria essa galeria, nunca ousei investigar. Rosa recebeu minha proposta com

uma gargalhada, mas acabou aceitando-a com entusiasmo... Visitou pessoalmente a galeria e viu que ia dar no

oratório, junto do quarto de dormir. Tudo mais se realizou como lhe propusera. Omito as minúcias, para só dizer que

dentro de um ano Rosa teve um menino e, com pequena diferença, outro me nasceu. O filho de Rosa, que ficara oculto

no convento, morreu. Convinha, porém, ter presos o duque e minha rival, e com esse intuito lhes ocultei a morte do

filho, substituindo-o pelo meu, devidamente marcado no berço. Mais tarde, Rosa o entregou à sua irmã, condessa de

Rabenau, que o criou e mandou educar secretamente num velho castelo. Depois disso, apenas uma vez tive ocasião de

ver este filho, já homem feito, mas sem lhe poder dizer que laços nos prendiam..." Ouvindo tal, faltou-me o ar,

tudo rodava em torno e gritei quase asfixiado: - Mentes! Não sou, não posso ser teu filho! E ela recuando

espantada: - Vós - mas, quem sois vós? Levantei a manga do hábito, mostrei o braço nu. - Ângelo! - exclamou. -

Provas! Provas! Quero provas... E sacudi-a. Levantou-se, tirou de sob o manto enorme relicário preso a um cordão de

ouro e desatarrachando-lhe o fundo, retirou e me entregou duas minúsculas tiras de pergaminho. Desdobrei-as e li em

silêncio : "A criança está enterrada em lugar seguro; a mulher que requisita aí estará na hora marcada... Consegui,

sem maior obstáculo, o anel para marcar a criança e irei buscá-lo quando determinar. Eulenhof".

Na segunda tira, em grandes caracteres, estas palavras quase ilegíveis: "Recebi a quantia prometida. A abadessa deu

à luz um filho. Gilda". Esta última carta - continuou madre Bárbara - eu a obtive de Eulenhof a peso de ouro. Mas

nada lhe respondi. Angustiado, deprimido, pus as mãos na cabeça. Sim, já não podia duvidar: era filho daquela

mulher e do homem generoso que me educara com bondade e carinho verdadeiramente paternais. E era ela, minha mãe que

eu ajudara a eliminar e não era tão culpada assim... Que fazer, então? Matá-la? Impossível! Só de o pensar,

estremecia horrorizado. Quem e esse Eulenhof que me apontam a cada passo; onde está ele? - perguntei de súbito -

Mauffen e Godeliva também me falaram dele. Agora é a sua vez e eu tudo quero saber. Ela baixou a cabeça, confusa.

É... (mas deves guardar segredo!) o prior deste convento; somente ele... (calou-se, ao mesmo tempo que um breve

ruído se fazia ouvir na parede oposta). Voltei-me, então, e no mesmo instante abriu-se uma porta cuja existência eu

ignorava, aparecendo-nos o vulto imponente do prior: Muito bem! madre Bárbara! - disse irônico - e logo fechando a

porta : - pareceu-me que falava de um barão de Eulenhof, suposto prior do convento... Estais a contar maravilhas,

e chego a crer que a solitude vos baralhou as idéias. De onde vos veio essa idéia de Barão Eulenhof, prior? O que

eu sei é que o abade deste convento é irmão do Barão, e mais, que é um homem honrado, não um aventureiro do seu

estofo. Pois muito bem, irmão Sanctus: acabastes de encontrar uma mãe, e ainda bem que o coração

ardente de madre

Bárbara lhe inspirou, na mocidade, idéias tão engenhosas..." Eu estava mudo... Pois que! Aquele homem teria o dom

da vista dupla para aparecer sempre a tempo e nos sítios e nos momentos que lhe convinham? - Vamos, senhora

abadessa - continuou o prior - acompanhai-me porque este lugar é indigno de vós. Abriu a porta por onde entrara: -

Suba, suba sem parar, (mostrando-lhe a estreita escada em caracol) nós a seguiremos. Venha conosco, Sanctus.

Subimos, calados, a interminável escada, até que parou, premiu um botão, abriu a porta e enveredamos por estreito

corredor, na extremidade do qual ardia uma lâmpada. Na embocadura da escada via-se um nicho com a imagem da Virgem.

- Segui, senhora, considerai-vos livre. - Que fizestes - perguntei estupefato - que dirão nossos irmãos? O prior,

fechando a porta, voltou-se para mim, de olhos felinos. - Meu caro, sois um palerma; essa mulher é um saco roto.

Uma abadessa, ungida do Senhor, como consentir que a matassem? Acolá (designando o corredor) ela será bem recebida,

disse rindo-se, irônico - pois hoje é a noite de São Francisco e a mulher que cai nas garras de centenas de frades,

jamais lhes escapa com vida... Compreendeis? Recuei, esfregando os olhos. Sim, compreendera ... esse homem era um

demônio! Quando destapei os olhos, ele havia desaparecido. Encostei-me à parede procurando coordenar idéias; ela, a

madre abadessa, era minha mãe e essa descoberta significaria que já me não restavam outros inimigos. Sim, porque

nenhum direito de vingança me assistia contra o duque e a hoteleira Berta. Meu pai era o sr. Teobaldo. E só de o

pensar, meu coração se enchia de vaga alegria. Quanto a minha mãe, porém, que pavorosos segredos possuiria para

que o prior-esfinge a condenasse a um fim tão execrável? De sobra, sabia o que era a noite de São Francisco, na

qual os frades se entregavam a orgias inqualificáveis e pelo que ninguém lhes ped as contas. O coração me pulsava

com violência; eu estava como desatinado, embriagado. Voltei ao subterrâneo e à masmorra vazia, ainda aclarada pela

tocha que lá deixara; e como se fosse eu mesmo um condenado, atirei-me ao banco de pedra, apoiando a cabeça na laje

fria da mesa e adormecendo, ou talvez desmaiando. Quanto tempo assim permaneci, não sei; o que posso dizer é que

fui despertado por violentas pancadas na porta. Levantei-me e abri maquinalmente, para dar entrada a Edgar, que me

encarou com inquietação e espanto. - Angelo! - disse, sacudindo-me pelo braço. Que se passa, que fim levou a

abadessa? - Paciência - respondi assentando-me - vou dizer, mas deixa-me tomar tento.

Benedito assentou-se a meu lado e tudo lhe contei. - Oh! exclamou - é simplesmente horrível ; mas, quem será,

afinal, esse personagem ubíquo, que parece tudo saber e prover? Muito acabrunhado, nada respondi. Benedito

compreendeu e me acompanhou à cela, forçando-me a tomar algum alimento e um gole de vinho, para logo cair em sono

profundo e reparador. No dia seguinte, foi dizer-me que a abadessa estava morta, mas não quis entrar em pormenores.

Taciturno e preocupado, desci ao laboratório, para ver se no trabalho readquiria calma. Semanas depois destes

tristes episódios, Benedito me informou que tinha conseguido uma entrevista do prior, aliás importantíssima. Com

muita prudência o havia sondado, e dada a sua condescendência, chegara a tentá-lo francamente com a promessa de

pingues valores. Evidentemente, propenso a transigir, o prior ainda hesitava, mas ele, Benedito, estava certo de

que atingiria o seu escopo. A esse tempo comecei a ver muito um monge feio, de olhos cruéis, antes despercebido.

Notei que esse monge conversava bastante com o meu amigo e parecia muito ligado ao prior, que lho havia

recomendado. Tinha igualmente a impressão de que aquela cara horrenda não me era estranha, mas onde e como a vira,

isso é que me não lembrava. Uma noite, Benedito me disse: - Vem comigo ao gabinete do prior, pois espero que a

nossa entrevista de hoje seja decisiva. Escondeu no manto um cofre cheio de ouro e lá nos fomos ao gabinete

particular do prior, onde lhe falara da primeira vez para comunicar a reabilitação de Edgar. Desta feita, nosso

digno diretor estava sentado diante de uma mesa abarrotada de pergaminhos, a examiná-los à luz da

lâmpada, com o

queixo espetado nas mãos. Edgar colocou o cofre em cima da mesa, abrindo-o. - Isto vos pertence, se quiserdes falar

; o mesmo vos será dado no dia em que fugirdes; mas, por hoje, é só dizer quem é e como se chama o chefe. Vamos,

dizei, insistia nervoso. O prior fisgava, de olhos cúpidos, as moedas cujo brilho faiscava à luz da lâmpada. Seu

nome... (deteve-se, enquanto sôfrego esperávamos) é... Lotário de Rabenau - concluiu baixinho. Ah! disse eu batendo

na testa. Agora identifico esse olhar de fogo e essa voz vibrante e dominadora.

- Ele... ele, repetia Benedito! - um homem leigo, mundano, sem regalias monásticas quaisquer. Há que vermos, então,

se continua a mandar... Nesse instante, ouviu-se a voz do anão, aguda e rebarbativa, qual de um papagaio : - "Quero

perdê-lo porque o odeio ; bateu-me, só porque pretendi beijar a mão da condessa Rosalinda, que de mim se amedronta

; a ela, porque a adoro perdôo; mas a ele nunca! Ele também ama Rosalinda e meu desejo é matá-lo." Assentamo-nos.

Benedito acertou com Eulenhof, (1) as condições do pacto e seguiram conversando como bons aliados. O anão contou

que, espionando o conde, certificou-se de que ele trabalhava durante a noite e ocultava cuidadosamente os seus

documentos num cofre e que esse cofre, por sua vez, era recolhido a um armário disfarçado pelo forro de madeira

da parede. Eulenhof ia além : e sei, dizia, que o conde nada ordena senão depois de consultar esses pergaminhos,

que devem conter anotações para todos os projetos de futuro e tudo mais que concerne à organização da confraria.

Ouvindo essas palavras, Benedito exclamou : - Preciso obter esses documentos e prometo ao anão o peso de ouro desse

cofre, se ele conseguir furtá-lo. Quando nos retiramos tínhamos a vitória nas mãos. Sabíamos quem era o chefe

temível, o prior sutil e valoroso. Benedito parecia transfigurado. Acabava de lembrar que havia entre os irmãos

vingadores alguns que guardavam sérios agravos do conde de Rabenau e desejavam vingar-se, sem contudo poder atingi

-lo. Desde esse dia Benedito desenvolveu intensa atividade, mas guardando sempre para si os pormenores

do seu

plano. Apenas uma noite, tomando-me pela mão, falou : - Sanctus, vais prestar-me um grande serviço: é que, dentro

de poucos dias, se vai festejar com grande pompa o aniversário natalício do conde Lotário. Tu lá irás, em traje

civil, ao castelo, onde certo ninguém te reconhecerá entre a multidão dos convidados. Tudo observarás e talvez o

anão te entregue o cofre. Impossível recusar tal favor a um amigo como Benedito. No dia marcado, coração ansioso,

tomei o traje simples, mas rico, de um gentil-homem em viagem, pus uma barba grisalha e lá me fui ao castelo de Rabenau.

No (1) Assim o nomearemos daqui por diante.

primeiro burgo arranjei um cavalo, alegando que o meu estropiara e tivera de o abandonar no caminho. Chegada a

noite, aproximei-me do castelo. A ponte levadiça estava arriada e uma turbamulta de aldeões se espraiava pela

estrada. Pedi hospedagem por uma noite.

1 - Entrai, senhor, - falou velho soldado que guardava a ponte

- faz anos hoje o nosso mui nobre e poderoso amo, e todo aquele que Deus envia a esta casa, será benvindo. Entrei.

Um escudeiro tomou conta do animal e convidou-me a subir a escada de honra. O castelo apresentava-se engalanado e

turbilhonante de alegria. Luzes, flores, toda a nobreza das cercanias congregada. Franqueados todos os cômodos, eu

a todos percorria, sem despertar maior atenção. No vasto salão de jantar desdobravam-se os preparativos do

banquete, mesa transbordante de riquíssimas baixelas, terrinas e travessas de prata e nelas, pavões e faisões

assados, um javali inteiro, etc. Noutro salão, inúmeras damas e cavalheiros se agrupavam em torno de um trovador,

que se dizia procedente da Provença e cantava as mais requestadas trovas de amor. Alegria, enfim, animação por toda

parte e o que só me causava estranheza era não ver o anfitrião em parte alguma. Acabei descendo ao parque e

passeando sob a copa das árvores. Noite soberba de estio, tépida, embalsamada, com a lua cheia, em tudo tonalidades

argentinas. De repente, um murmúrio de vozes me despertou atenção. Esgueirei-me adentro de um bosquete e vi uma

clareira com um banco de pedra. Em torno do banco, roseiras floridas. Esse bosquete ficava muito perto das torres e

justamente a porta que dava para a clareira estava aberta, deixando ver uma escada iluminada. O conde Lotário,

dando o braço a Rosalinda, descia a escada conversando, e foram eles que me despertaram a atenção. Acocorei-me

atrás de uns tufos de folhagem e fixei o belo par que acabava de transpor a clareira. Rosalinda, de branco, parecia

pensativa e caminhava de olhos baixos ; o conde, envergando um gibão de veludo cinzento, bordado, ostentava ao

peito as armas rutilantes da sua casa. A roupa justa, consoante a moda, desenhava-lhe admiravelmente o porte

esbelto e a perfeição das linhas, que lhe davam elegância e agilidade juvenis. Assim o vendo, não pude furtar-me à

consideração de que o conde, apesar dos seus 45 anos, podia rivalizar com qualquer mancebo de 25

Rosalinda, - disse ele, com voz discreta, mas na qual identifiquei a voz do prior - você se retrai da sociedade e

se refugia aqui ; mas, diga-me : até quando quer ficar assim? Não haverá um afeto capaz de a consolar? E como ela

se conservasse muda, ele inclinou-se e de olhos enternecidos afagou-lhe as faces ruborizadas: Então, nada

respondes? Ela ergueu os olhos e suspirando, falou: - Se eu traísse a memória de Léo, teria em troca o que me pede

o coração? Acaso poderei fixar os olhos na águia que, voando nas alturas, apenas anota o que se passa em baixo; que

de passagem, admira as flores, porque são belas, mas logo as rejeita como supérfluas? Não, conde, não falemos nisso

; tratarei de ficar fiel à memória de meu marido, que só vivia para o meu amor e não sonharei com as águias, cujos

amores não passam de fugazes prazeres terrenos. Desprendeu-se do braço e deixou-se cair num banco. O conde estava

evidentemente satisfeito com o que acabava de ouvir. Depôs no chão o gorro de plumas e, cruzando os braços, encarou

de frente e a fundo a senhora Lowenberg, cujo semblante mal disfarçava a profunda comoção. - E se eu lhe

respondesse que a águia se detém no vôo e, cansada talvez, de solidão nas alturas, quer baixar à planície e colher

uma flor, não para esquecê-la, mas para lhe guardar fidelidade? E se eu disser à heroína que teve um dia a coragem

de pronunciar esta frase : antes morto que desonrado! - vem para o meu coração e sobrepairaremos juntos nas

alturas? A voz se lhe amortecera pouco a pouco ; dir-se-ia, antes, brando murmúrio. Com as últimas palavras, abriu

os braços e Rosalinda neles se atirou frementе. O nosso reverendo prior cingiu-a apaixonada e demoradamente. Nesse

instante, surgiu na escada um belo rapaz louro. Deparando com a cena inesperada, estacou como que fulminado. À luz

de um archote que lhe batia em cheio no rosto, pude analisar-lhe os traços finos, mas algo efeminados. Depois,

empalideceu de morte, tapou os olhos e, com um ah! lamentoso, desapareceu num instante. Era Kurt de Rabenau! O que

acabava de ver e ouvir, deixou-me estupefato e fiquei longo tempo acocorado, imóvel, temendo provocar qualquer

ruído. A hipótese de ser descoberto pelo prior,

dava-me calafrios, visto que, por sua força de vontade, ele era e ficava sendo sempre o chefe. O temível chefe dos

Irmãos Vingadores falava, ali, assim, uma linguagem que lhe não conhecia e que me parecia imprópria dele. A voz

sonora, timbrava ternuras e carícias, por vezes vivas e passionais; falava de amor, de felicidade, de futuro

radiante, e se eu não estivesse bem informado dos gigantescos projetos que se aninhavam naquela fronte, não

identificaria nela o laboratório de tantas intrigas. Ao fim de algum tempo, ele se levantou. Evidentemente,

espírito dinâmico e turbulento, teria já muito falado de amor e pensaria noutras coisas - Minha querida, - disse,

beijando a mão de Rosalinda - vai juntar-te aos nossos concidadãos, enquanto aqui me demoro um instante para

atender alguém e resolver certos negócios. É um instante e já estaremos juntos. Vai... Ela deixou-se abraçar e

subiu lépida e satisfeita. Ele, ao ver-se só, suspirou, passou a mão na testa e começou a passear de um lado para

outro, sôfrego como se de fato esperasse alguém. Até que enfim, apareceu um pajem e lhe disse algo que não pude

ouvir. Mas vi que fez um gesto de surpresa e ouvi-o dizer : - "Que venha". O pajem desapareceu e daí a

minutos um

peregrino descia apressado a escada e lançava-se aos pés do conde. Este recuou e disse: - Que é isto? quem sois? O

peregrino desvelou-se e vi que era uma mulher e essa mulher era Gertrudes, minha companheira de infância e antiga

companheira de Nelda. Bem mudada estava, a Gerta, mas sempre bela. - Tu aqui ! exclamou Lotário procurando erguê-la

- como pudeste deixar o Convento? Dize, que há? - Oh! meu Deus - soluçou Gertrudes - por quem é, não retorneis mais

ao Convento, meu caro senhor, pois tudo está descoberto : Eulenhof desapareceu, os irmãos estão abertamente

revoltados e se lá vos apanharem, sei que vos matarão. Abraçou-se-lhe aos joelhos, desesperada! Ouvindo-a repetir

que tudo estava descoberto, o conde ficou estremamente pálido e agarrando-a pelo braço explodiu: - Fala, antes de

lamentar, criatura! Preciso tudo saber, ouviste?

E forçou-a a assentar-se. Com voz fraca e precipitada, mas minuciosa, a rapariga desfiou toda a nossa trama e

conspiração contra Rabenau. a proporção que ouvia, o conde se transfigurava horrivelmente. Expressão tigrina,

lábios contraídos, quando soube do plano de subtração do cofre, pôs as mãos na cabeça. Maldito convento, ninho de

víboras! - exclamou. Por mim, sentia-me cada vez pior naquela situação. Os membros entorpecidos, não havia como

distendê-los para me não trair, pensando e dizendo a mim mesmo : se ele aqui me pilha, estou perdido. Súbito, não

sei como, estalou um ramo, Rabenau voltou-se, perscutou a moita e me pareceu que seus olhos de felino me haviam

descoberto. Vi que tirava da cintura um apito e logo um silvo agudo fendeu o ar. Escudeiros acorreram. - Vigiem

essa porta e esse bosquezinho; se ai estiver alguém, matem-no como a um cão. Gertrudes se embuçara; tomou-lhe do

braço e foram-se escada acima. Finalmente, lá fiquei só, mas, como rato na ratoeira, a ouvir o passo cadenciado das

sentinelas, que guardavam o parque. Àquela hora, todas as saídas estariam vigiadas para impedir o roubo do cofre.

Como evadir-me e avisar Benedito? O solo me escaldou os pés e, ainda assim, era preciso me mantivesse

imóvel. Mil

pensamentos me chocalhavam no cérebro. Como pudera Gertrudes inteirar-se da nossa conspiração? Por que acaso estava

ela nas Ursulinas? E por que tanto interesse pelo conde? Havia muito que a perdera de vista e essas conjeturas me

pareciam inexplicáveis. Semanas mais tarde tudo se aclarou. Mais de uma hora se escoara naquela expectativa

angustiosa, quando o conde reapareceu na clareira. Despediu as sentinelas e esteve algum tempo de pé, com os braços

cruzados. Só, então, notei como se lhe haviam alterado as feições. Dir-se-ia que houvesse envelhecido, mas nada

podia afear aquela fronte admirável. Entrou a monologar: - Perdido! fragilidade humana... Esperar um futuro de amor

à beira de um abismo... Ver desmoronar numa hora a construção de uma existência inteira! E Kurt também lhe tem

paixão, também a quer. Foi ele quem lhe arrancou aquele dorido ah! Pois que seja feliz, ao menos ele! Deixou-se

cair no banco e mergulhou a cabeça nas mãos. O frufru de vestido de seda o fez levantar

a cabeça... Era Rosalina que chegava, pálida e ofegante. - Que me queres? Kurt me disse que querias falarme ...

Notei-o tão sobressaltado... O conde atraiu-a apaixonadamente: Rosalinda, tens ainda aquela coragem que me fez

amar-te, que me inspirou paixão? Terias o mesmo ânimo de repetir : antes morto que desonrado? Ela deixou escapar um

grito. - Lotário, não me peças tal coisa, que eu não sobreviveria a um segundo transe... - Pobre criança - disse

sorrindo, melancólico - nós sobrevivemos sempre às chagas mortais, e morremos de uma picada de alfinete. Ouve-me,

pois que vou falar não à mulher amada, mas à amiga de minha alma. Estou desonrado, todos os meus documentos foram

roubados e, dentro de poucas horas, talvez, estarei desmascarado como traidor ao duque e falso prior da Abadia dos

Beneditinos. Essa desonra é fatal, é inevitável. Quererias ter-me vivo, coberto de opróbrio, condenado e

rebaixado, antes que orar na campa de um homem honrado e venerado por todos? Ela deixou pender a cabeça ao peito do

conde e soluçava como se fosse uma criança. - Sim, eu sei que dirás, por mim, o que disseste por Léo, pois não me

amas menos que a ele. Pois bem: filha minha e minha bem amada, é a ti que eu lego tudo o que de mim restar na

terra, isto é: o nome, a fortuna e meu filho Kurt. Aceita este legado, faze-te condessa de Rabenau, dedica-te a

Kurt e faze-o feliz, por amor a mim. Jura-o, querida, como se tivesse a mão pousada em meu cadaver frio. Ela

ergueu-se fora de si: - Que fazes, Lotário? Com que direito me abandonas depois de me confessares o teu amor? Oh!

Eu nada juro e quero que vivas, por mim e para mim. Amote, sim, e a ninguém mais poderei amar neste mundo. O conde

também se levantara. - Sim! - disse ela, resoluta. - Ai de mim! - volveu ele melancólico - sempre esperava mais de

ti. Adeus! Parto sem tua promessa, mas, crê que a morte assim, ser-me-á duplamente penosa. Fazendo menção de

retirar-se, Rosalinda deu um grito e estendeu-lhe as mãos súplices. - Fica, eu prometo...

Ele abraçou-a comovido, mas para retê-la nos braços, logo desmaiada, levando-a em seguida para o banco e ali se

conservando um instante, ajoelhado e pensativo. Depois, num gesto brusco de alucinado, disparou escada acima. Sem

perda de um instante, deixei o esconderijo e barafustei-me pelos corredores do castelo. Precisava voltar ao

convento antes que Rabenau lá chegasse, certo de que ele não desdenharia enfrentar a morte. Esse homem para cuja

perda eu havia contribuído, tornara-se-me subitamente simpático. A fascinação que ele exercia sobre quantos se

lhe aproximavam, tinha-me avassalado e me suscitava, agora, o desejo de o salvar. Atingi, sem dificuldade, as

cavalariças do castelo, montei o primeiro animal e, uma vez transposta a ponte, disparei a todo galope. Chegando ao

Convento, desci pela galeria oculta e despindo as vestes seculares, enverguei o burel e corri à sala do

subterrâneo, destinada às nossas reuniões, pois sabia por Benedito que haveria assembléia nesse dia. Ao aproximar-

me da sala onde prestara juramento, chegoume aos ouvidos confuso rumor de vozes alteradas. Por vezes o diapasão

sonoro e profundo de Benedito, parecia dominar o tumulto. Ofegante, comovido, insinuei-me na sala e vi que a

confraria em peso se debatia, presa de exaltação indescritível. Ignorava o que se passara anteriormente

mas, logo

de entrada, deparei com o prior, de pé, nos degraus do estrado! Revestia o hábito, mas tão despreocupadamente que

deixava entrever a túnica de cavaleiro e, no peito, reluzentes, as insígnias dos Rabenau. De cabeça alta e

descoberta, fitava a tumultuosa assembléia com olhos intrépidos, por vezes arrogantes. Um pouco à frente dos

monges, Benedito, pálido e de olhos flamejantes, acusava-o de usurpador e sacrílego, por exercer um cargo só

cabível a professos juramentados. Aplausos e vitupérios irrompiam a cada passo, interrompendo o orador ; muitos

capuzes entreabertos, ou levantados, deixavam entrever semblantes ferozes e mãos nervosas brandindo punhais. O

conde, sereno, braços cruzados, permanecia imóvel. Por fim, com aquela voz metálica e estridente que o

caracterizava, falou: - Sois uns néscios! Antes de aqui vir, eu tudo sabia : portanto, se aqui estou é porque assim

o quis. Tu, tu e outros, (designando alguns confrades) sois meus

inimigos figadais... Sim, eu vos prejudiquei, concordo; e agora quereis matar-me. Seja. É justo que vos vingueis,

mas, não suponhais que me deixe massacrar às vossas mãos. (Tirando do pescoço a cruz de ouro, arrojou-a ao solo;

depois, aprumou-se com orgulho e prosseguiu) - Procurai ostentá-la mais dignamente, pois, quanto a mim, não quero

sobreviver, por várias razões, mas entendo que um chefe só pode morrer por suas próprias mãos. Assim morro

voluntariamente, vingando os meus inimigos. Antes que alguém o pudesse impedir, retirou do altar a espada simbólica

e mergulhou-a no peito, até o punho. Pavorosa confusão se fêz sentir após o ato inesperado. Gritos de admiração e

desespero repercutiram no ambiente, os punhais alçados rolaram por terra e vinte braços ergueram o chefe banhado em

sangue! Recostaram-no aos degraus do estrado, com a cabeça apoiada no coxim escarlate, sobre o qual prestávamos o

juramento. Socorro! - bradavam uns. Um médico! - pediam outros. E eu vi, surpreendido, o profundo e sincero

desespero de todos os irmãos, em face da agonia daquele homem que, por tantos anos, os havia dirigido e por eles

pensado. Todos pareciam convictos da perda de um protetor devotado, de um verdadeiro chefe. Também Benedito me

parecia atordoado, junto do altar, de olhos semicerrados e semblante angustiado. Por mim, direi apenas que estava

sinceramente compungido. Poucas horas havia que o conhecera de perto e nele surpreendera um coração terno e

bondoso. Não era, então, o chefe maquiavélico e inflexível. Altivo e cavalheiresco até o fim, poupara-nos um

assassínio e se matara à vista de todos, sem acusar ninguém! Enquanto eu assim considerava, ele fez um movimento de

cabeça, como se quisesse levantá-la. Amparavam-no e ele, esforçando-se para ser ouvido, disse: "A todos perdôo, a

ninguém acuso; isto era fatal, já me haviam predito... Benedito apanhou o colar com a cruz de ouro, aproximou-se e

colocando-o ao peito do moribundo, falou: Enquanto viveres, hás de ser o chefe, e como tal, esta cruz ainda te

pertence. Os grandes olhos do prior, já vidrados na agonia, reabriram-se e fitaram Benedito com espanto. Depois,

levíssimo sorriso lhe frisou os lábios roxos, dizendo : - Sabes muito bem que não mais a ostentarei e que minha

vingança está em deixá-la para que lhe tomes o peso. Eu a sopesei, essa cruz soberba, com toda a respon-

sabilidade dos crimes que ela representa, mas, acabo esmagado. Irmãos! - disse, erguendo solenemente a destra - o

chefe nomeia um sucessor, aí o tendes e meu desejo é que o elejais - A voz lhe fugiu de chofre, sangrenta espuma

lhe escapou da boca, os olhos pararam fixos. Estava morto! Sepulcral silêncio pairou no ambiente, por algum tempo.

Eu estava como que fulminado. Benedito, espectralmente pálido, tapava os olhos com as mãos. Alguns frades se

adiantaram, silenciosos, beijaram a mão do morto, pendente do estrado. De repente, vozes roucas reboaram: Viva o

chefe! Viva Pater Benedictus! Benedito estremeceu, levantou a cabeça e, braço estendido, esclamou: Viva a

confraria! Em seguida, passaram a discutir as medidas urgentes. Ficou decidido que se transportasse o corpo para

fora do convento, depositando-a à margem da estrada e tão longe quanto possível. Sua montaria, que tinha ficado

amarrada a uma árvore, foi solta e levada igualmente para longe. Era preciso dispor as coisas de maneira que a

morte da vítima fosse atribuída a malfeitores. Postas em execução as ordens do novo chefe, subimos aos pisos

superiores. Ao recolher-me à cela, confesso que me sentia profundamente abatido. A fisionomia e a voz do conde me

perseguiam sem tréguas e a consciência me exprobrava o haver concorrido para sua perda. Além disso. havia que

prevenir Eulenhof que, segundo a combinação com Benedito, continuaria à frente da comunidade, até concluir seus

negócios, exilando-se. Para o momento, oculto que se mantinha, deveria passar por morto e deixar a vaga ao

sucessor. Fui, pois, procurá-lo no seu esconderijo e dei notícia da morte de Rabenau. Exultou de alegria, o que

me levou mentalmente à compará-lo a um cão que visse o açoite destruído. Confessou que agora se julgava

inteiramente feliz, acrescentando que enquanto vivesse o conde diabólico ele haveria de ficar sob o jugo. Sabêudo

quê Benedito aspirava ao cargo, trataria de aviar-se o mais breve possível, ainda mais porque o cargo lhe era

penoso. Assim entendidos, reentramos no mosteiro e tive, enfim, a oportunidade de me estender no leito. No dia

seguinte de manhã, um dos irmãos não iniciados veio a mim, muito afobado e contou grande novidade : um irmão que

madrugara para visitar um enfermo, encontrara à beira da estrada o corpo de um nobre senhor assassinado. Procurou,

antes de tudo, prestar auxílio, mas, vendo baldados seus esforços, voltou para chamar outros irmãos, que

verificaram que o homem estava positivamente morto e que se tratava do conde de Rabenau, conceituadíssimo em toda

região por sua generosidade, pelo seu bom humor e aventuras galantes. Vinde depressa, ajuntou o irmão Bavon, pois

aí vem, neste momento, o corpo do conde. Desci ao pátio, onde estavam reunidos em torno do cadáver alguns monges

curiosos, antes que o transportassem para a igreja. Eulenhof, imponente e piedoso prior, provisoriamente

reconduzido ao cargo, ordenou se expedisse um mensageiro ao castelo enlutado. Curioso por ver o efeito da lúgubre

notícia, ofereci-me para levá-la e parti sem demora. Lá chegando, a primeira coisa que soube foi que os convidados

da véspera continuavam reunidos. Havia contudo, por toda parte, um quê de temor e inquietação, sobretudo

na

fisionomia dos servos. Um pajem me conduziu até o salão, alias repleto. Um trovador cantava e dedilhava a cítara,

mas logo percebi que lhe prestavam pouca atenção. Junto de uma janela, assentada, a velha condessa de Rabenau,

nervosa e inquieta ; e a seu lado Rosalinda, muito pálida. Ao menor rumor, estremecia e percorria com os olhos

todas as portas, procurando sem dúvida avistar quem nunca mais poderia voltar. Kurt estava de pé, entre as damas,

inteiramente despreocupado. O pajem que me havia acompanhado, chegou-se ao jovem conde e lhe disse qualquer coisa

em voz baixa, mas os ouvidos aguçados de Rosalinda algo perceberam, visto que se levantou bruscamente, perguntando

em voz alta : - Onde está o reverendo frade? Caminhei para os homens agrupados à porta e eles, respeitosos, me

deram passagem. Todos os olhares se fixavam em mim, que ali estava como ave de mau agouro, para anunciar o

infortúnio e espalhar o luto entre aqueles que se haviam reunido em auspicioso festival. Aproximei-me da castelã,

saudei-a reverente e disse. - Nobre senhora, trago-vos uma trágica notícia ; mas, antes de vô-la dar, quero fazer

sentir que a todos nós cumpre curvar-nos aos desígnios do Senhor, lembrando que também Jó foi atingido no curso de

esplêndida festa. Vosso filho, o ilustre e poderoso conde Lotário de Rabenau, morreu esta noite, provavelmente

vítima de algum monstruoso atentado. Um irmão nosso o encontrou caído na estrada e o corpo foi removido para o

Convento, onde se encontra.

Logo às primeiras palavras, a velha dama se levantara, apoiando a mão trêmula no braço da poltrona. Depois, o

pranto jorrou dos olhos e tombou soluçante. Rosalinda deu um grito, caiu desmaiada, enquanto Kurt, muito pálido,

procurava socorrê-la. Depois, nada mais vi, porque fui arrastado pela multidão que abandonava a sala. Uma vez fora,

choviam gritos e perguntas: - Morto o conde? Quem sabe ferido, apenas? Mas, onde e como? Por quem? Bem que o

suspeitei... Sua ausência era de estranhar... Por fim, todos se calaram para me ouvir e conjeturar a causa ou

causas do atentado. A opinião geral era que o conde, sempre envolvido em aventuras galantes, muitas vezes

temerárias, fora vítima de algum pai ou marido ultrajado. Nada mais tendo a fazer, voltei ao Convento. Ao primeiro

ensejo, fui procurar Benedito que examinava, no momento, alguns documentos encontrados no cofre roubado. - Ora bem!

- tens encontrado coisa que valha? - Como não? - respondeu risonho. - Em primeiro lugar, descobri por que acaso

"ele" ocupava o cargo que lhe arrebatamos. Aqui tens indicações comprovantes de que o verdadeiro frade Antônio,

irmão do salafrário Eulenhof, foi o fundador da nossa organização secreta. Antônio era também amigo do pai de

Lotário e valeu-se dessa amizade para fazer do filho um chefe, presumindo, com certeza, nos predicados do rapaz, um

digno sucessor. E, na verdade, não errou, porque este Rabenau foi realmente genial no seu papel. Que planos e

quanta profundeza de vistas! Este cofre contém verdadeiros tesouros e nosso "caro" duque muito ganharia se pudesse

deitar-lhe um olharzinho. Nada mais dizendo claramente, tratou de fechar o cofre e pendurou a chave no pescoço, o

que não deixou de magoar-me. Dar-se-ia que suspeitasse de mim? Deixei-o então e fui, com essa impressão

desagradável, ao laboratório de pai Bernardo, encontrando-o, como sempre, curvado à sua mesa, com um grande livro

diante dos olhos. Não lia, porém, porque tinha o olhar fixo na chama da vela, como que absorto em profundas

cogitações, que lhe davam um ar de beatitude quase sobrenatural. - Pai Bernardo, o que está procurando? - disse,

tocando-lhe no braço. - És tu, Sanctus? Fizeste bem em vir... Olha que tive a prova da sobrevivência da alma.

Encarei-o aturdido. Pois que?! Vinha-me com futilidades tais, quando todos só falavam da morte do conde, que, ali

mesmo, naquele laboratório, havia dito que o dinheiro era a mola real da vida? - Caro irmão, não vim tratar de

nossas pesquisas e sim para conversarmos sobre a morte do conde. - Valha-me Deus ! - exclamou de olhos incendidos -

a quem me refiro senão a ele, o homem incomparável que, durante toda a sua vida me auxiliou nestes trabalhos e

que, por sua inteligência privilegiada, adivinhava os mistérios da natureza? Com a sua morte, parece que perco

metade do meu cérebro. A ele devo, ainda agora, o coroamento de meus esforços, pois foi ele quem me provou a

indestrutibilidade da alma. Podes ficar certo de que o vi, e olhe que não foi em sonho, mas aqui mesmo, quando

trabalhava com o irmão Roque. Sim, Roque aqui estava quando, de repente, o conde se me deparou de pé a meu lado,

qual se vivo fosse. E, mais, me disse com aquela voz de timbre inconfundível. - "Pai Bernardo, é verdade, a alma

sobrevive a tudo, anima a matéria e não perece jamais ; sem descanso, sem tréguas, o Espírito vaga na terra ou no

espaço, sem a plena compreensão do fim a atingir... E quando me prosternei a esfregar os olhos, no pressuposto de

uma tentação diabólica, ele sorriu e tomando da pena de sobre a mesa, disse; - não há outro diabo além de nós

mesmos... Depois, escreveu neste pergaminho as palavras que dissera anteriormente. A seguir, diluiu-se, evaporou-se

e eu permaneci de joelhos, adorando a Deus e meditando na sua onipotência e grandeza, inapreciáveis a nós outros.

Trêmulo, deslumbrado, inclinei-me para o pergaminho e li, naquela letra bem conhecida, as palavras que Bernardo

acabava de repetir. Apesar de tudo, uma dúvida em restava : Bernardo, temperamento exaltado, poderia ter sonhado

com essa visão, convencendo-se depois, da sua realidade. - E frei Roque também viu? - perguntei. - Não, porque

estava muito fatigado e adormecido quando se deu o fenômeno, coisa que aliás me passara despercebida e só notei

quando procurava falar-lhe. Nesse instante, senti que me batiam no ombro, voltei-me e vi Bernardo cair de joelhos,

gritando : - Deus de misericórdia! Também a ele vai dar a prova. Maquinalmente, volvi o olhar e quedei imóvel,

terrificado, incapaz de desviar os olhos do semblante pálido

do conde Rabenau! A meu lado, rente a mim, estava o chefe! Sorridente, passou a mão no meu ombro e dos lábios lhe

saíram, nítidas, estas palavras : "É verdade, Sanctus, nós voltamos constantemente à Terra, para combater nossas

paixões; a morte, aqui, representa um nascimento além, mais elevado." Não pude perceber mais nada, os olhos do

espectro me fascinavam ; experimentava uma como sensação de queimadura; os ouvidos me zumbiam, a cabeça entrou a

rodar e tombei desfalecido. Quanto tempo assim estive, não o poderia dizer. O que sei é que, ao abrir os olhos,

estava numa cela contigua à enfermaria e reservada aos doentes graves. Na meia sombra ambiente divisei, sentado à

cabeceira, o bom frade Teófilo, chefe de enfermaria, já meu conhecido. Incapaz de fazer qualquer movimento, tal a

minha fraqueza, perguntei-lhe o que se havia passado comigo e porque me sentia tão debilitado. Ouvindo-me falar,

Teófilo, que cochilava desfiando o seu rosário, sorriu satisfeito e me estendeu a mão, exclamando jubiloso: -

Graças a Deus que vos vejo recobrar os sentidos! Ah! quanto trabalho nos destes, Sanctus. Cinco semanas assim,

entre a vida e a morte, em delírio permanente! Mas, agora, é preciso repousar, nada de conversas. Antes de tudo,

alimentar-se e dormir, porque o sono é excelente restaurador das forças orgânicas. Aqui tendes este elixir do

nosso pai Bernardo. Tomou da mesa um copo com um líquido pardacento e, amparando-me a cabeça, forçou-me a beber.

Tive imediata sensação de refrigério e adormeci incontinente. A partir desse dia, passei a dormir profundamente, só

me levantando para fazer as refeições. O organismo esgotado pelas tremendas e consecutivas emoções dos últimos

acontecimentos, parecia querer recuperar o tempo perdido e se premunir de novas energias. Pouco a pouco, o período

letárgico se foi atenuando, até que me encontrei plenamente reintegrado em mim mesmo, intelectual e fisicamente.

Durante os últimos dias de convalescença, o caridoso Teófilo costumava ausentar-se longa e freqüentemente; mas,

quando juntos, evitava falar de assuntos domésticos, alegando não ser isso permitido. Um dia, de manhã, senti-me

tão bem disposto que resolvi deixar o leito. E estava para o fazer, quando a porta se abriu e vi entrar Benedito

acompanhado de Teófilo. Pendia-lhe do peito a cruz de ouro que custara a vida de Rabenau. Vendo-a, todo o passado

e a terrível aparição se me retraçaram, mas Benedito não me deu tempo de maiores reconsiderações, porque logo se precipitou e me

apertou fortemente a mão, dizendo : - Louvado seja Deus, por ver-te restabelecido, segundo me informa nosso irmão

Teófilo. Até que, enfim, me é dado visitar-te sem infringir as ordens terminantes de pai Bernardo, que te havia

seqüestrado. - Certo - atalhou Teófilo - todo o perigo passou e o nosso caro chefe pode agora aqui chegar à

vontade. - Obrigado, caro irmão Teófilo, certo também de que todos lhe ficamos sumamente gratos por seus cuidados e

espírito de caridade. Que Deus o recompense. Agora, vá descansar um pouquinho e espere que o chame, pois preciso

conversar com o nosso convalescente. O bom frade compreendeu que sua presença era impertinente e depois de haver

beijado o hábito do prior, recebendo-lhe a bênção, afastou-se com o mais amável dos sorrisos. Uma vez a sós,

Benedito assentou-se à beira da cama e disse com ar prazenteiro : - Conversemos, então, mesmo porque, deves estar

faminto de novidades... Antes de tudo - disse, apertando-lhe a mão - aceita minhas felicitações pela nova

investidura, pois, ao que vejo, Enlenhof aviou-se depressa e a contento. Benedito sorriu e ponderou: Não tanto por

mim, diga-se, pois o maroto o que apenas queria era atribuir-me o papel que representava em relação a Rabenau,

fazendo-me simples instrumento de sua vontade.   E mais: teria mesmo dilapidado o nosso erário se, por felicidade

nossa, não tivesse adoecido poucos dias após a morte do conde. Esse incidente nos permitiu arrebatá-lo e enterrá-lo

oficialmente, com todas as honras do cargo. Eu deveria talvez, por prudência, tê-lo deixado para sempre no seu

esquife, mas esta crueldade me repugnou. Resolvi, então, quando ele despertou, dar-lhe uma boa soma, aconselhando-o

a desaparecer. Lá se foi ele e agora eis-me senhor único dos meus domínios. Minha nomeação não suscitou

dificuldades, de sorte que hoje aqui me tens, qual outro duque, na minha esfera eclesiástica. - Sim - confirmei -

grande é o teu poder, mas, meu amigo, dá-me antes notícias de Nelda. - Tem estado muito aflita com a tua

enfermidade; mas compreendes que não era possível deixá-la vir até aqui. Em compensação, dava-lhe notícias diárias

do teu estado e prometi que irias vê-la no subterrâneo, logo que te restabelecesses. Uma pergunta ainda, Benedito. - Como

poderia Gertrudes ter tido conhecimento da nossa conjuração e que móvel tê-la-ia levado a prevenir Rabenau? - É

muito simples : Gertrudes é uma bela rapariga e o conde que, a despeito era um homem dissoluto, de sua formação,

vaidoso, fez dela sua amante. Enfadado, não trepidou em abandoná-la, mas, valendo-se do seu poder de fascinação,

induziu-a a entrar para o convento, onde lhe serviria de informante. Assim, ela percebeu uma conversa entre Maria e

Nelda, vindo a saber não só da nossa conspiração, como também que o conde era chefe e falso prior. O resto, já o

sabes. - Sim - concordei - que Rabenau era, de fato, um homem extraordinário e passei a contar a visão que quase me

fulminara. Muito pálido e emocionado, Benedito procurou convencer-me de que eu já estava doente e, por isso mesmo,

predisposto a aceitar como real uma imagem alucinatória. Por mim, bem sabia que tinha visto o conde objetiva e

realmente ; mas, não querendo discutir, caleime. Sabia, mais, que nada há tão difícil como convencer um cético, e

talvez, a idéia de que o antigo chefe malassombrasse os seus domínios não agradasse o sucessor. Rápida, daí por

diante, a minha cura. Sentia-me como rejuvenescido e logo que pude procurei pai Bernardo para agradecer os seus

cuidados. Fugia, contudo, de falar da aparição e não deixei de sentir leve arrepio ao rever o local onde surgira o

falecido chefe. Bernardo também se absteve de tocar no assunto, talvez por ter notado minha palidez, receoso de

impressionar-me. Do laboratório fui direto ao subterrâneo, à espera de Nelda, cuja alegria em rever-me foi mais uma

prova da sua grande afeição. Inteiramente restabelecido, fui provido no cargo importante de irmão tesoureiro e

retomei, também, minha função de secretário particular e confidente de Benedito. As horas de lazer eram dedicadas a

leituras ou traduções interessantes, uma vez que Benedito tinha sede de saber. Também as belas artes não lhe eram

indiferentes e, muitas vezes cantava, ele próprio, com voz maviosa, os ofícios divinos, ou, debruçado sobre as

páginas de um missal, as ilustrava de elegantes e delicadas miniaturas que fazem, ainda hoje, a admiração dos

antiquários. Estas ocupa- ções, entretanto, não o levavam a negligenciar coisa alguma. Assim é que mantinha com mão de ferro o poder

conquistado. Desconfiado e discreto, pontificava entre os seus monges, velando qual Argos, as propriedades do

convento. Os potentados da região, inclusive o duque, o saudavam de bem baixo, visto que era príncipe da Igreja e,

nesses tempos remotos, só isso representava um grande prestígio. Nessa ocasião, deu-se um fato que poderia ter sido

fatal ao meu amigo. Uma noite, estando a trabalhar sozinho em seu gabinete, contíguo ao quarto de dormir, enquanto

eu me ocupava, na cela ao lado, de uma tradução, ouvi rumor estranho no gabinete. Alarmado, corri sem demora, e

qual não foi minha surpresa vendo Benedito atracado com um homem que, armado de punhal, tentava subjugá-lo. De um

salto, atirei-me ao intruso e, agarrando-o pelas costas, dei-lhe na cabeça tremendo soco. O sujeito tonteou e caiu,

de modo que o amarramos. Só, então, com grande espanto, reconheci o senhor de Mauffen. - Que é isto? - perguntei a

Benedito, enquanto enxugava a fronte sangrenta. - Vamos sabê-lo. Este patife pretendia assassinarme e tê-lo-ia

feito, se o assoalho não tivesse rangido a tempo de me voltar e lhe desviar o golpe. Quando Mauffen voltou a si,

Benedito o meteu em confissão. A princípio obstinou-se; recusava responder, mas acabou declarando com arrogância

que conhecia todos os segredos do Convento, a ele vendido por Eulenhof, e que se o não soltássemos imediatamente,

seu velho amigo denunciaria ao duque o segredo do subterrâneo. Entretanto, quisesse Benedito partilhar com ele o

poder e deixá-lo gozar os privilégios de vice-chefe da Sociedade Secreta, ambos se calariam. Diante de tão

insolente proposta, os olhos do prior fuzilaram, ao responder com ironia: - Sr. de Mauffen, os dias se sucedem mas

não se assemelham; eu não sou um Eulenhof e ao senhor lhe faltam qualidades para representar um Rabenau. Todavia,

não me nego conceder-vos, em parte, os privilégios de irmão vingador, mas, bem entendido, se vos fizerdes monge.

Louco insolente, pensais que deixe livre um homem perigoso? Não obstante, os homicídios repugnam e procuro evitá-

los sempre que posso. Escolhei, então : ou professar voluntariamente ou levar para o fundo do lago todos os

seus segredos. Ninguém sabe onde estais, ninguém procurará sabê-lo. As ameaças de Eulenhof não me intimidam, pois

ele sabe muito bem que a confraria tem braço longo e ouvido apurado, e antes que possa falar ao duque, haverá de

calar-se para sempre. Agora, assassino vilão, tendes dois minutos para decidir. Isto disse, tomando na mesa o

punhal do próprio Mauffen e o apontando ao coração dele. O rosto do conde desarmado, mudava de cor a cada instante;

a atitude resoluta de Benedito não lhe deixava dúvidas de que tinha a vida por um fio. - Vamos, decida-se... - e

dizendo-o, vi que calcava o punhal. Concordo, - regougou Mauffen - com os lábios espumando de raiva. Muito bem.

Agora, Sanctus, vai chamar Conrado e Sebastião. Estes irmãos, verdadeiros hércules, eram os carcereiros da

confraria. Dignos de toda a confiança por sua fidelidade, tinham por hábito obedecer cegamente às ordens recebidas.

Acorrendo pressurosos, beijaram o hábito do prior, pediram a bênção. - Aqui tendes este novo irmão - disse-lhes

Benedito, apontando Mauffen - guardai-o como a menina dos próprios olhos. Dentro de quinze minutos, ele envestirá

o hábito de noviço e haveis de lhe ser como a própria sombra. Se recalcitrar, sabeis qual a disciplina reservada

aos revoltados. Nada de contemplações, entendeis? Os monges se inclinaram reverentes ; desamarraram Mauffen, que

não ousou enfrentá-los e lá se foram os três. - Que pensar de tudo isto? - disse a Benedito, quando ficamos sós -

como poupar a vida de malfeitor tão perigoso? O amigo, que ia e vinha a passos largos, deteve-se diante de mim,

cruzando os braços. Mas, sem dúvida, porque ele jamais sairá daqui, e nenhum mal nos poderá fazer. De resto, não me

apraz praticar crimes inúteis. Precisamos também considerar que a vida de Mauffen, por enquanto, nos é preciosa,

pois tem propriedades que haverá de ceder voluntariamente à comunidade. Que ele se faça apenas monge e estou para

crer que, graças aos dois guardas que lhe demos, não tardará a felicitarse o ser. Conhecerá o regime deste nosso

Convento...

Não sabe ele, tampouco, que ainda tenho outras armas contra ele, pois é verdade que conta inimigos entre os irmãos

vingadores, pelos quais soube de crimes inauditos, praticados em seu castelo; crimes contra a natureza e que, uma

vez descobertos, lhe valeriam sentença de morte. Tranqüilizado, retomei meus trabalhos e passei uma fase

relativamente calma. As vezes, pensava em meu pai, o nobre barão Bruno de Rabenau e tinha desejos de o rever, mas

embargos se interpunham e a crosta da indiferença que me atrofiava o coração, sempre auspiciada à intriga e ao

crime, logo desvanecia esses bons desejos. Começaram, então, a circular, no Convento, histórias de almas do outro

mundo... As vezes, era um monge em disparada pelos corredores, a persignar-se e a gritar que tinha visto o conde

Lotário de Rabenau, assassinado nas vizinhanças do mosteiro, e que andava malassombrando as celas, apagando luzes,

derrubando móveis e puxando o manto dos frades. Quando esses fatos chegaram aos ouvidos de Benedito, ele proibiu

severamente que os propalassem, averbando-os de legítimos abusos adrede preparados para impressionar os tímidos. E,

como temessem muito o prior, ninguém mais ousou dar alarme, limitando-se a comentar os sucessos em surdina. Assim,

muitos monjes idosos me juraram ter visto o espectro, tão distintamente quanto me viam a mim mesmo. Por mim, não

haveria que os descrer, pois guardava em mente a visão do laboratório e rogava a Deus que ela não se repetisse

jamais. Pai Bernardo, que não compartilhava dos meus temores, confessou-me que o "grande homem" costumava visitá-

lo, e que, certa vez, indo orar sobre o seu túmulo, viu jorrar deste muitas flamas. Depois de curtíssimo noviciado,

Mauffen acabou pronunciando votos, sem maior relutância. Essa conversão foi muito comentada em todo o país ; mas,

como a reputação do conde não fosse das melhores, acreditaram que ele fora tocado pela graça divina, procurando

resgatar os erros da mocidade, oferecendo a Deus a fortuna e o resto dos seus dias neste mundo. Casos

tais, diga-

se, não eram raros nesses tempos. Eu e Benedito tínhamos opinião menos lisonjeira a respeito do novo confrade,

certos de que aquela docilidade mal escondia o plano de uma desforra exemplar. Também Benedito não esperava mais

que azado ensejo para desembaraçar-se do inimigo e o vigiava de perto. Ele, porém, não se deixava surpreender,

sempre taciturno, calado, impenetrável. Assim caminhavam as coisas, quando um fato inesperado colocou o miserável à discrição do prior. É o

caso que muitas famílias da região, e entre elas os barões de Launou, tinham seus jazigos perpétuos no cemitério do

mosteiro, e certa manhã, chegou como um raio a notícia do que o belo e sedutor Wilibald, em plena exuberância de

juventude, acabava de morrer subitamente e de forma estranha. Seu velho escudeiro, ao dar a infausta nova e

preparar a recepção do corpo, contou a Benedito uma cena horrível, ocorrida entre Wilibald, a esposa e um jovem

alquimista italiano, cujo cadáver fora depois encontrado no tanque, junto à torre e que, nessa mesma noite falecia

Wilibald com todos os sintomas de envenenamento. Dois dias depois, noite fechada, Benedito à frente de um grupo de

confrades, postou-se à entrada do mosteiro para receber o cortejo fúnebre. Ante aquele espetáculo, confesso que me

não pude forrar de penosa tristeza, vendo passar o esquife que encerrava, tão prematuramente, aquele rapaz que eu

conhecera em plena floração de vida e de esperanças. Também ele se engolfava naquele nada intangível - misterioso

retiro de nossa alma!. No cortejo encontrava-se a jovem condessa Rosalinda de Rabenau, acompanhada da velha criada.

Muito pesarosa, disse-nos que seu marido ainda ignorava o infausto acontecimento, por isso que havia partido para

uma caçada em região muito distante. Expedido um mensageiro, era de presumir que ele chegasse a qualquer momento

para assistir aos funerais. Sobre a mulher do morto (que diziam foragida) não disse palavra ; mas pediu permissão

para passar a noite na capela, em companhia da criada a fim de velar o corpo do irmão, o que lhe foi concedido. Ao

rever-me, a jovem Rosalinda não pode conter as lágrimas e tivemos ensejo de falar de Lotário e de Léo de Loe

venberg, que me pareceu haver retomado a primazia em seu coração. Quando o corpo foi colocado na eça e terminou a

cerimônia, todos se retiraram e eu fui juntar-me a Benedito no seu gabinete. Encontrei-o muito atento, examinando

um pequeno cofre italiano, cheio de ouro, que Rosalinda lhe havia ofertado. Como entendidos, examinamos e elogiamos

o lavor artístico do objeto e acabamos contando as moedas. Depois, quando passávamos a tratar da morte de Wilibald,

ouvimos um grito abafado, mas evidentemente de mulher. Aqui vale dizer que, no gabinete particular

do prior, a acústica era aproveitada de maneira a ouvirem-se os ruídos mais distantes. - Que é isto? - exclamou

Benedito de olhos cintilantes - este grito vem do corredor e não dos subterrâneos! Quem ousaria arrastar até aqui

uma mulher? Vamos ver... Arrastou-me e deslizamos cautelosos pelo corredor, detendo-nos a cada porta e nada

ouvindo, além da respiração de um ou de outro irmão adormecido. Súbito, um grito mais nítido se fez ouvir. - Ah!

rugiu Benedito atirando-se a uma das portas - é aqui. Ouvimos, então, distintamente, uma voz feminina, que dizia :

"Monstro, infame, se deres um passo, mato-te!" É Rosalinda - disse Benedito estupefato - e Mauffen, o miserável,

teve a ousadia de arrancá-la da capela! Sim, foi ela que deu o primeiro grito abafado... Tentou abrir a porta, sem

conseguir. - Ah! já sei, entricheirou-se por dentro - e dando um murro na porta; gritou: Abra, irmão Bruno, quem

ordena é o prior. Ouvindo a voz de Benedito, Rosalinda teve um brado de alegria : - Meu padrinho, salve-me! Ao

mesmo tempo, grande alvoroço se fez no interior, nós tentamos, ainda uma vez, arrombar a porta e o próprio barulho

nos trouxe auxílio. Outras portas se abriram e de todos os lados chegavam monges aflitos, sobressaltados. Um dos

primeiros foi Sebastião, que logo, compreendeu que o seu "discípulo" tentava algum malefício. Ao primeiro

encontrão, a porta cedeu com estrondo e a pesada canastra e o oratório que a reforçavam, tombaram longe. Eis o

quadro que se nos deparou: Rosalinda, pálida de morte, encostada à parede, empunhava um pequeno

punhal, defendendo

-se de Mauffen, que, fulo de raiva, tentava agarrá-la. Ao avistar o prior, naturalmente exausta, ela deixou cair o

punhal e estendeu as mãos para ele. Sem perda de um segundo, aproveitando a brecha, Mauffen apanhou a arma, sem que

alguém pudesse impedi-lo e atirou-se à jovem como um louco, gritando: "Nem minha nem de ninguém"! Embebeu-lhe a

arma no peito e ela, dando um grito surdo, tombou ensangüentada. Benedito, com mãos de ferro havia subjugado

Mauffen, mas, infelizmente, não a tempo de evitar o atentado. Petrificados, imóveis, ali permanecemos alguns ins-

tantes. À porta, comprimiam-se os monges, alçando velas e candeias, o que dava ao ambiente um tom sinistro, isto é,

Rosalinda no chão, face agônica, e Mauffen de pé, transfigurado pela raiva, tendo ainda na mão o punhal tinto de

sangue. De repente, ele se voltou e quis ferir o prior mas apenas lhe roçou o hábito, porque Sebastião o derrubou

com um murro. - Tragam as cordas - gritou Benedito - e amarrem-no de forma que se não possa mexer. Isto dizia o

prior, num assomo de cólera, que nunca lhe vi e muito contrastava com a sua serenidade habitual. Num abrir e fechar

de olhos, amarraram o bandido, que ousara levantar a mão para o prior, depois de violar as leis conventuais,

arrastando à cela, com intuitos ignóbeis, uma mulher, e mulher da mais alta linhagem, esposa de um dos maiores

potentados da região. Enquanto amarravam o criminoso, Bernardo, nosso provecto esculápio, acorria solícito a

prestar seus serviços. Ajudado por mim, levantou Rosalinda e colocou-a em estreita maca. Sem perder tempo,

desatou o capote ensangüentado e examinou o ferimento. Nunca tivéramos em nosso austero convento um caso

semelhante. Por isso, tive ocasião de ver mais de um olhar caprino cravado naquele corpo de mulher, de uma

plástica modelar, e naquele rosto imóvel, aureolado de cabelos negros em desalinho. Benedito igualmente havia

notado a perturbação dos irmãos e, com um gesto ordenou a retirada; mas, ainda assim, a porta e o corredor

regurgitavam de curiosos. Água e ataduras, gritou Bernardo ; o ferimento é grave, mas não é mortal. - Que faremos

dela - exclamou Benedito carregando o sobrecenho - uma vez que não a podemos conservar aqui? Aonde levá-la, quando

o menor acidente lhe pode ser fatal? Mas, antes que alguém pudesse responder, enorme tumulto irrompeu no corredor e

ouvimos gritar o nome de Kurt de Rabenau. Os monges abriram alas e ele, pois que o era, logo surgiu na ombreira da

porta! De pronto o reconheci, posto que muito houvesse mudado as feições. Sedosa barba loura moldurava-lhe o rosto

e lhe dava às linhas efeminadas uma expressão mais viril. Recebera, sem dúvida, a noticia da morte do cunhado e

vinha juntarse à esposa. Ao deparar com ela inerte, estirada e coberta de sangue, fez-se lívido. - Morta! -

exclamou, lançando em torno um olhar feroz, como querendo descobrir o malfeitor.

Calma, Excelência - disse Benedito com ênfase - a mão do Senhor permitiu que o golpe resvalasse, de modo a podermos

salvar a nobre vítima. O conde precipitou-se para Rosalinda e ficou possesso quando lhe notou o corpete rasgado.

Voltando-se para Benedito, disse com esgares sinistros : - Reverendo prior, mais tarde me prestareis contas de tudo

isto, explicando como, contrariamente a todas as leis sociais e humanas pode ocorrer aqui neste lugar santo, um

atentado desta natureza. Por agora, o lugar de minha mulher não é aqui ; tem que ser tratada por mulheres, monjas.

E, sem mesmo dar tempo a que Bernardo fizesse o primeiro curativo, soergueu a esposa, envolveu-a no manto e,

voltando-se para nós, pediu : - Indicai-me o caminho mais curto para o Convento das Ursulinas. Um irmão se ofereceu

para guiá-lo ; os monges se afastaram dando-lhe passagem e ele desapareceu no corredor com o seu fardo sangrento.

Benedito fez a todos um sinal para que se dispersassem e fomos aos nossos cômodos lavar as mãos salpicadas de

sangue. - Que pretendes fazer do salafrário? - perguntei. - Que apodreça no eterno descanso o resto da vida, e

assim nos desfaremos dele. O que sinceramente deploro é que Rosalinda e o marido, ambos inocentes, tenham sido

vítimas deste patife, que apenas faz jus ao rigoroso castigo. Lembras-te dos boatos que circularam outrora

sobre a

louca paixão de Mauffen pela senhora de Rabenau? E nota que foi ele, também, que assassinou o desventurado Léo.

(Depois, sorrindo - E dizer que houve quem atribuísse a sua piedosa conversão ao despeito, em face do segundo

casamento de Rosalinda...) No dia imediato, logo de manhã, o jovem conde se

apresentou no Convento e teve longa entrevista com o prior. Comunicou que pai Bernardo visitara a doente e

confirmara que o ferimento, conquanto grave, não era mortal, havendo por isso as melhores esperanças de salvá-la.

Mauffen não chegou, sequer, a ser julgado ; o crime foi tão flagrante que o repouso era a solução ; e lá o

trancafiaram numa das masmorras especialmente destinadas a esse fim. A vida conventual retomou seu ritmo tranqüilo

por alguns meses, até que fosse novamente perturbada por toda uma série de acontecimentos graves. Em primeiro

lugar, o misterioso desaparecimento de Mauffen.

Essa fuga, absolutamente inexplicável, muito nos inquietou a principio; mas, como o sacripanta não pôde ser

encontrado em parte alguma, nem deu sinal de vida, um encontro inesperado acabou por nos tranqüilizar. Uma noite,

assentados Benedito e eu, conferíamos algumas contas do mosteiro, quando um irmão bateu à porta e comunicou que

dois monges, de regresso ao convento, tinham encontrado na estrada um homem meio morto de fome e esfarrapado, mas,

cuja linguagem e maneiras não seriam de um plebeu. Condoídos, haviam trazido consigo o desgraçado e aguardavam a

opinião e as ordens do prior. Benedito ordenou que cuidassem do desconhecido, dando-lhe tudo que precisasse para se

fortalecer e acrescentando que iria oportunamente vê-lo, para decidir o que melhor conviesse. Daí a dias,

atravessávamos o refeitório, antes do jantar, quando notei, junto à porta, um indivíduo que me não pareceu

estranho. Era um tipo de meia idade, rosto quadrado, com estigmas evidentes de uma vida desregrada e viciosa. Barba

e cabelos ruivos-queimados completavam a figura nada simpática, que me parecia já ter visto algures. Voltei-me para

Benedito no intuito de lhe chamar a atenção, quando o vi empalidecer e passar a mão pelo rosto. Dominou-se, porém,

e passou adiante, lançando a bênção ao desconhecido, que se inclinou reverente. Só depois de atingirmos o

corredor, Benedito parou e agarrando-me o braço com força, murmurou baixinho: - Reconheceste-o? Olha : veio

direitinho cair na ratoeira. É a hora da vingança que se aproxima, e ainda bem que é ele quem nos procura. Desta,

ninguém o livra. - Mas, será ele mesmo? Será ... - Waldeck, sem tirar nem pôr - exclamou Benedito com um lampejo de

alegria nos olhos. Desde esse momento, o meu amigo se absorveu inteiramente com o plano da vingança, que desejava

saborear voluptuosa e demoradamente. Em primeiro lugar, Waldeck desapareceu e eu vim a saber que ele estava mofando

em uma daquelas masmorras onde a vida era mil vezes pior que a morte. Muitas vezes Benedito, em pessoa, lá descia

e, quando voltava, tinha na expressão fisionômica algo que falava de uma ferocidade satisfeita. - Diga-me, -

perguntei-lhe certo dia - por que cegueira do acaso Waideck voltou ao país, nesse estado de miséria?

- Muito simples : ele próprio me confessou, esperando talvez comover-me com a história de seus infortúnios. Não

podendo aqui viver, perambulou por terras estranhas, recebendo recursos da boa senhora Matilde, a quem servira com

tamanha dedicação; mas, quando a minha "cara" madrasta resolveu professar, a fonte estancou, sem que êle pudesse

descobrir a causa. Jogador e libertino, acabou esgotando os últimos recursos e aqui chegou para reclamar da

condessa o preço da traição. Ninguém mais podia socorrê-lo e, por outro lado, não ousava dirigir-se a Alberto.

Desesperado então, errava sem norte, quando os irmãos o encontraram e o trouxeram a quem lhe devia destruir a vida.

Semanas passaram. Uma noite, estando a trabalhar no subterrâneo, entrou Benedito e me fez sinal para que o

acompanhasse à galeria. Só depois de lá chegarmos, vi que estava muito fatigado e tinha no hábito alguns rasgões. -

Que é isso? Que sucedeu? - perguntei aflito. - Nada de grave; apenas quero merecer-te um favor: é que estou farto

de vingança e o inimigo me desagrada; não quero mais vê-lo e preciso que me ajudes a liqüidá-lo. Reservei-lhe um

gênero de morte digno do seu alto nascimento, mas, não posso, sozinho, executar meu plano, pois quando tentei

enforcá-lo, reagiu procurando estrangular-me, rasgando-me o hábito, como vês. - Estou às tuas ordens, seja como

for, mas dize: é para hoje? - Para qualquer destas noites; prevenir-te-ei a tempo. De fato assim foi. Uma noite,

quando todo o mosteiro dormia, exceto alguns "irmãos vingadores" debruçados em suas mesas de trabalho, descemos os

dois ao calabouço de Waldeck - cubículo que mal acomodava um homem em pé, e bastante estreito para que pudesse

alguém ali deitar-se, e cujas paredes viscosas aninhavam ratos e insetos repulsivos. À luz da tocha vi, acocorado

nesse buraco nauseabundo, um ser humano coberto de pústulas horripilantes, a gemer dolorosamente. - Ajuda-me a

arrastá-lo para fora - disse Benedito - e, com algum esforço, levantamos e carregamos o estranho fardo, através de

escadas e corredores, até uma pequena porta, que o prior logo abriu. Essa porta dava saída para a muralha de

contórno, limitando por esse lado, com um campo deserto. Ao tronco ressequido de velha fronde morta, estava

amarrado soberbo cavalo alazão, de crina.

dourada, a nutrir e a escavar o solo, impaciente. Só então compreendi o plano de Benedito : desse lado o rochedo

que embasava o mosteiro, prolongava-se em rampa que desfechava, cortada a prumo, num precipício chamado Banho do

Diabo, por causa da torrente impetuosa que roncava no fundo e desaguava no lago. A vítima foi amarrada no dorso do

animal ... Confesso que não pestanejamos e que o vento que sibilava e sacudia a vegetação não ensejou a mínima

hesitação em tão lúgubre tarefa. A tocha, grampada ao alto da pequena porta, aclarando intermitente a cruz de ouro

do prior, e essa mesma cruz atritando-se com o cordão que a retinha pendente do seu pescoço, emitia sons

estranhos, como se quisesse dizer, em sua voz metálica, que Aquele de quem nos dizíamos servos tinha expirado na

cruz, perdoando os inimigos, ao passo que nós, que haviamos jurado amor e perdão, calcávamos a pés a humanidade

inteira! Mas... que valor poderia ter aquela voz tão fraca, para corações endurecidos, aos quais todo o

escrúpulo

de consciência e toda a noção do dever chegavam atrofiados no transcorrer dos séculos. Benedito tomou duas mechas

de estopa inflamada e as introduziu nas narinas do animal, ao mesmo tempo que eu lhe cortava o cabresto.

Enlouquecido, o animal empinou, corcoveou e disparou rampa abaixo, qual furacão. Cavalo e cavaleiro desapareceram

um instante, mas logo ouvimos um grito abafado pelo cascalhar de pedras que rolavam, a comprovar que um e outro se

despenharam no abismo. Ali permanecemos ainda um instante olhos fixos no ponto em que o grito indicava. Depois,

regressamos silenciosos ... Nossos vultos se destacavam macabramente nas paredes, enquanto deslizávamos como dois

malfeitores, nós, a quem se atribuía o direito de perdoar pecados e apresentar o cálice, e que acabávamos de

perpetrar um crime hediondo ! Eu, com franqueza, me sentia mal, e Benedito, a meu lado, caminhava mudo e

cabisbaixo. Estaria satisfeito, ou teria remorsos? Não saberia dizê-lo, porque nada me revelou. Separamo-nos com um

mudo aperto de mão. Muitos anos mais tarde, esse episódio me vinha freqüentemente à memória. Os camponeses contavam

que, todos os anos, em dada noite, aparecia perto do "Banho do Diabo" um cavalo vaporoso, montado por horrendo

espectro, que se precipitava no abismo, com uma gargalhada estridente. E acrescentavam que todos quan-

tos tivessem a má sorte de ver o fenômeno, pereciam de morte desastrosa. No dia seguinte, à noite, fui ao

subterrâneo para matar saudades de Nelda, que já não via há muitos dias. Estava já cansado de esperar, quando ouvi

passos apressados e surgiu uma freira embuçada, que me entregou um pacote comprido, envolto em flanela escura,

dizendo um tanto aflita: - Aqui tem o que lhe manda Nelda, com a recomendação de lhe dar sumiço, pois que se trata

de a salvar. Também manda prevenir a Benedito que o bispo, em virtude de certos rumores que lhe chegaram aos

ouvidos, lá está fazendo minuciosa inspeção e virá depois aos Beneditinos, tornando-se preciso ocultar-lhe estes

subterrâneos. Depois desta rápida elocução, Maria de Falkeinstein (eu a tinha reconhecido) desapareceu qual sombra

e deixou-me apreensivo e nervoso, com aquele pacote que, supunha, contivesse documentos comprometedores. Sem perder

tempo, corri a prevenir Benedito, para combinarmos as medidas que a visita episcopal exigia. Ao atravessar deserto

e longo corredor, um vagido estranho me fez estacar... Percebi então que era um choro débil de criança!

Desconcertado, trêmulo, encostei-me à parede, sem saber o que fazer da criança, que continuava a chorar e cujo

choro ecoava pelas abóbadas sonoras. Nesse momento vi passos que se aproximavam ... Se for um dos irmãos não

pertencentes à confraria? - pensei. Se me encontram aqui, a braços com um recém-nascido, estou perdido... Suor

glacial porejava-me da fronte e, quase maquinalmente, comprimi a cabeça da criança... Ela cessou de chorar e eu a

apertei de encontro ao peito até esmagála. Os passos também cessaram e vi que alguém parava a meu lado. Levantei os

olhos, perturbado e deixei escapar um ah! de alivio. Era Benedito! Com a sua mão veludosa e olhar penetrante

pousados em mim, sussurrou: - Que fazes aqui? Mas, vendo-me incapacitado de responder, tomou-me do braço e me

conduziu para o seu gabinete. - Que tens, Sanctus, que cara é essa? Tomou-me das mãos o embrulho, desatou-lhe os

cordões e surgiu-me diante dos olhos o corpo arroxeado de uma criança, ainda animada de fracos espasmos

convulsivos.

- Mais um! - provavelmente o teu - murmurou Benedito. Sim, tu me falaste da enfermidade de Nelda e agora

compreendo. Mas o que não compreendo é a imprudência de trazeres até aqui esta criança. Eu estava deveras

sucumbido.   Pois que? Matara, então, meu próprio filho?   Pobre Nelda, que lhe iria dizer? Precipitei-me para a

mesa, no intuito de socorrer a criança, sem refletir que era tarde, pois ela já estava morta. Aflito, levantei os

olhos para Benedito, procurando amparo e conforto do amigo, do confidente, do cúmplice. Ele, porém, já teria

certamente galvanizado o coração. Frio, impassível, mudo, arrancou as ataduras do pequenino cadáver, e a perícia e

destreza com que o fez, deram-me a entender que o não fazia pela primeira vez. Eu sabia, demais, que Maria lhe dera

mais de um fruto. Aquele olhar e aquela atitude serena do companheiro acabaram por tranqüilizar-me. Afinal, e não

obstante o meu temperamento nervoso e impressionável, também eu já estava muito endurecido no crime, para que me

entregasse a desesperos inúteis, e quiçá ridículos, perante o companheiro. Criminoso também, ele sabia contudo

dominarse e tinha adquirido bastante energia para não se perturbar com desgraças irremediáveis. Controlei-me,

portanto, e disse enxugando a fronte molhada de suor: - Tens razão, sou mesmo um imbecil; mas ouça agora como a

coisa se passou. Antes de tudo, Maria te manda dizer que o bispo está no Convento das Ursulinas e não tardará a

chegar até aqui. Diz que deves tomar as maiores precauções para ocultar os subterrâneos, pois há suspeitas de

comunicações secretas entre os dois Conventos. Foi a própria Maria que me entregou o embrulho, sem revelar o

conteúdo ; e como pelos nossos cálculos, a criança ainda devesse tardar algumas semanas, supus que se trataria

apenas de documentos preciosos a resguardar. Então, no intuito de te prevenir com urgência, vinha pelo corredor

quando a criança começou a chorar e, ouvindo passos, perdi a cabeça e fiz o que fiz, pelo temor de ser descoberto.

Benedito ouviu-me calado, e calado começou a andar de um lado para outro, ensimesmado. Quem rompeu o silêncio fui

eu : ouve - disse-lhe - que vamos fazer deste trambolho? Não achas bom que o joguemos no lago? - Desconfio que nãO

estás regulando... Como deixar este corpo de delito entre os dois Conventos? Se

por um diabólico acaso as águas o rejeitassem, ou se emaranhasse nos caniços desta ou daquela margem? - Ah!

(batendo na testa) tenho uma idéia melhor. E dizendo-o, abriu a porta do gabinete, já mencionado por ocasião do

ataque de Mauffen. No fundo, elevava-se grande fogão em que brilhavam chamas claras. O fogo tudo consome - disse -

e tomando o pacote, sem sequer me pedir licença, lançou-o no fogo e chegou-lhe mais lenha. Fechou, a seguir, a

porta e veio sentar-se a meu lado. - Podemos facilmente prever o que será a correição do bispo e precisamos ocultar

tudo que lhe possa parecer suspeito. Abriu a secretária e retirou diversos pergaminhos e alguns objetos. - Agora,

vou ao subterrâneo e tu, Sanctus, lembra-te que és o tesoureiro da comunidade e que o bispo deve encontrar nossas

contas em ordem. Vai tranqüilo quanto ao mais, pois aqui estarei dentro em breve e fica a meu cuidado extinguir

quaisquer resíduos da nossa fogueira. Compreendi a justeza das palavras do companheiro e levantei-me para atendê-

lo. Um quarto de hora depois, já me encontrava na cela, inteiramente entregue à conferência de grandes livros e

documentos da tesouraria. Logo ao alvorecer da manhã, o sino grande nos anunciava a inopinada visita do prelado. A

confraria em peso correu ao seu encontro, enquanto Benedito, eu e outros dignitários o aguardávamos à porta da

igreja. Nosso encontro, seja dito, revestiu-se da mais requintada hipocrisia, de parte a parte. Os olhos ariscos

e penetrantes do bispo não deixavam escapar os mínimos objetos e marcas ou acidentes nas portas e paredes. Louvava

tudo, tocava em tudo, admirando a sólida construção do edifício e o seu perfeito estado de conservação, que, ainda

por longos anos, dispensaria reformas. Benedito, calmo e altaneiro, fazia questão de tudo mostrar e explicar

pessoalmente, parando de preferência nos locais mais perigosos, que, precisamente por isso, menos interessavam ao

visitante, solícito em patentear maior atenção naquilo que o seu guia negligenciava. Ambos satisfeitos : Benedito

com o esconder ao bispo o que ele justamente desejaria surpreender ; e o bispo esperando apanhar o prior em falta,

a cada momento. Enfim, depois de nos haver aborrecido dois dias, Sua Eminência

lá se foi, sem regatear elogios. E todos nós sentimos aliviados de um grande peso. Fácil de compreender que,

durante esses dois dias, não me foi possível avistar Nelda. E contudo, depois do incidente criminoso, mais

apaixonado me sentia. À noite, em conversa com o prior, comuniquei que iria vê-la. Tentou dissuadir-me e notei que

me olhava algo compungido, o que levei à conta do trágico fim que demos à criança. Não querendo adiar a visita,

desci ao subterrâneo e voei pela galeria ao Convento das Ursulinas. Chegando ao postigo de entrada, bati as

pancadas convencionais, apareceu uma freira e fez sinal para que a seguisse. Em vez, porém, de encaminhar-se para

as pequenas celas isoladas e destinadas aos colóquios amorosos, atravessou diversos corredores a mim desconhecidos,

até galgar uma escada e parar diante de uma porta de ferro. Tive um mau pressentimento. Dar-se-ia que Nelda

estivesse encarcerada? A freira sacou do manto uma chave e abriu a porta com a maior precaução, fazendo-me entrar

numa espécie de jazigo, cuja atmosfera úmida e fria me fez recuar. Apenas uma vela, embutida na parede, iluminava o

ambiente sinistro. Aterrado, sem atinar com tudo aquilo, parei no limiar e vi comprida mesa de mármore e, sobre

ela, alguma coisa coberta com um pano branco. - Irmão Sanctus, queira ver e não se assuste... Uma nuvem me passou

pelos olhos e o que via me parecia horrível pesadelo. Nelda morta! Ai de mim! não era um sonho... Peso enorme

comprimia-me o coração, a garganta se me travou, ajoelhei-me soluçante junto do cadáver. A frialdade do mármore em

que apoiava a fronte me fez despertar. Levantei-me, fitei o belo semblante da querida morta, sem poder derramar

uma lágrima, dizer uma palavra, nada que pudesse traduzir a angústia que me dilacerava a alma. Tinha, como que a

flutuar diante dos olhos, o cadaverzinho do pobre estrangulado, como que a responsabilizar-me pela morte da mulher

adorada, que assim se fora deste mundo, sem ouvir a mentira que lhe havia preparado. Agora, ela tudo sabia ...

Sim, lá estaria nesse plano inacessível, que vale por abismo cavado entre nós e os seres amados. Uma vez engolfados

nesse misterioso oceano, uma vez libertos desta prisão carnal, eles, os queridos mortos parece que nos denegam, nos

esquecem e abandonam, indiferentes e alheios ao desespero em que ficamos. Surda revolta con-

tra Deus me assomou o espírito. Comprimindo com as mãos a fronte escaldante, pousei os lábios ressequidos na mão

álgida da morta. Nesse instante, outra mão me pousou no ombro e ouvi uma voz vibrante e compassiva, a dizer-me : -

Ângelo! Estremeci. Seria a morta que se apiedava do meu desespero e assim me chamava habitualmente? Mas, não

poderia ser. Voltei-me e vi, então, a freira muito pálida, inclinada para mim. Também ela chorava, prosseguindo em

voz baixa : - Vejo que não me reconheces e no entanto sempre fui tua amiga dedicada. Ainda neste transe, aqui

estou sofrendo por ti e contigo. Ouve, pois, as palavras de consolo da companheira de infância. Sou Gertrudes, sim,

a Gertrudezinha, a neta dos guardas de Rabenest. Lembras-te? Aquelas palavras me suscitaram um mundo de

recordações: revi, como em sonho, todo o passado distante, a velha torre meio demolida, onde o vento sibilava entre

as ruínas e aquela memorável noite em que um grupo de cavaleiros lá se detivera, parecendo-me ouvir a voz do velho

Hidelberto a gritar : - "Quem vem lá?" Depois, o grande salão onde Nelda, pequenina, me apareceu adormecida ao

colo do sr. Teobaldo. E depois essa mesma Nelda, visão celeste, como companheira de infância, ideal da mocidade,

ali assim, morta! O prólogo e o epílogo da nossa vida, da nossa paixão! Levantei-me de súbito, meu espírito parecia

querer romper os elos da carne, a dar com a cabeça contra as paredes. Gertrudes se interpôs aos meus desígnios, com

máscula coragem; conjurou-me a enfrentar, como homem, a minha desgraçada situação. Seus pedidos e conselhos

acabaram por me acalmar. A compaixão e a ternura com que procurava aliviar meu sofrimento tiveram efeito de um

sedativo. Vendo-me mais senhor de mim, Gertrudes levantou-se do banco de pedra onde nos havíamos assentado, dizendo

: - Vamos, Ângelo, deixemos este ambiente lúgubre; precisas repousar e a presença da querida morta só pode reavivar

tua chaga. Depois de um longo e mudo adeus à morta, saímos e Gertrudes fechou cuidadosamente a porta, reconduzindo

-me até o postigo da galeria secreta. Ao nos separarmos, senti que lhe devia agradecer o testemunho de sua

dedicação e amizade, dizendo-lhe:

- Boa Gertrudes, permite que te abrace fraternalmente e acredite, cara amiga da infância, que jamais esquecerei o

teu auxílio na hora mais penosa de toda a minha vida. Beijei-a, retribuiu o beijo e disse: - Tuas palavras excedem

o meu merecimento e eu te agradeço, mas quero me concedas o prazer de te ver. Também eu me encontro segregada do

mundo e desolada; quando te sentires triste, vem ao subterrâneo e nos consolaremos em relembrar o passado e a

querida morta. - Sim, virei. Daí, fui direto aos apartamentos de Benedito, com quem desejava conversar, caso o

encontrasse ainda acordado. Encontrei-o debruçado à secretária, trabalhando. - Estava mesmo a tua espera - disse

- e notando a minha fisionomia alterada, apertou-me a mão. Conforma-te com o destino, meu amigo ; a lei da morte é

inexorável e atinge a todos nós. Não há nem houve, jamais, tenacidade de sentimento capaz de lhe reter a presa.

Várias vezes tenho experimentado quão mesquinhos, impotentes e frágeis nos revelamos diante dessa força. Deixei-me

cair numa cadeira e considerei que o companheiro tinha razão ; também para nós haveria de chegar a hora da partida,

o dia, em que, a exemplo da pobre Nelda, tombássemos inertes, rígidos, indiferentes a tudo que nos tinha sido

interessante e caro neste mundo. E depois dessa transição fatal, que restaria? Um arrepio me fez estremecer. Nesse

instante, Benedito se inclinou para mim e mergulhou no meu o seu olhar magnético e impetuoso : - Ângelo, confia na

minha experiência ; trabalho intelectual ainda é o melhor remédio para rechaçar as idéias pungentes e dolorosas. Só

ele pode restabelecer e conservar o equilíbrio do espírito. Pai Bernardo é o melhor guia que se te depara, nesta

senda, que ele costuma denominar - caminho da eternidade. Identifica-te com ele em seus trabalhos sérios e talvez

consigam atrair o espírito de Nelda, pois sabemos que a manifestação dos mortos é o escopo único da sua tarefa.

Levantei-me como que eletrizado, mas Benedito me deteve: - Hoje, não. Estás muito fatigado para poder trabalhar.

Bebe um pouco deste vinho, vai repousar ; amanhã daremos um passeio juntos, e á noite irás procurar pai Bernardo.

Assim foi. No dia seguinte, acabrunhado e triste, encaminhei-me para o laboratório e encontrei Bernardo assentado à

banca de trabalho, ocupado em pesar diversos ingredientes. Contei-lhe, desfeito em lágrimas, a minha infelicidade.

- Meu irmão, - respondeu calmamente - se pudesse impregnar tua consciência da grande verdade que é a sobrevivência

da alma, e de que a morte apenas representa a desagregação do corpo e, portanto, que nós vivemos eternamente, não

te entregarias, destarte, a tão insensato desespero. A verdade é que tudo comprova que sobrevivemos à morte, com um

corpo vaporoso, sim, mas, não obstante, assás compacto para que se torne tangível, mediante umas tantas condições

favoráveis; e mais que, por efeito de nossa vontade, podemos atrair essas sombras do passado. - Mas - adverti - é

uma consolação muito vaga e da qual, ao demais, não temos tido provas. - Ingrato que és, Sanctus... Já te não

lembras da aparição do genial confrade Rabenau, que ainda agora acaba de me auxiliar? Esqueces-te igualmente da

prova das galinhas? Pois olha que tenho descoberto muitas e belas coisas, que me levam a palpar a morte, por assim

dizer. Mas ainda bem que te posso mostrar, neste momento, uma experiência muito interessante. Vem daí. Levantou-

se, tomou a candeia, acompanhei-o impressionado e curioso. Atravessamos o compartimento das fornalhas e pai

Bernardo levantou uma cortina de couro e me fez entrar numa sala já aclarada por uma lâmpada. Sobre um canapé de

repouso, vi deitado um homem, pro valvelmente enfermo, pois respirava com ansiedade e deixava escapar profundos

suspiros. - Quem é? - perguntei, mal impressionado. - Um pobre peregrino que não tardará a juntar-se aos seus

antepassados; apanhei-o exausto e moribundo, na estrada, e aqui o trouxe pela galeria secreta. Aliás, tenho feito

isso com outros infelizes, com intuito de observar o entorpecimento geral das partes animadas. Colocou a candeia em

cima da mesa e inclinou-se para o moribundo. - O fim se aproxima, o peito mal se infla - disse, retirando o manto

da cobertura. Foi, depois, buscar um fogareiro no quarto contíguo, deitou-lhe brasas e um pó que, ardendo, emitia

luz muito viva. Olha - disse, atraindo-me para junto do corpo - repara como os pés já evi-

denciam o tom amarelado, característico do entorpecimento completo. A algidez da morte sobe pouco a pouco: aqui

ainda há calor, o coração pulsa mas, espera um bocadinho e verás belas coisas. Tomou um frasco do armário. Este

licor te fará ver muita coisa que mal podes imaginar. Inclina-te para este aquecedor e aspira a largos haustos.

Derramou nas brasas uma parte do líquido e um fumo acre, mas aromático, desprendeu-se crepitando e à medida que o

aspirava, estranha impressão se apoderou de todo o meu ser. Os membros se me relaxaram, como que se entorpecendo ;

a vida como que convergia para o cérebro, os olhos me ardiam e parecia-me que tinham extraordinária mobilidade.

Entretanto, não dormia, como a princípio supus; antes me via em plenitude de consciência e ouvi quando Bernardo me

disse : - Assenta-te e firma os olhos no moribundo ... Obedeci, e de repente notei faíscas luminosas que se lhe

desprendiam no corpo e iam, uma por uma, segregando-se e formando um vapor esbranquiçado, a flutuar acima do mesmo

corpo. Esse vapor se condensava, subindo lentamente para a cabeça ; e à medida que se espessava, tomava a forma

exata do corpo físico. Por fim, as faíscas pareciam concentrar-se perto da cabeça, formando um cordão luminoso que,

semelhante a um rubi, partia do coração e ligava as duas formas, absolutamente semelhantes. De repente, o cordão

oscilou e partiu-se. A forma fluídica balançou-se ainda um pouco, à cabeceira do leito e, distendendo-se de forma

estranha, subiu ao teto em ziguezagues. Dois olhos perturbados nos fitaram um momento, até que tudo se fundiu em

vaporosa nuvem, para desaparecer na abóbada escura. Esfreguei os olhos... Sonhava?... Não ; não era sonho. Tinha

visto, perfeitamente consciente, o maravilhoso espetáculo, de forma a adquirir absoluta convicção da sua realidade.

Repeti, de mim para mim : - nem tudo morre com o corpo e também eu trilharei, um dia, esse caminho. Todavia,

experimentava ainda uma sensação de peso, que me dificultava os movimentos. Voltei-me para Bernardo. Estava de pé,

imóvel, braços alçados, como que mergulhado em profundo êxtase. Depois, voltando a si, aproximou-se e me

friccionava os olhos com um pano molhado. Respirei folgado e a primeira coisa que disse, foi : - Maravilhoso!

- Acreditas agora? - perguntou, enxugando o rosto e as mãos. - Sim, Nelda e todos mais lá estão no Além, tal como

este que acaba de abandonar o corpo. Obrigado, amigo Bernardo, pelo conforto que acaba de me proporcionar.

Esgotado, física e espiritualmente, recolhi-me à cela, dormi calmo e acordei, no dia seguinte, retemperado para

retomar o trabalho habitual. A morte de Nelda já me não afetava penosamente; era uma separação provisória e não uma

perda definitiva. Aprazia-me até representá-la qual sombra vaporosa, a meu lado, a velar por mim, a esperar-me na

transição inevitável. Começou, então, uma fase de calma para meu espírito. Consoante prometera, visitava Gertrudes

sempre e a desbordante alegria que lhe davam essas visitas me lisonjeavam o amor próprio. Certo, sua inteligência

nada tinha de comparável à de Nelda, mas sabia tão naturalmente descrever o passado com os mínimos episódios dos

tempos venturos da infância e da adolescência que me prendia a seu lado horas e horas. Pouco a pouco, a lembrança

de Nelda se foi esmaecendo e eu começava a perceber que Gertrudes com a sua tez alva e aqueles olhos negros,

brilhantes, era muito bela e desejável. Bem depressa reconheci que o sentimento que me despertava poderia tornar-se

perigoso, tanto mais quanto ela não era mulher para dissimular o amor que me votava. Cumpria, pois, fugirlhe; mas,

desgraçadamente, os costumes do clero, nesse tempo, estavam relaxados a tal ponto e as facilidades dos subterrâneos

eram tão tentadores que nada me pôde conter. Enquanto a vida me corria assim tranqüila, Benedito via aumentar seu

prestígio em toda a região. Manobrando habilmente para granjear a benevolência do duque, começou recebendo-lhe as

visitas em caráter devocional e acabou por dominá-lo de todo. Assim, desaprovado por nosso piedoso abade, o

confessor do suserano não tardou a ser substituído por criatura de sua inteira confiança, de sorte que se tornou

logo evidente a influência de Benedito na administração do país. O duque lhe admirava o talento e a argúcia e

gostava de consultá-lo. Recebido na corte com todas as honras e deferências, revestido das ¡pompas da

época, a ele

se curvavam as cabeças mais altivas Em nossas palestras intimas, muitas vezes recordávamos o passado e nossas

lutas, descambando não raro

para a política. Este último tema era o que mais lhe agradava e, conquanto pouco me interessasse, eu o suscitava de

propósito. Nesses momentos de franca expansão, eu, o sábio, o alquimista, mergulhava fundo nos abismos daquela alma

devorada pela sede insaciável de autoridade e de mando. Tudo possuir, tudo absorver, dobrar o mundo ao seu cetro

único, tal era o seu ideal; e quando desdobrava seus planos gigantescos, desanuviava-lhe a fronte pálida, a voz se

animava, os olhos dardejavam. À mínima objeção, porém, calava-se de chofre e mudava de assunto. Muitas vezes eu

perguntava a mim mesmo se, com aquele seu caráter e tais sonhos, ele se contentaria com o priorato. Mas a verdade é

que, neste particular, mantinha-se impenetrável e ainda que existissem esses grandes projetos, nem por isso

negligenciava seus interesses particulares. A prova está em que a esse tempo ocupou-se ativamente com uma dupla

intriga muito complicada, que levou Alberto, seu irmão mais novo, a tomar ordens. Os pormenores deste caso são

muito longos para serem aqui contados; além de que, uma parte deles, não veio a meu conhecimento. Direi apenas

algumas palavras para clareza da narrativa. Num castelo das redondezas, vivia uma jovem e bela mulher, viúva de

velho cavaleiro e madrasta de uma jovem de dezesseis anos, tímida e acanhada, mas soberbamente bela. O conde

Alberto de Rouven freqüentava essa casa, pois o velho cavaleiro tinha sido companheiro de armas do conde

Hildebrando e, ao falecer, recomendara a mulher e a filha à proteção da poderosa casa dos Rouven. Alberto era

também um belo rapaz e inspirou igual paixão às duas mulheres mas, com grande despeito da madrasta, tomou-se de

amores pela enteada, Isabel, resolvendo esposá-la. Esses fatos foram levados ao conhecimento de Benedito pela

própria viúva, que o tinha como seu confessor. Qual fosse a atuação do meu amigo, não poderia dizê-lo mas o que sei

é que, enquanto Alberto combatia pelo duque, numa campanha que durou alguns meses, espalhou-se a noticia da sua

morte e o desespero da noiva foi habilmente aproveitado para induzi-la a professar. Quando o jovem conde regressou

da guerra são e salvo, procurou descobrir a fonte da cavilosa mentira, mas nada conseguiu. Ele estava realmente

vivo, mas Isabel estava morta para ele e para o mundo. No auge do desespero, muitas vezes buscava consolar-se junto

do irmão. Ou porque o prior houvesse apelado simplesmente para os seus sentimentos religiosos, para que reagisse

contra o seu romantismo; ou porque lhe acenasse com a perspectiva dos subterrâneos, onde poderia rever o objeto da sua

paixão, o grande caso é que o conde Alberto entrou para a comunidade, legando-lhe todos os bens patrimoniais. Daí

por diante Benedito tornou-se ainda mais altaneiro. Vingança e orgulho haviam sido igual e plenamente satisfeitos.

Nem ele nem ninguém ostentaria no mundo o nome de Rouven. Por outro lado, sua inteligência e tino administrativo

haviam de tal modo enriquecido a comunidade que a sua passagem por ela deveria marcar um traço inconfundível nos

seus anais. Nesse período de calma escrevi ao sr. Teobaldo uma carta, na qual lhe desvendava o segredo do meu

nascimento e manifestava o imenso desejo de revê-lo, ao menos uma vez, como criatura a quem muito deve e sempre

devotara afeição filial. Dentro de poucas semanas, recebi respostas do bondoso cavaleiro, enviando-me sua bênção

paternal e anunciando a resolução de estabelecer-se na Abadia, ali terminando os seus dias, porque também se sentia

isolado e farto da vida. Esperando a chegada de meu pai, sentia-me relativamente tranqüilo, dividindo o tempo entre

os trabalhos da comunidade e os colóquios com Gertrudes, quando novo Incidente veio interromper essa tregua. Certo

dia, em que passeava a largos passos num corredor, situado atrás dos laboratórios de pai Bernardo, justamente à

espera de Gertrudes, outra freira, que não ela, se me apresentou, dizendo: - Reverendo, julgo-me no dever de vos

disuadir de um amor indigno de vós, pela indignidade da pessoa a quem o dedicais. Sabei que a criatura que procurou

consolar-vos da perda de nossa querida Nelda foi, nem mais nem menos, a causadora voluntária da sua morte. Já do

tempo em que vivíeis no castelo de Rouven, ela nutria por vós uma paixão impura e odiava a bela Nelda. Por ciúme,

jamais deixou de vos espionar a ambos e chegou a redigir verdadeiros relatórios à condessa de Rouven e A madre

Bárbara. Foi ela, enfim, repito, que acabou matando a pobre Nelda. Não me encareis, Reverendo, com

olhos de espanto, pois o que vos digo é verdade e anula não é tudo que sei e poderia dizer. Deus me perdoe!

prosseguiu com celeridade que não permitia objeções - visa reles criatura, sem nobreza de alma nem de berço,

serviçal do castelo, tal como fui eu mesma, tornou-se ainda pior depois que professou. Tendo sabido, não sei como,

que éreis o confessor da Sra. Matilde e tendo, provavelmente, relações fora do convento, conseguiu seduzir o famoso

conde de Rabenau, a respeito de quem correm, como sabeis, as mais estranhas versões, havendo até quem diga que era

o demônio em figura de gente. Pessoas que o viram, me asseguraram que, quando ele visitava Gertrudes, durante o seu

estágio terreno (isto é, enquanto a clemência divina quereria ver até que ponto chegariam e onde terminariam tais

coisas) apresentava-se rabudo e com pés de cabra. Ela parou um instante para tomar fôlego mas eu me calei, convicto

de que se lhe interrompesse a narração acabaria nada sabendo. Eis, pois, - recomeçou - que essa louca tinha amores

com o demônio em pessoa ; mas, quando a paciência divina se esgotou e o conde de Rabenau, ou melhor - o demônio,

quis provar ao vosso abade que não era o demônio, Deus abençoou o santo homem, ele reuniu os irmãos mais puros e

veneráveis, e o concitou a receber o Santíssimo Sacramento perante eles... E Gertrudes, que farejou que esse

negócio podia acabar mal para o seu infernal amigo, correu prestes a preveni-lo. Apesar disso, ele foi bastante

temerário para apresentar-se, deixando esparsas pelo caminho as crinas do seu cavalo; mas, quando tentou receber a

hóstia, estourou como um tonel e desapareceu entre relâmpagos e trovões, não deixando de si mais que uma pele

negra, a cauda e as patas. Ainda para se vingar, ele estrangulou o abade D. Antônio, que lhe havia empenhado a alma

num pacto sacrílego. Gertrudes, é claro, muito se lastimou, mas acabou por conformar-se e quando, muito mais tarde,

a irmã Nelda teve uma criança, Gertrudes esgueirou-se, qual peçonhenta serpente, até junto do seu leito e tais

coisas lhe disse no ouvido, que a pobre parturiente caiu em convulsões e no dia seguinte estava morta. A pérfida

julgava-se sozinha, mas houve quem lhe ouvisse dizer - "Ora, graças a Deus!... até que enfim, cedeste-me o lugar !"

Tonteei, como que fulminado e me apoiei na parede, mas, como se não houvesse percebido minha comoção, a freira

continuou : - Contudo, nunca vos revelaria estas coisas se a venenosa criatura me não houvesse barbaramente

ofendido. Não satisfeita com a vossa corte, ela toda se derretia pelo

irmão Felipe, que me jurou fidelidade, e isso porque ele a encharca de vinho. Dê, porém, no que der, ninguém dirá

que a irmã Cordélia deixou que lhe arrebatassem impunemente um bom amigo. As últimas tiradas desta comprida lenga-

lenga, mal me feriram os tímpanos. Intensa raiva se apossou de mim. Pois que'? Nelda, a minha Nelda ainda estaria

viva, se não fosse aquela miserável criatura, que, não contente de me haver traído, ainda se atrevera a conquistar

minha afeição? Nem cheguei a perceber quando a irmã Cordélia se retirou. Fora de mim, com os miolos pegando fogo,

errei pelo corredor à espera da pérfida e maldosa criatura, ávido para ajustar as contas. Até que enfim, passos

leves se fizeram ouvir e ela apareceu, emocionada. - Aonde vais com tanta pressa! - exclamou - Já sabes a grande

nova? - Sim, - respondi em voz cava - sei de uma nova que me pagarás bem caro, pérfida e torpe criatura; sei que

mataste Nelda e que por isso hás de morrer de má morte, também. Cego de raiva, alucinado, agarrei-a pela garganta

e, sacando o punhal de sob o manto, cravei-lho no peito. Algo quente jorrou, salpicando-me o rosto e as mãos,

enquanto Gertrudes se dobrava molemente. Ofegante, colei-me à parede e ouvi rumor de passos e vozes. Estuporado,

inerte, vi aproximarem-se duas pessoas trazendo uma lâmpada. Breve, a voz de Benedito, amigo e confidente, me fez

voltar a mim. - Que é isso? que fizeste? - exclamou erguendo a lâmpada para melhor enxergar o corpo escassamente

alumiado. Levantei a cabeça e dei um grito : atrás do prior, ereto, estava um homem vestido de preto - patriarcal

figura de alvas barbas a lhe descerem pelo peito... - Queria fazer-te uma surpresa, levando-te nosso Bruno ao

laboratório Eu quis atirar-me nos braços do cavaleiro, mas vi-o recuar e tapar o rosto com as mãos... - Meu pobre

filho, em que situação te venho encontrar! Tinha razão, sim. Situação de assassino, de sacerdote perjuro, a

estender-lhe as mãos tintas de sangue, pela primeira vez que me revia consciente de sua paternidade! Alguma coisa

se revoltou dentro de mim, alguma

coisa que seria misto de raiva, angústia e desespero. E, decerto, algo de tudo isso me timbrava na voz, quando

exclamei : - Deus me julgará sem clemência, mas tu, ao menos tu, meu pai, não me maldigas, concede-me teu perdão!

No mesmo instante, me senti abraçado e beijado na testa : - Tens razão filho, Deus te julgará; teu pai humano deve

apenas te amar e amparar. O que senti nesse momento, eu, o filho do acaso, o órfão desprezado no berço, não o

poderia aqui traduzir. Aquela voz, aquela carícia paternal, parece que fundiam a crosta da minha alma empedernida

no crime, por dissolvê-la num misto de gozo e amargura, até que a hipertensão nervosa desfechasse em lágrimas e

soluços. Conduziram-me ao laboratório para me acalmar e extinguir os vestígios do crime, mas eu me sentia muito

mal. Vertigens intermitentes, cabeça em brasa, quando reentrei na cela, perdi completamente os sentidos. Quando,

semanas depois, voltei a mim, soube que perigosa febre me havia posto, por um fio, entre a vida e a morte. Meu pai

não arredara pé da minha cabeceira ; tratara-me com o maior desvelo e o seu coração tantos anos isolado, se havia

sintonizado, fibra a fibra, com o do único rebento que o destino lhe concedera. Durante a convalescença, muito

conversamos sobre o passado e eu lhe abri, sem peias, o meu coração. Mais de uma vez o vi empalidecer mas, sempre

indulgente, nunca me fez qualquer censura e somente me concitava a não voltar, jamais, aos subterrâneos do mosteiro

vizinho. Quando lhe falei de Rabenau, copiosas lágrimas lhe molharam as faces. - Ninguém o conheceu melhor do que

eu - dizia e posso garantir que, apesar dos seus defeitos, era um coração de ouro, que sempre estimei muito,

muitíssimo mesmo. Completamente restabelecido, regosijava-me com a definitiva instalação de meu pai no Convento,

ainda porque a saúde ia-se-lhe tornando precária e sabia que seu desejo era morrer junto de mim. Rodeava-o,

portanto, de todos os carinhos e cuidados. A estes acontecimentos sobreveio um período de calma, sem alterações de

maior monta no meu regime de vida. Assim, resumirei apenas os fatos atinentes ao fecho desta narrativa.

O prestígio e a autoridade de Benedito, agora mais que nunca altivo e reservado, tinham de fato grande valor ; mas

forçoso é confessar que, nos domínios administrativos, propriamente ditos, faltava-lhe o gênio de Rabenau, ou

melhor - que o seu espírito se inclinava noutra direção. A sociedade secreta se desfalcava e dissolvia pouco a

pouco. Benedito execrava profundamente os subterrâneos, onde se verificara a morte trágica do antecessor, por

considerá-los perigosos e comprometedores, não desejando, por outro lado, ficar tolhido pelos irmãos da confraria

secreta. Admissivel que temesse qualquer traição ou descoberta ocasional. Assim sendo, não se opunha ao que

existia, mas interditava a entrada de novos membros. As surtidas noturnas foram canceladas e delas não restava mais

que limitada concessão para uns poucos veteranos. Benedito, pode-se dizer, tinha realizado o sonho da sua alma

ambiciosa, que era reinar a coberto de possíveis ciladas e tornar-se senhor absoluto, antes que cúmplice dos seus

subordinados. Entretanto, ainda isso não era tudo para esse espírito insaciável : suas vistas iam mais alto;

sobretudo, depois que fez uma viagem a Roma. Sim. Eu sabia que ele tramava colossal intriga junto de muitos

cardeais, despendendo com isso grandes somas, recebendo correios secretos, que não pude identificar. Seu intuito

era transferirse para Roma, ocupar alto cargo junto do Santo Padre ; mas também não duvido considerasse tal cargo

simples degrau de acesso a mais altas culminâncias. O que, porém, mais me interessava saber é se haveria sentido,

alguma vez, qualquer partícula de remorso pela morte do irmão e por outros tantos feitos tenebrosos. Porque a

verdade é que ostentava na face a mais eloqüente serenidade, sem que dos olhos doces e profundos transpirassem

laivos de perturbação. Vale dizer que os segredos dessa consciência me ficaram indevassáveis, misteriosos. Enquanto

Benedito assim perseguia lenta, mas obstinadamente, uma trilha para o poder, as forças do conde Bruno de mais a

mais se esgotavam. Vendo-o constantemente acamado, já não podia iludirme com o seu próximo fim. Passava então

longas horas a seu lado, lendo-lhe os Evangelhos e outros livros piedosos, e compreendendo que ele aproveitava os

últimos dias de vida para reagir sobre minha alma criminosa,

para que eu pudesse medir a extensão das próprias faltas. Assim, esforçava-se para me incutir melhores noções de

humildade e sacerdócio. As palavras que lhe vinham do coração aos lábios, em tais circunstâncias, me abalavam todo

o ser, e a idéia de próxima separação me deixaram inconsolável. Uma tarde, ao contemplar-lhe o descarnado rosto,

que uma réstea de sol poente aureolava, ele abriu os olhos e falou com firmeza : - Filho, sinto que a hora se

aproxima, e quero darte minha bênção; antes de o fazer, porém, permite que te reafirme a necessidade que tens do

Evangelho, para fortalecer o espírito. Não cessarei de rogar a Deus por ti, bem como a Jesus, nosso Mestre, a fim

de que, por sua infinita misericórdia, te perdoem teus grandes pecados. Ajoelhei-me à beira do leito, soluçante,

incapacitado de falar. Ele me pôs a mão na cabeça e prosseguiu : Por mim, querido filho, agradeço a dedicação, os

cuidados que me dispensaste e as lágrimas que tens vertido e ainda vertes neste momento. Chora pois, meu Ângelo,

chora, porque essas lágrimas me fazem bem. Soergueu-se um pouco, procurando abraçar-me; inclinei-me para ele, mas

já havia recaído no travesseiro, serenamente, transfigurado. Era o fim ; tudo estava acabado!   Teobaldo alcançava,

enfim, o merecido repouso, mediante uma etapa de humildade e caridade. Quase sucumbido, ergui os olhos : acima de

mim, deveria estar pairando o espírito paternal, revestido do invólucro vaporoso, qual o do peregrino entrevisto no

laboratório de pai Bernardo; e, não sei se por efeito de autosugestão ou da fé naquele Jesus que ele me inculcara

como capaz de remover montanhas, o certo é que vi, distintamente, através da faixa do sol que se esbatia na parede

e no leito, uma sombra ondulante e vaporosa, cuja cabeça mais nítida, patenteava, rejuvenescido, o rosto paterno

envolto em aura azulada... Consolador sorriso lhe frisava os lábios. Estendi os braços para tocá-lo e convencer-me

de que não sonhava, mas a visão oscilava e ascendia lentamente, como que me endereçando um último adeus. De

repente, tudo se empanou, o sol se deitou na montanha, a visão se desvaneceu. Juntei as mãos e uma prece ardente me

brotou do coração, por aquele que já não pertencia ao nosso mundo.

Depois, fui a Benedito, comunicar-lhe a infausta ocorrência. Posto que o previsse, grande e profunda lhe foi a

emoção. Ainda em sinal de apreço, consentiu fosse meu pai sepultado no cemitério da abadia, no recanto que ele mais

apreciava, pelo belo panorama que dali se descortinava. Tempos correram, pacíficos e melancólicos, antes que me

pudesse refazer do desgosto sofrido com a morte de meu pai, até que um dia me sobreveio outro golpe com o

falecimento do bondoso pai Bernardo, antes devido a excessos de trabalho, que a enfermidade propriamente dita. Com

isso, o laboratório já não oferecia atrativos. Um só amigo me restava, então, mas esse mesmo não tardou me fosse

arrebatado pelo destino inexorável. E foi assim: um dia, de manhã cedo, foram chamar-me para ver o prior, que

tardava a levantar-se e não respondia a insistentes chamados. Fui ao seu quarto, sabendo que ele, na véspera, havia

recebido de Roma gravíssimas notícias, que muito o contrariaram. Nervoso, levantei o reposteiro e entrei; inclinei

-me para ele e logo apreendi toda a realidade. Benedito tinha morrido calmamente, sem agonia. E assim penetrava no

reino das sombras o único amigo que me restava, confidente e cúmplice. Aque formoso semblante, já se não animaria

ouvindo-me contar meus desgostos e decepções aquela mão inerte e fria não mais ;se me estenderia... Não mais !...

Completo o meu isolamento na Terra! Justo, pois, que lamentasse essa perda durante muito tempo. A mim coube assumir

o priorato, por espontânea e livre escolha da confraria. Tive, assim, também eu, o galardão de ostentar ao peito a

famosa cruz de ouro, se bem que nada fizesse por conquistá-la. Meu ânimo de governar, era, por assim dizer, quase

nulo, tanto sentia isolado e fatigado, de tudo e de todos. Conscientemente, cuidei apenas de bem zelar o patrimônio

da comunidade, cumprindo pacificamente o meu dever. Dois meses após a investidura, estando uma noite assentado em

meu quarto, apareceu um irmão dizendo que o conde Kurt Rabenau solicitava uma entrevista em caráter particular.

Nesse momento, lembrei-me que Benedito me havia referido, indignado, que o jovem conde tinha viajado para Roma, no

intuito de se divorciar, e que os boatos correntes eram os mais pessimistas no tocante à situação de Rosalinda.

Mandei entrar o visitante, que me comunicou estar regressando da Itália com o cadáver da esposa, para quem

solicitava ofícios fúnebres e conseqüente enterramento no

jazigo da família. Percebendo minha emoção e a surpresa que me causava essa morte tão prematura, Kurt desdobrou

toda uma história comovedora e trágica. Contou como, atravessando o Adriático, seu navio fora assaltado por dois

corsários que, provavelmente, sabiam que ele conduzia ricos presentes para o Santo Padre. Rivais entre si e

farejando ambos a mesma presa, começaram a se bater. O combate foi rápido, aliás, e o navio maior vencendo a pugna,

alcançou e apresou o navio dele, conde, que tentava fugir. Depois de fácil abordagem e rápida refrega, o capitão

corsário escalou a ponte de comando e, ao vê-lo, Rosalinda teve uma exclamação de surpresa. O pirata, por sua vez,

passada a surpresa, atirara-se a Kurt no intuito de o matar, mas a condessa rojou-se-lhe aos pés, suplicando

que o

poupasse e oferecendo-se como refém. Convicto de que nada podia tentar e ainda porque o pirata recusava todo e

qualquer resgate em espécie, Kurt consentiu em lhe empenhar a mulher, para salvar a vida e a liberdade. Assim é que

desembarcara na enseada mais próxima, disposto a conseguir a soma estipulada e que deveria ser depositada em

Veneza. Dois dias depois, quando repousava num povoado praiano, desencadeou-se medonha tempestade e na manhã

seguinte deram à costa destroços e cadáveres entre os quais o de Rosalinda e o do capitão pirata. Lastimando

tamanha desgraça - acrescentou - arrependi-me mil vezes de ter deixado minha mulher como refém, pois só então

compreendi porque Rosalinda a isso se prestava tão boamente. O grande caso, meu Reverendo, é que aquele salteador

do mar era, nem mais nem menos, Léo de Loevenberg, que todos tínhamos por morto. Ainda prosseguiu desfiando outros

pormenores dessa triste aventura, dando-se ares de piedosa conformação e procurando convencer-me de que tudo era

obra do fatalismo, independente de sua vontade, só lhe cabendo submeter-se. - Covardão ! - considerei de mim para

mim - que diria teu pai se chegasse a ver essa adorada Rosalinda, cedida ao filho como legado do seu coração e em

defesa da qual derramaria o próprio sangue, até a última gota? Que diria, repito, se a visse abandonada como refém

por esse mesmo filho, contra todas as leis da nobreza e do cavalheirismo?

Depois evoquei o perfil do boníssimo quão belo conde de Loevenberg! Quanta ironia do destino, que o arrastou para

uma vida de banditismo ! Involuntariamente analisei o desbotado semblante de Kurt, no qual os vincos do deboche

estavam mais que patentes. A boca e os lábios, de comissuras retraídas, tinham expressão caprichosa e efeminada.

Pobre Rosalinda! Quão infeliz deverias ter sido com este pusilânime, depois de haveres conhecido e amado dois

heróis ! Experimentei por Kurt uma repulsa íntima e o despedi com a maior frieza, depois de ordenar o transporte do

ataúde para a igreja e rezar as orações da noite. No dia seguinte, após as exéquias, que deveriam revestirse

de

toda a pompa, seria o corpo trasladado para o castelo de Rabenau e lá sepultado. À noite fui a igreja, orar junto

da morta e, de repente, me assaltou vivaz curiosidade. Kurt me havia dito que mandara embalsamar o corpo e eu quis

vê-lo. Pedi a dois frades que levantassem a tampa do caixão ; aproximei-me, levantei o sudário com toda a cautela ;

e a luz tremulante das tochas me deixou ver um lindo rosto imóvel, qual escultura de marfim velho. Cotovelos

apoiados à borda do esquife, ali fiquei a contemplar a morta, enquanto o passado me revinha à mente : aquela

criatura eu a conhecera quase criança ; fora eu que a casara e era ainda eu que haveria de a sepultar ! Desoladora

verdade ! Tudo morrera para mim, em torno de mim ! Fiz sinal para que fechassem o esquife e persignando-me,

murmurei uma prece. Não posso dizer se essa prece me saía do coração, tanto meus lábios se haviam habituado a

articular palavras que o coração não conhecia.   O pietismo automático, formalístico Acabrunhado e fatigado, voltei

à cela. Transposto este último episódio, retomei a tarefa habitual, provendo os requisitos do cargo, mas sem nenhum

entusiasmo. O grande amigo, que me fora igualmente grande cúmplice, já não existia. Com ele me desabafava muitas

vezes, refocilando no passado, mesmo criminoso ; sem ele, agora, esse passado me atemorizava. Freqüentemente, à

noite, afundado em grande poltrona, fronte apoiada nas mãos, via desfilar na retina do espírito Godeliva, Waldeck,

Gertrudes e tantas outras vítimas. E à medida que as sombras vingadoras desfilavam de faces contraídas, o coração

me estremecia. O ruído mais leve, o crepitar do fogareiro aquecedor, eram o bastante para me esbuga-

lhar os olhos e arrepiar os cabelos. Evitava sistematicamente os recantos escuros, e desde que o relógio do

mosteiro batia a hora de recolher, invencível temor me anquilosava naquela poltrona. Minha alcova se figurava

povoada de sombras suspeitas e a própria cruz de ouro balouçandome no peito, parecia escarnecer-me, dizendo : "Nem

a ti, nem a teu antecessor dei repouso." Acabrunhado e trêmulo, estendia-me no leito e quando os primeiros lampejos

da aurora entravam pelas frestas da janela, era um suspiro de alívio que me brotava dos lábios ... Noites assim

indormidas, noites de insônia e sobressaltos, encaneceram-me, envelheceram-me prematuramente. A partir de certo

tempo comecei a experimentar inquietações estranhas e um mal-estar indefinível. Enfermo, recolhi-me ao leito e o

médico diagnosticou : resfriado. À noite piorei a respiração tornava-se-me angustiosa e dores intensas me

torturavam sem tréguas. Súbito, tudo escureceu, parecendo fundir-se num vapor cinzento. Essa meia obscuridade me

causou inominável angústia ; senti dores agudíssimas em todo o corpo, como se cada músculo e cada fibra se

dilatassem. A estas sensações sobreveio intenso calor, dando-me a impressão de envolvimento num braseiro. Quis

levantar-me, fugir desse braseiro, cujas fagulhas via chover de todos os lados, requeimando-me as carnes. Incêndio!

Acudam ! - quis gritar - mas nesse instante, enorme jacto comburente pareceu cair sobre mim. Fugir, evitá-lo, foi o

pensamento único que me turbilhonou no cérebro ; dei um salto para sair do braseiro, que crepitava sinistro, ao

derredor ; e já tudo, fora e dentro de mim, parecia estalar e embeber-se em chamas. Aí perdi os sentidos. Quando me

recobrei, estava completamente são. Levantei-me, entreguei-me à faina habitual. O que só não compreendia era como e

porque me movimentava com tamanha rapidez para uma das masmorras do subterrâneo. À porta do calabouço, deparou-se-

me Benedito! Pois que?! E eu que o julgava morto ?!. .. Estava carrancudo, de olhos baixos; não me disse uma

palavra! Assim calados, nos dirigimos para o corredor inundável. O cadáver de Godeliva, decomposto, lá permanecia

de bruços. Impelidos por estranha força, levantamos o corpo, aspirando-lhes os gases nauseabundos e o carregamos

até à margem do lago, onde o precipitamos. Isso feito, Benedito desapareceu e eu me vi no corredor com uma criança

nos braços. De novo, arrebatado por estranha força, asfixiei a criança!

Coberto de suor, percorria extensas galerias, sem saber onde ocultar o cadáver, que parecia colado a mim. Benéfico

aturdimento me livrou dessa tortura. Ao recobrar os sentidos, encontrei-me junto das muralhas, ajudando Benedito a

amarrar Waldeck, que se debatia aterrado; depois, esfogueamos o cavalo. Tal como outrora, o vento zunia; mas, desta

feita, acompanhamos o animal enfurecido e, voando a seu lado, atingimos o lago. Juntos, de roldão, também nos

precipitamos. Cavalo e cavaleiro não se apresentavam a nossos olhos senão qual massa informe, horrenda,

indescritível! De repente, assomado de angústia também inenarrável, vi um espectro desenhar-se diante de nós e nos

incriminar. Depois amanhecia e me encontrava de novo no Convento, a perambular involuntariamente pelas salas e

corredores, visitando a biblioteca, manuseando livros. Não raro encontrava Benedito, mas nunca trocávamos palavra e

assim recomeçávamos a horrível tarefa de repetir, como atores, os dramas criminosos que havíamos representado nesse

mundo. Torturado, cheguei um dia a dirigir ardente súplica ao Criador, rogando me livrasse de recomeçar eternamente

os meus atos infames. Instantaneamente quase, azulada luz me envolveu e flocos brancos surgiram no ambiente,

entrando a condensar-se em formas humanas. Entre esses seres flutuantes e diáfanos, reconheci Teobaldo e o protetor

do grupo. Seu pensamento projetou-se para mim, como filete ígneo e me exprimiu o que se segue: "Humilhaste-te pela

prece; o crime te horroriza. Permitem-te, então, sustar tuas atividades de carrasco vingador; mas, como castigo,

terás ainda que malassombrar o cenário dos teus crimes, até que uma nova geração venha habitar este Convento.

Continuarás vendo teus cúmplices, sem te comunicares com eles, para que assim cheguem a se envergonhar entre si.

Por vezes sereis vistos

pelos homens, que vos chamarão de almas penadas e tremerão considerando o castigo que espera as almas criminosas.

Arrepende-te e ora, muito e sempre" - concluiu. Depois, foi como se tudo se esfumasse. Vi-me outra vez só e

reencetei as caminhadas intérminas, sem objetivo determinado. Já não avistava minhas vitimas, sim os lugares que as

evocavam. Ora só, ora com Benedito e outros cúmplices, perambulava silencioso, absorto em meus

cismares, através

das alas e corredores. Uma e outra vez, algum vivente nos lobrigava e fugia apavorado.

Com o tempo, tudo foi mudando, outros homens ocuparam o Convento, nossos nomes e feitos foram esquecidos e só as

aparições permaneceram, a titulo lendário. Aconchegados à lareira, em noites de rijo inverno, os velhos campônios

não raro contavam, persignando-se, a história dos dois priores fantasmas.   Esta a minha confissão. Possa ela

beneficiar meus irmãos encarnados. Mea Sanctus.

CAPITULO II
RELATO DE HUGO DE MAUFFEN

Meu corpo físico, nesta encarnação terrena e neste ano de 1885, aí está, na grande capital do país em que faço esta

confissão. Fatigado da faina diária, deitei-me e adormeci profundamente. O torpor proveniente da transição de

vigília para o sono dissipou-se sob a forma de nuvem pardacenta e eu me senti extremamente leve, pois o cordão

luminoso, que liga o perispírito ao corpo, se distendia gradualmente, permitindo ao espírito, em parte liberto,

elevar-se no espaço. De repente, senti-me puxado para trás, presa de grande mal-estar, e percebi à minha frente uma

figura diáfana e bem conhecida, de uma criatura a quem odiava. Era Rochester, com aqueles olhos brilhantes e aquele

rosto pálido, típico. Irônico sorriso lhe frisava os lábios loquazes, que disseram:

- Orgulhoso Tibério, imperador romano quanto me custou encontrar-te, após os doze palácios de Capri! E dizendo-o,

estendia a mão fluídica para a região onde dormia meu corpo material. Estremeci, então, no meu corpo espiritual ; a

memória se me avivou com o sonho encantador de um passado longínquo. Como que por efeito de um fata morgana(1), do

nada me surgiu um recanto do paraíso terrestre : o rochedo de Capri, recoberto de cidreiras e laranjeiras, a mirar

-se no lençol transparente das águas ; e através dos maciços de mirtos e loureiros em flor, as colunas de mármore

do palácio. Em desfile, as salas pavimentadas a mosaico, com bacias de pórfiro, móveis incrustados de gemas

preciosas, os banhos secretos teatros de cenas inauditas, jardins iluminados e repletos de crianças travestidas de

Cupidos, a queimarem essências do Oriente em trípodes de ouro ... Depois, este velho purpurado que passa,

silencioso e taciturno, alheio ao ambiente criado para distraí-lo, ou seja, eu mesmo - Tibério, o temível César

diante do qual Roma temerosa tremia e a cujos pés o mundo rojava tesouros e louvores. Mas eis que o quadro pouco a

pouco empalidece, desaparece, e meu olhar se fixa na atual morada! Pesar, raiva, angústia, borbulham-me na alma, ao

contemplar o pobre divã de ouro e as almofadas de pano grosso em que dormia - eu, Tibério, o famoso imperador

romano ! Meu rosto pálido e anguloso, de expressão impassível e cruel, mal se disfarça nesta barba loura! E o mais

que me cerca? Sobre pequena mesa, uma lâmpada com o velador rachado; uma cômoda, a estante com alguns livros, saco

de viagem e malas, eis as riquezas do atual Tibério! E quando a vigília retorna e amortalha a lembrança do

passado, minha casa, minhas pretensões e necessidades são as do burguês comum. Mediante insano labor, conseguindo

amealhar fortuna, isso é nada em confronto com os tesouros de outrora. Se acordado me julgo orgulhoso do que

possuo, a verdade é que, dormindo e desprendido do corpo, não passo de mendigo e o riso sarcástico do fidagal

inimigo me faz fremir em todas as partes deste corpo fluídico. - Aqui estou - prosseguiu Rochester - para que o

conde de Mauffen preste seu depoimento, que encareço para transmitir aos homens e adquirir a glória de haver

sonhado todos os aspectos da alma de um grande criminoso, mostrando-lhes, de paralelo, as etapas mediante as

quais se dobra e quebranta um espírito. Mea culpa, importa

confessares o pensamento mais íntimo, em que pese o desprezo que ao mundo hajas de causar. E olha que se

recalcitrares tenho meios de te constranger. A raiva que me suscitou tamanha ousadia me fez estremecer ; mas,

terrível qual coluna de fogo, o poderoso Espírito avançou para mim, abafando-me com o seu fluido ardente,

projetando-me no corpo material, que se estorcia e arquejava no leito.

O ESPÍRITO DE HUGO DE MAUFFEN SE RECORDA DE 1242

Invocando, para descrevê-los, os feitos dessa etapa terrena, começo fixando o velho castelo onde nasci. Construção

maciça e imponente, embassada num árido rochedo, de cujo cimo se descortinavam cerradas florestas a perder de

vista. Grossas muralhas cercavam o torreão flanqueado de ameias, onde os pássaros nidificavam. A ponte levadiça, de

sólida contextura, raramente se abaixava para o visitante estranho, ou algum rendeiro tímido e apreensivo. Tão

longe quanto podia a memória alcançar, eu me revia nesse castelo tão silencioso e sombrio, interior como

exteriormente, e cujos umbrais me não era permitido ultrapassar. Às vezes, descia ao pátio e galgava o muro, no afã

de contemplar o céu azul e a floresta imensa, ou me entretinha a percorrer as salas outrora luxuosas, mas a esse

tempo descuidadas, com os seus móveis recobertos de poeira, tapetes desbotados e janelas e quadros transformados em

aranhóis. Um espetáculo desolador, enfim. Parte dos compartimentos permaneciam fechados e, as chaves, quem as

guardava era meu pai. Meu próprio quarto não oferecia maior atrativo : duas janelas estreitas, grande leito com

cortinas verdes, um dia franjadas e bordadas a ouro, mas, agora, desbotadas e esfarrapadas mesmo ; algumas cadeiras

de alto espaldar, mesa e dois baús esculpidos, eis o que constituía o meu quarto de dormir. Confesso que evitava, o

mais que podia, a convivência de meu pai, a quem temia e detestava. Ligeiro calafrio passava-me pelas veias, sempre

que defrontava o seu vulto esguio e o semblante austero, aureolado de cabelos brancos. Sempre vestido de preto e

mal amanhado,

magro de esquelética magreza, uns olhos pardos, penetrantes, e os lábios finos, esgarçados e sarcásticos, davam-lhe

e davam-me um quê de repulsivo. E aí tem meu pai. o ilustre senhor Hugo de Mauffen. Por toda parte, qual sombra,

ele se fazia acompanhar do alquimista Calmor, que se instalara, anos antes, no castelo. Esse tipo, vestindo

invariavelmente um gibão e gorro pretos, era também de alta estatura, barba e cabelos brancos. Nada comunicativo,

trabalhava com meu pai em tarefas secretas, que me não deixavam entrever, e o único interesse que por mim revelou,

foi ensinar-me a ler. Dessarte, em boa justiça, posso dizer que a infância e adolescência me transcorreram em

abandono e monotonia incríveis. Meu pai nunca saía e eu, por minha vez, jamais pusera os pés fora daquelas

muralhas. Cresci só, sem companheiros, sempre calado ; os velhos soldados que guardavam o castelo eram homens rudes

e pouco falavam; o serviço interno era provido por velho escudeiro surdo, chamado Cristóvão, um outro velho perneta

e duas mulheres idosas, que cuidavam da casa e da cozinha quase ascética, por assim dizer. Uma dessas mulheres, a

bondosa Sibila, cuidara de mim na primeira infância e, por vezes, nas longas noites de inverno, me distraía com

histórias de jogos, torneios, guerras e aventuras de amor ; de tudo, enfim, que alimentava o mundo exterior,

ignorado e inacessível para mim. Certa feita, tive a idéia de perguntar a meu pai quando falecera minha mãe e ele,

sorrindo escarninho, me disse que o diabo a levara para o inferno. Antes, tendo feito a mesma pergunta a Sibila,

ela se persignara e me concitara a jamais indagar tal coisa. Eis como cresci na mais rigorosa clausura, ignorando

não só a vida social, como a da própria família e abominando o castelo em que vivia seqüestrado. Meu pai trabalhava

com o alquimista, habitualmente, à noite mas, de tempos a tempos, invês de procurar o torreão, descia aos

subterrâneos e nu, obrigava a acompanhá-lo. Embora não fosse medroso, não sei porque me tremia a mão ao empunhar a

vela, sempre que com ele demandava aqueles lugares sinistros. Para atingi-los, era mister transpor três maciças

portas barradas de ferro, chegando, então, às cavas de abóbadas compactas. A terceira e ultima dessas cavas era o

objetivo de nossas visitas. Para começar, acendíamos as tochas fixadas nas paredes e à luz pareciam diversos cofres

enormes, encostados na parede e, pelos cantos, montes de vasos de ouro e de prata,

taças, ânforas de formatos esquisitos, e armas preciosas, ricamente trabalhadas, mas de tipos incomuns. Depois meu

pai abria os cofres e uma onda faiscante lhes jorrava do interior. Estavam uns atochados de moedas de ouro e prata;

outros guardavam estofos preciosos, ornados de gemas raras e multicores ; e coleções de jóias de todos os tamanhos

e feitios; e estojos de fino lavor artístico, verdadeiras obras-primas de ourivesaria, transbordantes de pérolas e

pedras outras a granel. Para contemplar esses tesouros, meu pai se acocorava junto de um daqueles cofres, tomado de

louca alegria, mergulhando as mãos descarnadas no seu bojo e de lá retirando, aos punhados, as louras moedas para

fazê-las tinir e faiscar entre os dedos, deixando-as rolar cascateantes pelo solo. - Hugo, - dizia então - és o

mais ditoso dos mortais em me teres por pai; poderás contemplar, a todo tempo, este tesouro incalculável ...

Saberás, por acaso, o valor de tudo Isto? É o fermento com que se pode levantar o mundo; mas, louco será todo homem

que tentar fazê-lo. A maior felicidade está em contemplá-lo. Um dia, estando ele a mirar, embevecido, as jóias de

magnífico estojo, atrevi-me a perguntar : - Fostes vós que acumulastes este tesouro? - Não, caro filho : essa

glória pertence a teu avô, e como se trata de uma história interessante, vou contá-la; contudo, para não perder

tempo, estende aí esse pano e espalha nele estas jóias, enquanto falo. Assim o fiz e, depois de concentrar-se um

instante, meu pai falou: - Meu irmão era ainda muito novo quando, a negócios, estagiava em uma grande cidade da

Flandres. Seu objetivo era comprar grandes partidas de trigo e provisões outras, por conta do nosso suserano, dada

a carestia reinante nos seus domínios. Nessa ocasião houve um surto epidêmico na dita cidade, logo atribuído aos

judeus lá residentes em grande número. Para atender ao clamor público, abriram rigorosa devassa e ficou provado, à

saciedade, que os malsinados ímpios haviam envenenado os poços. O povo em delírio entrou a depredar as residências

dos pérfidos envenenadores, e a pilhagem e o massacre se prolongaram por alguns dias. Teu avô, como cristão que

era, não podia deixar de intervir nos acontecimentos. O acaso o levou à casa de um judeu que tinha fama de muito

rico, por negociar em grande escala com a Espanha e Oriente. Ao penetrar no antro sórdido, percebeu que o cão infiel estava

regiamente instalado com duas filhas formosíssimas. Os burgueses e soldados flamengos, que

acompanhavam meu pai,

tudo pilharam e levaram uma -das moças. Teu avô, ficando apenas com alguns componentes do bando e, desconfiando

que o patife do judeu deveria possuir mais alguma coisa, fê-lo ir à sua presença e o chamuscou com um ferro em

brasa, para desatar-lhe a língua. Diante disso, a filha começou a gritar, declarando que, se a deixassem livre,

descobriria um tesouro. Atendida, imagina que havia naquela pocilga um vasto portão tão bem oculto que ninguém o

poderia identificar e no qual jaziam os tesouros que aqui vês, visto que outros muitos judeus, temendo a vingança

do povo, haviam lá depositado seus haveres. Teu avô distribuiu parte do esbulho aos companheiros ; os dois judeus,

pai e filha, foram mortos, para que nada transpirasse ; os tesouros, embalados e camuflados nos sacos de trigo,

foram assim trazidos sem maiores riscos a esta mansão. E aí tens a origem que ora nos deleita a vista. Uma vez

saciado da contemplação de suas riquezas, meu pai trancava a sete chaves todos os cofres, exceto dois, que

continham dinheiro amoedado.   Isso feito, plantávamo-nos cada qual diante de um cofre e contávamos e recontávamos

as moedas, empilhando-as.   Depois, tudo fechado e revistado, subíamos exaustos.   Insensivelmente, sem querer, eu

ia me prendendo àqueles tesouros, sentido-me capaz de os defender à custa da própria vida. Mas contar eternamente

aquele frio metal não me satisfazia, e me lembrava das histórias de Sibila, dos torneios e feitos de armas

presenciados e estimulados por nobres e belas damas. Sonhava com essas festas, imaginava-me ricamente vestido,

montando soberbos cavalos e encabeçando brilhantes séquitos. Imbuído dessas idéias, dirigia-me sempre a uma grande

sala de armas na qual se guardavam alinhadas as armaduras completas, de cavalos e cavaleiros. Pelas paredes, em

profusão, lanças, espadas, adagas e armas outras de todas as dimensões.   Eu examinava todo aquele arsenal,

deplorando não saber manejar qualquer arma, nem haver jamais montado um cavalo, apesar dos meus dezoito anos.

Achando-nos um dia nas cavernas, não me pude conter e perguntei a meu pai por que me impedia de

comparecer a

festividades e torneios, acrescentando que, filho de um

homem tão rico e portador de um nome ilustre, era justo aspirasse às esporas de cavaleiro. Ouvindo-me assim falar,

ele carregou o sobrolho e encarando-me de esguelha, disse, zombando : - Olá! já te preocupam, então, essas ambições

dispendiosas?   Incomodam-te, por cá, estes tesouros? Pois olha: trata de varrer da mente essas quimeras, porque a

verdade é que daqui não sairás, visto que só aqui podes ser feliz.   Fora destes muros mente-se, rouba-se, mata-se

.   E as mulheres, então?... São o demônio disfarçado, a serviço da perdição. Criaturas com aparências de anjo,

a morderem a mão que as acaricia. Louquinho que és, foge do mundo...   Olha, aqui tens o teu futuro, o teu amor e

felicidade... Não estás vendo este ouro? Não te parece que ele sorri, assim fulgurante? Levantou-se e pousou a mão

no meu ombro : - A deixar-te daqui sair, para que viesses mais tarde assaltar-me, eu antes preferiria torcer-te o

pescoço com as próprias mãos, de vez que, para atingir estas arcas, importa passar por cima de meu cadáver. - Mas,

respondi sem temor - a morte é inevitável e que será destas riquezas quando nos formos deste mundo? - Sim -

respondeu sorrindo estranhamente - os outros morrem, mas eu e Calmor temos descoberto o elixir da vida eterna. Por

mim, não sabia o que dizer, nem mesmo se devia aceitar ou recusar tais assertivas; mas uma coisa era certa: é que,

para o momento, era inútil imaginar torneios. A possibilidade de um elixir de vida eterna me havia impressionado

profundamente. Supersticioso por índole, ávido de maravilhas e de ciências ocultas, comecei a espionar o torreão

onde trabalhavam meu pai e o alquimista. Às vezes, de lá me chegavam estranhos ruídos, até que o acaso permitiu

descobrir-lhe a causa, não sem espanto, seja dito, pois eu não passava dos meus dezenove anos e o instinto das más

paixões ainda se me não tinha revelado, de sorte que o crime causava-me pavor.   Errando um dia pelos subterrâneos,

à cata de uma brecha que permitisse sair do castelo sem que me vissem, cheguei a uma caverna justamente

cavada sob

o torreão de Calmor. Um cheiro estonteante de matéria putrefacta dali se exalava e fui levado a investigar de onde

provinha, deparando-se-me, então, uma grande cavidade no solo. Sondei, com a luz da tocha, aquele presumido poço e

vi, estupefato, que estava cheio de fragmentos humanos, uns já reduzidos a ossos,

outros ainda empastados ; amálgama infecto e sobrenadante, ainda reconhecível, o cadáver de uma criancinha! Claro

que dali fugi espavorido. Mas a partir desse dia a vida no castelo se me tornou mais odiosa e passei a aspirar algo

que não podia definir.   Aquelas paredes me sufocavam, tudo me parecia mesquinho, insuportável. Não sabendo como

iludir o tempo, passava longas horas num quarto cheio de manuscritos, tentando pacientemente decifrá-los. Por

muito tempo nada mais li que tratados da arte de caçar, crônicas genealógicas de nossa família, etc.; até que, um

dia, precioso manuscrito me caiu nas mãos : era o diário de antigo capelão do castelo que, além de muitas

aventuras, contava os pormenores de longo assédio da nossa mansão, cujos moradores, ao seu dizer, teriam perecido

se não houvesse uma saída secreta, que desembocava a grande distância, no meio da floresta. Pudera! Se a tal saída

ali não estivesse obstruída, seria a minha válvula de salvação. O ensejo não se fez esperar e veio, quando, certa

vez, por haver trabalhado toda a noite, meu pai só despertaria mais tarde. Desci ao subterrâneo e, seguindo as

indicações do manuscrito, dei com uma porta evidentemente esquecida, tal o emperramento causado pela ferrugem dos

gonzos. Abrindo-a com grande esforço, desci longa escada e atravessei uma galeria bem conservada até esbarrar com

grande bloco de pedra. Removi-o, depois de ingentes esforços, devido à trama de arbustos e raízes que invadiam

todas as brechas e, rompendo cerrado matagal, saltei num buraco seco e recoberto de musgo. Extenuado, porém

satisfeito, estirei-me naquele macio tapete e, erguendo os olhos vi, no alto, a copa das árvores seculares, cujos

ramos entrelaçados formavam um como zimbório impenetrável. Aspirei a longos haustos o ar embalsamado da floresta.

Aquela frescura, aquele aroma e a espessura da mata me inebriavam a mim, prisioneiro do berço. Comecei então a

divagar e pensar que a liberdade jamais me poderia aparecer mais bela do que naquele momento. Tendo assim repousado

um pouco, caminhei cauteloso e a cada passo descortinava novos encantos. Ao derredor, cresciam flores e frutos que

eu recolhia, frutos vermelhos e cheirosos, que me sabiam a novidade. E dizer que eram simples morangos, que eu não

conhecia! Assim, entretido, com essa colheita, não tardou tivesse um brusco sobressalto, ouvindo longínquo latido

de cães e relinchar de cavalos, seguido de toques de buzina. Pouco a pouco, o alarido se foi aproximando e, de um

carreiro que me passara despercebido, desembarcou toda uma cavalgada de cavaleiros e damas ricamente trajados.

Rente a mim, o esquadrão multicor atravessou a clareira e tornou a mergulhar na floresta. Era uma caçada! Senti-me

estranhamente amargurado, despeitado. Atirei-me na relva, mergulhei a face nas mãos. Por que não poderia, filho de

poderoso fidalgo, tomar parte naqueles prazeres? Examinei meus trajes surrados, escolhidos no guarda-roupa dos

ancestrais, e conquanto não tivesse a menor noção da moda, não deixei de notar o seu exotismo, rico talvez no seu

tempo, mas ridículo em relação com o dos cavaleiros que passaram. Assim matutava, quando um estalidar de ramos me

fez levantar a cabeça : um veado arquejante passou de relance, de perto seguido de grande lebreiro. Ergui-me de um

salto, mas no mesmo instante surgiu na clareira um cavalo que, porventura assustado com o meu vulto, pinoteou e

desmontou a cavaleira. Só, então, notei que era mulher e que, com o pé preso no estribo, corria grande perigo.

Detive o animal, prendi-o a uma árvore e cuidei de socorrer a dama que, felizmente, nada sofrera. Tratava-se de

belíssima jovem de cútis rosada, olhos negros, muito vivos e cabelos louros, a jorrarem do gorrete azul esmaltado

de pérolas. Agradeceu-me, comovida, fixando curiosa minha pessoa e minhas vestes. - Quem sois vós, que acabais de

prestar-me tão relevante serviço ? A quem devo expressar meus agradecimentos? - Que vos direi, senhora?

Se meu pai

soubesse .. Encarou-me estupefata e disparou a rir. - Por Santa Rosa, minha madrinha, que dizeis! Um homem feito,

um cavaleiro, ao que presumo, pelo traje, temer a severidade paterna um ato tão simples? Vamos, confiai-me vosso

nome e guardarei segredo. Para começar, dir-vos-ei que me chamo Rosa, condessa de Rabenau, nome que por si só,

representa a maior garantia. Tomoume a mão, mergulhou no meu o seu olhar de fogo... Fascinado por esse olhar,

murmurei quase sem querer : - Chamo-me Hugo, conde de Mauffen - Ah! - disse ela surpresa - sois, então, filho do

velho feiticeiro que habita o castelo, conhecido por "Garra do Diabo"? Mas - acrescentou sorrindo - essa mansão

desmente o conceito, porque abriga um querubim, que sois vós... O elogio me fez baixar os olhos, ao mesmo passo que

afastava com a mão os longos cachos louros que me caiam

pelas costas. A moça assentou-se na relva, convidou-me a fazê-lo e entrou a palrear e indagar da minha vida.

Respondia-lhe com evasivas, corando por confessar que era o primeiro dia que passava fora do castelo. Por fim,

levantou-se, dizendo: - Podeis aqui voltar sempre, pois não moro muito longe e costumo passear por estas bandas,

acompanhada do meu cão e de um pajem muito discreto. Farei um desvio para nos encontrarmos e conversarmos. Ficai

tranqüilo, meu jovem poltrão, pois eu virei sózinha. Montou lépida e estendeu-me a mão, que não ousei beijar. - Até

sempre, belo Hugo, - disse sorridente, atirando uma rosa do corpete. E desapareceu picando o animal. Eu,

embatucado, ali fiquei afagando a flor, qual uma relíquia, para guardá-la junto do coração. A partir desse dia,

freqüentemente me escapava do castelo e, nas horas combinadas, a castelã de Rabenau prendia o cavalo a qualquer

árvore para nos sentarmos na relva. Sempre jovial, contava-me, a cores cambiantes, a vida mundana, que eu de todo

desconhecia. Pouco a pouco, perdendo o acanhamento, também lhe fui revelando minha vida doméstica, as esquisitices

de meu pai, sua fabulosa riqueza. Tudo lhe confessei, menos a existência dos tesouros, aliás sem idéia

preconcebida. Ela deplorou minha sorte, prometeu pensar na minha libertação e acabou confessando-se infeliz no

casamento. Um dia, quando regressava e percorria o subterrâneo, fui detido pelo braço, no momento preciso em que

fechava a porta secreta. Dei um grito supondo que fosse meu pai, mas logo reconheci a voz de Calmor, a sussurrar

: - Aproveitas bem o tempo, Hugo... E fazes bem, porque a vida aqui é odiosa. Mas, enfim, dize-me: que preferes

tu? Que denuncie a teu pai estas saídas ou que façamos uma aliança conveniente? - Explica-te - redargui comovido -

pois só no Imaginar a cólera paterna eu perdia a cabeça. Calmor me atraiu a si e continuou em surdina: - Amas teu

pai? Penso que não - respondi hesitante. - Então, morra ele e tu me darás, para garantir este resto de vida, uma

quantia sobre a qual acertaremos. Depois ficarás livre, rico e poderás amar sem peias a bela

criatura que te visita lá na floresta. E terás tudo que desejas : torneios, festas, ciência, amor. ... Desfeito,

enfim, o cipoal que te embaraça, ficarás sendo, para todos os efeitos, o mestre e eu... (inclinando-se) serei o

astrólogo do mui poderoso senhor Hugo, conde de Mauffen... Com aquele panegírico do futuro, foi-se-me toda a

perspectiva de pesar ou de remorso, e apenas objetei : - Mas, como matá-lo? Calmor inclinou-se e me falou no

ouvido: - Com veneno que te vou fornecer. - ótimo, mas, para quando? Qualquer destes dias. Separamo-nos e me

recolhi agitado; todos os maus pendores que me dormitavam nalma acabavam de despertar... Bastou um pérfido

conselho, uma ligeira sugestão para reflorir a minha velha cupidez, o meu egoísmo e fria crueldade! Como por efeito

da vara mágica de um saltimbanco, eu me tornava, assim, aos vinte e um anos, um consumado criminoso! Caminhava a

passos largos no quarto e mil pensamentos e projetos me repassavam na mente, mostrando-me o futuro faustoso. Enfim,

a tarde caiu, tingindo de rubro o poente e eu me debrucei à janela com este só pensamento: "conde Hugo, dentro em

breve serás senhor de tudo isto e de ti mesmo!" Como soavam bem aquele título e aquele nome! Sim, que eram

sinônimos de poder, independência, fortuna. Essas divagações foram interrompidas pelo velho Cristóvão, que me

chamava para jantar. Como de costume, nos reunimos à volta da mesa parcamente servida de algumas carnes frias e uma

bilha de vinho. Nesse dia, pouco comi e logo que ficamos sós, meu pai me disse: - Vamo-nos. Compreendi. Íamos aos

subterrâneos. Levantei-me, tomei a tocha e descemos calados. Como sempre, ele fechou as três portas, acendeu as

luzes e abriu os cofres. Deteve-se um momento de pé, braços cruzados, absorto na contemplação das riquezas que

reluziam ao derredor, mas sem demonstrar a costumada alegria. De repente, um sorriso sardônico lhe franziu os

lábios descorados, cravou-me uns olhos duros e falou : - Pois não é verdade? Quanta riqueza, quanto poder e quanta

independência te facultaria a posse destes tesouros, meu caro Hugo de Mauffen, se pudesses ter a amizade de um

astrólogo como Calmor e viver eternamente para gozar estas delícias!? Um bom pai só pode exaltar os desejos do

filho. Tens inteligência bastante para viver

lá fora, fora destes muros, pois não é? E riu-se de forma que me gelou o coração. - Pois fica sabendo que aqui hás

de passar o resto da vida, para morrer no meio destas riquezas, quando chegar a tua hora, marcada por Deus. Aqui

não há veneno nem armas, poderemos viver em perfeita harmonia, serás doravante meu tesoureiro... Aquelas palavras

fizeram-me perder a cabeça. Tudo sabia, então? Deveria apodrecer ali, assim, naquela caverna, desarmado e separado

de Calmor, meu único amigo? Não havia tempo a perder, o recurso era eliminá-lo. É verdade que eu estava

desarmado, mas, contava com o vigor dos meus braços, em função de tigre espicaçado. Esses pensamentos não tiveram a

duração de um minuto. Atireime a ele, disposto a estrangulá-lo. Reagiu, engalfinhamo-nos e rolamos por terra.

Senti-lhe os dentes cravados nas costas, ao mesmo tempo que lhe metia o joelho ao peito, procurando a garganta. A

luta prosseguia, meu pai arquejava no auge do desespero, quando, súbito me veio à idéia o menor dos cofres, quase

ao alcance da mão. De um salto, com enorme esforço, que só o desespero podia conceber, tombei o cofre em cima dele

e todo o ouro acumulado rolou pelo chão. Depois, como louco, fui derrubando os outros cofres e atirando-lhe tudo

que me caía nas mãos : salvas maciçosas, vasos, taças, barras de ouro, moedas ... E já em breve, de sob os

destroços preciosos, rompiam gemidos abafados. Compreendi que o seu possuidor, soterrado no próprio tesouro, assim

liqüidava as contas neste mundo. Não obstante, continuei atirando-lhe ouro e mais ouro, até que de todo me

exaurisse... Estonteado, ofegante, suava por todos os poros, encostei-me à parede. Enfim, livre, rico,

independente! Entretanto, como sair dali? As chaves, certo lá estavam com ele, sob o caótico tesouro e faltava-me

coragem para rever o cadáver. Abaixei-me trêmulo, tateando o lajedo e logo um objeto frio me chamou a atenção :

era o molho de chaves que, durante a refrega, lhe caíra do cinto e resvalava para um canto da caverna. Levantei-me

mais calmo e tratei de me safar, sem olhar para trás. Ao fechar a última porta, suspirei aliviado. Nunca mais, em

parte alguma, o pátrio poder me tolheria a liberdade. Resolvi, porém, encobrir a verdade; não queria apresen-

tar-me ao mundo com a pecha de parricida. Todavia, como explicar o desaparecimento da vítima? Depois de refletir um

momento, fui a outro compartimento do subterrâneo,

onde havia profunda cisterna mal resguardada por uma grade de madeira apodrecida. Com alguns ponta-pés derrubei um

lado da grade, apaguei a vela e subi as escadas gritando por socorro, porque meu pai tinha caído de forma

imprevista e a luz se apagara. Cristóvão e Sibila acorreram de pronto ; munindo-nos de archotes, descemos. Chegando

ao local, o velho Cristóvão exclamou: Deus de misericórdia! - se o amo aí caiu, tudo está acabado. - Sim, foi aqui

mesmo - disse, fingindo-me desesperado - ele, hoje, quis visitar este poço e vi-o debruçarse para aluminar o fundo

do mesmo ; penso que pretendia dizer-me qualquer coisa, porque cheguei a lhe ouvir estas palavras - vês, Hugo? -

quando a madeira estalou, ele deu um grito e afundou. Com o susto, a vela me caiu das mãos e é tudo o que posso

dizer. O velho servo suspendeu o archote procurando aclarao interior do poço. No fundo, um disco brilhante

espelhava a luz do archote. - Sim - prosseguiu Cristóvão examinando a grade quebrada - esta madeira está podre e

assim, infelizmente, o que só nos resta é rezar pela alma do patrão. Ouvindo essas palavras, entrei a deblaterar o

melhor que pude, e creio que me saí bem, porque os dois velhos fâmulos também me consolavam o melhor que podiam. -

Não te dizia que ainda veríamos uma enorme desgraça? - sussurrava a velha Sibila meneando a cabeça. Eu bem sei que,

quando aparece D. Iolanda, é agouro na certa. - Que D. Iolanda? - perguntei admirado - pois nunca ouvira pronunciar

esse nome. - É uma ancestral do defunto conde : minha avó contava que ela morreu de maneira inexplicável; mas a

história é longa e não sei se estareis disposto a conhecêla. O mistério e a tragédia sempre exerceram grande

fascinação sobre meu espírito. Comumente, em sonhos, eu via coisas que a realidade contrastava. Essas visões

oníricas eram bem diversas, e muito mais belas que as do meu ambiente natural e, nesse caso, era ainda um mistério

que estava em jogo. - Conte-me, então, Sibila, o que sabes a respeito dessa parenta que anunciou o triste fim de

meu pai. Deixemos, porém este maldito lugar. Subimos ao salão de jantar ; Cristóvão chegou a cadeira em que

costumava sentar-me junto de meu pai, lan-

çou um punhado de gravetos ao fogo, e Sibila, encarando-o, disse : Se me esquecer de qualquer detalhe, lembra-o tu

que tens boa memória e conheces a coisa de cor e salteado. A um sinal afirmativo do velho, Sibila começou : - Vosso

bisavô que, como todos os vossos antepassados, se chamava Hugo, era um homem já maduro, quando assediou e tomou um

castelo, cujo nome não me lembro. Vencido e preso o castelão, a nobre Iolanda, sua filha, lançou-se-lhe aos pés,

suplicando a liberdade do pai. Quando vosso avô viu a jovem Iolanda, o demônio entrou nele, pois só o demônio

poderia inspirar um homem cinquentão a esposar uma rapariga de dezesseis anos. Trocando seu futuro pela libertação

do pai, a jovem Iolanda aceitou a proposta insensata e o casamento se realizou com grande pompa. Minha avó era

então menina de seis ou sete anos, quando a nova castelã entrou na família e foi ela quem me contou que um querubim

não podia ser mais lindo que essa criaturinha de cabelos de ouro e olhos cor de céu. Três anos correram plácidos e

indenes de qualquer contratempo, quando o velho castelão houve de partir para visitar um irmão moribundo, por sinal

que alto dignitário eclesiástico - Bispo, se me não falha a memória. O velho conde, homem muito religioso, não pôde

esquivar-se ao apelo do irmão e partiu deixando a mulher e um filhinho de dois anos. Na sua ausência, um jovem

trovador, sem recursos e enfermo, suplicou hospitalidade no castelo. A caridosa Iolanda o recebeu e ordenou que o

tratassem da sua enfermidade. Uma vez curado, o rapaz fez questão de cantar para a sua benfeitora. Acontece,

porém, que, restabelecido e bem posto, o rapaz surpreendia a quem o visse, por sua beleza original. Era nativo,

creio, de longínquo pais meridional. Cútis morena, cabelos negros, cacheados, olhos brilhantes de azeviche.

Chamava-se Ângelo e parece - Deus me perdoe que a castelã viu esses olhos de muito perto, por eles se

enfeitiçando. Porque a verdade - Deus me perdoe - é que o mandava chamar freqüentemente a este torreão de lado da

floresta, cuja entrada é murada, como sabeis. Eles aí passavam horas e horas, e por vezes o trovador era visto a

cantar no peitoril da janela, enquanto a dama fiava na sua roca. Uma noite, quando menos se esperava, o velho conde

regressou. Satisfeito e bem disposto, foi logo perguntando pela mulher.

Ninguém se atreveu a indicar a torre, por lá estar, no momento, o belo trovador. Suspeitoso, trovejante, o castelão

exigiu que lhe dissessem a verdade, até que um pajem mais ousado lhe apontou a torre. Dois escudeiros viram quando

ele galgava as escadas, lépido, e batia à porta. Minutos após voltava sozinho, gaguejante, e ordenava que murassem

a saída do torreão. Ninguém soube jamais o que se passou por lá; depois de muito tempo, porém, todas as vezes que o

chefe da casa tem de morrer, a jovem Iolanda aparece com o seu vestido branco, como que rompendo a muralha para

percorrer toda a casa, deter-se no portão da entrada e nele traçar um sinal com o punhal sangrento que traz

consigo. Assim que, há três dias, se nos mostrou a mim, a Cristóvão e a dois escudeiros. E aí temos a morte

desastrada do amo, quando menos a esperávamos. A narrativa de Sibila me impressionou profundamente e

logo perguntei

: - E meu avô como morreu? - Desastradamente também - respondeu persignando-se - andava à caça, o cavalo caiu e o

senhor vosso avô foi estripado por um javali. Daí me veio à mente saber a sorte de minha mãe. Mas não tive a

necessária coragem de indagar, detido por vago sentimento de temor. Respeitei o mistério, despedi o casal de velhos

e fui procurar Calmor. Contei-lhe que meu pai nos havia espionado e descoberto os planos ; que me levara ao

subterrâneo tentando afogar-me no poço e quando lhe resistia, tropeçou e lá caiu para sempre. O alquimista,

sorridente, me apertou a mão e disse: - Fiquemos amigos e saiba agora quem sou e como me chamo. Arrancou a barba e

a cabeleira postiças e tive diante de mim um homem ainda moço, forte e de boa aparência. - Que quer dizer isto? -

exclamei surpreso. - Quer dizer que sou Bertrand, barão de Eulenhof, e aqui tem alguns dados a meu respeito : de

muito moço, experimentei toda sorte de provações, até o extremo de não ter onde asilar-me. Eventualmente prestei

serviços a um alquimista e astrólogo, chamado Calmor, e quando lhe pedi um conselho, disse-me : "Conheci, na minha

mocidade o sr. de Mauffen, que vive agora isolado no seu castelo; ele gosta de Astrologia ; portanto, disfarça-te o

melhor possível, toma o meu nome e vai até ele, porque lá ninguém te incomodará. Aceitei o conselho; aqui estou. O

verdadeiro Calmor, que ainda vive, é quem me fornece elementos para representar o papel de alquimista." Os dias

seguintes foram ocupados na orientação dos negócios. Tratei, a seguir, da reparação interna do solar e de me vestir

de acordo com o meu tempo e a minha posição social. Fiz um curso de esgrima e equitação, e quando me julguei em

condições de aparecer na sociedade isento de maiores críticas e confrontos desfavoráveis, apresentei-me a Rabenau e

a outros magnatas da região. O barão Eulenhof se me revelou bom companheiro e valente gastrônomo, mas sempre metido

em casa, evitando compartilhar dos meus passeios e visitas. Assim cheguei, finalmente, a satisfazer a paixão que

nutria pela condessa de Rabenau e tudo quanto me faltara e negligenciara, sob o jugo paterno, foi amplamente

compensado no convívio social. Não me fartei, contudo, à grande surpresa, quando verifiquei que Rosa e Eulenhof já

se conheciam intimamente e confidencialmente. Muito mais tarde, vim a saber quanto essa mulher, frívola e sensual,

era astuciosa nos seus planos de infidelidade conjugal. Era de fato singular a manobra que desenvolvia para

entreter relações simultâneas comigo, com o duque, com Eulenhof e alguns fâmulos favoritos. A esse tempo, porém, eu

estava cegamente apaixonado e nada podia ver. Sempre tive muita vontade de conhecer o verdadeiro Calmor que, com o

nome de Rupert - o feiticeiro - vivia isolado numa floresta vizinha. Rosa, que já o conhecia, me propôs lá irmos

juntos e consenti satisfeito. Calmor era um velho alto e magro, muito agradável. Morava numa casinha isolada, em

companhia de uma irmã chamada Gilda, idosa de quarenta anos e feia como ela só. Dizia-se que ela também praticava a

Medicina e tinha grande clientela clandestina em toda a região. O conceito de grandes feiticeiros, que os dois

irmãos desfrutavam, lhes granjeava a proteção dos poderosos, mais valiosa que todos os fossos e pontes levadiças.

Se a personalidade do astrólogo não me agradou à primeira vista, seus trabalhos muito me satisfizeram. Amador

apaixonado de todas as ciências ocultas, admireime quando ele me disse haver descoberto o meio de conservar a

eterna juventude e que estava em vésperas de encontrar a pedra filosofal ; que conhecia o efeito de todos os

tóxicos e podia, em casos excepcionais, evocar o diabo. Compreendi, então, de onde surgiram as idéias de meu pai

. Quem poderia saber? Talvez eu tivesse mais

sorte e conseguisse obter o maravilhoso elixir. O essencial era conquistar o precioso sábio. Logicamente, propus-

lhe estabelecer-se em minha casa para o resto da vida, com a só condição de lhe assistir às experiências. Concordou

e semanas depois instalou-se no castelo. A irmã não quis acompanhá-lo e ficou morando na floresta. Depois que o

tive comigo, veio-me a idéia fixa da evocação do diabo. Posto que dotado de senso analítico e, demais,

cético, as

idéias contemporâneas e o pendor para o maravilhoso me levavam a admitir a existência de Satanás. E concluía que,

se de fato o truculento rei do inferno existisse, convinha conhecê-lo quanto antes, pois já me havia, de alguma

sorte, tornado recomendável com a morte de meu pai. Provavelmente ter-me-ia ajudado no parricídio e haveria de

reclamar a recompensa. Aliás, a hipótese de cair nas garras de Satã me preocupava de longa data ; os sacerdotes

muito falavam dele e não havia muito, que terrível acontecimento ocorrera na Abadia dos Beneditinos, situada não

longe do meu castelo. O caso se passou com o dispenseiro do convento que retirando vinho na adega, perdera a bucha

do tonel : furioso, vendo correr aos borbotões o precioso líquido, chamara pelo diabo e logo o teve diante de si,

na figura do frade falecido, que o antecedera no cargo e que, abanando a cauda e meneando os cornos, lhe dissera :

"Ainda ousas chamarme e aumentar minha sede, aqui onde passei tão belas horas? Vem, pois, comigo e goza do meu

gozo". Com isto, atirou-se-lhe à garganta e tê-lo-ia estrangulado, se o frade não tivesse gaguejado uma Ave Maria!

Outros monges accorreram e puderam ver no pescoço do colega os sinais da agressão. Sem embargo, o dispenseiro

falecia no dia seguinte, sem que pudesse receber os sacramentos, alegando que o diabo lhe fechava a boca. Esta

história corria de boca em boca e tinha-me sido confirmada por um monge do convento. Preciso era, pois, pôr a coisa

em pratos limpos. Então, prometi a Calmor grande recompensa, se me facultasse ver e falar ao demo, de molde a

convencer-me da sua existência. Olhos faiscantes de alegria, o velho mago se comprometeu a fazer a evocação, mas

com alguma demora, visto que a coisa requeria uns tantos preparativos, aos quais de resto eu poderia assistir. Um

mês mais tarde, dizia-me:

Tudo está pronto ; agora, na lua cheia, podemos ir ao local onde o soberano das trevas gosta de manifestarse ...

Mas, diga-me : tem coragem de lá ir? Onde é isso? - respondi - rindo-lhe nas bochechas. Citou, então, um

sítio

realmente mal afamado e não longe da Abadia dos Beneditinos. Era uma região cortada de colinas pedregosas e

profundas grotas, por onde corria volumosa torrente. Um desses caldeirões era denominado TÚMULO outro, BERÇO DO

DIABO, por ser o mais ruidoso e mais profundo, e onde costumavam lançar os suicidas.   Nossa entrevista seria no

BERÇO DO DIABO. Ao lá chegarmos, Calmor acendeu uma tocha e uma nuvem de corvos esvoaçou crocitante. Notei então

que uma grossa corda cheia de nós, estava solidamente amarrada na ponta de um fraguedo.   O mágico passou-me a

tocha e deixou-se escorregar para o abismo. Depois, mediante o sinal convencionado, desci, também, até pisar terra

firme. Calmor acendeu três tochas e, aclarado por elas pus-me a examinar o ambiente sinistro. Reconheci desde logo

que o fundo desse abismo era muito mais vasto do que se poderia supor. De um lado, corria sereno o riacho e por

todo o solo arenoso viam-se ossos espalhados. Bem no centro havia uma pedra redonda e maciça, semelhante às de

moinho, e nas beiradas dessa pedra, treze caveiras simetricamente dispostas. Quatro grandes pilhas de zimbro,

adrede preparadas, foram acesas. De repente um calafrio me fez estremecer e recuar sobressaltado : é que assentado

ao redor da pedra, silenciosos, imóveis, estavam precisamente treze lobos, cujos olhos coruscavam como carvões em

brasa.   De vez em quando Calmor lhes atirava nacos de carne tirados de um saco e que verifiquei, com grande

surpresa, serem restos humanos. As feras abocanhavam cada qual o seu quinhão, sem se moverem do lugar em que

estavam. Diante desse quadro não pude evitar uns arrepios; e Calmor, notando-o. disse : - Não se assuste, eles são

mansos e estão afeitos à esta iguaria; entretanto, para começar, precisamos da Gilda. Não sei porque demora. No

mesmo instante, a corda foi sacudida com violência. - É ela - disse Calmor - e de fato Gilda não tardou aparecer,

saudando-me respeitosa e dizendo esperar, também ela, uma recompensa especial, caso eu ficasse satisfeito com a

experiência. Prometi-a e Calmor declarou que

era tempo de começar. Mandou que a irmã se assentasse em frente da pedra redonda, com as costas apoiadas no

penhasco. A seguir, acendeu um molho de zimbro e tomando um grande livro, começou a recitar invocações, fazendo

gestos para cima e para baixo, primeiro com uma, depois com as duas mãos, ora sobre Gilda, ora sobre os lobos.

Estes entraram a uivar lugubremente, mas pouco a pouco se foram calando, de sorte que apenas se ouvia o crepitar do

zimbro ardente. Calmor assentou-se também por sua vez, e colocando as mãos sobre duas caveiras, convidou-me a

imitá-lo. Assim, ficamos imóveis por algum tempo, quando me pareceu ouvir pancadas e ruídos estranhos.

Simultaneamente, intenso frio começou a invadir-me o corpo. Gilda - perguntou Calmor - podes ver o nosso poderoso

mestre e com ele conversar? Ouviu-se um gemido. Olhei para a mulher e vi, com espanto, que ela estava deitada, como

que adormecida, com os membros inteiriçados e respirando com dificuldades. Chamas esquisitas, semelhantes a

fogos-fátuos, oscilavam-lhe acima da cabeça. - Sim - respondeu com dificuldade - o mestre virá e os seus servos

(citava nomes desconhecidos) já se encontravam aqui reunidos (1) . Nesse momento, a respiração de Gilda tornou-se

sibilante e ela disse, quase sufocada : Ei-lo que chega! Ergui a cabeça, olhei e o que vi me terrificou! Junto ao

corpo de Gilda se formava lentamente uma luz esverdeada e oscilante que aclarava, nítido, o corpo de um homem

agigantado e negro de azeviche. O rosto, assaz belo, era animado por dois olhos rutilantes. À cabeça, como que

envolta numa chama, dois grandes chifres ! Levantando a mão cabeluda, de unhas recurvas, com voz metálica, mas como

que amortecida pela distância, falou distintamente : - Chamas-me para te provar que existo : Sabe então que te

ajudo e inspiro e que teus atos te ligam a mim ; acompanho-te de século a século e te asseguro a impuni-

(1)Cumpre advertir ao leitor que tudo quanto aqui descrevo se explica pelo Espiritismo, com as experiências

mediúnicas, não podendo, portanto, ser levado a conta de imaginário e inverossímel. Todos estes fatos eram efeitos

medianímicos, facultados por médiuns poderosos, e contudo, incompreendidos e desvirtuados pela supersticiosa

credulidade e ignorância própria da época. Os próprios médiuns eram os primeiros a atribuir ao diabo e não aos

espíritos atrasados o que com eles ocorria. NOTA DO AUTOR.

dade, com todas as delícias da Terra, reivindicando apenas para mim as torturas de tua alma. E agora, sereis amigo

fiel e te seguirei, bem como àqueles que conheces. Eu não podia despregar os olhos do fantasma, cujo sorriso

satânico me petrificava. Depois tudo se foi transformando em espiral de fumo negro que se dispersou no alto. Tonto,

endurecido, como se tudo rodopiasse em tôrno de mim, abri os braços e tombei desacordado. Quando despertei, ainda

lá estava no antro. Regressei ao castelo muito impressionado com a certeza da existência do diabo ou, no mínimo, de

alguém que com ele se Parecia. Durante algum tempo, essa idéia arrefeceu meu bom humor ; pouco a pouco, porém, os

encantos da vida nova e os amores de Rosa sobrelevaram todas as apreensões. E foi nesse ínterim que me deixei levar

a um crime tão horroroso, que ainda hoje me faz estremecer ao recordá-lo. Certa feita Rosa quis saber de Calmor se

haveria meios cabalísticos capazes de ligar duas criaturas por laços indestrutíveis, tanto na Terra, como no Céu ou

no Inferno, O mago declarou que a Cabala indicava como recurso infalível, nesse caso, que os pais bebessem o

sangue do próprio filho. Mais tarde, quando já esquecido o incidente, sucedeu que Rosa, enquanto o marido se

ausentara em longa viagem, deu à luz, secreta e clandestinamente, um casal de gêmeos. Calmor, Gilda e eu fomos os

únicos sabedores do fato. O que fizemos do menino, não sei; mas sei que a menina foi entregue a Gilda e levada a

minha casa. No curso de uma das suas visitas a condessa lembrou a consulta feita Calmor e eu, no desvario da minha

paixão, estrangulei a inocentinha, para lhe bebermos, Rosa e eu, 'duas taças do sangue vivo. Isto posto, Rosa

atirou-se em meus braços, delirante, em transportes de volúpia inconcebível. E assim se consumou o monstruoso

sacrilégio, que parece nos haver ligado indissoluvelmente no crime e para o crime, visto que em todas as minhas

reencarnações encontro essa pérfida mulher e, por desgraça e perdição, sou !Ha. ela arrastado na senda criminosa.

Pelo que precede, vê-se que o nosso amor ultrapassava os limites do natural ; e de fato, chegamos a consumar

deboches que mal se poderiam conceber e descrever. E me assim não fosse, quem acreditaria neles? Pois, ape-

sar disso, Rosa me traía, quase às minhas barbas, por assim dizer, até com o meu escudeiro. Quando me certifiquei

dessa indignidade, meu desespero não teve limites; mas, em vez de o descarregar na mulher infiel vingava-me

diabolicamente nas pobres vítimas da sua irresistível tentação. O suplício que imaginei para esses infelizes não

passava, aliás, de remanescentes de Tibério : cozinhava-os a fogo lento, num banho que atingisse a ebulição. Seus

sofrimentos horríveis e os gritos lamentosos que soltavam, ainda me martelam os ouvidos; e todavia lá me conservava

impassível, até que de todo se extinguissem ! (1). Os crimes odiosos que então cometi e os sofrimentos que mais

tarde experimentei, me incapacitam para tudo confessar pormenorizadamente, certo de que despertaria contra mim a

reprovação universal; todavia, os guias me constrangem a mencionar, pelo menos, os atos de ordem geral visto que me

impuseram, como condição expiatória, o revolvimento do passado e a humilhação voluntária, a fim de haurir no horror

dos próprios crimes a força de contramarchar para o bem. Retomo, então, meu depoimento. Meu coração se

galvanizava cada vez mais, não havia escrúpulos que me contivessem. Para conservar a beleza e a juventude, bebia

sangue de recém-nascidos e me banhava em sangue humano. A fim de o conseguir, aproveitava quantas vítimas me caíam

nas mãos: viajantes anônimos, peregrinos, mercadores ambulantes, pobres trovadores, enfim, todos que me batiam às

portas do castelo e podiam desaparecer sem provocar suspeitas. Sim, todos eram imolados, sem dó nem piedade; e o

que mais é: barbaramente torturados. Assim transcorreram anos, até que sobreviesse um grave acontecimento na vida

de Rosa. O conde Bruno, miseravelmente traído, escapou de ser assassinado, quando a surpreendeu em colóquio

amoroso, e ela, temendo a vingança do marido ultrajado, abandonou-lhe uma filha recém-nascida e se refugiou no meu

castelo. Esperava que, passada a primeira explosão de cólera, conseguiria uma

(1) Nota do autor - Chegando a este ponto da sua confissão, o espirito de Mauffen, ao recordar o passado, perdeu o

domínio de si mesmo e interrompeu o ditado. Em geral, esse período da sua existência está sensivelmente incompleto,

pois havendo sofrido com a perseguição de seus inimigos, recusou-se, obstinadamente, a confessar a realidade

repugnante. Quanto ao Espírito do escudeiro, vale dizer que o persegue) até hoje. (2). (2) Nota do tradutor. - Isto

é, ano de 1885, quando foi ditado este depoimento, conforme se verifica do mesmo.

reconciliação; mas o conde fez constar que ela morrera de parto e mandou erigir soberbo monumento sobre a sua

campa. Impossível, então, o regresso ao lar. Portanto, furiosa mas condenada a passar por morta, a condessa de

Rabenau ficou em minha companhia, mas sem ouzar parecer a quem quer que fosse. Minha paixão por ela aí refecera

muito. Não obstante, essa extraordinária criatura tinha o condão de reavivar o fogo extinto. Eu já havia

descoberto as suas intimidades com Eulenhof ; mas, ao reprochá-la, respondia que o verdadeiro amor não se poderia

concentrar em uma única pessoa, antes requeria liberdade, a exemplo do sol, cujos raios fecundantes não se poderia

exigir brilhassem aqui, ali ou acolá, visto deverem aquecer e vivificar por toda parte. Nos últimos tempos,

Eulenhof viajava freqüentemente e muitas vezes se ausentava meses seguidos. Um dia, voltou muito preocupado e me

pediu que lhe prestasse grande serviço. Concordei de bom grado, pois estimava muito esse companheiro, alegre e

inteligente. Contou-me então que esperava alguém, portador de importante mensagem e para quem requisitava um quarto

isolado. Eu deveria, além disso, abster-me de falar a essa pessoa, não me envolver, finalmente, em coisa alguma

pertinente ao assunto. Tudo aceitei, mas, intrigado com o caso, procurei observá-lo a distância. Ao cair da noite,

vi chegarem três homens, sendo que um deveria estar muito doente, pois se aguentava na sala amparado pelos outros

dois que, auxiliados por Bertrand, o levaram para o quarto, lá se trancando todos. Uma hora depois, Eulenhof me

procurou. - Talvez precise ausentar-me por alguns dias e, neste caso, quero que consintas aqui permaneça o hóspede

enfermo, até que ele possa regressar. Não dará incômodo nem preocupações, pois a moléstia é passageira e os pajens

cuidarão dele. Ciente e concorde, não deixei com isso de ficar alerta. Não consegui, porém, algo surpreender de

extraordinário, senão que do quarto saíram duas pessoas e deixaram o castelo.   Embuçados e envoltos em pesados

mantos, não os pude reconhecer nitidamente, mas afirmo que um, pela figura pareceu-me Eulenhof e outro era rapaz

muito novo, alto e magro. Durante três dias nenhum movimento transpirou do quarto ocupado pelo enfermo e seu

presumido enfermeiro. Intrigado com o fato, decidi ver o que ocorria; bati, nin-

guém respondeu; arrombei a porta e o quarto estava deserto! Notei que as cortinas do leito tinham sido retiradas.

Surpreendido, afastei, então, as pesadas cortinas e recuei estupefato : Eulenhof ali estava inerte, com a morte

estampada no rosto! Seria possível? Que significaria aquilo? E o enfermo e o pajem, que eram feito deles? Depois,

mais calmo, examinei com mais atenção o cadáver e me convenci de que não era Bertrand, porém outra criatura,

extraordinariamente parecida com ele. Certo havia pequenas diferenças, tais como : idade, (Eulenhof era mais môço),

o cabelo mais curto, os traços fisionômicos mais acentuados, coisas que só um observador prevenido poderia

distinguir. A verdade é que o pajem tinha desaparecido e Eulenhof teria, talvez, partido com o jovem desconhecido,

deixando-me o cadáver do sósia... Mas quem era e donde vinha este sósia? Que parentesco haveria entre eles?

Mistério! mistério... Examinei, mais uma vez, o cadáver : as vestes simples nada apresentavam de indício!; nenhuma

cruz, amuleto ou jóia ; apenas na espádua um sinal estranho, que me pareceu feito com ferro em brasa. Desiludido de

qualquer pista, persuadi-me, no entanto, de que Eulenhof tinha ido preencher algures o lugar do morto. Interroguei

Rosa e nada me soube ou quis dizer. O tempo é que me havia de esclarecer. Ficando só com a companheira, nossa vida

no castelo retomou o rítimo habitual e longos meses se escoaram sem Bertrand, quando percebi que Rosa fazia

investigações meticulosas em todos os recantos da casa. Assim, palpava as paredes, móveis, examinava caixilhos,

etc. Admirado e aborrecido, perguntei-lhe o que procurava com tanto afã e respondeu com um olhar percuciente:

Ignoras, então, o que por aí se diz sobre o destino que teve tua mãe? A pergunta me fez estremecer, pois jamais

interrogara alguém a tal respeito. Mas, poderia duvidar de qualquer tragédia? - Ora muito bem ! - repliquei - que

sabes tu a respeito? - Por mim nada sei; mas, o que por aí se diz é que tinhas dezoito meses quando te nasceu um

irmão e teu pai, muito sociável nessa época, quis festejar o batizado com grande pompa, tendo convidado toda a

nobreza desta região. É claro que nada testemunhei de tudo isso ; mas minha tia me contou que foi uma festa

esplêndida. Posto que tua mãe não estivesse de todo refeita do parto (o ba-

tizado foi antecipado porque teu pai tinha de viajar, a negócios), apresentou-se regiamente vestida e linda que

era, provocou a inveja de todas as damas presentes. Até aí tudo correu bem, natural e claramente; mas daí por

diante entra em jogo o mistério. Foulques de Rabenau, irmão mais moço de meu marido, estava entre os convidados e

dizem que teu pai o surpreendeu na alcova conjugal, abraçado a tua mãe, junto ao berço do recém-nascido. O conde

Hugo, louco de ciúmes, dizem que imaginou uma desforra idêntica à do avô, começando por escorraçar os convidados

com o semblante feroz. O que depois ocorreu ninguém sabe ; mas o fato é que ninguém, jamais, pôs os olhos em tua

mãe e a própria alcova do casal se evaporou. Foulques esteve oculto muitos dias, com grande mágoa para sua mulher,

que dera à luz Lotário, e ainda estava de resguardo. Mais tarde, Foulques apareceu e ninguém soube de onde vinha.

Dizem que a mulher nunca mais lhe sorriu; mas o certo é que o perdoou e viveram felizes até o fim da vida. Toda a

afeição de Foulques se concentrou, então, no filho único, esse mesmo Lotário, belo e venturoso rapaz. Compreendes

agora que procuro a alcova de tua mãe, no intuito de reaver as jóias que ostentava naquela noite memorável. Nada

respondi, mudando de assunto ; mas à sua revelia, também encetei meticulosas pesquisas.   Uma indicação do velho

Cristóvão me ensejou boa pista e acabei descobrindo uma porta de entrada para a célebre alcova. A porta principal

estava barrada e não lhe toquei, é claro, mas havia uma outra menor, habilmente disfarçada. Certo, meu pai tê-la-ia

esquecido, ou talvez julgasse que ninguém a encontraria. Enfim, coração aos pulos, varei, certa manhã, a alcova que

me viu nascer. Os raios do sol nascente mal se coavam através das vidraças empoeiradas e recobertas de teias de

aranha.   Luxuoso ambiente que fora, rescendia agora o mofo, com o seu rico mobiliário desbotado. Ao fundo, sobre o

estrado, grande leito brasonado, com cortinas de seda prateada e ao lado um berço, e junto deste, no solo

estendida, uma forma humana. A massa de cabelos louros que lhe rodeavam o crâneo, e os tecidos de seda que o

envolviam, identificavam um cadáver de mulher. Detive-me um instante, meditativo e sonhador. Compreendia, então, a

selvática misantropia de meu pai. A perda da esposa amada o transformara em sórdido usurário e eu, fruto da vítima,

vinguei-a mediante um aten-

tado horrível. Procurando repelir tais pensamentos, comecei a examinar tudo que me rodeava : o berço estava vazio e

a criança, ou antes, o seu cadáver, havia desaparecido, talvez levado pelo conde Rabenau, miraculosamente evadido.

Aproximei-me do corpo de minha mãe, espanei o pó que o encobria e não lhe pude ver os traços, senão apenas o

esqueleto de pele negra e ressequida, que timpanava e chocalhava ao toque de meus dedos, como se fora um saco de

ossos. As jóias, porém, ali estavam perfeitas, rutilantes. Deixá-las ali, seria rematada tolice. Que adiantariam à

morta? Consultar Rosa, também não me parecia prudente. Resolvi operar sozinho. Vencendo tal ou qual

repugnância,

coloquei sobre a mesa uma bacia de prata e um vaso de cristal, ajoelheime junto ao esqueleto e comecei por

desentranhar dos louros cabelos o gorro fixado por compridos grampos; retirei, depois, o colar de pérolas e,

servindo-me da adaga, principiei a descoser as jóias, atirando-as no vaso de cristal. O som que produziam no

cristal repercutia de modo singular naquele ambiente de silêncio e morte. Por vezes experimentava calafrios quando,

movendo o cadáver, a seda que o revestia me estalava sob os dedos trêmulos. Nesses momentos eu me detinha, as mãos

como que recusavam operar e os olhos inquietos varejavam todos os cantos. Revelava-me, assim, o homem do meu século

: - supersticioso e crédulo, temendo os mortos e acreditando no diabo. Contudo, a tarefa estava concluída, a bacia

e vaso cheios. Levantei os despojos, depositei-os no leito, estendi-lhes em cima a colcha riquíssima e cerrei as

cortinas, dizendo comigo : aqui ficarás enquanto existir este castelo e ninguém, absolutamente, perturbará teu

repouso. Depois, ajoelhado, bati no peito, rezei um Pai-nosso por alma da defunta e saí de costas, receando que o

diabo me agarrasse pela nuca, visto lhe haver arrebatado aquelas riquezas e profanando os seus domínios com uma

prece sincera. Fechando a porta secreta, inutilizei a saída e mandei colocar novo revestimento de madeira para

encobri-la de uma vez para sempre. Passado algum tempo, presenteei Rosa com riquíssimo broche, comunicando-lhe que

havia encontrado o corpo de minha mãe, e que àquela jóia fazia parte das preciosidades que a revestiam. Creio que

não ficou muito satisfeita, mas de resto, que direito lhe assistia de reclamar? Pouco depois deste incidente, ela

me abandonou e só alguns anos -mais tarde fui encontrá-la

como proprietária de modesta hospedaria.   Todos a conheciam: chamava-se, então, Berta. Uma vez só, dediquei-me com

mais afinco à Alquimia junto de Calmor, que me inspirava cega confiança. O principal objetivo da tarefa era, já se

vê, o embelezamento e conservação do corpo, colimando a imortalidade orgânica. O regime que me impunha não deixava

de ser algo nojento mas tolerado, porque estava absolutamente convencido de sua eficácia. Assim, todas as manhãs

bebia um copo de leite de loba ; friccionava o corpo com sangue de pombas brancas, ou de ursos, quando os podia

obter a peso de ouro, isto para adquirir aparente doçura de trato. Usava também um colar de safiras como preventivo

de mau-olhado. Todavia, as cerimônias mais sinistras me passavam no laboratório de Calmor, composto de três quartos

repletos de material adequado e de animais, como por exemplo : gatos pretos, corujas, morcegos, mochos, etc. Um dos

quartos era pintado de preto, ostentava ao fundo um altar de pedra e, ao lado, grande banheira também de pedra, na

qual, findas as cerimônias cabalísticas, eu me banhava em sangue humano, por assegurar a inalterável juventude. O

altar era destinado a imolação das vítimas, cujo sangue abastecia a banheira, quer se tratasse de tenras

criancinhas recolhidas por Gilda, quer fossem adultos pilhados em aldeias distantes, ou entre a pobreza. Calmor as

colocava sobre o altar, fazia-me ajoelhar nos degraus e, com aguçado estilete lhes perfurava o coração. Tocava-me

então sugar - o que fazia com prazer selvagem - o sangue que esguinchava da incisão. Pudera nato! Se era essência

de vida que absorvia ... E registo-me que me afeiçoei a essa monstruosidade a tal ponto que as contrações de agonia

das pequeninas vítimas em nada me impressionavam. Posto que muitos crimes espantosos se desenrolassem nesse

laboratório, declino de relatá-los aqui, já pela revoltante torpeza, já porque a descrição me seria muito dolorosa.

Muitas vezes, quando não trabalhávamos, abordávamos assuntos interessantes que ele, Calmor recolhera no curso de

sua longa existência ; outras vezes, dava-lhe para ivocar o seu demônio familiar, que traçava a carvão, mil grandes

caracteres, as explicações requisitadas. Aliás, respostas categóricas, exatas, adequadas. Uma noite, tínhamos

falado de fatalidades trágicas, porventura hereditárias em certas famílias, cujos membros, em maior parte,

sucumbiam desastradamente, bem como de aparições

fantásticas, etc; e todos esses temas me haviam recordado a narrativa de Sibila, concernente a meu avô.

Minha

impressão foi tal que, ao recolher-me ao leito, ainda pensava no caso trágico. Insone, levantei-me e debrucei-me à

janela, contemplando a negra torre que o luar envolvia em branda claridade. Aquelas estreitas janelas gradeadas

facultariam, de certo entrever a escada cuja entrada fora interdita ... Que haveria lá dentro, naquele ambiente que

meu despótico avô tinha fechado, há mais de 150 anos? A mim me custava compreender esse ânimo de vingança

implacável, pelo simples repto de um coração que só a ele deveria pertencer. Sem dúvida os culpados, surpreendidos

pelo marido enganado, ainda por ali, andariam guardando o castelo e D. Iolanda surgia, sombra vingadora, para

anunciar a morte dos Mauffens. Dias consecutivos passei resistindo ao desejo de penetrar na torre, desejo que me

parecia obsessão. Por fim, não me pude conter e, uma noite, depois do jantar, chamei alguns homens munidos de

picaretas e outras ferramentas, deitando mão à obra.   Os operários investiram a muralha e, depois de ingente

trabalho, pedras, cimento, tijolo, começaram a ruir. Tomado de viva curiosidade, respiração opressa, eu assistia à

faina, e à medida que ela avançava, uma porta ia surgindo. Logo que suficientemente desafogada, verifiquei estar

fechada com enorme cadeado. E a chave? Despedi os trabalhadores e fui para o meu quarto, pondo-me a examinar todos

os molhos de chaves do castelo. Enquanto se demolia a tapagem, a noite fechara de todo; mas isso não era razão para

deter-me. Curioso e resoluto, tomei um archote e voltei à carga. Depois de lubrificar a fechadura, experimentei as

chaves, uma por uma, até que acertei e, com algum esforço, o cadeado cedeu e a porta rangeu nos gonzos

enferrujados. Parei um instante, estonteado, diante da escada, cujos degraus brancos e limpos atestavam que nenhum

pé os havia pisado. Galguei-a, lento, e a cada volta o luar se esbatia nas grades da janela e no meu vulto magro.

Mas, à proporção que subia, sentia-me presa de estranho torpor, até que estaquei, tonto. As pernas fraquejavam, as

pupilas me pareciam de chumbo, invencível sonolência me empolgava. Finalmente, a luz se apagou e tive

sensação de

forte murro na cabeça. Entretanto, concomitante ou instantaneamente, me vi surgir a mim mesmo no topo da escada,

experimentando uma sensação indefinível. Dir-se-ia que era e não era eu! O rapaz delgado e franzino sur-

gia espadaúdo, atlético, mãos enormes e musculosas, vestido de preto e com um colar de ouro ao pescoço! Contudo, a

transformação mais extraordinária era de ordem psíquica: um ódio feroz me borbulhava no coração, pelos dois seres

que, lá em cima, se deleitavam e me traíam. Impossível definir se via ou sentia meus movimentos rápidos, galgando a

escada à luz do luar. Fulo de raiva, parei diante de uma porta e colei nela o ouvido, sôfrego por conter qualquer

palavra de traição até que impaciente empurrei a porta e o quadro entrevisto me anquilosou no limiar : na poltrona

de alto espaldar, bela mulher loura, vestida de branco, tendo aos pés uma harpa e um fuso; ajoelhado diante dela,

de costas para mim, um homem de gibão roxo e cabelos negros, cacheados, a descerem-lhe pelas espáduas. Abraçados, a

fronte loura da jovem beldade se apoiava no ombro do traidor. Impossibilitado de falar, trêmulo de raiva, eu me

mantinha imóvel a ruminar vingança, quando ela se levantou e, gritando, atraiu o amante, cingindo-o. É que,

enlevados no seu idílio, eles não tinham ouvido os encontrões que eu dera na porta. Ante aquele gesto de amor e

temor, uma nuvem de sangue me tirou a vista; ergui o punhal e mergulhei-o fundo no colo branco. O rosto pálido

pendeu e uns olhos azuis, semi-velados pela agonia, me buscaram com expressão Indefinível. Desviei os olhos para o

trovador ainda ajoelhado, transido de espanto. O punho, feito dava, lhe bateu na cabeça e ele tombou fulminado, sem

dizer um ai. Saí, desci a escada vertiginosamente, mas à minha frente voava a mulher loura com o colo

ensanguentado. Fui-lhe no encalço, sempre na iminência de agarrá-la, mas vendo-a sumir-se e reaparecer a todo

instante. A carreira desabalada prosseguia sem tréguas e a visão, que parecia Injuriar-me, deu comigo num velho

solar. À frente de uma porta, ela se deteve e tentou franqueá-la ; mas, desta vez consegui agarrar-lhe o vestido

flutuante. Arrastou-me consigo e caí de joelhos, cingindo-a fortemente. Tentei fitá-la, mas, um ah! de espanto me

escapou dos lábios. É que me via à beira de um berço e estreitava nos braços um recém-nascido. Recuei com um grito

abafado e... despertei. Um raio de sol banhava-me o rosto e não longe estava o archote apagado. Esfreguei os

olhos... Como assim? Para ter ali dormido a meio da escada, só mesmo louco, nu acometido de súbita enfermidade!

Mas, não. Afinal, tudo se explicava : a imaginação trabalhada por aquela

velha história, engendrara o fabuloso sonho, com tanta vivacidade, que eu cheguei a encadear os atos de meu avô.

Levantei-me alquebrado, com a cabeça pesada e, ao menos por enquanto, nada disposto a sondar os mistérios da torre.

Desci, portanto, e mandei revestir novamente a porta, de leve argamassa. Três dias após, recebia convite do barão

de Launay para assistir ao batizado de sua filha Rosalinda. Magnifica festa, que reuniu toda a nobreza local. Lá

tive ocasião de ver o conde Lotário de Rabenau e o filho, um belo rapaz louro, de traços finos e caprichosos, muito

agarrado ao pai, a ponto de não lhe dar um minuto de folga. Também não sei porque, esse rapazola me inspirou desde

logo a mais profunda aversão. Seu olhar me despertava a lembrança do trovador com que sonhara, se bem que este

tivesse os cabelos negros.   Impressionado com esses pensamentos, tratei de espairecer por outras salas. Nesta

altura, permito-me um hiato de quinze anos, durante os quais nenhum fato extraordinário se passou de interessante a

esta narrativa. Normalmente entregue aos meus trabalhos de alquimia, tentava aventuras galantes, freqüentava os

torneios e comparecia, uma e outra vez, aos saraus da nobreza que, confesso, era o que menos me atraía. Muitas

vezes pensei em casar-me e bons partidos se me ofereceram pelas mamães de filhas casadoiras, mas o fato é que nunca

me pude decidir. Alguns dias antes da fase em que retorno esta narrativa, tive o ensejo de reencontrar os dois

velhos amigos - Bertrand e Rosa. Esta, como já disse, dirigia um albergue mal afamado e, muitas vezes, considerei e

estranhei como se identificaria com aquela freguesia de carreteiros, de camponeses e de vagabundos que freqüentavam

o local. Quanto a Bertrand, achei-o um tanto mudado e só me aparecia à noite. De onde vinha e o que fazia, ninguém

saberia dizer. Evidente que as suas atividades se tornavam suspeitas, mas isso não impedia continuarmos como

íntimos amigos. Fechado este parênteses, prossigo no meu depoimento. Um dia recebi convite para concorrer a grande

caçada que o duque faria em região próxima dos meus domínios. Procuravam-se ao gamo e ao javali. E como também

concorriam senhoras a partida se encerraria com um banquete. No encalço de um javali que me parecia inatingível,

embrenhei-me muito longe, na floresta, e quando pretendia acuar o bicho num grotão profundo, o maldito se

escapou por uma passagem de acesso impossível. Furioso e desapontado, dei de rédeas para reunir-me à maioria dos

companheiros e, não ouvindo mais os uivos e latidos da matilha, empunhei a trompa e improvisei uma tocata. De

pronto, o relincho de um cavalo se fez ouvir perto. Dirigi-me para esse lado, pensando encontrar algum caçador, e

qual não foi minha admiração vendo surgir do matagal uma égua branca, montada por jovem e formosa cavaleira! Pela

palidez do rosto e pela inquietação dos olhos, compreendi que ela se tinha desnorteado. Ao mesmo tempo quedei

deslumbrado! É que, até então, não vira criatura tão formosa. Tez nacarada, cabelos de ébano, crespos, rompendo o

gorro azul; vestido da mesma cor, debruado a ouro ; talhe esbelto e grandes olhos negros, eis de relance a silhueta

que me empolgou inteiramente. Dando comigo, a jovem castelã assustou-se e me entrou com ostensivo temor, enquanto

me inclinava e, dando-me a conhecer, pedia permissão para reconduzi-la ao ponto de reunião convencionado. Ela

inclinou a linda cabecinha e respondeu : - Aceito, agradeço e me confio a vós, sr. conde. Chamo-me Rosalinda, filha

do falecido barão de Launay. Conheceis, sem dúvida, meu irmão Wilibald. Não tenho mais de 15 anos e esta é a

primeira grande caçada em que tomo parte. Encantado com a ingênua garrulice, lembrei-me que lhe

assistira o

batizado; mas, como a sua montaria dava sinais de impaciência e se irritava com as galhadas espinhentas e pedras

resvaladias da selva fechada, tomei-a pelo freio e assim fomos caminhando e conversando. De tudo me falou Rosalinda

: da caça, do duque, das senhoras, dos vestidos e, sobretudo, das condições de nobreza e fortuna que facultavam

todos os prazeres e diversões. Ao fazer rápido gesto, uma rosa se lhe desprendeu do cinto dourado e caiu por terra.

Lépido, desmontei e apanhando a flor, pedi permissão para ostentar as cores da bela Rosalinda. Malicioso sorriso

lhe frisou os lábios e, estendendo a mão para recolher a flor, disse : - Neste sentido, Sr. conde, não tenho o

direito de concessão, por cabível que é, ao cavaleiro Léo de Loevente... Restitui a flor sem mais objetar, mas logo

me senti baliado de grande inquietação e profundo rancor. Ela

era tão jovem e eu chegava tarde para ser amado pela única mulher que me impressionara, a ponto de requestarlhe a

mão de esposa logo que a vi. Continuei calado, a mordiscar o bigode considerando que um rival também podia ser

eliminado, sobretudo quando esse rival era jovem e suscetível de provocação. Conhecia, é certo, alguma coisa desse

cavaleiro, mas nunca lhe prestara maior atenção. Agora o caso mudava de figura, porque começava a odiá-lo.

Chegamos, enfim, ao local combinado - grande clareira rodeada de frondes seculares. Pajens e escudeiros ostentando

as cores ducais, empenhavam-se no preparo do jantar. Grande número de pessoas lá se encontravam já reunidas. Na

orla da floresta, cavaleiros ainda montados conversavam animadamente. Avistando-nos, um deles exclamou: - "Ei-la

que chega!" - Quem assim falava era Wilibald de Launay, irmão de Rosalinda e o outro, com uma rosa azul e ouro no

gorro, era Loevenberg. Pela primeira vez analisei a sério o meu rival e não posso deixar de confessar que era um

homem admiravelmente belo. Alto, esbelto, cabelos louros e anelados, rosto oval e grandes olhos negros sonhadores.

Um homem, enfim, capaz de cativar todas as mulheres. Logo que Rosalinda percebeu os dois rapazes, atirou-se para

eles, alheia já, suponho, à minha presença. Ah! - que ódio profundo me inflou o peito, contra aquele que me roubava

o coração de Rosalinda! Ele ajudou-a a desmontar, conduzindo-a para um grupo de senhoras e cavaleiros assentados à

sombra de frondoso carvalho. Não longe, divisei a silhueta esbelta de Rabenau, a comentar animadamente, com um

velho amigo, os incidentes da caçada. Rente com ele, o filho, belo rapaz de 20 anos, de rosto efeminado e cujos

olhos seguiam inquietos os mínimos gestos de Rosalinda e Loevenberg. Olá ! disse comigo - também tu te enciúmas,

meu soberbo Rabenau? No mesmo instante, vi que o pai se inclinava para ele e, mão no ombro, sorria com maliciosa

ternura e algo lhe dizia de consolador, porque o jovem logo se acalmou. De futuro, deveria saber muita coisa a

respeito desse moço, incapaz de agasalhar e vivificar uma afeição sincera e verdadeira. Entre outras leviandades,

a de se haver casado contra a vontade paterna, com uma rapariga de condição inferior e de maus costumes, por quem

se apaixonara ; casamento esse que

deveria ficar e de fato ficou ignorado, bem como o destino da consorte aventureira. Rabenau acabou levando o filho

para junto das senhoras, cuja atenção logo convergiu para o mimoso Adônis, e sentou-se, por sua vez, ao lado de

esbelta viúva a quem cortejava e que lhe correspondia com olhares de fogo. Logo que as exigências da pragmática

permitiram, tratei de me despedir e regressar ao castelo, consumido por sombrios pensamentos. O reencontro de

Rosalinda me havia amolecido o coração de bronze; era como se a tivesse diante dos olhos. De súbito, lembrei-me de

que já tinha visto um rosto semelhante e, coisa estranha! - que fôra no sonho da malfadada torre. Ah! - pensei -

se a loura Iolanda se parecia com a morena Rosalinda, estava mais que justificada a ferocidade de meu avô...

Chegando a casa, encerrei-me no vasto compartimento que me servia de gabinete e quarto de dormir. Em contígua

alcova, resguardado por espessas cortinas, o leito alto, e junto à Janela a secretária ; mas naquele momento

desagradava-me trabalhar. Acerquei-me da mesa, enchi o copo de vinho e, arrastando a poltrona, deixei-me cair

derreado. De mão na face, absorto, fixei a chama crepitante, no fogão, e todo me engolfei em profundo cismar.

Esvaziei copos e mais copos e acabei decidindo que aquela diva haveria de ser minha, a qualquer preço. Morto Léo,

ela ficaria livre e eu me candidataria. É verdade que já passava dos 40 anos, mas ninguém me daria mais de 30 e

também não era feio, possuía fortuna e foros de nobreza; tudo, enfim, que uma mulher pudesse desejar. De resto,

ninguém me conhecia a ferocidade, dada a vida mentirosa e solitária que levava. Uma coisa somente me embaraçava : é

que, naqueles tempos, vivia cada qual em seu castelo, separado por grandes distâncias, passando meses sem se

entrever. Urgia, portanto, forjar um ensejo e essa dificuldade exacerbava o meu ciúme. Resolvi, então, procurar

Calmor e consultar a cabala e os astros. Tiramos um horóscopo e este me predisse que, passadas 18 luas, o rival

pereceria às minhas mãos. Disposto a esperar, conjeturei mil pretextos para querelar contra Loevenberg, mas acabei

desanimando e perdendo, soisim, precioso tempo que, de resto, não supunha fosse capaz de aproveitar. Rabenau era o

tutor de Rosalinda e bem poderia aceitar para a pupila uma aliança brilhante. Assim pensando, um belo dia

paramentei-me regiamente, montei belo ginete espanhol, branco de neve

e acompanhado de imponente cortejo de pajens e escudeiros estadeando minhas cores, marchei para o castelo de

Rabenau. Previamente avisado, o castelão me recebeu com a maior cortesia, no topo da escada de honra. Com aquele

sorriso que granjeava corações, depois de me apertar a mão, dirigimo-nos para o salão de visitas. O senhor Rabenau,

atentando no apuro do meu vestuário e esboçando sutil sorriso, disse : - Tenho grande prazer em vê-lo, meu caro

conde, e estou pensando que ides a algum banquete; se eu tivesse uma filha casadoira, era o caso de algo

desconfiar, lisonjeado, desses trajes de gala e dessa escolta principesca ... Mas, infelizmente, ai de mim, estou

privado dessa alegria paternal. Inclinei-me, procurando adivinhar a intenção de tais palavras e nada pude ler no

seu olhar profundo. Com a maior gravidade, disse então : - É muito de lamentar não vos tenha o céu concedido uma

filha, que haveria de ser, indubitavelmente, tão bela quanto o pai, e aos pés da qual haveriam de enxamear,

prosternados, os mais intrépidos cavaleiros da cristandade; entretanto, sr. conde, não vos enganastes sobre as

intenções que aqui me trazem. Não tendes uma filha, é verdade, mas tendes pupila, a nobre e sedutora Rosalinda de

Launay, cuja mão de esposa me honro em solicitar, sem pretender da futura condessa de Mauffen, outro dote, além da

sua beleza. O conde me ouviu com a maior atenção. Quando acabei de falar, concentrou-se um instante e respondeu

reverencioso: - Só me posso lisonjear com a honra que haveis por bem dispensar à minha jovem tutelada ;

infelizmente, porém, meu caro conde, ela já está comprometida com o cavaleiro Loevenberg, a quem ama perdidamente.

A mim, como tutor, apenas cabe o direito de lhe impedir um casamento inaceitável, mas nunca o de forçá-la a casar

contra a vontade, tendo em vista apenas uma aliança brilhante, como, por exemplo, a que ora pleiteais. - Percebi o

que ele procurava dissimular com aquelas palavras lisonjeiras : para não desgostar o filho adorado, contemporizava

com Loevenberg e não admitia outros candidatos. Insistiu para que lhe aceitasse o jantar, mas, aborrecido como

estava, declinei do convite e me despedi friamente. Ele o percebeu e disse:

- Não me queira mal, meu caro conde, pois a culpa não é nossa. Fosse eu mesmo o pretendente e teria a mesma sorte.

Consolai-vos vendo que, por enquanto, valho-me do ascendente apenas para evitar um casamento muito precoce. Nada

respondi e com um seco passe-bem, dei de rédeas à montaria. Coisa curiosa! - eu, o rico e ilustre Sr. de Mauffen,

tinha amargado uma recusa formal e, com certeza, os do meu séquito desconfiavam da finalidade da minha visita e

conseqüente fracasso. Procurando simular indiferença, repassei a ponte levadiça e regressei a casa, tratando logo

de procurar Calmor. Procuramos, ainda uma vez, ouvir o seu gênio protetor, que assim falou: "Na décima sétima lua,

enfrentarás vitoriosamente o teu rival, mas ele não morrerá". A isso seguia-se um desenho simbólico,

representando

um gato com uma pedra ao pescoço, atirado num rio, mas nadando e reaparecendo na margem oposta. "A dama dos teus

amores se casará em segundas núpcias, mas não contigo, que haverás de professar. Quanto ao fim que te espera, nada

posso dizer e proíbo a Calmor que o faça". Esta resposta pouco me consolou e, não obstante a confiança que tinha no

oráculo, suscitou-me algumas dúvidas. O que eu queria, a despeito de tudo, com Deus ou com o diabo, era esposar

Rosalinda; mas, fazer-me frade, Isso nunca. Procurando nada perder do que me pudesse aproveitar aos fins, valia-me

também do seguinte sortilégio: uma galinha branca foi cabalisticamente batizada com o nome de Rosalinda e

alimentada com aveia refogada em meu sangue, iguaria que eu mesmo preparava, enquanto Calmor ensalmava e repetia as

palavras místicas que, por intermédio da galinha, deveriam despertar na jovem .1 paixão por mim. Mais calmo,

retomei meus trabalhos habituais quando, um mês após, Eulenhof me levou a noticia desconcertante : Rosalinda, na

ausência do tutor, tinha ido ao castelo de Rouven e lá se casara com Loevenberg. Rabenau foi no encalço dos

fugitivos, mas não chegara a tempo. Indignado com o procedimento da pupila, o conde rompera com ela. A verdade,

porém, é que esse rompimento nada me adiantava e Loevenberg se recolhera em casa com a minha castelã, vitorioso e

feliz. Posso dizer que até então não havia sentido o fogo do verdadeiro ciúme. Mas daí por diante a representação

ideoplástica, sob mil aspectos, do casal Loevenberg, constituiu para mim um verdadeiro inferno, gerador de planos

vingativos com requintes de ferocidade. Sem embargo, compreendia que era preciso esperar e, com o auxilio dos dois

amigos, que por dinheiro tudo faziam, ia preparando os planos para eliminar o venturoso rival. Para instrumento,

escolhi um primo de nome Sezefredo de Mauffen, moço inexperiente, com o qual nunca me preocupara e agora me

lembrava como herdeiro de umas terras litigiosas, reivindicadas por Loevenberg. Aconselhei-o a declarar suas essas

terras, independente de qualquer acordo. Loevenberg não se conformou com a solução, evidentemente arbitrária ; mas,

sempre conciliador, convidou meu primo a visitá-lo, a fim de melhor se avirem. Isso era o que eu precisamente

queria. Hábil emboscada se preparou e meu primo foi morto ao deixar a residência de Loevenberg, onde pernoitara. O

cadáver foi encontrado em terras do conde, mas a ninguém ocorreu a suspeita de um crime, de vez que a lealdade de

Loevenberg era por demais conhecida. Isso não me impediu de o acusar de traição e felonia e desafiá-lo a bater-se a

juizo de Deus. O duelo se deu precisamente no prazo das

17 luas preditas e fui vencedor. Os pormenores da peleja foram já descritos por Sanctus, em sua narrativa, cabendo

aqui apenas mencionar que, enquanto aguardava a decisão ducal para liqüidar o inimigo, ouvi de Rosalinda aquela

frase que me estupidificou - Antes morto do que desonrado! Desferi o golpe com mão trêmula, convicto de haver

acabado com o belo conde estendido a meus pés ; mas soube depois que o cadáver havia desaparecido e ninguém lograra

encontrá-lo, a despeito das pesquisas mais rigorosas. Rosalinda evadiu-se atrás das muralhas dentadas do castelo de

Rabenau e não mais a pude ver. Muitos meses transcorreram sem ensejos favoráveis à consecução de meus planos, e

pouco a pouco comecei a odiar feroz e surdamente o conde Rabenau. Com o fito de o matar, me dirigia muitas vezes ao

albergue da boa amiga e excondessa de outros tempos. Uma tarde, lá chegando, para evitar a promiscuidade da sala,

fui aboletar-me no compartimento discreto onde Berta costumava servir-me. Nesse dia, pondo à mesa a bilha de vinho

e o apetitoso frango assado, disse ela batendo-me no ombro : - Regala-te, meu belo conde, pois deves estar mesmo

fatigado com a grande caminhada ; (e fixando-me mais

atenta) mas.., por que andas tão triste? É que já me não tens lá, para cuidar de ti e da casa ... A verdade é que

tens até emagrecido ... Pois sabe que até já tenho imaginado mandar às favas esta bodega e, em consideração ao

passado, voltar à tua companhia e reviver os nossos belos tempos. Entretanto, confesso que me custa deixar

este

maluco Eulenhof, que me adora com tanto frenesi. Isso dizendo, ria-se desabaladamente. - Mas, não te enciúmes,

minha flor, porque o pobre do homem nem se atreve a confessar sua paixão, convicto da minha dignidade e integridade

moral.., O que apenas não quero, é que tudo isto acabe mal. Que lhe poderia dizer? A mim não me convinha desgostá-

la, pois também precisava de Eulenhof e sabia o domínio que ela exercia sobre ele. Esforcei-me por ser amável com

aquela criatura que, para a gente que lhe freqüentava a tasca, ainda poderia passar por bela, mas para mim,

habituado a ver as formosas castelãs, não pasmava de legítima virago, duplamente detestável, porque decaída do meio

em que nascera, para as últimas camadas da escala social. Passando em silêncio a hipótese de uma futura condessa

Berta de Mauffen, falei, apertando-lhe a mão agora enrugada e rija: - Sei, querida condessa, que és uma alma pura e

fiel, à toda prova. Ela gostava do título, que lhe recordava o perdido fausto, e que só de meus lábios poderia

ouvir agora. - Mas! - disse, toda ternura - Que imprudência! se alguém nos ouvisse ... É por isso que muita gente

aí Cochicha que eu não passo de grande personagem disfarçada. Será que a distinção das linhas e do meu trato não

pode mesmo iludir ninguém? Deslambida, voltou-se e começou a gingar desgraciosamente o nédio corpo, que o trabalho

e os anos iam já emperrando. Temeria ela, realmente, o perigo de uma identificação? Lastimei não poder tranqüilizá

-la nesse particular, dizendo-lhe que antes pareceria uma judia

louçã que disfarçada castelã ; mas eis que nesse instante, a porta se abriu de chofre e o amigo Bertrand entrou

desbaforido Atirou-se a um banco e encheu o copo de vinho. Berta se retirou, deixando-nos sozinhos. Observei-o

calado e me pareceu entregue a sérias cogitações. De há muito que lhe vinha espionando, acabando por concluir que

aquelas mãos alvas e macias só podiam identificar um ociomo, desafeito até da espada. Lembrei-me de o ter visto

muitas vezes rondar a Abadia dos Beneditinos. Seria possível que levasse vida de falso monge, à sombra do convento?

E que faria por lá? Para o momento, bem me aprouvera aproveitá-lo para eliminar Rabenau ; e como lhe conhecia o

fraco pelo dinheiro, assim falei sem mais rodeios : - Ouve-me, Bertrand amigo : tu sabes quanto vales e sabes que

minha bolsa te está sempre aberta ; presta-me pois um serviço, desembaraçando-me de Rabenau, que me impede o

caminho para Rosalinda, a quem amo loucamente e estou disposto a conquistar a peso de ouro. Odeio de morte o

insolente, que a tem seqüestrada, como menina dos seus olhos - olhos que lêem fundo em nossas almas. Ouvindo o nome

de Rabenau, um misto de ódio e temor se desenhou na face de Bertrand. Dominou-se porém, e baixou os olhos

procurando mostrar indiferença. Não me iludia. Compreendi que também ele odiava o conde. Talvez Rabenau lhe

houvesse surpreendido a condição de falso monge, ou talvez estivesse na dependência dele. Resolvi jogar uma

cartada: - Nada me negues, Bertrand, pois sei de tudo; sei que fazes o papel de monge beneditino... Uma faísca

elétrica não teria produzido maior efeito Ergueu-se lívido. Os lábios lhe tremiam e me apertou o braço com tanta

força que o deixou vincado. Por fim, falou titubeante: - Quem te disse, desgraçado? E ignoras que, pelo meu

juramento, já não podes daqui sair com vida? Tremi por mim. Sem o querer, teria tocado em qualquer segredo

terrível, cujo conteúdo ignorava; mas, de vez que assim era não havia como recuar, antes precisava tudo saber.

Revidei, portanto, com firmeza : - Penso que a nossa amizade supera teu juramento e, demais, Bertrand, sabes que

sou homem para guardar segredo, ainda que tão grave quanto ao que acabas de mencionar. Fala, pois, com toda a

franqueza. Eulenhof levantou-se e, ainda meio ofegante disse em tom vibrante de emoção : - Uma coisa, apenas, te

posso dizer : é que tenho meios e modos de tudo fazer, contra quem quer que seja, menos contra Rabenau. E digo-te

mais : não te metas com ele, porque ao imenso poderio alia uma astúcia e genialidade incomparáveis.

O aspecto grave e a comoção do amigo eram de molde a convencer-me que dizia a verdade. Tínhamos falado alto ; mas

quem nos poderia ouvir? A sala, em baixo, regurgitava de camponeses rústicos, que só se entendiam na sua algaravia,

enquanto que nós falávamos em latim. Nesse momento, os degraus da escada rangeram e ouvimos alguém perguntar: "Olá.

D. Berta, onde vai tão apressada? Irra! Que quer lá em cima? Olhe que lhe vou no encalço e já agora não me

escapa." A porta abriu-se com estrondo e Berta entrou decidida. Atrás dela, um homem alto, em trajes de campônio,

com um saiote cinzento e boné da mesma cor. Louros cabelos e barba ruiva num rosto bronzeado, que me chamou a

atenção. Sim. Havia algo de exótico naquele tipo, cujo nariz afilado e reto, de estátua grega, destoava da testa

estreita e do resto. Sem dar a mínima importância ao meu positivo aborrecimento, o intruso largou o casaco de Berta

e avançou resoluto para Bertrand. - Ora, até que enfim te encontro - disse, batendolhe familiarmente no ombro. Mas,

por que te fechas aqui? Notei que, avistando aquele homem, Bertrand empalidecera e, no entanto, quando lhe travou

do braço, deixou-se levar sem a menor resistência, apesar dos meus protestos. Bastante irritado, interpelei Berta

que, muito embaraçada e mal-humorada, alegou nada saber particularmente daquele sujeito extravagante, que ali

costumava aparecer de vez em quando, e a quem chamava o "belo ruivo". Vendo que Eulenhof não voltava, tratei de me

safar, bastante contrariado e mais que nunca disposto a desvendar o mistério. Passei o dia todo a meditar e à noite

pedi a Calmor um livro de alquimia, fechando-me no meu quarto. Entregue à leitura, comecei a ouvir leve rumor no

compartimento em que ficava o leito. Apurei o ouvido, o rumor persistia. Levantei-me inquieto. Era noite alta e

todos dormiam. As chaves da casa, que me haviam levado, como de costume, ali estavam sobre a mesa. Volteime para o

local do leito, de onde parecia provir o barulho e vi que as cortinas arriadas se agitavam como que sacudidas pelo

vento. Arrepiaram-se-me os cabelos, um frio glacial me correu pelas veias. Ninguém ali poderia estar àquela hora

. Mas, como já o disse, eu era supersticioso. Se fosse o demônio? De repente levantei-me, trêmulo,

delirante. É

que, na massa escura das cortinas do leito, alva mão se destacava, como se quisesse entreabri-las. Banhado em suor,

encostei-me à mesa, esperando a apa-

rição. Havia de ser ele - o diabo... Viria, com certeza, propor o elixir da vida eterna, em troca da minha alma.

Calmor me havia prevenido que o espírito das trevas viria pessoalmente concluir o pacto. Num instante todos esses

pensamentos me turbilhonavam na mente excitada e comecei a lutar comigo mesmo. Deveria vender-me a Satanás?

Precisamente nesse instante, esboçou-se entre as cortinas um rosto pálido, com um toucado de penas e dois olhos tão

vivos que só podiam ser de Lúcifer. E não desfitavam dos meus! Era de mais! Lembrei-me da terrível aparição do

"Berço do Diabo". Quase automaticamente, estendi a mão flácida para a mesa, onde, entre outras coisas, estava um

pequeno crucifixo de marfim, que eu tolerava mas não usava. Tomando o símbolo da Redenção, que tinha o poder de

anular as forças infernais, apertei-o contra o peito, murmurando em surdina: Vade retro Satanás! Certo, eu era um

grande pecador, pois a fórmula de exorcismo falhou, por completo e sonora gargalhada estridulou no ambiente. O

demônio deu um pulo no meio do quarto ! Fechei os olhos, pensando : é agora que ele me vai estrangular. E parecia

ter já cravadas no pescoço umas unhas aduncas... Segunda gargalhada me fez reabrir os olhos. - Mas, por quem me

tomais, conde? - disse alguém num metal de voz que não me era estranha. Ou muito me engano, ou estais me

confundindo com o vosso patrono, Lúcifer. Tranqüilizai-vos, porém, bravo Mauffen, porque aqui estou em carne e

osso, e não para comprometer vossa alma, nem vosso pescoço; mas, para vos dizer uma palavrinha. Tudo aquilo me

parecia um sonho, pois tinha diante de mim, de adaga em punho, a sorrir malicioso, nem mais nem menos que o

autêntico e terrível Rabenau! Com a maior naturalidade, arrastou uma cadeira para junto da mesa e enchendo o meu

copo, esvaziou-o de um trago. - Delicioso, disse, e engoliu outra dose, estalando a língua como bom

entendedor. -

Excelente, conde ... Era com este néctar que pretendíeis obsequiar Lúcifer? Que lhe dizer? Em compensação, fitava-o

furioso e admirado, sem atinar como pudesse ali ter penetrado, estando todas as portas aferrolhadas e deserto o

quarto quando lá entrei e estive deitado na cama. - Por onde entrastes, Sr. conde? - perguntei visivelmente

agastado - só os ladrões e os espadachins elegem

caminhos escuros para penetrar em casa alheia; um bravo cavaleiro... - Como entrei, Sr Hugo? Mas isto é cá comigo e

com direitos que só a mim compete julgar ; em todo o caso, sabei que aqui estou, mais do que vós, em minha casa.

Ah! - disse comigo mesmo - se ele soubesse da existência dos tesouros... Como se me adivinhasse o pensamento, o

conde levantou-se e cravando nos meus os seus olhos de fogo, prosseguiu: - Estais pensando que vos quero arrebatar

os tesouros ocultos nos subterrâneos de Leste... Então, sabei que o corredor fica à esquerda do poço; que há 27

degraus e 3 portas a transpor... Como vedes, nada ignoro. Mas, ficai descansado, pois sou bastante rico para

prescindir da vossa fortuna, se bem que tenha direito a esses tesouros. De uma coisa, entretanto, vos previno: é

que, só 'enquanto eu viver podeis ficar tranqüilo. Tenho a planta completa deste castelo, com todos os seus

segredos e refúgios; e se um dia eu morrer e esses documentos caírem em mãos capazes, sereis despojado sem apelação

nem agravo. Já vistes que aqui penetrei por caminho ignorado e sabei que outros existem, além desse. Não atenteis,

pois, contra a minha existência, que haveríeis de sentir amargamente. Por enquanto, não vos posso revelar o segredo

que nos liga um ao outro; mas, com o tempo tudo sabereis. Levantou-se, fez-me um aceno em despedida e, mergulhando

no leito, desapareceu atrás das cortinas. A rapidez e o inesperado da cena petrificaram-me. Logo que pude,

precipitei-me para a alcova, ansioso por descobrirlhe a pista, mas nenhum indício encontrei da sua passagem.

Impressionado com a estranha visita, deitei-me e passei a noite em claro. Dias depois, tornei a ver Bertrand que,

muito alarmado, acabou fazendo-me uma confissão completa. Soube, então, que ele representava no

convento o papel de

prior, quando, na realidade, não passava de simples títere de Rabenau, prior de fato e chefe onipotente da "Ordem

dos Vingadores". Ele, Bertrand, não dispunha de um real ; Rabenau tudo açambarcava e controlava. Daí provinha -

acrescentava - aquela sua cupidez. Revelou, mais, que, no momento, tramava-se séria conspiração, tendo

por cabeça frei Benedito, ex-conde de Rouven, enclausurado em conseqüência de indigna traição, e que tinha como

alter ego outra alma danada, personagem de origem duvidosa, um tal Pater Sanctus. Percebi que Bertrand mentia,

quando afirmava que não dispunha de um real, pois era de uma cupidez insaciável. De certo, a verdade é que se

consideraria mal remunerado e, sob o guante de ferro de Rabenau, já não podendo, em sua condição de falso prior,

gozar de ampla liberdade, estaria descontente e arrependido da empreitada. A partir desse dia visitei-o muitas

vezes no mosteiro, quer oficial e ostensivamente, quer à socapa, por escuros caminhos. Dessarte me inteirava não só

dos seus negócios, como da marcha da conspiração, que se encorpava dia a dia. O audacioso Benedito havia tentado e

conseguido aliciar Bertrand, oferecendo-lhe vultosa recompensa em dinheiro. Tudo estava pronto e dependente apenas

do momento favorável. - Seria também uma bela oportunidade para ti - acrescentava - visto que, morto o conde,

sobrevirá grande confusão no castelo e ser-te-á possível raptar a bela Rosalinda ; e desde que a tenhas em

segurança, dentro das muralhas do castelo de Mauffen, poderás forçá-la a casar-se contigo. Essa idéia me pareceu

excelente e tornei-me impaciente, só com o imaginar Rosalinda em meu poder. Não obstante, o plano se estendeu a

muitas semanas mais, até que um dia Bertrand me disse : - Espero que na próxima semana tudo se decidirá : Rabenau

vai comemorar seu aniversário com uma grande festa e pretende-se aproveitar o bulício e a confusão do ambiente

para lhe subtrair todos os documentos comprometedores. Isto feito, ele terá que render-se à discrição ou será

assassinado. Trata pois, meu Hugo, de aproveitar o tempo e apresenta-te na festa com alguns homens escolhidos. Se

Rabenau der pelo roubo, não cuidará de Rosalinda e poderás, então, arrebatá-la sem maiores percalços. Agradeci o

prudente conselho e escolhi dez homens de inteira confiança para que estivessem prontos ao primeiro sinal, mediante

ótima recompensa. No dia aprazado, trajei-me a rigor e toquei para o castelo de Rabenau. O conde me recebeu com a

amabilidade habitual, mas logo notei que estava intimamente preocupado. Depois de cumprimentar as senhoras, retraí-

me no vão de uma janela para observar o movimento. No meio de um grupo de rapazes, Kurt de Rabenau, muito da minha

antipatia, - sem embargo da sua incontestável esbelteza - conversava ... e não tardou lhe surpreendesse no olhar,

por vezes, uns lampejos de contrariedade. Naquele momento ele se me afigurou muito lânguido, sem desfitar os olhos

do grupo feminino, onde realçava a jovem condessa de Loevenberg, a não ser para os assentar no pai, com ares de

agastamento. Surpreso, certifiquei-me então de que o conde Lotário trocava com a ex-pupila olhares evidentemente

apaixonados. Estava explicado o aborrecimento do filho. É que o pai, belo, sedutor, parecendo antes um irmão mais

velho, seria o seu rival mais perigoso. A aproximação de um senhor idoso interrompeu minhas observações; mas, logo

que me desembaracei dele, vi que Lotário e Rosalinda tinham desaparecido. Percorri então todas as salas,

bisbilhotei todos os compartimentos de portas abertas sem os encontrar, indo parar, finalmente, num gabinete

deserto e pouco iluminado. Lá me detive uns momentos; e quando me propunha reencetar a diligência, ouvi rumor e o

eco de vozes. Escondi-me no escuro desvão de uma janela. Esse desvão, aberto em parede com três pés de espessura,

me ocultava inteiramente e permitia tudo ouvir. Mal me ajeitava no eventual observatório, quando vi entrar Kurt,

acompanhado por velha mulher trajando simples, porém, ricas vestes de camponesa. - É como te digo, minha boa ama,

eles se adoram e acabam de noivar, creia, pelo que vi e ouvi agora mesmo. Ocultou o rosto nas mãos... - Mas, meu

condezinho, - disse a mulher - você está iludido, com certeza; o ciúme é cego; seu pai, homem austero e cheio de

preocupações e responsabilidades, há muito que se teria casado, se o quisesse. Gertrudes! Gertrudes! - chamou

alguém. - A confidente retirou-se apressada, dizendo : - estão me chamando. Kurt, ficando sozinho, monologou: - Com

o amor não se brinca e principalmente um pai; ele sabe que amo Rosalinda e, no entanto, ri-se e acha Infantis os

meus anseios; e contudo, é ele mesmo quem touba ao filho a mulher adorada. É curioso pretender casar-se na sua

idade! Se tiver filhos, um que seja, aí

temos meu patrimônio desfalcado. É verdade que serei sempre o primogênito, mais isso não importa. Calou-se,

circunvagou o olhar sombrio, tirou do cinto o pequeno punhal e pôs-se a examiná-lo. Estranho sorriso lhe pairava

nos lábios. - Sim: Trata-me como criança; seu despotismo vai-se-me tornando intolerável... E se o matasse? Entre os

convivas aqui reunidos, muitos há que o odeiam; ninguém de mim suspeitaria e, assim, de um golpe, tudo estaria

resolvido... Tornou a calar-se, mas todos os pérfidos sentimentos se lhe refletiam no olhar, ao mesmo tempo que

experimentava a ponta do punhal no medalhão pendente do pescoço. Pobre Rabenau! - disse comigo - até teu filho quer

derramar teu sangue ... Mal acabava de o pensar e estremeci, vendo surgir sutil, atrás de Kurt, a figura de

Rabenau! Fisionomia alterada, pôs a mão no ombro do filho: - Não te envergonhas de pensar em suicídio? O rapaz deu

um grito abafado e o punhal lhe caiu das mãos, enquanto o conde o estreitava nos braços: - Filho querido, acalma-

te - disse com ternura que jamais lhe poderia atribuir - ouvi teu grito aflitivo, quando me declarei a Rosalinda

e agora vou fazer uma viagem da qual talvez não volte; deixo-te, assim, meu nome impoluto, fortuna considerável,

amealhada em longos anos de racional economia e nunca por avareza (entendes?) e cedo-te também minha noiva, ou seja

- o meu amor. Dela obterei a promessa de se casar contigo depois da minha morte. Estás satisfeito, filho do

coração? O semblante de Kurt estava transfigurado, como bem se pode compreender, depois dos projetos que maquinara.

Todavia, desfez-se em lágrimas, agarrando ao pescoço do conde: - Não te vás, meu pai, eu nada mais prezo

nem

desejo, além da tua vida... Seria sincero? Para o plano espiritual não há pensamentos ocultos. O conde enxugou a

fronte suarenta e tomando entre as suas a mão do filho, prosseguiu: - Considera Rosalinda como o legado mais

precioso, pois é o próprio coração que com ela te deixo; procura dominar tuas paixões inferiores, teu caráter

caprichoso e tirânico, não faças sofrer meu espírito por haver obtido

de Rosalinda o compromisso de casar contigo. Dono de imensa fortuna, lembra-te, filho, que não é com ouro, apenas,

que se alcança o amor e a fidelidade; sê bondoso com os vassalos, como procurei ser, pois a severidade há que

comparar-se com justiça e indulgência. Uma boa palavra, dita no momento preciso, conquista mais corações que um

cofre de ouro, e a lealdade e generosidade são o verdadeiro, embora oculto, escudo da nobreza. E agora, que Deus te

guarde e abençoe. Afastou-se do filho e acrescentou imperativo : - Vai procurar Rosalinda, com discrição e pede-lhe

que desça ao jardim, dentro de meia hora. Desapareceu com um aceno de mão e eu me quedei singularmente comovido.

Rabenau sabia que estava sentenciado à morte e isso me suscitou involuntária estima por ele. Deixei o esconderijo e

reentrei no grande salão. Lotário veio logo ao meu encontro, dizendo. - Acompanhe-me, Sr. Mauffen, tenho algo que

vos dizer. Não deixei de notar o tom grave do convite e compreendi que se tratava de assunto importante.

Encaminhamo-nos a um quarto e logo fechada a porta, falou-me assim: - Já vos disse, uma vez, que as vossas riquezas

só estariam garantidas enquanto eu vivesse: dentro de poucas horas, deixarei de existir; acabam de me roubar o meu

arquivo de valor inapreciável, por constituir-se de secretos documentos e planos comprometedores; o fruto, enfim,

de toda uma existência e, o que mais é: a prova positiva de que sou um conde tão legítimo quanto o prior dos

Beneditinos. Cruzou os braços, solene, e concluiu: Sou também um Mauffen, vosso irmão mais moço, filho da mesma

criatura cujo destino ignorais, mas ninguém conhece este segredo senão eu e a mulher que me criou, e que todos

consideram minha mãe. Só a nós dois, nosso pai confiou a verdade, na hora da morte. Entretanto, as provas do que

digo também lá se encontram no arquivo ora roubado. Não pude conter um ah! de espanto e admiração. Lembrei-me do

berço vazio, a criança desaparecida era aquele homem esbelto que ali estava tão pálido e condenado à morte, o único

parente consangüíneo que me restava no mundo.

- Vós, meu irmão? repeti exaltado. - Sim. E agora, para compensar o serviço que vos presto, revelando o perigo

que ameaça a vossa fortuna, jurai-me solenemente que nunca, jamais, direis uma palavra a meu filho ou a sua noiva.

A mulher generosa que passa por minha mãe, essa, jamais me trairá. Se for possível, Hugo, prestai-me um grande

serviço : não vos falta astúcia e intrepidez ; tratai, pois, de reaver a caixa do arquivo roubada pelo anão e que

ora se encontra em poder dos dois malditos monges, isto é: Benedito, que disputa o priorato, e Sanctus, seu lugar-

tenente. Bertrand, o covarde foragido da forca, a quem dei de comer e cumulei de ouro, traiu-me e não quero

emporcalhar as mãos no seu sangue; diga-lhe que, sem embargo da soma que recebeu, em paga da minha vida, há de

perecer miserável e cruelmente, e que, nessa hora da morte, não se esqueça destas palavras que o chefe lhe

transmite. Nesse momento seu olhar se ensombrou paralizado. - Haveis de sucumbir todos juntos - disse com voz

estranha - tu, ele e ela ; todos... Estremeceu como que despertando. Eu continuava mudo, estupefato e mal sabia que

o vaticínio haveria de cumprir-se integral, pois acabamos morrendo todos juntos. Adeus para sempre - disse -

estendendo-me a mão. - Lotário - era a primeira vez que assim o tratava - deixa que te abrace, para que me fique a

recordação grata de haver abraçado o único irmão e parente que me resta, e no qual sempre distingui um dos mais

nobres e valentes cavaleiros. Prometo fazer todo o possível para reaver o arquivo e guardá-lo em homenagem à tua

memória, depois de consumir tudo o que possa comprometê-la. Abraçamo-nos comovidos, como convinha a dois intrépidos

cavaleiros. Depois, enfiando-me no dedo o seu anel : - Toma-o e guarda em memória de mim. Voltei ao salão.

Rosalinda continuava ausente. Calculei que tivesse abandonado a festa, e reputando impossível o rapto naquela

noite, tratei de bater em retirada. Dois dias após essa noite tormentosa, fui à taverna, de Berta, à cata de

notícias. Soube, então, por ela, que Rabenau tinha sido assassinado numa clareira, não longe da estrada e que, na

véspera, à noite, o corpo fora levado

para o castelo. Quanto a pormenores, não os tinha, nem mesmo me avistara com Bertrand, que lá continuava no seu

papel de falso prior. Eis-me, então, engolfado em tristes cogitações. Rabenau, homem sedutor, exuberante de vida,

conhecera-o, por bem dizer, há dois dias e já não era deste mundo! Tinha-o considerado rival e, como tal, odiado!

Agora, todas essas impressões se fundiam na saudade do irmão, que já não existia ... Resolvi comparecer ao castelo

de Rabenau, em homenagem ao extinto e ver, de paralelo, até que ponto seria possível raptar Rosalinda, de vez que

seria estúpido deixá-la à mercê de Kurt. Lá chegando no dia seguinte, a primeira coisa que vi foi a bandeira preta

no torreão mais alto, para anunciar a morte do castelão. A ponte levadiça estava arriada e os pátios cheios de

gente : soldados, escudeiros, pajens ostentando as cores das casas mais nobres, tinham mão nas montarias de seus

amos, ou conversavam baixinho com os serviçais do castelo que, pálidos, aturdidos, acabrunhados, andavam de um lado

para outro. Informara-me que todos estavam na capela e um senhor que comigo subia a escada, disse: - Veja o senhor

que coisa extravagante : dizem que o falecido deixou escrito, como disposição in extremis que, quando morresse, a

condessa de Loevenberg esposasse imediatamente o filho. E o mais curioso é que, neste momento, diante do cadáver

exposto na capela, estão celebrando o casamento. Faltou-me o ar, compreendi que Rosalinda cumpria a promessa feita

ao homem amado. Fulo de raiva, atravessei a fila de pajens vestidos de preto e entrei na igreja, cujas portas

estavam abertas de par em par. No centro, erguia-se o catafalco rodeado de círios, e sobre Rabenau, como que

adormecido e regiamente amortalhado. Diante do altar, ajoelhados, Kurt e Rosalinda, cujo vestido branco contrastava com o luto ambiente. A cerimônia tinha acabado e toda a gente se acercava para felicitar os cônjuges. Rosalinda, mais branca que o seu vestido, parecia indiferente a tudo, apenas correspondendo com um gesto de cabeça às felicitações que lhe dirigiam. Há desviar os olhos do esquife, para lá se dirigiu e ajoelhou-se, mergulhando o rosto nas mãos. Kurt estava pálido e notava-se que se esforçava para chorar. De vez em quando, amarrotava nervosamente o fitão que trazia singido ao colo e, quando dava com os olhos na mulher desesperada, um quê de maldade se lhe desenhava no rosto.

Para o meu coração lacerado, aquilo era um bálsamo. Porque era a um morto que ela amava. O desespero da condessa mãe era tão real e tão profundo que, para logo, me convenceu que amava a Lotário como se fosse um verdadeiro filho.

Muito pálida, lábios cerrados, tinha ficado junto do esquife sem largar a mão do morto, ora levando-a aos lábios, ora ao coração. O capelão iniciou o ofício fúnebre ; encostei-me a uma pilastra e continuei observando. A multidão avultava a todo instante, a população em peso ali estava a render as últimas homenagens ao conde sempre. leal, amável e prestimoso. Até anciãos venerandos e afamados guerreiros se mostravam comovidos e derramavam lágrimas diante do féretro. Entre os serviçais do condado, os soluços eram até explosivos. Dir-se-ia que só depois de o perder tiveram a consciência do seu valor. Em compensação, nada esperavam do filho, cuja rispidez e despotismo eram bem conhecidos. Ainda, ali, naquele transe lutuoso, ele era de todos o menos angustiado. De pé, mãos nas cadeiras, circunvagava os olhos duros e altaneiros. Na freima de ostentar senhorio, chamava a cada momento um pajem, um escudeiro, transmitindo ordens em voz baixa. Por vezes, para fingir que ignorava a entrada de novos assistentes, ajoelhava-se junto do catafalco e admirava as esculturas do altar. Finda a solenidade, dispus-me a partir. Da porta, lancei um derradeiro olhar a Rosalinda, que continuava ajoelhada, de mãos postas, face banhada em

lágrimas.

- Que bela que é a condessa de Rabenau! - disse alguém a meu lado - e com que desespero chora a perda do tutor ; é

verdade que ele era bem sedutor e ainda depois de morto é o que se pode chamar um belo cavaleiro ! - Sim,

respondeu outro cavaleiro em voz baixa - ela vai guardar luto e já declarou ao marido que, logo depois do enterro,

vai com a condessa passar seis meses no convento das Ursulinas. O jovem conde protestou mas não teve remédio senão

concordar. Essas palavras foram um novo bálsamo para o meu coração e parti um pouco mais confortado com a

perspectiva dessa longa separação dos jovens recém-casados. No dia seguinte assisti aos funerais, celebrados com

grande pompa. O duque compareceu pessoalmente e as palavras de condolência que dirigiu a Kurt foram o melhor

lenitivo para o seu coração filial. Era de ver-se a sua ufania em conservar-se ao lado do duque, em todo o curso

da cerimônia. Chispavam-lhe os olhos de orgulho satisfeito; mas sempre que os punha em Rosalinda, o que nêles

transpirava era paixão e raiva. Regressei a casa acabrunhado e triste, e quando me recolhi ao quarto, lembrei-me da

aparição de Lotário naquela mesma alcova. Para repousar o espírito e me distrair, parti no dia imediato para outra

propriedade para Já caçar uns quinze dias. Concomitantemente dava tratos à bola para encontrar um meio de reaver o

arquivo roubado a meu irmão, chegando a concluir que o melhor recurso era pagar bem a Bertrand uma vez que ele

continuava como prior e poderia, assim, subtraí-lo de Benedito. De volta ao castelo, enquanto mudava de roupa, o

escudeiro me disse que grande acontecimento ocorrera na minha ausência: é que D. Antônio, o prior dos Beneditinos,

tinha falecido em conseqüência da ruptura de um aneurisma. Ao que constava, a morte se dera durante a missa e à

vítima não deu tempo a quaisquer socorros. O sepultamento se realizou no mesmo dia, pela manhã, com extraordinária

pompa. Parte dos meus fâmulos e rendeiros haviam lá comparecido. Caí das nuvens! Bertrand morto? Poderia ser

verdade, mas também poderia ser uma trapaça dos monges, visto que Bertrand não queria deixar o posto tão cedo.

Mandei apressar o jantar e parti a galope para o albergue de Berta, que deveria conhecer a verdade. Fui encontrá-la

aflita, com os olhos inchados de chorar. Nada me podia adiantar, senão que, na véspera, Bertrand lá estivera e, de

modo algum, desejava partir. Ao saber da morte do prior, tinha ido à igreja e, de envolta com a multidão, vira o

corpo lá exposto. Doze monges rodeavam o catafalco, revezando-se de duas em duas horas e as missas eram

ininterruptas. Também não podia suspeitar da identificação do defunto. Aflito e fatigado, resolvi pernoitar no

albergue e fui para o quarto de Berta, a fim de lá comentarmos à vontade a triste ocorrência. Havia de ser quase

meia-noite quando ouvimos na escada uns passos, que nos fizeram estremecer. No mesmo instante, a porta se abriu e

Bertrand surgiu desfigurado, deixando-se cair num banco. E começou a esmurrar o peito, a arrancar os cabelos,

rogando-se a si mesmo as maiores pragas. Supusemos que estivesse louco. Rosa foi a primeira que se acalmou e,

aproximando-se, começou a sacudi-lo pelo braço :

- Velho imbecil, não morreste, então? Que te falta, pois? Que fizeste? Anda, desembucha, com Deus ou com os diabos

: fala! Por fim, ululante e sempre lastimoso, Bertrand explodiu: - Morreu! está morto... - Quem? perguntei -

curioso por saber quem poderia, morrendo, assim, tocar aquela alma de celerado. - Quem? Ora essa! Rabenau... E de

que maneira! Matando-se, porque ninguém seria capaz de o fazer ... Oh! miserável que fui, traindo-o... Escabelava-

se raivoso e não me contive que não soltasse estridente gargalhada. Depois, tomando-lhe a mão, falei : Não podes

lastimar dessa forma a velha nova da 'norte de Rabenau, toma tento, meu amigo, sejamos razoáveis e fala-nos antes

de tua própria morte, visto que, para o mundo estás bem morto e enterrado. O salafrário perfilou-se, esvaziou

alguns copázios de vinho e falou. - Ai de mim, Hugo! - a morte de Rabenau acarretou esta desgraçada situação em que

me encontro. O satânico Benedito, ansioso por me ver pelas costas, deume a beber poderoso narcótico e, quando dei

acordo de mim, estava nos subterrâneos, onde ele me notificou, sumariamente, o atestado de óbito, ou por outra, que

eu estava morto para a confraria, devendo exilar-me do país. Deu-me uma ninharia e pôs-me na rua. Assim, lá se me

foi a sinecura do emprego, sem a esperada compensação. Só agora compreendo que, com o apoio do mestre, vivia em

segurança. E contudo, ingrato celerado, traí meu benfeitor, fui o causador da sua morte. A vingança me atingiu e

o que mais me exaspera é que estou sendo escorraçado, ultrajado e a ninguém me posso queixar. Acalmou-se pouco a

pouco, e como já não tinha domicílio, propus que fosse morar comigo, o que aceitou agradecido. Rosa o acompanhou

dentro de alguns dias alegando que, longe de suas vistas o velho imbecil dissi paria em três tempos todo o dinheiro

que Benedito lhe havia dado. Eu não podia correr com ela e assim a tive em casa, mas a verdade é que os nossos dias

corriam monótonos. Bertrand nada lucrara, antes perdera com a traição: decaiu de prior poderoso a vagabundo sem

nome e sem pouso, morto para todo o mundo, exceto para Rosa e para mim. Vigente a promessa de reaver o cofre de

Lotário, e estava disposto a matar até o prior, caso fosse preciso

Logo que a primeira severidade para com o amigo se dissipou, pedi-lhe me indicasse o melhor meio de penetrar nos

esconderijos do arquivo secreto. Forneceu-me, de bom grado as informações mais minudentes sobre o caminho a seguir,

descreveu os alçapões engenhosos, entre os quais um, entre o leito do abade e a parede, e outro de acesso ao seu

gabinete particular, onde havia diversos cofres, cuja abertura me explicou, caso encontrasse deserto o dito

gabinete. Precavido, tratei de orientar-me em todas as direções, no caso de meu êxito escapar aos monges. Uma

noite, bem armado e secundado pelos votos de Bertrand e de Rosa, empreendi a temerária e temerosa diligência. Na

embocadura do subterrâneo, grosso tronco oco de azinheira e um tampão disfarçado sob a camada de musgo, davam

entrada para estreita galeria; em designado ponto, encontrei uma tocha que acendi, e fui seguindo até esbarrar na

escada; - tortuosa e estreitíssima escada, que mal dava passagem a um homem. Finalmente, defrontei o alçapão que

Bertrand havia descrito como ligado ao gabinete do prior. Entreabri-o de mansinho, empreitei o ambiente e o coração

me palpitou de alegria. Assentado à mesa, à luz de duas velas, o novo prior tinha escancarado diante de si o cofre

de ébano cinzelado de prata, que Lotário me havia descrito. O acaso me favorecia, exultei. Restava, apenas, matar o

prior, apoderar-

me do cofre e desaparecer na galeria. Tudo estaria consumado. Mas era preciso agir sutil, rápida, silenciosamente.

Aguardei o momento e quando pressenti Benedito inteiramente absorvido na leitura de um pergaminho, deslisei qual

sombra, para atingi-lo; infelizmente, (fatalidade ou desgraça), o assoalho ranjeu e Benedito voltou-se. Atirei-me a

ele, mas conseguiu travar-me o braço e começamos a lutar corpo a corpo. Atraído pelo rumor da pugna, o maldito

Sanctus, alma danada do prior, apareceu, e com violento murro na cabeça, fez-me desequilibrar e cair entontecido.

Quando voltei a mim, estava manietado. Então desennrolou-se a cena já descrita por Sanctus. Fui levado por alguns

monges hercúleos fiéis esbirros da maldita confraria, os quais, num abrir e fechar de olhos, me enfronharam de

noviço. Tentei reagir, mas logo compreendi que toda volta franca seria inútil. Logo na manhã seguinte, fui

obrigado a seguir o regime monástico; mas por tôda parte, na igreja, no refeitório, no jardim, as duas som-

bras não me largavam nem permitiam falasse a quem quer que fosse. Enfim, um dia fui chamado à presença do abade

que, com aquela impassibilidade e altaneria que tanto me revoltavam, declarou necessária a doação de todos os meus

bens ao convento, antes de pronunciar os votos. Indignado, protestei contra a insolência e rapacidade, e o

resultado foi ser atirado a lôbrega enxovia, privado de alimentação e cumulado de injúrias. Por fim, alquebrado,

impelido pela brutalidade dos flagícios, tudo suportei e me fiz monge e mendigo, renunciando à própria felicidade.

Mas, se ainda assim, não guardasse no fundo da alma um resquício de esperança na minha evasão daquele inferno

louco.   Mais tarde, soube que Bertrand tivera conhecimento da minha situação, não se atrevendo, porém, a penetrar

no convento. Apenas uma vez, depois de haver professado, achando-me na igreja, junto de um confessionário, ouvi

misteriosa voz murmurar distintamente : "Hugo, não sejas imprudente, espera com paciência que te possa libertar".

De momento, fiquei aparvalhado e, só mais tarde, concluí que o conselho não Poderia vir senão de Bertrand, ganhando

assim novo alento. O tempo se escoava lentamente, eu cumpria estritamente minhas obrigações; mas, sem embargo, era

tão rigorosamente vigiado que toda tentativa de fuga redundaria em fracasso inevitável. Horas de lazer não me fal

tavam.   Durante as cerimônias litúrgicas intermináveis podia, à vontade, pensar na sorte madrasta e na bela

Rosalinda, que deveria, de longa data, ter voltado do convento para juntar-se ao marido. O ciúme e a paixão

aumentavam dia a dia, sob aquelas sombrias e pesadas abóbadas O tédio acabrunhante, em conflito com o meu

temperamento arrebatado, era de enlouquecer. O que diziam do subterrâneos não era para mim; a disciplina monástica

era severíssima ; nem aventuras, nem sombras femininas por lá apareciam. Desesperado, confesso que o meu humo era

o que se pode chamar bestial, na verdadeira acepção do vocábulo. Bertrand não mais voltara e eu procurava

esgravatar e tatear as paredes.   Aquela parte do convento, porém, me era inteiramente desconhecida e nenhum

indício de saída secreta pude descobrir. Certa feita, ceguido pelo vigia, quando assim pesquisava, riu-se ele a

bandeiras despregadas, repetindo : "Escarafuncha, escarafuncha, imbecil ; pois não vês que estas paredes são

pedra?"
E assim passava o tempo, até que um dia, correu a notícia de que íamos celebrar solenes exéquias pelo barão

Wilibald de Launay, irmão de Rosalinda, que tinha falecido subitamente O corpo viria para o mosteiro, visto que ali

estava o jazigo da família. A jovem condessa de Rabenau, segundo informara o arauto da notícia deveria assistir ao

enterro. A idéia de rever a criatura amada me pôs os miolos em polvorosa. Chegando o dia ansiosamente esperado,

quase nada pude ver, por isso que só concorreram ao cerimonial uns tantos frades previamente designados.

Entretanto, a perambular pelos corredores, ouvi dizer que a jovem condessa, muito angustiada, pedira permissão ao

abade para passar a noite velando o cadáver do irmão. Enfurnei-me na cela e plantei-me à janela, donde se

avistavam as ogivas do templo. Através, dos vitrais multicores tremeluzia a claridade das tochas, e o pensamento de

que ali, tão perto, estava Rosalinda, foi-me exaltando num crescendo. O desejo de lá me intrometer furtivamente

acabou por empolgar-me; saí sorrateiro, deslizei até o pátio e escapei pela porta entreaberta do templo. Os círios

ardentes, em torno da essa, mal clareavam o ambiente soturno da grande basilica. O defunto nada me interessava e o

que me atraiu o olhar foram os dois genuflexórios à direita do catafalco. Em um deles, assentada, cochilava idosa

dama; noutro, de olhos fixos no esquife, estava Rosalinda em trajes de rigoroso luto. Semblante calmo, antes que

desesperado, tal como na morte de Rabenau, pareceu-me, entretanto, mais magra e com indícios de melancolia que

jamais lhe surpreendera. Que pensar? Simples abalo moral pela morte do irmão? Ou, quem sabe, desgostos íntimos da

vida conjugal? Ah! quanto me agradara decifrar o enigma! Mas, de qualquer forma, Rosalinda me fascinava e de

pronto me veio á mente o insensato e criminoso plano. É verdade que um lampejo de bom senso ainda me aclarou a

consciência, fazendo-me dizer a mim mesmo: "estás louco?" - mas, a indômita paixão que me rugia nalma, de todo me

cegara. Eu tinha assassinado Loevenberg no intuito de possuiir aquela mulher, e não, e nunca, para cedê-la a Kurt.

Deslizei felinamente cauteloso e, pelas costas, amordaçando-a com a mão esquerda, enlacei-a com a direita e parti

como flecha. Refeita da brutal agressão, Rosalinda começou a debater-se com todas as suas forças. Houve um momento

desesperado, que lhe permitiu gritar, mas eu

já tinha chegado à cela. Com o próprio véu, envolvi-lhe a cabeça e com a ponta tapei-lhe a boca para impedi-la de

gritar. Depois, escorei a porta e voltei para consumar meu ignóbil propósito. Todavia, tinha perdido precioso

tempo

pois ela, valorosa e resoluta, soubera aproveitar : desembarcando-se do véu, enfrentava-me de punhal alçado, colada

à parede : - Vem, bandido - dizia aterrada - ao mesmo tempo que pedia socorro. Pensei que ia morrer de raiva, pois,

enquanto Rosalinda ameaçava, soaram passos no corredor e batiam à porta. Era a voz de Benedito, intimativa e forte.

Fora de mim, atirei-me à jovem, tentando desarmá-la. Nessa luta, tombaram a mesa e o escabelo, mas não pude

concluir o intuito, porque a porta cedeu com estrondo e Benedito, Sanctus, Sebastião e muitos outros coroados

invadiram a cela. Ao avistar Benedito, Rosalinda deixou cair o punhal. Apanhei-o e, louco, apunhalei o ídolo. Do

que se passou, em seguida, guardei apenas confusa lembrança. Sei que estive a ponto de matar o prior, quando fui

derrubado; que me vi rodeado de semblantes ferozes, indignados; mas o que disseram e resolveram não pude ouvir.

Agudíssima dor no peito me fez perder os sentidos e quando despertei estava completamente amarrado. A primeira

coisa que se me deparou foi Rosalinda ensangüentada e estendida em meu leito. Sanctus e Bernardo pensavam-lhe o

ferimento. Confesso que não tive o mínimo remorso. Antes queria vê-la morta. A porta e o corredor estavam tão

cheios de frades curiosos, que dificultavam a passagem. Ouvi o prior ordenar que me removessem para o calabouço, e

quando os guardas procuravam executar a ordem, ouviram passos apressados no corredor, Um rápido movimento de

confusão e apareceu na cela a figura abominável de Kurt de Rabenau. Raivoso, adivinhei-lhe, ou antes, vi no seu

rosto pálido o que os outros não viram e que o amor e o ciúme deixavam-me advinhar isto é: que aquele homem de

traços efeminados não sofria as angústias de um verdadeiro amor, ante a perspectiva de uma perda irreparável.

Aquele olhar frio mal simulava a indiferença íntima. Possível, até, que lhe aprouvesse ver-se livre da mulher. Por

mim, digo que exterminaria sem dó nem piedade, quem quer que tocasse com um dedo naquela mulher. Ele, no entanto,

ali, me deparando

sabendo-me autor do atentado, limitou-se a espalhar em tôrno de si olhares de orgulho malferido. O que se passou

depois, não sei, porque fui levado à enxovia, onde passei 24 horas sem comer nem beber, até que compareci perante o

prior, reunido o Capítulo. Benedito leu a sentença: in pace, a pão e água para o resto dos meus dias, com flagícios

semanais. Uma nuvem negra ofuscou-me a vista e quando dei acordo de mim, estava na furna lôbrega, onde deveria

terminar a vida entre ratos, baratas, sapos e morcegos. Tratava-se de uma enxovia estreita e escura, cujas paredes

minavam água e tendo por único mobiliário um monte de palhas apodrecidas. Deixando-me ali cair exausto, certo

magoei algum dos hóspedes. Não sei se um rato, se um morcego fugiu guinchando, espavorido. Pus as mãos na cabeça...

Estava perdido! Enterrado vivo, mudo para sempre, privado de ar, de movimento, de alimentação... (ai! de que me

valera, então, o sacrifício de anos e anos no estudo da magia negra, desde que nenhum dos seres infernais, a quem

quase vendera a alma, nada podiam valer-me nessa conjuntura? Recitei, então, todas as fórmulas invocativas das

potências tenebrosas e acabei apelando para o próprio Lúcifer, mas nada obtive e mergulhei em profundo e mudo

desespero. Difícil dizer quantos dias assim passei e como, e porque não sucumbia no peso de tantos horrores. Às

vezes, exasperado pela fome, pelas dentadas dos ratos e pelos sapos que me saltavam sobre o corpo, recomeçava os

salmos sempre inócuos. Um dia, porém, tive uma idéia luminosa : lembrei-me do pequeno relicário que trazia ao

pescoço, desde a infância, e que continha autêntico fragmento do Santo Madeiro. Quem me havia dado? Ignorava-o...

Mas, a verdade é que o havia conservado e, quem sabe, não seria ele que embargava o aparecimento de Satã? De pronto

arranquei a medalha e, calcando-a ao pé, pronunciava a fórmula sacrílega de renúncia a Deus e a Jesus, em prol de

Lúcifer. Minha fé era tão grande que, terminada a invocação, permaneci atento, sondando a escuridão ambiente, na

qual me parecia ver, qual antes vira, envolto em chamas esverdeadas, o sanhudo monarca do Inferno. Sim : ele

deveria libertar-me, uma vez que renunciava ao céu com todas as suas promessas. De repente, estremeci. Simples

exaltação nervosa? Ilusão dos sentidos? Ou seria Satã que

se aproximava? Ouvi pancadas e uma voz misteriosa e nada satânica, que dizia: - Estás aí, Mauffen? - Sim, sim -

gritei com todas as forças que me restavam. -- Olha : sobe nessa pedra que aí está no canto, a servir de mesa;

ergue o braço e procura, na parede, duas argolas de ferro, uma em nível superior à outra. Alça-te nelas e

encontrarás ainda outra, à direita. Firma-te nela e inclina o corpo, quanto possas, sempre à direita! Assim fiz e

acabei enfiando a cabeça numa espécie de chaminé. - Procura os ganchos e sobe sem receio Continuei a escalada e a

voz de Eulenhof continuava a guiar-me, até que divisei tênue claridade e me encontrei diante de uma abertura

redonda. Vi, então, de relance, uma cabeça humana, que desapareceu dizendo : - Segue-me sem receio. - Do lado de

fora da abertura balouçava-se uma escada de cordas presas a dois ganchos de ferro. A noite vinha caindo e lá em

baixo junto à muralha viam-se, através da bruma, a massa compacta do lago e o barco, no qual acabava de saltar

Bertrand. Galguei o peitoril, e como a altura não fosse grande, a descida se fez rápida. Meu salvador tirou da água

uma comprida vara, adrede preparada, e com ela desenganchou a escada. Quis agradecer-lhe tudo aquilo, mas logo me

interrompeu, dizendo . - Nada! deixa isso para depois; agora não temos tempo a perder; despe o hábito, amarra-o

nesta pedra e dá-lhe um banho fundo. Ali, naquele embrulho, tens um camisão de pescador, uma capa e barbas postiças

; vamos, depressa .. Obedeci e atirei-me no fundo da embarcação, meio oculto pela rede e tive, então, a satisfação

de contemplar ao longe o sombrio edifício, cujo perfil se destacava no cenário crepuscular. Transpor em fuga

aquelas muralhas era o que se poderia considerar verdadeiro milagre. Pleno de reconhecimento, soergui-me e apertei

a mão de Eulenhof que prosseguia remando calado. - Quanto te agradeço, bom e dedicado amigo! - Oh! resmungou ele -

maldita cupidez e ingratidão. A que estado me reduzistes! - eu, o verdadeiro

prior, obrigado a escalar muros como qualquer ladrão... Ah! mestre, estás bem vingado! Enxugou a fronte com as mãos

e verteu uma lágrima de raiva em memória de Rabenau. Chegados à margem oposta, depois de ocultar o barco no

matagal, seguimos por uma trilha imperceptível, na direção de um muro cinzento. Mais próximo, reconheci que o muro

era simplesmente uma casa em ruínas, meio enterrada e cujo telhado se recobria de limo. Duas janelas semicerradas

deixavam coar mortiça claridade interior. Eulenhof bateu, apareceu uma velha feia e desgrenhada, que lhe deu boa

noite. Entramos, atravessamos a sala enfumaçada e repleta de fisionomias suspeitas. Um grupo, acocorado junto do

fogo, assava qualquer coisa no borralho. Sem atentar na sociedade sinistra, Bertrand enveredou pelo corredor,

entrando, finalmente, num quartinho sujo, de paredes esburacadas e mal alumiadas a lamparina de azeite. Dois sacos

de palha, mesa e dois bancos aleijados, completavam o mobiliário daquela cafua que, sem embargo, me pareceu

confortável, comparada ao meu in pace. - Dá-nos um bom jantar, com o melhor vinho que tiveres - disse Bertrand,

atirando à velha a moeda de ouro. A mulher desapareceu radiante e ele se atirou à enxerga estatelado : Pois muito

bem, Hugo! eis-nos, enfim, livres de perigo; mas olha que, se não tivesse a amizade de um prior resolvido, nem o

diabo te livraria da embrulhada em que te meteste. Quem, como eu, conhece todos os meandros do velho colosso

campesino? Sim, eu devia e precisava tudo saber, pois a uns tantos prisioneiros sempre convinha deixar

probabilidades de fuga. Nessa altura, foi interrompido pela velha sobraçando o cabaz das provisões. Bilhas de

vinho, fiambre e ovos, foram postos na mesa e escusado é dizer que me atirei a tudo aquilo com a voracidade e

volúpia de quem jejuava há muitos dias. Depois de copioso repasto, Bertrand não Podia continuar a conversa e

deitou-se de comprido, roncando como um porco. Segui-lhe o exemplo e dormi, por minha vez, um sono reparador.

Quando abri os olhos, uma réstia de sol entrava pela frincha da parede. Eulenhof já estava em trajes de

bufarinheiro e ajustava às costas uma caixa de quinquilharias.

- Levanta, preguiçoso - disse sorrindo, e apontando outra caixa a mim destinada. Uma hora depois, transformados em

mercadores, deixamos o albergue e nos encaminhamos para as grandes florestas que circundavam o castelo de Mauffen.

Após longa e penosa caminhada, paramos numa hospedaria tão suspeita e reles quanto a primeira. Dali, partimos já

transformados em moleiros, em lombo de burro. Solenenemente escanchado na sua alimária, Bertrand falou : - Não te

admires das modificações que vais encontrar lá no castelo : a não ser Rosa e eu, ninguém lá se encontra,

atualmente, salvo o velho monge e dois frades, que ocupam a pequena torre junto à ponte levadiça e que, por temor

às almas do outro mundo, não se atrevem a entrar no castelo. Isso quer dizer que a Abadia se apossou dos teus

domínios e só devido ao conhecimento dos ocultos refúgios do castelo temos podido lá permanecer. Travou-se-me de

raiva o coração e, calado, continuamos a trotar, até que desembocamos à direita e justo no local onde, anos antes,

respirara pela primeira vez o ar puro da floresta e compreendera o valor da liberdade. Entramos pelo mesmo

subterrâneo e fomos ter à sala em que Rosa me esperava com grandes demonstrações de alegria e magnífico repasto.

Faltava-me, porém, apetite nessa noite. Acabrunhado e macambúzio, recolhi-me ao quarto, através de compartimentos

vazios, inteiramente despojados de tudo quanto havia de precioso e fora, decerto, removido para o convento. Via-me

assim, livre é verdade, mas rebaixado da minha posição social, vagabundo errante em meus próprios domínios. Os

tesouros ainda lá estariam, sem dúvida, mas, como aproveitá-los, se estando os planos em mãos dos beneditinos,

poderiam vir buscá-los a qualquer hora? O melhor seria emigrar, carregando o que pudesse; mas, para isso, era

preciso consultar Bertrand. No dia seguinte, portanto, convidei-o a acompanhar-me e descemos aos subterrâneos.

Abrindo as três portas já conhecidas do leitor, sustive a respiração. .. Se nada mais lá existisse? Quando entrei e

acendi as tochas, tal como ao tempo de meu pai, tudo reverberou e o montão de ouro - tumba paterna - se casava com

a fulgurância das gemas preciosas. Fascinado pelo mágico espetáculo, cruzei os braços encostado à parede e deixei-

me empolgar por estranha idéia : era preferível ali morrer mil vezes,

antes que abandonar tantas riquezas... Nesse instante, estranho regougo me fez atentar em Bertrand ajoelhado, de

olhos incendidos e mãos trêmulas, a revolver o tesouro com avidez verdadeiramente selvagem. - Bertrand ! - gritei-

lhe - estes tesouros periclitam a todo momento ; os frades virão arrecadá-los e podemos, então, recuperar os planos

em poder de Benedito. Ele deu um grito abafado e curvando-se : - Mestre! Senhor de tudo isto, fiquemos aqui de

atalaia e ninguém aqui entrará senão pisando nossos cadáveres. Que mais desejar, além da contemplação destas

maravilhas? Seu olhar cúpido parecia devorar quanto via... A mesma volúpia que desvairava meu pai, nos empolgava

a ambos, naquele momento. Contudo, respondi : - Ficar aqui de guarda é loucura ; entretanto, se conseguires

restituir-me as plantas deste castelo, dar-te-ei um destes cofres. O bragante sapateou de contente ; até parecia

remoçado. - Neste caso, é para já ; vou agir e não quero me chamar Bertrand, barão de Eulenhof se, depois do meu

priorado de dezoito anos, senhor de todos os meandros do convento, não obtiver o que deseja e se faz preciso.

Efetivamente, no dia seguinte lá se foi e pode-se imaginar a impaciência com que lhe aguardava o regresso. Rosa

sabia que eu tencionava deixar o país quanto antes. Devendo emigrar juntos, os três, haveria que escolher uma

região onde ninguém pudesse reconhecer-nos, mas nada filhamos assentado ainda nesse particular. Dada a mudança de

regime doméstico, Rosa se propôs reassumir o papel de fidalga esposa do barão Eulenhof e assim foi que varejou

diversos armários e aproveitou tudo que pertencera a minha mãe e pudesse adaptar à sua nova si tuação. Oh! - dizia

enfática - dolorosa alegria, esta de retomar o primitivo posto, depois, de tão longo exílio!

O que só lastimo é que ninguém me possa ver aqui. Só assim, aquela boa freguesia do albergue

compreenderia porque,

mesmo camuflada, eu era, da cabeça aos pés, uma perfeita castelã. A fim de ganhar tempo, procurei arranjar as

coisas de maneira a transportar a maior quantidade possível, daquelas riquezas. Dessarte, aproveitei os forros da

roupa no disfarce das pedras soltas, enchi de moedas dois

sacos e pequena mala e fiquei no subterrâneo à espera do amigo. Quatro angustiosos dias transcorreram, parecendo

-me ver a todo o momento invadidos os domínios que não mais me pertenciam. Perambulando por aqueles corredores

desertos, eu me sentia assim qual ladrão sobressaltado ao menor rumor ; espumava de raiva ao considerar a

destruição do meu futuro ; mas, que fazer? Lutar com a confraria era impossível, de vez que havia solene e

publicamente professado e pertencia à Igreja, de corpo e alma, com aquela tonsura que me valia de estigma. Enfim,

no quarto dia, quando à noite passeava no quarto, agitado e febril, chegou Bertrand de supetão. Ofegante e

praguejando, deixou-se cair numa cadeira. - Então que há? - gritei, partindo ao seu encontro. - Vitória completa!

Aqui temos a coisa - respondeu, batendo no peito. Notei, então, que trazia um embrulho escondido sob o manto. - Que

é isso? - É toda uma aventura - respondeu, desfazendo-se do manto e depositando na cadeira o embrulho que era,

não mais nem menos, que um ser humano, exíguo e de aspecto repelente. Imagine que, voltando pela floresta,

deparou-se-me algo pendente de um galho... Aproximeime e, com seiscentos diabos! reconheci o anão do castelo de

Rabenau, preso a uma corda mas debatendo-se ainda fracamente ... Cortei a corda e ele se despencou, por pouco não

me achatando o nariz. Tendo vencido na empresa, senti-me disposto a praticar uma boa ação. Portanto, aqui o temos e

vamos dar-lhe alguma coisa que o reconforte. Isto (tirando um maço de pergaminhos) são os teus documentos; e agora,

espero o prometido cofre. - Já te pertence - respondi, enchendo o copo de vinho e aproximando-me do anão que,

aliás, já tinha visto de longe, no castelo de Lotário. Tratava-se de um homúnculo de estatura correspondente a

de uma criança de cinco anos, papudo e mal conformado. No rosto desmaiado e coberto de rugas precoces estampavam-se

a enfermidade e congênita fraqueza. Pendente ainda do pescoço a corda, tinha os olhos congestos e trementes as mãos

minúsculas. Quando, pouco mais calmo, passamos a interrogá-lo, respondeu.

- Sr. conde, e vós, Sr. Eulenhof, meu salvador, ouvi minha triste história e valei-me, se vos for possível, pois

sou vítima de odiosa injustiça. Que maldita seja a memória de quem me atirou nesta situação, por toda a

eternidade. Isto dizia com tanta gravidade que nos causava sincera admiração. Eu sabia por Lotário que o anão o

havia traído, e por Bertrand sabia que o pobre homúnculo pretendia ter graves motivos para odiar o conde. Iríamos,

então, descobrir um grande segredo, talvez de proveito para nós mesmos. Depois de ligeira pausa, o anão prosseguiu

: - Tanto quanto a memória alcança, posso dizer que vivi os primeiros dias conscientes de minha existência aos

cuidados do guardião do castelo de Rabenau, que se dizia meu pai. Sua mulher tinha falecido e a mãe dela, piedosa

criatura, tomara conta de mim. Meu pai, austero e Intratável, parecia detestar-me; minha avó temia contrariá-lo e

só às ocultas me acarinhava. Eu tinha licença de brincar à vontade no pátio do castelo, e podia mesmo freqüentar os

cômodos internos, pois a condessa me acolhia com benevolência e até me regalava de frutas e doces. O castelão,

porém, não sei porque, causava-me temor. Nunca me falava, às vezes me atirava um punhado de moedas, mas eu sentia

que ele me detestava e se esquivava à minha presença. Só mais tarde pude saber os motivos dessa repulsa. De resto,

ele andava quase sempre por fora, em guerras, caçadas, torneios; de sorte que raro nos encontrávamos. Aproveitando

uma ausência dessas, a velha Condessa me tomou ao seu serviço, no intuito de me subtrair o rigorismo paterno; de

volta, o conde, mostrou-se muito indignado, não mais tolerou minha presença e acabei banido. Eis como cresci,

enfermiço e raquítico, dizendo-me a avó que assim nasci para escarmento dos parentes e compaixão dos estranhos.

Confesso que, não raro, o jovem Lotário me causava profunda inveja, vendo-o Crescer belo como um anjo e admirado e

querido por todos os seus. Ambos tínhamos 18 anos, quando casaram o jovem conde com uma parenta afastada. Acocorado

a um canto, coração travado de amarguras, assisti à festa transbordante de alegria, vendo passar o suntuoso

cortejo. A noiva, lindíssima, radiante; o noivo rutilava diamantes, ninguém atentou no mísero anão, ali jogado a um

canto. Profunda tristeza me invadiu a alma e procurei refugiar-

me junto da vovó que, bastante alquebrada e enferma, já se não levantava da cama e estava para cada hora. Vendo-me

tão acabrunhado, a santa criatura me acariciou e, depois de refletir ligeiramente, disse : - Não posso morrer

levando para a sepultura este segredo que me pesa na consciência há tantos anos e que talvez possa, algum dia,

fazer tua felicidade. Fez-me subir ao leito e aproximar o ouvido dos seus lábios trêmulos e descorados : - Pobre

criança; vou revelar o mistério do teu nascimento ; mas, ainda após a minha morte, cumpre guardares segredo. Fica,

então, sabendo que o autêntico Lotário, o herdeiro do condado és tu, como único e legitimo filho do casal. Quando

nasceste, pobrezinho, teu pai estava desaparecido de forma inexplicável e a condessa parecia morrer de angústia.

Meu filho era, a esse tempo, o escudeiro, e sua mulher, Elsa, muito doente, estava para dar à luz, de um momento

para outro.

- Eu estava então na plenitude de minhas forças e fui designada para assistir e socorrer a condessa, na iminência

de enlouquecer com o desaparecimento do marido. Assim, nasceste mais morto que vivo, com esse bóssio e uma espádua

mais saliente. Tua mãe continuava alucinada e era eu que te ninava e embalava o berço. De repente, o conde

reapareceu, magro e pálido como um espectro. Apresentei-te a ele, mas, logo que te viu, exclamou: - "Apre! que

monstro..." Agarrou-me e arrastou-me a outro quarto, onde se encontrava meu filho, visivelmente satisfeito,

dizendo-nos, então, o conde: - Palavra de Foulques, oiçam: vossa cabeça responde pelo vosso silêncio; mas, em

compensação, vos pagarei este segredo a peso de ouro. Fez um sinal a meu filho, que se retirou, e exclamou: -

Agora, vai-te e traze-me a criança. Obedeci e levei-te do quarto da condessa que, sempre inconsciente, nada

percebeu. Quando cheguei contigo nos braços, vi que teu pai também aconchegava ao peito uma criança do teu porte um

pouquinho mais velha, talvez. Entregando-ma, de olhos flamejantes, acrescentou: - Coloca-o lá no berço e toma tento

com a língua; e quanto a este monstro, leva-o a tua nora, que acaba de dar á luz um nati-morto... Compreendes?

Não ousei articular uma palavra, tudo correu consoante os desejos do poderoso senhor. Minha nora faleceu dois dias

depois e tu, pobrezinho, ficaste despojado, visto que o intruso, saído não sei de onde, ficava devida e

legitimamente investido de todos os teus direitos. Ouvindo esta revelação, fiquei por algum tempo como que

aniqüilado, mas, depois, veio a reação violenta e rancorosa. Era o dono, o senhor de tudo que me cercava ; cabia-me

aquele bonito nome - Lotário de Rabenau! e a mim me achincalhavam e desprezavam, enquanto aclamavam o usurpador?

Pensei que ia enlouquecer. Nessa mesma noite, a boa velhinha expirava e fiquei mais só, no mundo, com o meu segredo

e um inferno dentro da alma. Pouco tempo depois, o conde Foulques falecia, confortado com os carinhos e cuidados do

filho que tanto idolatrara. Mil projetos me infernaram então; quis tudo revelar à minha genitora ; mas algo me

impedia de afrontar aquela mulher altaneira, posto que compassiva para comigo, e dizer-lhe : esse belo rapaz de que

tanto te orgulhas, que tens como luz de teus olhos, não é teu filho; teu filho sou eu, o papudo, o anão - nódoa

negra no escudo brilhante dos Rabenaus, mas, ainda assim, teu legitimo filho e dono de tudo isto. Entretanto,

faltou-me coragem e resolvi calar e esperar. Com grande espanto, poucos dias após o enterro do conde, fui chamado

ao quarto de Lotário, que me falou com benevolência : - Não tens necessidade de fazer o papel de criado, nem aturar

as impertinências de teu pai. Escolhe em qualquer dos torreões um quarto mobiliado, onde possas viver à vontade.

E quanto a deleites outros, dado que os tenhas - sublinhou sorrindo - aqui tens esta bolsinha bem fornida. Colocou

sobre a mesa a bolsa de veludo e despediu-me. Voltei a mim, admirado e raivoso, por me afrontarem com

esmolas, a

mim que era dono de tudo aquilo. Não obstante, aceitei a oferta, escolhi o quarto e lá me instalei, de vez que o

despotismo do meu suposto pai se tornava Insuportável. Nesse ano, morreu a condessa, ao dar à luz Kurt. Profundo

foi o desgosto do conde e daí os extremos de carinho e cuidados com o órfão. Os anos correram lentos e meu ódio

crescia com eles. Ninguém de mim se ocupava, no castelo; era como se lá não existisse, exceto para Kurt.

Ah! Esse me procurava, sim, mas para cevar seu ódio original, metendo-me a ridículo com brincadeiras de mau gosto.

Menino detestável, caprichoso e poltrão, fingia-se mais doentio do que era, só para provocar maior ternura do pai,

cujo fraco explorava : orgulhoso e altaneiro, personificava a malícia do símio e a teimosia do cão, a maltratar os

fâmulos e agredindo a própria ama. Animal que lhe caísse nas mãos era maltratado, quando não morto com requintes

de perversidade. Um dia, porém, expressamente proibido pelo pai, cessou de perseguir-me, mas eu continuava

abominando aquela fisionomia descorada, aquela criança loura e raivosa, que sapateava e praguejava à menor

contrariedade ; e posto não tivesse queixas contra o pai, achava revoltante a sua fraqueza em relação ao filho.

Certa feita Kurt me pregou uma das suas peças e perdi as estribeiras; atracando-me com ele a dentadas, mordilhe o

rosto. Lotário, furioso, bateu-me e fui encarcerado por algum tempo, coisa que jamais pude esquecer. Portanto,

quando pela segunda vez me castigou, à vista de Rosalinda, jurei vingar-me e furtei o cofre para os monges.

Lotário, contudo, era um homem leal e, no dia de sua morte, quando chegou ao convento, lá me descobriu não sei

como. Tentei fugir-lhe, mas seu olhar me chumbou no solo. - Sabes quem és, tanto quanto eu, - disse, cruzando os

braços diante de mim - mas, pobre louco, que poderias fazer deste galardão, deste meu nome ilustre, deste

patrimônio, enfim? Tu, aleijado, raquítico e incapaz de alçar a lança e manejar a espada? Respeitei o sangue que

te corre nas veias, não permiti que fizesses, jamais, o papel de lacaio, fiz por ti o que podia fazer e tu,

ingrato, me traíste ; noutro qualquer, não trepidaria sondar fundo o coração ingrato, à ponta de punhal ;

mas os

remorsos de meu amado pai tolhem-me o braço.   Para alivio de sua consciência culposa, em relação a ti, e para que

não tenha algo de que me recrimine, ao reencontrá-lo no mundo das sombras, lego-te isto. Deu-me um pergaminho

devidamente rubricado e prosseguiu: - É a doação, em boa e devida forma, de um castelo e pequena herdade, que te

deixo como se foras filho bastardo de meu pai. A Kurt deixei a revelação da tua origem. Eis o que pude fazer por ti

Afastou-se e só o vi depois de morto - disse suspirando - o resto, digo-o já : voltando ao castelo, adoeci

gravemente e levei meses a restabelecer-me. Logo que pude, solicitei audiência particular ao jovem conde e ele se

esquivou até hoje, quando o abordei, justamente na ocasião em que montava para dar seu passeio a cavalo. Tomou-me à

garupa, sorridente e ordenou à comitiva que o esperasse no castelo. A certa distância. perguntou o que lhe queria e

notei que os olhos lhe faiscavam estranhamente, à proporção que expunha o meu caso. -- Já o sabia por meu pai, que

caiu na tolice de escrever e documentar toda essa história no intuito de improvisar um mostrengo em castelão.

Aliás, sei que ele, coitado, não andava bom do juízo nos últimos tempos. Mas, tens aí contigo o documento? Por

única resposta, entreguei-lhe o pergaminho ; ele o enfurnou sob o gibão e sacandn do bolso a corda, enlaçou-me o

pescoço, dizendo : - Acabo por onde meu avô devia ter principiado ; acabemos, de uma vez para sempre, com estas

misérias... E antes que pudesse prever, estava balouçando no ar. Meio inconsciente, ainda pude ouvir o galope do

cavalo que se afastava e depois nada mais vi, nem senti, até que despertei nos braços do sr. Eulenhof. Ah! Kurt...

Kurt, se ódio matasse... Estávamos admirados : aquele homúnculo com a cabeça metida nas mãos descarnadas, era o

legítimo conde de Rabenau, substituído por meu irmão. Na verdade, Lotário, o homem das grandes empresas, que jamais

recuava diante de um crime indispensável a uma grande causa, era, todavia, bom e generoso para com as vítimas

Inocentes; ao passo que o patife do filho zombava das suas últimas vontades seladas, por assim dizer, com

o próprio

sangue. Pobre irmão, que monstro engendraste! - Que podemos fazer por este pobre diabo - disse Bertrand quebrando

o silêncio - sem domicílio e sem real? Não obstante, em consideração ao sangue que lhe corre nas veias e ao dever

que nos incumbe de, como cavaleiros proteger os fracos, proponho levá-lo conosco. Ah! se eu fosse ainda prior, sei

bem como e o que convinha fazer, mas ao maroto do Benedito, que foi tão indigno para comigo, não daria jamais um

precioso conselho.

Não estejas aí a sonhar com o que lá se foi - disse, interrompendo-o - mas, tens razão, Rosa poderá cuidar dêle.

Chamei 'então a digna criatura que, depois de muito deblaterar, acabou levando o novo protegido. Lotário era uma

criatura misteriosa em tudo disse, logo que ficamos sós - senão, veja : como chegou a ser chefe dos "Irmãos

Vingadores?" Agora que tudo está sepultado no passado, e como prova de absoluta confiança, precisas contar-me os

pormenores da tua evasão de minha casa, a tua investidura religiosa e as circunstâncias que levaram um jovem e

ardoroso cavaleiro como Lotário a imiscuir-se em tão arrojada e complicada empresa. Vamos, confessa, pois eu sei

que nada ignoras de toda essa meada. Bertrand debruçou-se à mesa, engolfado em profunda abstração. Enchi-lhe o

copo, aproximei a bilha de vinho e deitei mais um pouco de lenha no fogão.   Quando retomei lugar à mesa, começou :

- A ti, meu melhor amigo, direi tudo que sei. Estou com 63 anos e tenho percorrido uma rota movimentada e

aventurosa. Nem esta é a primeira vez que me encontro na situação de vagabundo e cavaleiro errante. Enfim, eis em

resumo, a minha história. Nasci de honrada e nobre família, embora irmão muito rico. Falecido meu pai ficamos, eu e

um dois anos mais velho, senhores de nossa vontade. Posto que de gênios muito díspares, vivíamos em boa harmonia,

sendo que meu irmão era um caráter enérgico, inteligente, afeiçoado às ciências ocultas e à magia negra, que

praticava com um jovem cavaleiro seu amigo, que acabou professando e continuava a visitálo assiduamente.

Eu,

porém, não sabia o que fazia ele no convento, pois nunca falávamos de nossa vida particular. A mim me apraziam as

pugnas, a bebida, as aventuras amorosas, e como estes pendores pouco se coadunavam com as minhas posses, fui

vendendo pouco a pouco as minhas terras, as mais das vezes sem autorização de meu irmão que, no entanto, nunca me

censurou por isso. A esse tempo ele se tornou amicíssimo do conde de Rabenau, pai de Lotário, e não lhe saía de

casa, até que um dia, inesperadamente, soube que meu irmão se ordenara monge beneditino e passara a chamar-se frei

Antônio. Essa decisão, que sempre constituiu um mistério para mim, deixou-me na posse exclusiva de todos os bens

que ainda nos restavam. Não te vou descrever aqui todas as

fases da minha decadência. Basta dizer que fui empobrecendo dia a dia e bem depressa nada mais sobrava que as

paredes nuas do castelo. Nessa conjuntura, atirei-me ao jogo e às baiúcas, procurando guardar as aparências de

nobre cavaleiro. Farejava intrigas e negócios escusos e freqüentava os torneios. Certa feita, auxiliei o rapto

de uma donzela, cujo noivo pretendia haver-me reconhecido entre os raptores. Claro que o desmenti, mas fui

desafiado a duelo e o negócio acabou mal. Gravemente ferido, quase moribundo, fui transportado a uma hospedaria

onde se encontrava de passagem Lotário de Rabenau, então na flor dos seus 18 anos. Lotário ouviu e deplorou a minha

história, acabando por me ofertar boa soma de dinheiro, em atenção aos meus títulos de nobreza, aconselhando-me a

desaparecer. Fiz-me então transportar à casa do amigo Calmor, lá me tratou e me encaminhou a teu pai, como se fosse

ele próprio. O resto, o que se passou nesta mansão, bem o sabes e, de certo, não te esqueceste que, falecido teu

pai, fui aqui procurado para negócio urgente. Acompanhei

1) mensageiro e num albergue próximo encontramos cavalos selados; mas, logo adiante, noite fechada, nos detivemos

em plena floresta. O guia me vendou os olhos e omuimos secreto caminho. Quando me retiraram a venda, estava no

gabinete do prior, diante de meu irmão, imóvel numa poltrona e visivelmente enfermo.   Esgotadas as efusões de

alegria pelo nosso reencontro e depois de conversarmos um pouquinho de tudo, meu irmão frisou, satisfeito, nossa

profunda semelhança física, a ponto de parecermos gêmeos. A seguir, tomando-me a mão, disse: - Sei que tens levado

uma vida obscura e aventurosa e que só por acaso conseguiste fugir e ocultares; ouves, pois, com atenção: estás

disposto a aceitar uma posição honrosa, independente, aqui vivendo sem professares e sob a só condição de te

subordinares a um chefe, que Jamais poderia ser tirano? Em tal caso, não te faltará dinheiro, nem autonomia e

liberdade - bem entendido da meia-noite ao alvorecer. Aceitei, satisfeito e ele me fez jurar, pela sua cruz,

fidelidade e silêncio. Depois, reteve-me oculto algum tempo, instruindo-me de quanto se impunha ao cargo de falso

prior. Por fim, contou que os seus sofrimentos provinham do ferimento produzido por arma envenenada, e que devia

morrer e queria que o sucedesse no priorado.

Aprendi depressa o meu papel e, quando me enfronhava no burel, era o primeiro a me convencer de que ninguém

descobriria o truque, pois até a voz se confundia com a de meu irmão. Certa feita, encontrei sentado ao lado de

frei Antônio, o belo Lotário de Rabenau, que logo me reconheceu, posto não nos víssemos havia uns dez anos. Percebi

logo a grande afeição que Antônio lhe dedicava. - Eis o teu único chefe e mestre, a que me venho referindo. E

passou a desvendar os mistérios da "Sociedade Secreta," permitindo que voltasse a ti e guardasse o momento azado.

Três meses depois, chamado ao convento, recebi ordem para alojar em tua casa meu irmão moribundo e consumir o seu

cadáver. Antônio aqui esteve, como sabes, e expirou em meus braços. Regressei ao convento, na companhia de Rabenau,

que deu todas as instruções necessárias, mostrou-me todas as saídas e esconderijos, exigindo em compensação,

obediência cega. Oficialmente, de direito, eu seria o prior ; mas, de fato, toda a direção, administração e a

caixa, só dele dependiam e, força é confessar que ninguém lhe poderia disputar a competência. Metido no

seu burel,

visitava os subterrâneos, encorajava os frades em seus projetos, ocupava-se de alquimia, lia e traduzia velhos

livros e cooperava com pai Bernardo, a quem muito estimava. Nenhum irmão vingador era aceito antes que ele o

estudasse. Dessarte, via, previa e provia a tudo; bebia pelo copo do irmão mais apagado, controlava rigorosamente a

contabilidade e até experimentava, nos frades enfermos, remédios que ele próprio manipulava. Pois, apesar de todo

esse dinamismo, ainda lhe sobrava tempo para atender aos imperativos da sua condição social e das suas aventuras

amorosas. Assim me convenci, desde logo, que, prior de direito, eu não passava de simples preposto imediato do

verdadeiro e único chefe, que era ele. Neste lanço, interrompi Bertrand, objetando : - Mas, não posso compreender

como não perceberam o truque, de vez que, mesmo de capuz, em nada te pareces com o nosso Rabenau! - É verdade; mas,

neste particular, há uma história a contar, ou seja que, antes da morte de meu irmão, abri-

gou-se no convento um pobre italiano, doente e algo maníaco, foragido da pátria, sem destino. Dos seus

antecedentes, apenas se soube que era filho de um grande sábio, ou feiticeiro, e que perseguia a idéia fixa de

fabricar uma pasta, ou coisa que o valha, com a qual conformava homens, aos quais só faltava a vida. Em uma cidade

natal - Monza, se não me falha a memória, quando a versão se divulgou, tentaram queimá-lo vivo. como teria

escapado, não sei; mas sei que a mania original juntou-se a de perseguição. No seu peregrinar sem destino, ele foi

dar às portas do convento e lá convenientemente socorrido. Mediante algumas provas de habilidade, meu irmão lhe

encomendou, não um homem, mas uma simples máscara.   O italiano ultrapassou a expectativa, fez obra admirável, não

de cera, mas de substância desconhecida que, uma vez aquecida, se adaptava a qualquer rosto. Comigo, por exemplo, a

semelhança era notável, a despeito da barba, das sobrancelhas e das minhas bochechas. Assim camuflado, de capuz

arriado e na penumbra, que sabia aproveitar, Rabenau era irreconhecível. Deixa-me, porém, reatar a narrativa. Como

ia dizendo, eu me sentia muito subordinado. Conquanto afável no trato, paciente e bondoso, quando não o

compreendiam de pronto, Rabenau não me fazia confidência, não me consentia intimidades de amigo e eu queria ser o

que fora meu Irmão, seu antecessor. Rabenau, entretanto, mantinha-se inflexível, ordenando e exigindo obediência

absoluta, a ninguém consultando. Não ignorava que ele tinha seus negócios particulares, segredos que ficaram

entre ele e meu falecido irmão. O grande caso é que levava grande parte dos lucros e nunca pude saber que fim lhes

dava. A mim, no entanto, exigia vintém por vintém e quando, certa vez gastei mais do que estipulara, carregou o

cenho e fez uma demonstração exata das despesas da comunidade, incluindo dízimos, rendimentos extraordinários, tais

como hortaliça, farinha, donativos avulsos, etc., assim me provando que abusara e censurando-me com aspereza. Os

anos foram correndo e eu me.fui identificando com aquela vida cômoda e regalada, se bem que estroinices sobretudo,

o jogo, absorvessem e excedessem meus proventos. Por fim, supus haver conquistado Rabenau e comecei a negligenciar

suas ordens, gastando sem conta nem medida. Severo por índole e por princípio, não trepidou em chamar-me à ordem e

chegou a ameaçar-me. Esquecendo

que lhe devia o cargo, a independência, as honras, tudo enfim, revoltei-me e, num momento de raiva, deixei que

Benedito e Sanctus algo pudessem suspeitar da posição do verdadeiro chefe. Esses dois malditos monges acabaram

descobrindo o que ninguém seria capaz de imaginar, isto é, a duplicidade do priorado. Entregue aos meus prazeres,

eu nada percebia do que se tramava. Eles formaram uma liga e acabaram por me peitar mediante oferta de vultosa

propina. O resto não preciso dizer : entreguei o homem que absolutamente não merecia esse destino e a vingança

virou-se contra mim; alijaram-me mais depressa do que poderia supor, acabaram por escorraçar-me, dando-me por

morto. Deixou pender a cabeça, cismativo, suspirou profundamente e exclamou : Ah! Rabenau estás bem vingado! Sim,

efetivamente, porque os salafrários que o venderam já lhe choravam a perda. Mas o momento não era para divagações,

sim para resoluções. Desperta, amigo, - disse, batendo-lhe no ombro - vamos cuidar da partida, porque o que passou,

passou. - Onde achas que nos possamos fixar, neste país? Ele passou a mão pela testa, como querendo afugentar maus

pensamentos e disse com naturalidade habitual : - Tens razão : o passado não tem remédio ; e quanto à futura

residência é coisa em que já tenho pensado. Acho que andarmos por ai errantes, de déu em déu, é loucura; comprar

uma casa em lugar ermo, é desafiar os salteadores; e os castelos fortes, ninguém os vende. Na minha opinião,

devemos ir para a Itália e lá adquirir um navio pirata, porque assim estaremos em toda parte e em parte alguma. Se

nos aparecerem boas presas, poderemos atacá-las e refazer a bolsa. É verdade que também poderemos causar ciúmes aos

competidores ; mas, de qualquer modo, o homem corre perigo em toda parte. Em minhas viagens, tive ocasião de

visitar Veneza e lá conheci o capitão de um navio corsário, chamado Peregrino, que me demonstrou não haver melhor

negócio, pois só a sua quota dava para sustentar a equipagem e amealhar sólidas economias. Asseguro-te, caro

Mauffen, que essa vida aventurosa, fértil em lances arriscados, tem também os seus encantos e nos fará lembrar os

torneios. Vamos a Veneza, talvez lá encontremos o Peregrino. Sei que ele tencionava mudar de

vida e fazer-se hoteleiro; seus conselhos nos serão proveitosos. Iremos os quatro : tu, eu, Rosa e o anão,

devidamente disfarçado. Calmor e Gilda ficarão vigiando o castelo, de longe, e estou certo de que chegando a

Veneza tudo se arranjará. Após longa discussão, acabei aceitando a idéia, mas, abandonar o velho solar onde

nascera, com os seus tesouros e o meu laboratório de alquimia, apertava-me o coração. Todavia, entre a ponte de

comando e o in pace, a opção não era difícil: o monge fugitivo tinha que deixar o abrigo dos ancestrais, sem

herdeiro que desse novo brilho à linhagem dos Mauffens. À véspera da partida, prontos e acabados todos os

preparativos, os companheiros se foram deitar, procurando haurir no sono reparador as forças para o empreendimento

da manhã seguinte. Só eu não conseguia dormir. Inquieto e angustiado, errava de um lado para outro, qual espectro

que malassombrasse aqueles sítios caros. Nessa peregrinação desordenada, fui parar diante da tapagem que

interditava a maldita torre, na qual meu avô apunhalara a esposa e o trovador. Todas as particularidades do sonho

que tivera, quando lá procurava penetrar, me afloraram à mente: revi, espiritualmente, o semblante de D. Iolanda,

ao qual, (coincidência estranha) a visão emprestara os traços de Rosalinda, criatura que eu amava, apesar e acima

de tudo, embora por ela abominado. De repente, assaltou-me a idéia irresistível de lá entrar novamente. Monologuei,

então : Amanhã, vou partir para sempre; mas, preciso conhecer essa câmara onde os traidores tiveram o seu castigo.

Sem mais detença, fui buscar o machado e a picareta. Com pouco trabalho, derrubei a parede provisória e defrontei

novamente a porta. Abrindo-a sem vacilar, comecei a subir a escada. Como da outra vez, o luar se coava através

das janelas gradeadas. Agora, porém, caminhava a passo firme, com o machado na mão direita e na esquerda a vela,

visto que me não lembrava onde havia deixado o molho das chaves. Súbito, o pé esbarrou nelas, apanhei-as e

continuei a subir, até que parei num pequeno terraço, diante da outra porta fechada. Aí, comecei a ficar

angustiado. A verdade é que, quando visitara o quarto onde perecera minha mãe, sentia-me perfeitamente calmo; e,

agora, ali assim, batia-me o coração e as mãos trêmulas recusavam acertar com a fechadura. Encostei-me à porta, por

um instante, procuran-
do convencer-me de que aquela inquietação não se justificava, pois, ninguém me perseguia e perigo algum se me

antolhava. A razão reagia, protestava, mas as cenas da visão anterior me afluiam ao cérebro. Comecei a ter ciúme e

ódio à mulher que lá estava, atrás daquela porta,

esquecendo-me de que jamais a vira, nem conhecera, e que a imagem entrevista não era senão a de Rosalinda. Num

esforço supremo aprumei-me e enxuguei a fronte banhada em suor. Estarei enlouquecendo? Que idéias tolas são

estas? Agarrei o molho de chaves, tomei a que servia e abria a porta, que rangeu lugubremente nos gonzos

enferrujados. Um ar seco e pesado me fez recuar. Aquela porta estava fechada havia mais de 180 anos... Mas, daí a

pouco a transpunha, respirando com dificuldade. Levantei o archote e sondei, ansioso, o ambiente. Era uma sala

circular, de paredes atapetadas e no centro da qual se ostentava a realidade do meu sonho : uma roca no assoalho,

uma harpa tombada e, - na poltrona de alto espaldar, um vulto de mulher, vestida de branco, pendida a cabeça.

Aproximei-me cauteloso e logo se me deparou uma opulenta cabeleira loura e um rosto não

desfigurado e denegrido, como o de minha mãe, mas ceráceo e muito semelhante ao de Rosalinda. O vestido branco

estava salpicado de manchas negras, e do peito emergia o cabo de um punhal cravejado de brilhantes. De joelhos,

cabeça tombada para trás e apoiada noutra cadeira, deparava-se o corpo de um homem, intacto como o primeiro, de

mãos crispadas e rosto cianozado, dolorosamente contraído. Diante daquele quadro, estremeci como se fosse picado

por uma víbora : aqueles traços femininos não me eram estranhos e trocados por louros cabelos negros e a barba fina

e anelada, poderia considerar-me em face de Kurt de Rabenau! Sem ter em conta que aquelas duas criaturas tinham

morrido havia 180 anos e que não as conhecera, tive ciúme por vê-los, ainda assim, ali reunidos e tão parecidos,

respectivamente, com a mulher que amava e com o homem a quem odiava de morte. Poderia ficar mais tempo a contemplá

-lo mas aquele cabo de punhal me fascinava. Assaltou-me o desejo de possuir a arma vingadora e avancei

derrubando, de passagem, o corpo do homem, com um chocalhar de ossos que pouco me impressionou. Inclinei-me, presa

de indefinível comoção para o semblante da jovem morta e estendi a mão para lhe arrancar do peito o punhal, e no

momento justo em que o tocava, estranha coisa se passou comigo : recuei, trêmulo, com o punhal na mão e pareceu-me que a

morta se agitou, se encolheu e se fundiu em pardacenta coluna, que rolou por terra num sinistro cascalhar de ossos.

Meus olhos estuporados vagavam de um para outro corpo, mas logo verifiquei que não restava deles mais que um

punhado de cinza e ossos.   Era todo o remanescente daquele par amoroso, que levara o meu antepassado a cometer

horrendo crime. À medida que o vento exterior ia espalhando aquelas cinzas, voltou-me a calma e tratei de safar-me,

fechando cuidadosamente a porta, como se temesse perturbar o sinistro colóquio dos que lá ficavam. Uma vez fora,

me senti logo senhor de mim e, se não tivesse o punhal na mão, seria capaz de jurar que fora apenas vitima de um

sonho, conseqüente ao estado depressivo do meu espírito. Ai de mim! ainda que instruido e versado em ciências

herméticas, estava obumbrado pela carne ; o mistério do passado me era proibido e não compreendia que os

sofrimentos de então eram a lembrança de encarnações pregressas e criminosas. Desci exausto, para dormir a última

noite no castelo onde nasci e sempre vivi. Deitei-me, pois, e consegui adormecer, mas, não isento de medonhos

pesadelos. Despertei com os raios do sol nascente batendo-me no rosto. Levantei-me, tomei os trajes habituais e me

envolvi em ampla capa de peregrino. Ajustei umas barbas brancas e, de bordão em punho, encaminhei-me ao salão, onde

fui recebido com estrondosas gargalhadas. Magnífico! exclamou Bertrand, que envergava os mesmos trajes - tal como

estamos, podemos cruzar com o próprio Benedito, sem perigo. Depois do almoço substancioso, fomos todos os quatro

aos subterrâneos e os atravessamos calados e engolfados em lúgubres pensamentos. Logo me encontrei no mesmo

barranco onde, anos antes, respirara pela primeira vez o perfume da floresta e os anseios de liberdade. E baixei a

cabeça : Oh! que vida de prazeres, de aventuras e de crimes tinha perlustrado até aquele instante em que me via

exilado, foragido, sem nome, e para nunca mais ali voltar! Uma exclamação de Rosa interrompeu essas cogitações. Ela

apontava um velho carvalho, em cujo tronco se viam gravados, a ponta de punhal, dois corações.

- Lembras-te, Hugo, do nosso primeiro encontro, das horas deliciosas que aqui passamos colhendo os primeiros frutos

do nosso amor? Afastei-me sem lhe dar resposta. Era uma invocação infeliz, pois me levava a comparar o seu rosto já

esmaecido, de olhos encovados, com a esplêndida criatura em pleno viço, que se me deparara naquele mesmo sítio, com

o seu olhar de fogo - fogo que me devorara, porque, na verdade, Rosa não havia contribuído pouco para os meus

crimes e infortúnios. Outro incidente penoso veio juntarse aos aborrecimentos desse primeiro dia de viagem.

Caminhávamos vagarosos, de vez que o peso das jóias escondidas sob as vestes nos fatigava bastante, quando fomos

alcançados por um cortejo. Afastamo-nos em atitude humilde para lhe dar passagem no estreito caminho, quando -

imaginai com que raiva reconheci no cavaleiro que o precedia altaneiro, de mãos à ilharga, o maldito Kurt de

Rabenau! A seu lado, algo tristonha e distraída, montando soberbo cavalo branco, marchava Rosalinda. Certo,

regressava ao castelo, refeita do grave ferimento. Acompanhei com os olhos a brilhante cavalgata, até que de todo

se diluísse numa nuvem de poeira. Passo aqui por alto alguns incidentes da viagem, penosa e longa, até que um dia,

manhã cedo, entramos na bela Veneza. Depois de entrar em indagações Bertrand soube que Peregrino ainda vivia e

estava estabelecido no porto com uma hospedaria bem afreguesada. Alugamos um escaler e fomos ao local indicado,

onde se nos deparou vistosa tabuleta anunciando aos hóspedes do "Paraíso" todas as delícias da terra. Franqueamos a

grande sala, guarnecida de sólidas mesas, com cadeiras esculpidas no estilo italiano. Muita gente assentada, bebia,

conversava, jogava. Ao fundo da sala, havia um estrado balaustrado e grande mesa pejada de garrafas, caixas enormes

e louçaria variada. Assentada a essa mesa, de gibão cinza e gorro de veludo, estava um homem de barbas castanhas,

olhos vivos e nariz adunco, que lhe davam um quê de ave de rapina. Dois mocetões em trajes berrantes e armados de

comprida espada, conversavam e riam escandalosamente, encostados à balaustrada. Aproximei-me do hoteleiro, pedi o

melhor quarto e um bom jantar.

Como não discutia preço, mestre Peregrino logo se desfez em amabilidades e nos indicou os cômodos com muitos gabos.

Pouco depois, mandava servir o jantar e o levou, ele mesmo, ao nosso quarto. Bertrand, ligeiro, fechou a

porta e

tirando a barba postiça, gritou : Sabes quem sou, Peregrino amigo? O hoteleiro vacilou um momento, estupefato, mas

logo batendo na testa, atirou-se nos braços de Eulenhof. - Bertrand ! amigo velho, que feliz acaso te traz a estas

plagas? - Desgraças de família, coisas da vida - respondeu Bertrand, com tal ou qual gravidade - sabes que possuo

grandes bens na minha pátria, e a verdade é que tive de abandonar tudo. A ti, revelei meu verdadeiro nome e agora

conto com a tua discrição. Quero apresentar-te estes dois companheiros: esta senhora é a baronesa, minha mulher,

este, aqui, é um órfão que adotei como filho; e aquele ali é o meu sobrinho, conde Hugo, a quem um atrito político

com o duque obrigou a expatriar-se. Escusado dizer que se trata de excelente pessoa, bom generoso, cavaleiro

modelar e que, sem embargo dos seus foros de fidalguia, é o homem mais trabalhador que tenho conhecido. Ele é que

nos tem amparado e vale, para meu filho adotivo, como seu irmão mais velho. Depois desse punhado de mentiras,

Bertrand convidou Peregrino a compartilhar do nosso jantar. No curso deste, ouvi Eulenhof dizer baixinho ao

hoteleiro: - Se tiveres qualquer embaraço financeiro, não faças cerimônias: Hugo não é muito fácil de sangrar, mas

quando se trata de bons amigos, o caso é outro. Mais tarde, em torno de uma garrafa de bom vinho, falamos de

negócios e Bertrand expôs a pretensão de comprar um navio. Peregrino refletiu um instante e declarou que talvez

obtivesse o que nos convinha, mas havia que esperar duas a três semanas a volta de um corsário. Perto de um mês

assim se escoou e aproveitei o tempo para conhecer a cidade e adquirir conhecimentos náuticos com velho marinheiro

em disponibilidade, pois não queria, nem me convinha, ficar inteiramente à mercê das equipagens. Com as noções

teóricas mais indispensáveis, a experiência faria o resto. Enfim, uma noite Peregrino nos convocou ao seu quarto.

Ao entrarmos, um homem de aspecto feroz armado até os dentes, levantou-se para saudar-nos secamente. Era

o capitão Fúlvio, comandante do navio, disposto a no-lo vender com equipagem, munições e tudo mais.

Começou fazendo

preço absurdo, mas, depois de muito discutirmos, ficou resolvido fôssemos no dia seguinte ver o navio em alto mar,

de vez que não lhe era permitido ancorar no porto. Peregrino, a quem prometi gratificação pingue, em troca de

rigorosa vistoria, prontificou-se a acompanhar-nos e na hora aprazada largamos no escaler tripulado por seis

marujos, tão rebarbativos quanto o seu chefe, que também fora ao nosso encontro. Duas horas após, abordávamos

grande e sólido veleiro, que tinha à proa o nome do seu capitão e proprietário - Fúlvio. Peregrino o vistoriou, do

porão às vergas e tudo aprovou : os salários, os contratos de repartimento das presas, tudo ordenado de maneira a

facilitar a compreensão, secundado pela guarnição de sessenta homenzarrões, cujos rostos estereotipavam todos os

vícios e ferezas que a tarefa rude e perigosa lhes impunha. Dois dias mais tarde o negócio estava concluído e

passei a capitanear, tendo Bertrand como imediato. O nome de Fúlvio foi apagado e o antecessor me autorizou a

rebatizar o navio como bem me parecesse. Essa formalidade era, aliás, muito encarecida pelos piratas, visto que me

obrigava a gratificá-los e embebedá-los à farta. Impossível, no entanto, esquivar-me a praxes geralmente admitidas,

e por isso, dias depois, o nome de "Hugo" ilustrava a proa do navio e à noite a pagodeira, o regabofe no convés.

Bertrand chegou a confessar que se julgava no paraíso; esquecendo foros de fidalguia e dignidade abacial, abraçava

-se com os piratas, cantava e dançava, enquanto Rosa deitava lângüidos olhares a um bonito italiano de rosto

moreno. Por mim, adotando as normas do antecessor, vesti-me de veludo preto, afivelando ao cinturão escarlate dois

punhais. Escusado dizer que um deles era o que tinha ficado 180 anos no seio de minha bela avó. Preenchido o ato

inaugural, depois de saudar a equipagem e beber pelos triunfos do "HUGO", afastei-me em tristes cogitações. O nome

que ostentava agora aquele navio de corso era um nome ilustre e ilustrado, de muitos séculos, pelos representantes

da casa de Mauffen, impolutos e glorioso. E confesso que lastimava acerbamente as circunstâncias que me

levaram a

inscrever ali esse nome. Sim, eu me sentia profundamente ferido no meu orgulho.

No dia imediato, levantamos ferro ... Aqui, omito o que se passou durante alguns anos, fecundos em aventuras, certo

curiosas, mas não pertinentes aos episódios da minha vida, que interessam a esta confissão. Oito anos depois de

nossa primeira surtida de Veneza, o acaso me levou novamente à rainha do Adriático e não quis perder a ocasião de

rever o amigo Peregrino. Fui, pois, ao seu albergue, e um dia vi lá entrarem três homens que me despertaram a

atenção. O que ia à frente, chefe sem dúvida, pareceu-me não desconhecido. Era um tipo alto, basta cabeleira e

loura, pálido semblante e olhos negros, cismadores. A mão, alva e fina, apoiava-se no cabo do punhal cravejado de

brilhantes, e tinha no dedo rutilante anel montado em rubis que faiscavam como se fossem gotículas de sangue.

Cerrei os olhos procurando lembrar onde teria visto aquela cara, até que enfim, desabafei num suspiro. Reconheci-o.

Quando ele entrou, Peregrino levantou-se pressuroso e saudou reverente: - Sr. Capitão Nigro ! Minha atitude

também lhe não passara despercebida, tanto que, apertando nervoso o cabo do punhal, investiu de olhos coruscantes:

- Ainda bem que me não enganei; o nome do navio te traiu, conde de Mauffen! Também aqui vieste parar, anônimo e

degradado ; mas não será aqui neste albergue, que haveremos de ajustar contas. Não!   Lembra-te somente que lá em

pleno mar, o "NIGRO" saberá entestar o "HUGO" para combate decisivo. - Às vossas ordens - resmunguei mastigando

também eu estou ansioso por esse desfecho ; preciso dizer que já não lograremos o preço da vitória, pois Rosalinda

vos esqueceu e se casou com Kurt de Rabenau, a quem ama loucamente, segundo dizem. Loevenberg empalideceu de morte

e eu exultei vendo-o vacilar um instante. Não tardou, porém, a recuperar-se, dizendo : - Mentes! - que ela se

tenha casado, é possível, porque mulher jovem e bela há que ter um protetor ; mas que o fizesse por amor a outrem,

mais que a mim, só acreditarei se me disser ela própria, de viva voz.   Toma sentido, patife, porque a

calúnia te

custará caro... Afastou-se, ostensivamente, desaparecendo num gabinete reservado. O hoteleiro tinha ouvido nosso

diálogo, boquiaberto. Safa! - exclamou por fim - que dois ilustríssimos condes! E lá se foi resmungando, ao

gabinete onde entrara o capitão Nigro.

Debrucei-me à mesa assaltado por mil e um pensamentos. Por que capricho, ou acaso, aquele homem que eu matara com

as próprias mãos, ali estava vivo e são? Lembrei-me de que o corpo tinha desaparecido ... Mas, quem o teria

ocultado e cuidado, tão misteriosamente proficiente? Não me surpreendeu o fato de me haver reconhecido de pronto,

mas, como teria sabido que eu era também corsário e capitão do HUGO? Em todo caso, o aspecto daquele homem ainda

forte e bonito, tão apaixonadamente amado de Rosalinda, reacendia meu velho ódio e o maior desejo de medir forças

com ele. Voltei para bordo e contei aos amigos o episódio do nosso fortuito encontro. Nessa mesma noite fizemo-

nos ao mar e alguns meses se passaram sem avistarmos sombra do "NIGRO", de sorte que o incidente estava quase

esquecido quando um dia, de manhã, Bertrand me chamou atenção para um pontinho escuro no horizonte. Soprando o

vento de frente, procuramos aproximar-nos e logo identifiquei grande galera genovesa que, pesadamente carregada,

manobrava com dificuldade para evadir-se. Mandei abrir todo o pano e, à proporção que nos aproximávamos, notei que

não éramos os únicos disputantes da rica presa, pois outro navio navegava reto em nosso rumo. De repente tive um

calafrio. O segundo navio, pintado de preto, tinha na proa, em grande caracteres o nome de "NIGRO"! Singular acaso

nos colocava em face da mesma presa! Desistindo de perseguir a galera, atiramo-nos à abordagem do "NIGRO" e o

combate se travou encarniçado. Meus homens, estimulados pela promessa de pingues recompensas, tanto quando por amor

próprio, vendo periclitar uma boa presa, bateram-se como leões. Não obstante, a guarnição inimiga era mais

numerosa e o convés do "HUGO" estava alagado, dificultando a cada passo a defesa. O quadro era horroroso, enorme a

confusão : gritos, imprecações, gemidos, rios de sangue. No meio dêsse caos, procurando enfrentar Loevenberg, fui

atacado por hercúleo tripulante do "NIGRO". Nosso embate foi rápido, violenta cutilada na cabeça me fez baquear

aturdido e ainda pude ouvir o contendor gritar : - Vitória ! abati o capitão do "HUGO"... Desmaiei e quando voltei

a mim estava amarrado no convés do "NIGRO". A dois passos de mim Bertrand e o anão, amarrados também. Procurei

orientar-me e não tardou reconhecesse Loevenberg manobrando em perse-

guição da galera. Um pouco para trás, flutuava o meu malogrado "HUGO", e os clamores intermitentes que de lá me

vinham atestava que a luta prosseguia. Dentro em pouco a galera foi alcançada e, após ligeira resistência, vi Nigro

e parte da tripulação se passarem para ela. Na confusão do momento, apenas pude apanhar uma frase de Loevenberg,

quando disse: - A mulher fica como refém, até que me traga a soma fixada. E minutos depois, reaparecia enlaçando

pela cintura uma mulher que, por sua vez, descansava a cabeça no seu ombro. Procurando acomodá-la no convés do

"NIGRO", ouvi-lhe dizer com infinita doçura na voz: - Rosalinda, meu tesouro, minha vida, até que enfim te

reconquisto e ninguém, juro, te arrancará dos meus braços. Tal ouvindo, mesmo amarrado, estremeci. Rosalinda ali,

nos braços de Loevenberg? Estaria sonhando? Que objetivo a levaria à Itália? E onde estaria Kurt? Seria possível

que houvesse deixado a mulher como refém? Não, absolutamente; mas a verdade é que ela ali estava, a dois passos,

nos braços do primeiro marido e no mais terno dos idílios! Insana raiva me encheu o coração, rebolei no solo,

procurando romper as cordas com os dentes, enquanto ele, o venturoso rival, só tinha olhos para vê-la. Depois,

ouvi-lhe dizer : - O miserável poltrão entregou-te para salvar-se; e não é verdade que nunca o amaste, nunca

poderias amá-lo? A seguir, procurando conduzi-la ao camarote, passaram perto de mim, e ele, sem lhe deixar a mão,

deu-me um pontapé, dizendo : - Perdeste a partida, Sr. de Mauffen, pois aqui está a condessa de Loevenberg e,

enquanto viver, ninguém poderá contesstar meus direitos maritais. Quanto a ti, traidor, amanhã ajustarás

contas com

os peixes, de vez que teu sangue desonra a espada de um cavaleiro. E lá se foi sem reparar em Bertrand, em Rosa e

no anão. Este, ao avistar a condessa começou a gritar e penso que ela o reconheceu, porque retrocedeu, fez-lhe

quaisquer perguntas e depois intercedeu a seu favor, visto que pouco depois foi desamarrado. Só, entregue ao meu

desespero, comecei a refletir :

- amanhã me afogarão... Morte penosa e humilhante.

Subjugado, impotente, que fazer? Súbito, lembrei-me das palavras de Rabenau : Morrereis todos juntos . . .

Estorcia-me de raiva e de angústia, a morte me infundia pavor, comecei a suar frio. Horas terríveis assim correram,

até que caiu a noite, uma dessas lindas noites da Itália, tépidas e quentes, de mares polidos e céu cravejado de

estrêlas. Olhar sombrio, contemplava as maravilhas da natureza, que pareciam sorrir à angústia da minha última

noite na terra, quando, de repente, percebi algo a rastejar para meu lado e senti pequenina mão tocar-me. Era o

anão a dizer baixinho : - cuidado ! e cortando as cordas, prosseguiu : - É preciso fugir, seja como for, pois

amanhã será tarde ... - Mas fugir como e para onde, se estamos em alto mar? - respondi esticando os membros

doloridos. - Já libertei Rosa e Bertrand e temos combinado e em vias de execução um plano bem urdido. Trata-se de

peitar a equipagem e assassinar o capitão. Vários marinheiros descontentes já morderam a isca e tudo faz crer que,

com bastante dinheiro, os piratas vos consagrem chefe. Ficai atento, aqui, enquanto vou ver o que se passa.

Agradeci, o anão desapareceu. O plano me sorria, tanto mais quanto colocava Rosalinda à minha discrição. Escrutei o

ambiente em torno : o convés estava quase deserto, poucas sentinelas a postos ; mas, de meia nau chegavam gritos e

cantos dos piratas, que assim festejavam a vitória. Nesse instante surgiram dois vultos na escotilha. O capitão e

sua mulher, sempre abraçados, vinham passear no convés, gozar as delícias da noite. E falavam de amor e de planos

futuros. Fulo de cólera e louco de ciúme, rastejei para eles, dizendo comigo : já verão em que param as modas...

Chegando ao grande mastro, escondi-me atrás de um rôlo de cordas e procurava certificar-me se tinha comigo alguma

arma, uma vez que a machadinha e um punhal foram perdidos na refrega ; contudo, nas dobras do cinturão escarlate,

ficara oculto o punhal que servira a meu avô. No momento justo em que o casal passava dando-me as costas, ergui-me

ofegante, tal qual fizera no torreão do castelo, quando toquei a arma vingadora, mas, a sorte me traiu, porque a

lua rompendo uma nuvem bateu em

cheio no convés e denunciou minha sombra de braço alçado Rosalinda deu um grito e, mais rápida que um relâmpago, se

interpôs, procurando resguardar com as costas o corpo do marido. O golpe, entretanto, já estava descarregado com

toda a força do meu braço e Rosalinda tombou, dando-me a impressão do retrato fiel de minha avó! O capitão voltou-

se transfigurado em raiva e dor : - Ah! bandido - ululou com voz estrangulada - e antes que me pudesse atirar pela

amurada, arrancou da cinta o comprido punhal italiano e mo cravou na garganta, com um golpe tão violento, que,

atravessando o pescoço, enterrou-se no mastro e neste fiquei cravado. Os olhos se me nublaram, tive a sensação de

estar rolando num abismo, ao mesmo tempo que pinças de ferro me constrangiam a garganta. Dores atrozes me corriam

todo o corpo. Os sofrimentos ultrapassaram as forças; desfaleci. Quanto tempo estive imerso nesse benéfico estado

de inconsciência, não o poderia dizer ; mas digo que fui chamado à realidade pela mesma dor atroz que me cravara no

mastro do navio, aí me estorcendo, vociferando e pedindo que me acabassem de uma vez. Por fim, acabei chamando

Lúcifer, conjurando-o a reivindicar minha alma, por isentar-me das torturas de semelhante agonia. Tinha o corpo

como que empalado a rubro, os membros inteiriçados, a língua presa, as têmporas em ebulição. Meus gritos de

maldição deveriam abalar o céu, e contudo, ninguém parecia ouvi-los, porque ninguém me prestava atenção. Tentando

um derradeiro esforço, passeei os olhos nevados em tudo que me rodeava. E o que vi foi um céu escuro, pejado de

nuvens ameaçadoras. O vento ululava levantando montanhas d'água, marinheiros corriam atarantados pelos convés.

Depois, surgiu Loevenberg com Rosalinda nos braços, porém, viva! No mesmo instante, uma serpentina de fogo riscou o

manto caliginoso das nuvens e terrível estrondo fez estalar tudo em derredor. Intimamente abalado com esse fragor,

tive a impressão de me despregar do mastro, arrastando comigo viscosa massa que distendia dolorosamente tôdas as

fibras do corpo. O sofrimento era tanto, que ainda uma vez perdi a consciência. Tal como da outra vez, não sei

quanto tempo durou esse estado. Quando, porém, voltei a mim, estava aliviado, mas fiquei surpreendido de me ver a

mim mesmo estendido no convés, ainda pregado no mastro partido. A visão do meu rosto contraído, dos olhos vítreos,

sem expressão, era coisa horrenda e eu me admirava de ainda estar vivendo com aquele medonho ferimento. Um olhar em torno

deixou-me entrever que o céu estava limpo e o navio, desgovernado, balouçava à pequena distância, brandamente

levado pelas vagas e não mui longe da costa. Além, na praia, muita gente munida de cordas e varas, procurava

aproximar o navio. A certa altura e depois de grandes esforços, alguns homens - todos pescadores - conseguiram

galgar o convés. Entre eles, porém, pude lobrigar dois escudeiros com as divisas da casa dos Rabenaus. E, o delírio

da febre, pensei comigo; mas, no mesmo instante, outras pessoas apareciam e entre elas o próprio Kurt, sempre

embonecado, de mãos nas cadeiras. Dando comigo, fez um gesto de horror e desviou-se. - Senhor, interferiu um

escudeiro - não se revista aquêle? Pergunto, porque disse um marujo que se trata de ilustre personagem ... Kurt

deteve-se um momento e respondeu : - Essa é boa! - acaso perdeste o juízo, Cambert? Pois não está mais que provado

que este corsário é, nem mais nem menos, que o conde de Loevenberg? Talvez esse cadáver ateste algum compatriota

ilustre. Nesse entretempo, acercou-se um pescador e, bem a meu pesar, entrou a esquadrinhar-me. Começou pelos

bolsos, passou ao cinto, apossou-se da bolsa recheada; depois, à faca, entrou a retalhar-me o gibão. Ainda

me

lembro, angustiado, que tinha ao pescoço um breve com os gráficos dos subterrâneos que guardavam os tesouros e a

certidão de nascimento de Rabenau que, por fortuito descuido não tinha destruído, conforme lhe prometera. Quis

protestar, defender-me, arrancar das mãos do assaltante os preciosos despojos; mas, apesar da raiva que me impelia,

fiquei imóvel, de mãos hirtas, crispadas, como se tudo aquilo não fosse comigo. Os pergaminhos passaram às mãos

ávidas de Kurt, que os folheou admirado e exclamou, dirigindo-se à comitiva : - Quem haveria de dizer que este

miserável é, nem mais nem menos, que o conde Hugo de Mauffem! E pesa ver como rebentos tão indignos afloram de

troncos ilustres e assim os conspurcam! Um escudeiro interveio, acrescentando : - Mas, então, é o mesmo de quem se

diz que foi condenado ao in pace, por haver tentado matar vossa ilustre esposa; e, neste caso, não merece cova em

terra sagrada, pois dizem, igualmente, que ele se vendeu ao diabo e foi este que o libertou de maneira inconcebível. Kurt

recuou persignando-se e dizendo : - Vamo-nos daqui quanto antes e deixemos ao mar e ao diabo fazer dele o que

quiserem. Eu não podia compreender porque estava impossibilitado de intervir na conversação. Que não tinha morrido

era evidente, tanto que via, ouvia, sentia a ardência do ferimento, estremecendo ao pensar que ali ficaria só e

impossibilitado de receber qualquer socorro. Desceram todos e o navio destroçado, em abandono, ficou à mercê das

correntes. Os raios solares me banhavam estendido, imóvel ; não obstante, sempre cravado no mastro ! Às vezes tinha

sobressaltos ; mas, ainda assim, aquele estado me parecia interminável. A situação se prolongava, a meu ver, de

toda uma eternidade, até que um dia deixei de ver a luz do sol e mergulhei em trevas densas. Depois começaram a

intermitir lampejos esverdeados, estrias amareladas aclarando o convés e o mar, com uma tonalidade misteriosa.

Vultos em quantidade surgiram das vagas e, com assombrosa destreza galgaram o navio. Estupefato, reconheci de

pronto a equipagem do NIGRO", todos feridos, gotejando sangue e desgrenhados, esfarrapados, de rosto lívido e olhos

fosforescentes. Rosa e Bertrand apareceram por sua vez. Ele não estava ferido, mas vomitava água aos borbotões e

parecia sorrir, de olhos esbugalhados. Por entre aplausos e gargalhadas da assistência, caminhou para mim e

arrancou-me o punhal da garganta. Livre, atirei-me para frente, ouvi vozes rudes e vi feixes luminosos de mistura a

fuligens negras, emitidas pelos piratas cruzando-se em todas as direções. Vamos comer e beber - é o que pareciam

exprimir. De repente, tudo se transformou como por encanto. As mesas já estavam postas, e fartas. Eu também bebia,

mas não Podia matar a sede que me devorava. Rosa quis dançar, arrastou-me e rodopiamos louca, vertiginosamente,

para só nos determos junto à mesa onde Bertrand, muito pálido e sempre de olhos esbugalhados, jogava os dados. O

dinheiro chovia a rodo e as blasfêmias horripilantes crutavam-se no ar. Metia-me em toda parte, tudo farejava, mas

não tinha um minuto de repouso. Minha angústia não tinha termo nem limites; o vinho não me acalmava a sede; o

dinheiro fundia-se-me nas mãos e de todo aquele pandemônio se exalava um cheiro acre e pútrido, que me causava

impressão de cautério insuportável.

Torturado, como que embriagado, nada compreendia de tudo aquilo, quando vi gradualmente desvanecer-se a luz

esverdeada e tudo esmaecer em torno. Os piratas se levantavam precipitadamente e atiravam-se no mar. Súbito, o

capitão Nigro surgiu das ondas e de novo me cravando o punhal na garganta, fixou-me no mastro, desapareceu e tudo

se fundiu num luar avermelhado que dourou o horizonte e cobriu o mar de um como véu purpurino. Eram os raios do sol

nascente que aclaravam o navio destroçado, onde me encontrava imóvel, com a garganta trespassada. E o tempo se

escoou em isocronia mortificante os dias passavam e eu não me movia, devorado pela sede. Com as sombras da noite

vinham as sombras dos piratas e repetiam-se as orgias, que reacendiam todos os vícios e paixões, sem jamais os

acalmar. Alquebrado por tamanhas torturas morais, perguntava a mim mesmo porque Lúcifer, que, sem dúvida, de mim se

apossara, não vinha suavizar meus sofrimentos. E passava a invocá-lo com todas as fórmulas cabalísticas que me

vinham à mente. Considerando-me cada vez mais desgraçado e desprezado, comecei a pensar naquele que no mundo

chamavam o Deus de misericórdia, criador de todas as coisas e senhor do próprio Satã, a quem consentia tentar os

homens somente para lhes comprovar as virtudes. Desejei, portanto, voltar-me para essa entidade suprema e procurei

recordar as palavras sacerdotais, mas nada consegui. Meu espirito petrificado não conseguia formular uma prece, e

quanto mais insistia, mais fracassava. Apeguei-me, então, à idéia de que me salvaria se conseguisse encontrar um

sentimento, um só pensamento capaz de atingir essa divindade que tanto subestimara na terra, porque não prometia

dinheiro nem gozos materiais. Perseverei, redobrei de esforços e, de repente, senti-me inundado de ligeiro calor,

o peso opressivo diminuiu e pude coordenar este pensamento: Ó Deus, que dizem misericordioso, perdoa meus pecados,

alivia-me, e tu, Jesus, que sofreste por nós, fazeme compreender a verdade! No mesmo instante, um clarão me

envolveu e de mim jorrou um facho luminoso que se elevou qual jacto saído da fonte, em gotículas prateadas, e na

sua passagem dissipava as trevas densas que me cercavam. Por essa espécie de clareira percebi, muito acima de mim,

um céu azul, translúcido, e nessa atmosfera feérica. uma entidade

celeste, rútila aparição de vestes flutuantes! Ser de beleza perfeita, indescritível, assim me falou: - "Espírito

culpado e desditoso, não te enganes; o demônio a quem empenhaste a alma não tem, por enquanto, necessidade de ti, e

apenas estás colhendo o que semeaste; sempre elegeste os gozos que o dinheiro e os vícios propinam; todas as

paixões ignóbeis foram por ti avidamente cultivadas; entregaste-te sem freio a todos OS crimes, à dureza de

coração, à avareza e ao egoísmo; atraíste para junto de ti criaturas do teu mesmo estofo e juntos gozastes, tu e

elas; e o inferno em que acreditaste cair, após a morte do corpo, é justamente o estado em que te encontras.

Continuas agora fazendo o que fizeste na terra; cercam-te os mesmos companheiros que lá escolheste, mas os órgãos

do teu corpo já não podem ressentir e transmitir as mesmas sensações. Como vês, a vida material cessou e o que

sentes é o reflexo de paixões e desejos que o corpo não mais pode facultar. O que na terra chamam inferno é o

estado criado pelos homens. espíritos culpados e endurecidos. Assim, pois, até que possas suscitar em ti mesmo uma

reação para melhor; até que, por uma prece ardente e sincera possas elevar teu espírito ao Criador, hás de

remoinhar na órbita dos teus crimes; deverás sentir o horror e o desgosto de tuas faltas, o verdadeiro pesar do mal

que a outrem fizeste; e antes que em ti despertes sentimentos de verdadeira compaixão por tuas vítimas; antes que

te mova o desejo de reparação, não poderás entrar na rota salvadora. Lembra-te de que nenhum arrependimento,

nenhuma prece bastarão, só por si, para atingires esse escopo. Vai, portanto, vagar por lá mesmo onde pecaste;

freqüenta os que, como tu, pagam efêmeros gozos de uma existência terrena de circunstâncias espirituais tão

horrorosas, para que o exemplo deles possa abalar teu espírito. A prece ser-te-á sustentáculo como lenitivo aos

teus padecimentos e servirá, igualmente, para apaziguar os ódios inimigos, que te hão de perseguir." Velou-se o

luminoso Espírito e desapareceu no espaço. Senti-me, porém, liberto, consegui safar-me dos destroços do navio e

mover-me à vontade num ambiente tenebroso e sufocante. Meu primeiro pensamento foi para o meu castelo no mesmo

instante me vi envolvido e arrebatado num furacão, a defrontar meus ancestrais. Tentei entrar, mas, escura massa,

pútrida, sulcada de flamas rubras,

barrou-me a passagem. Quis fugir, então, e logo retido e impulsionado por força estranha, avancei e atravessei a

massa infecta. Sacudido por horríveis sofrimentos, verifiquei que estava rodeado de vítimas: - recém-nascidos que

me apresentavam o coração agulhado ; mulheres desvairadas que me exprobravam a perda dos filhos e conseqüentes

suicídios; crianças a maldizerem pela morte dos pais e por isso, mortas também elas a fome... E toda essa turba de

seres envenenados de ódio, turbilhonava em torno de mim, agarrava-se a mim, abafava-me, paralisava-me. Pinçando-

me, por assim dizer, arrastaram-me até um quarto onde costumava festejar meus crimes com orgias. Tentei dali fugir,

mas logo verifiquei que estava como que soldado e então me lançavam nos braços os recém-nascidos, obrigando-me a

lhes beijar os ferimentos abertos: parecia-me provar, assim, algo de repugnante e quando meu corpo espiritual se

estorcia de horror, risadas infernais me punham quase louco. Exausto, sem saber onde me ocultasse, recordei as

palavras do Espírito luminoso: "Ora e humilha-te diante das tuas vítimas". Só de o pensar, porém, todo o meu ser se

revoltou. Pois que?: Humilhar-me perante aquela gentalha, diante dos próprios vassalos ou vilões mandraços, que se

atreviam a escarnecer de mim? Nunca! E de novo o cutelo e o estilete de ouro me vieram às mãos e recomecei a

tarefa, a sorver aquele sangue horrível que me queimava as vísceras. Quanto tempo durou esse suplício? Impossível

dizêlo, para só confessar que chegou o momento crítico de recorrer novamente ao Ente Supremo. "Deus onipotente,

modera-lhes o ódio, livra-me deles; reconheço meus crimes, depreco tuas graças e o perdão das minhas vítimas!" De

novo, o jacto luminoso se projetou do meu corpo denegrido e recaiu em chuveiro prateado sobre a multidão ululante,

que se premia em volta de mim. A multidão recuou, os apodos rarearam e continuei orando, até que a turba se foi

afastando, empalidecendo e fundindo-se no espaço. Aniquilado, terrificado, detive-me a considerar a existência

pavorosa que levara, mas logo estranha força me arrastava para fora daquele quarto e me impelia para os

subterrâneos, deslizando naquela escada bem conhecidas, até chegar ao esconderijo dos tesouros. De pronto,

compreendi que era chegada a hora de rever meu pai.

Nesse instante, me apareceu novamente o Espírito luminoso, dizendo: - "Estás vendo, infeliz, as terríveis

conseqüências de uma vaidade criminosa? Querias possuir a vida e a Juventude eternas, esquecendo que a vida terrena

depende daquele que te concedeu para te experimentar. A conpreensão de um fim malogrado e de crimes vão te

acarretar as penosíssimas sensações que ora experimentas. Recorda que cada iniqüidade originou diversas, quão

nevíticas conseqüências, resultantes todas do primeiro crime.

És, portanto, o responsável, visto como, quem põe a roda movimento, responde pelos danos que a roda produz." Sumiu

-se o Espírito e continuei o meu penoso caminhar. De passagem, via Espíritos tenebrosos, curvados ou acocorados

junto dos sacos de ouro, pretendendo barrar-me o caminho e tinha de romper seus fluidos ardentes, deletérios,

ressumando cupidez e avareza. Finalmente, transpus sem maior obstáculo, a porta de ferro que me pareceu antes pasta

mole, e cheguei ao âmago do subterrâneo. A primeira coisa que se me deparou foi meu pai, magro e repelente, tal

como o recordava. Os cabelos grisalhos em desordem, caíam-lhe pelas orelhas; o rosto parecia mosqueado e as mãos

descarnadas escamavam convulsivamente os montes de escudos em torno. Debaixo da montanha aurifulgente, jazia um

cadáver ressequido, cuja carne dava idéia de pergaminho enegrecido. Compreendi, desde logo, que o horrível destroço

era o seu corpo físico e que o espírito culposo lutava no corpo fluídico com o qual se julgava materialmente vivo.

As paixões não saciadas, da cupidez e da avareza, lhe inspiravam o temor de perder o seu tesouro. Percebendo-me de

pronto, deitou-me olhares que bem denotavam seu estado de alma e de mortal rancor : - Ah! és tu, Hugo? pois bem:

agora seremos nós dois a guardá-lo. Força estranha me atraiu para a massa rebrilhante e ali fiquei, respirando o

fluido asfixiante que se exalava do perispírito de meu pai, que não cessava de contar e recontar as fascinantes e

queridas moedas. Por mim, sofria cruelmente, quando um sopro de raspão me inspirou este pensamento: "Pelo ouro, tu

o mataste; portanto, fica junto dele e observa os sofrimentos que a cupidez engendra, a fim de que a riqueza cri-

minosamente adquirida te inspire aversão."

Ali fiquei, de fato, mas nosso ódio mútuo aumentava e, muitas vezes ele, no auge da raiva, atirava-se a mim e me

asfixiava com o seu fluido ardente. Nesses lances, eu revivia o tetérrimo transe do parricídio, amontoando em cima

dele gasosa massa de moedas, sem o perder de vista. Sem me dar conta de que tudo aquilo não passava de miragem,

reflexo de criminoso passado, é claro que experimentava o mesmo terror, a mesma angústia do momento real em que

procurava eliminar aquele indesejável. O suor inundava-me a fronte ; depois verifiquei que eram fagulhas negras,

que me choviam no corpo compacto - e não obstante, leve - causando-lhe dores terríveis. Inquietude e terror me

esfalfavam. - Vês? os fluidos do passado criminoso recaíram sobre ti, - disse a voz do protetor invisível. Meu

pensamento logo se voltou para o guia espiritual, que apareceu e disse : - Humilha-te àquele que assassinaste e

pede, não por ti, mas por ele ; e quando ele te houver, em parte, perdoado, poderás deixar este lugar, que guarda

um tesouro inútil. Voltei-me para meu pai, disposto a pedir perdão ; mas vi, surpreso, que ele se tinha

transfigurado, ou por outra, que tinha algo de outro ser, no qual identifiquei, pela toga, um inimigo que eu

eliminara, quando Tibério. Reconhecendo-o, o impulso de humilde por obter perdão transformou-se em feroz orgulho e

me revi, de novo, imperador tirânico e senhor do mundo. Em tais condições, pedir perdão e misericórdia para quem já

me havia pago sua dívida de ódio, afigurou-se-me humilhação indigna. Era preferível continuar sofrendo, fosse o que

fosse, e como fosse. Resisti, portanto, e vi que a penumbra ambiente se tornava mais escura : chispas avermelhadas

saíam do cérebro do inimigo, tanto quanto do meu, cruzavam-se e recaíam sobre mim, causando-me sensações físicas

intoleráveis, sem um minuto de repouso. Meu perispírito se estorcia asfixiado em fluido comburente, devorador.

Atiramo-nos um ao outro, para nos estrangularmos e a raiva crescia de pronto, porque, vendo-nos reciprocamente,

nada podíamos tatear senão o vácuo. Passados os acessos, recaíamos no primeiro estado: ele a fossar o monte de

ouro, eu a despejar ouro em cima

dele, no intuito de o asfixiar e consumir, mas, sem embargo, vendo-o sempre. Para o espírito não existe o tempo, e

por mais que sofra, não pode calculá-lo Como pudera - conjeturava - formular uma prece pela turba imensa de meus

perseguidores, sentindo-me aliviado, e agora não podia fazêlo? Quase instantaneamente apareceu o Espírito luminoso

e dispersou as trevas que me envolviam. - "É porque, perturbado e odiento, encontravas-te à face de vítimas que mal

algum te haviam feito, não se impunha vencer teu próprio ódio e a indiferença te facilitava a intercessão ; agora,

porém, trata-se de te venceres a ti mesmo e no teu coração rancoroso encontrares a prece, não para teu próprio

alívio, mas para aliviar teu inimigo. E, contudo, é mister que o favoreças, que purifiques os fluidos negros que o

atormentam; e somente quando tiveres provado que sabes vencer teus impulsos inferiores e cooperar, de bom grado,

para o bem-estar do inimigo, poderás almejar e conseguir teu próprio alívio. Tenta, pois, fazê-lo"... Fiquei

sucumbido! O que se me exigia era o impossível! Aliviar com as minhas preces o figadal inimigo cuja presença me

enfurecia! Constatar que ele melhorava, ficando eu mesmo a sofrer? Não! nunca! Mil vezes Preferível sofrermos ambos

eternamente juntos... E o combate feroz recomeçou. Todavia, apesar do seu ódio, o inimigo foi o primeiro a

acalmar-se. Também ele tinha ouvido os conselhos do Guia espiritual. De repente, vi-o recobrir-se de escuro vapor,

que despedia fagulhas. Compreendi que procurava refletir, vi que lhe jorrava do cérebro a mesma luz prateada, a

princípio baça e depois mais brilhante, à proporção que as fagulhas caíam, qual chuva benéfica, na atmosfera

esbraseada e viscosa que me envolvia, e que assim se dissipava e me causava confortante refrigério, um como banho

aromático que me aliviou. Senti-me algo mais livre e experimentei relativo (pouso. Olhei para o inimigo, vi que se

debatia penosamente na atmosfera pesada, formulando com dificuldade um pensamento de perdão. Meu próprio ódio se

amainara, ao ver que, graças aos seus esforços, me sentia melhor. Pude, então, elevar ardente súplica ao Criador :

"Oh! Deus todo poderoso e tu, meu Guia espiritual, fazei que ele compreenda que imploro me perdoe o mal que lhe

fiz• a morte que, como seu filho, lhe inflingi. Quero, agora, eliminar a aversão que ele me inspira e não me cevar

nas suas torturas. Fazei, enfim, que ele possa auferir todo o bem-estar que me proporcionou." A medida que estes

pensamentos, enérgica e sinceramente se formulavam, senti intenso calor invadir todo o meu ser; o subterrâneo e

quanto nele se continha esvaneceu-se, afastou-se, inclusive o perfil do inimigo, que se escondeu não sei onde, nem

como. Um jacto de luz descendente, arrebatou-me a uma esfera leve e agradável, comparada àquela em que me

encontrava. Era um como oceano cinzento e nebuloso, sem princípio nem fim. Antes de tudo, fiquei maravilhado com a

mudança ; depois, caminhei sempre em linha reta, sem objetivo determinado. Não podia subir e não queria descer ;

mas, longa e pungente mágoa de mim se apossou : - a do isolamento naquele oceano nebuloso, sem objetivo, sem

futuro, e tão só escoltado pelas recordações de um passado irreparável. Ansioso, pensei no guia que logo apareceu e

me disse : - Agora podes compreender porque sofres na solidão em que te encontras, não mais perseguido por tuas

vítimas, nem obrigado a repetir os monstruosos crimes perpetrados na Terra. Confuso, sem saber o que lhe

respondesse, o Guia prosseguiu : Vês? na Terra nunca te faltou habilidade para tramar infâmias, nem astúcia

bastante para idealizar gozos materiais; nunca a inteligência te claudicou, quando se tratava de molestar teus

semelhantes ; mas aqui, onde já não podes praticar o mal, onde, pode dizer-se - já não sofres, relativamente, não

sabes sequer traduzir a angústia que experimentas e nem sabes como responder-me... Compreendi quão limitada era a

minha inteligência e o Guia confirmou : - Sofres da inação que leva ao desespero : experimentas a necessidade de

atuação, mas, precisas compreender que deves, antes, purificar-te espiritualmente, despojar-te dos maus fluidos,

até poderes encetar qualquer trabalho de utilidade geral. Tua inteligência e conhecimentos adquiridos podem ser

aproveitados; mas, quem aceitará o melhor artífice, sabendo-o vicioso entre companheiros suscetíveis de serem por

ele contaminados o pervertidos? Convence-te ó alma perturbada, de que toda a energia que te resta deva ser aplicada

a ti mesmo, repara no teu perispirito caliginoso e, não obstante, que-

brado de numerosos fios luminescentes, restantes das tuas relações terrenas. Pois que aspiras convivência social,

dirige teu pensamento aos velhos companheiros e vejamos aonde te levarão esses fios luminosos. Para logo se me

apresentou Bertrand, Rosa, Calmor e, a seguir, de brusco, me vi no fatídico navio, entre a sua equipagem que, ainda

perturbada, continuava, na espiritualidade, entregue às fictícias orgias, das quais o corpo fluídico já não podia

compartilhar e só lhes deixavam Insaciedade maior.

Ah! não quero aqui ficar - exclamei aterrado - mal respirando aquele ar pesado e mefítico, que os envolvia. O

Guia, que até lá me acompanhara, falou: - Assim, recuando diante dele, como poderás provar a sinceridade do teu

arrependimento? Esta sociedade está ligada a ti pelos laços fluídicos do crime e pela efusão de sentimentos

recíprocos. Somente com eles poderás emparelhar como obreiro, no reino espiritual; mas, como no estado em que se

encontram, eles nada podem fazer, cumpre começares trabalhando pela sua conversão. Deves procurar despertá-los e

olha que podes e deves fazê-lo, por isso que os superas em inteligência, em conhecimentos rudimentares do bem e

foste o primeiro a compreender tua verdadeira situação. A ti, portanto, corre a obrigação de os ajudar e, fica

certo de que, por esse árduo labor farás jus a colaborar na obra ingente, pacificadora e científica, do plano

espiritual." Assim concluiu e desapareceu, mas eu já estava desiludido de uma teimosia que só engendrava

sofrimentos Inúteis e resolvi dedicar-me com firmeza à conversão dos companheiros. Todo castigo, qualquer expiação,

seriam preferíveis à inação enervante em que me encontrava, embebido no passado irreparável. Dirigi-me, pois, a

Eulenhof que, não obstante os maus sentimentos, possuía lúcida e profunda inteligência. Enviei-lhe em centelhas

luminosas uma exortação plena de pensamentos sensatos e, convincentes; mas, com grande surpresa, percebi que nem

sequer pôde ouvir minha voz. Voltei-me então para Rosa que, perversa mulher, me retribuiu com um jacto de fluidos

nauseabundos e estonteantes, inutilizando minha sugestão. Passei-me para outros, inflamando-me pouco a pouco;

disse-lhes tudo o que me vinha à mente para esclarecer o seu estado, para

lhes fazer compreender que se envenenavam e se impunham a si mesmos seus intoleráveis sofrimentos. Vendo, porém,

que todos os esforços se baldavam, mudou-se-me o fervor em raiva impotente, para concluir que, afinal, eles só

tinham o que mereciam, de vez que tudo fizera para aliviá-los. Pobre alma! - exclamou o Guia reaparecendo de chofre

- não te envergonhas de tamanha impaciência? Que seria de ti se contigo assim tivéssemos procedido? Sabe, então,

que não tendo despertado em tua pregressa encarnação mais que os instintos do bem-estar material, teus atuais

conselhos não podem ser apreendidos. Lembra-te do que me atraiu a ti ... Não foram raciocínios nem conselhos

práticos, mas a humildade, a prece, a compenetração da própria falta. Somente orando por esses míseros sofredores

poderás atingir-lhes a espiritual audição e purificar o fluido que os envolve. Compreendi e, posto que impedido por

seus fluidos odiosos, comecei a fazer uma sincera prece por todos e, como anteriormente, empolgou-me o ardor

persuasivo. Minha prece exalçou-se em fervor crescente e, qual fecha luminosa, mergulhou no espaço ! Coisa singular

! À medida que essa luz argentina cindia a treva, vultos diáfanos e transparentes surgiam de todos os lados, a

orarem comigo. De imediato, argêntea cascata varreu as trevas ambientes e a voz dos bons espíritos agradecendo-me

o lhes haver possibilitado aproximarem-se dos entes amados chegou-me aos ouvidos. E qual não foi minha admiração ao

ver que aqueles piratas criminosos, que tinham renegado a Deus e abandonado o lar, conservavam no Espaço amigos

dedicados que, atraídos pela minha prece, acorriam calmos para levar os pobres sofredores à contrição. Não tardou

se encontrasse junto de cada qual um protetor invisível. Depois tudo se esvaneceu e as silhuetas escuras,

sustentadas por seus amigos, ascenderam no espaço. Fiquei só, mas feliz e leve como jamais o fora no mundo. Uma

sensação de íntimo bem-estar me encheu a alma dorida. Procedeste a contento - disse meu Protetor - e agora segue-

me, porque todos os do teu grupo já desencarnaram e ides ser julgados. Não temas, assim, espírito culpado. Já

experimentaste o purgatório moral e lhe sen-

tiste todo o peso. Curva-te, pois, sem murmurar, aos ditames que os teus supremos juízes te apontarem. Nada

negues, pois sabes, lá cada segredo do teu ego será devassado e seja qual for a sentença, seu cumprimento

acarretará um grau superior na escala da perfeição, que todos haveremos de conquistar. Convence-te da fugacidade

das existências terrenas e as provações e expiações não te causarão espanto. Ao lado do meu Guia, atravessei as

massas nebulosas e fomos dar num círculo luminoso e duplamente deslumbrante, visto que aclarava os recessos de

minha alma imperfeita, tanto quanto as trevas em que vagava.

Eu tremia... Sim, tremia, porque a minha afoiteza era apenas humana e a consciência ali estava a dizer-me que Ia

ser julgado. E meu Protetor confirmava. Intenso clarão, seguido de estrondo que me abalou todas as fibras do corpo

espiritual, impeliu-me para a frente e ouvi: Espirito de Tibério e de Mauffen, apresenta-te aos teus juízes! Hugo de MAUFFEN.

NARRATIVA DE LOTÁRIO DE RABENAU

Morrer para renascer, tal é a lei fundamental da criação. Estas poucas palavras encerram todo um programa imenso.

Certo estou eu de que não haveria na Terra tantos suicidas, se o homem pudesse levar o pensamento além da morte e

pudéssemos reformar-lhe as convicções, dizendo: Vais morrer para reviver ; vais apenas trocar um inferno por outro

inferno; e mais vale seguir até o fim da rota traçada pelo destino. Eu, outrora Lotário de Rabenau, hoje autor

destas obras, escavo agora remoto passado, para deter os insensatos, suscetíveis de quebrar a corrente que os

agrilhoa A Terra, para que não venham experimentar, de futuro e mais penosamente, o peso dessa corrente, que

ninguém pode recusar, pois, muitos, se não todos, deixamos nessa estância de exílio ações não concluídas,

pensamentos e projetos apenas esboçados e afeições diversas não aclaradas, muitas vezes, pela experiência da vida.

Naquela noite em que a obra de toda a minha vida se esboroou por minhas próprias mãos, eu tinha o espírito

alanceado por mil sentimentos : orgulho ferido, temor do segredo descoberto e, sobretudo, a cessão de um posto no

qual só eu tinha imperado. Logo que comecei a galgar os degraus daquele altar, de cujo cimo comandara e, ajudado

por um espírito arguto e profundo, li no coração dos meus subordinados, compreendi que era preciso genialidade para

dirigir e sustentar tão vasta empresa. E a perspectiva de que tudo ia desmoronar com a minha morte foi um bálsamo

para o coração ulcerado. Que sofram - dizia - os ingratos e revoltados. E aquele sangue que, uma vez incendido

pelas paixões, não conhecia comportas nem remansos, subiu-me ao cérebro, o punhal reluziu aos meus olhos

desvairados de raiva, agudíssima dor em todo o corpo, logo seguida de algidez mortal, culminaram em profundo

desmaio. Quando recobrei os sentidos, sofria cruelmente. Como que através de espesso véu, vi a multidão que me

rodeava, dei as últimas ordens e nomeei meu sucessor. Eu sabia que Benedito carregaria, como punição, o fardo que

ele mesmo se propusera sopesar ; mas, de resto, todos os sentimentos odiosos se esmoreciam no momento, pois sentia

que algo estranho se passava comigo : negro véu como que se adensava a meus olhos; os nervos, da cabeça aos pés,

trepidavam; um frio glacial me paralisava os membros, até que sobreveio violentíssimo choque e me projetou como que

fora de mim mesmo, envolto em completa escuridão. Quando voltei a mim, vi-me, qual gaze flutuante levada pelo

vento, num ambiente nebuloso e pardacento. Compreendi, de pronto, o meio em que me encontrava e não tardou

percebesse, simultaneamente, uma entidade luminosa, muito conhecida. Amigo de outras eras, ele havia lutado há

muitos séculos e se graduara moralmente, ao passo que eu continuava estacionário e acorrentado às minhas paixões.

Espírito que atingira, em suma, um grau de perfeição incomparavelmente superior ao meu, tornara-se meu protetor.

Fitando-me enternecido e triste, assim falou : Mais uma tentativa inútil, porque te deixaste arrastar por tuas

paixões impetuosas. Tenho ordem para dizer-te que, por enquanto, estás condenado a perambular na Terra,

consistindo da tua punição em ver, com acui dade dos sentidos espirituais, todos quantos lá deixas,

irás contemplar as obras que iniciaste, o cumprimento das tuas decisões, para que experimentes todo o amargor do

desencanto. Lastimo-te, meu impulsivo e arrebatado amigo. Sim, lastimo-te, porque sei que vais travar luta Ingente

com o teu coração sensível. Não ficas, contudo, exilado nem condenado à solidão ; poderás agregar teus amigos;

mas, toma cuidado em não te deixares arrastar pelo ódio, porque, neste caso, a punição será dobrada. Quando te

sentires fraco, chama por mim. Isto posto, projetou sobre mim uma luz azulada, que me envolveu em centelhas

multicores e me acalmou as dores do corpo espiritual. Depois desapareceu. Examinei-me, apalpei-me. Evidente.

Estava novamente desencarnado. Nada me era estranho ali. De há muitos séculos, vinha percorrendo esse espaço

transparente e meu pensamento se voltou para os amigos e protetores. Tanto bastou para que me visse logo rodeado de

nove espiritos refulgentes. - Seja benvindo - disseram mentalmente. Depois de permutarmos rápidas impressões,

disse-lhes : - Estou condenado a voltar à Terra e tudo presenciar até que todos os do meu círculo desencarnem e se

juntem aqui. Vou baixar imediatamente à atmosfera terrena, pois, como não ignorais, um ser da minha têmpera não

espera que o constranjam e sabe o que lhe cumpre fazer. Porventura, fiéis paladinos, quereis acompanhar-me na

empestada atmosfera humana? Pressinto que hei de ver coisas assaz dolorosas para mim. Meu Guia já o predisse.

Quereis descer comigo e, quando preciso, tomar algum médium para me auxiliar? Um círculo mais estreito formou,

emanando rósea claridade - elemento fluídico peculiar à fidelidade que nos unia e que, por instantes, pareceu

confundir nossos perispíritos. - Como deixar que partas e sofras sozinho, lembrando-nos que, quando sofríamos e

expiávamos, na carne ou fora dela, sempre sacrificaste comodidade e repouso a benefício nosso? Iremos, pois, aonde

fores, e uma coisa só te suplicamos: que não te deixes arrastar por qualquer Impulso de vingança, que te possa

prejudicar. Baixamos todos, penosamente, respirando na atmosfera terrena. Lancei depois, para baixo, o fio luminoso

o que se rompe com a morte do corpo material. Ele cindiu! o espaço, qual relâmpago, e logo entrevi o solar dos Ra-

benau. Desolação e luto lá reinavam, mas o cordão fluidico me atraiu para o médium, em cuja aura se envolvera,

formando um laço rubro como sangue. Esse médium era uma mulher, que, derreada na cadeira, soluçava em desespero.

Estremeci! Acabava de reconhecer Rosalinda, que chorava a minha perda como a de um belo cavaleiro, um homem

sedutor e espiritual, que lhe havia comprazido. Lancei sobre ela um fluido calmante; mas meu coração me atraia mais

para o filho, e logo fui arrastado para o quarto onde ele se encontrava, deixando aos fâmulos o encargo de lavar e

vestir meu corpo, já removido da Abadia. Kurt estava de pé, junto à janela aberta. Abandonava, assim os despojos do

pai, a quem tanto fingia amar... Ah! O homem embotado na carne, poderia iludir-se; mas o Espirito que ora ali

estava e cuja presença ele mal poderia suspeitar, apreendia o sentido de todos os seus pensamentos, ao mesmo passo

que via jorrar-lhe do cérebro espessa massa de fluidos negros. O cinto luminoso que lhe cercava a fronte, era

estreito e fosco como o próprio coração, por traduzir-lhe a ingratidão e o egoísmo. Não era o filho a chorar o pai

mas, ao invés, o orgulho satisfeito, a alegria de um poderio finalmente atingido, que lhe inflavam o coração. Pouco

distante, flutuavam, como um disco, seus pensamentos e anseios mais recentes, como, por exemplo: Se me libertasse

dele? Em casos de amor, não se poupa nem mesmo um pai. . . Experimentei grande abalo no corpo perispiritual. A

artéria do coração, que por mil filetes a ele se ligava - artéria brilhante e luminosa, que, só por si, constitui o

ornamento do Espírito, ainda mesmo atrasado e que serve de fulcro - retorceu-se e negrejou. Entretanto eu não acreditaria, preferindo julgá-lo simplesmente desesperado! O punhal que lhe dera, ele o havia experimentado no intuito de varar o coração paterno, que só pulsava por ele e lhe havia cedido até a mulher amada! Contorci-me dolorosamente, um fluido mordente constringiu-me o peito. E como assim não ser, se havia, durante toda a vida, dedicado ao ingrato a maior ternura? Sim! Criei-o em meus braços e dia a dia se me despertavam no coração impetuosos sentimentos de paciência e ternura. De que serviram afeição, cuidados, amparo, dispensados em toda uma existência? Que direito teria, então, para odiar Benedito, Sanctus e toda a comunidade que tão severamente ele fiara? Assistia-me o direito de exigir-lhes qualquer coisa, quando se me deparava ali alçada, contra mim, a mão de um filho estremecido, de um ente a quem me ligavam todos os laços fluídícos de meu próprio sangue; daquele ser que me fazia pulsar o coração e que havia adorado como fruto único de um grande amor conjugal? Tive ímpetos de fugir, mas não pude e experimentei, então, a enormidade do castigo que me prendia à Terra. Debalde murmurei de mim para mim: não é a primeira vez que encontras este espírito poltrão e mesquinho; em muitas encarnações tens sido por ele atraiçoado e ferido ; e, contudo, insistes em lapidá-lo, qual escultor que, deslumbrado com a própria obra, quer dar-lhe vida e não encontra mais que o bloco inerte e frio. Pois que o conheces, como e por que te afliges? Ele é simplesmente indigno de ti... Mas... acompanhá-lo é um suplício horrível - considerei - e, conformando-me com a inelutável sentença, perfilei-me algo resmungando contra o ingrato que zombava da minha afeição. Nesse instante, abriu-se a porta do quarto e entrou um homem alto e magro.

Era o padre Bonifácio, capelão do castelo, monge austero, de fisionomia ascética, cujos lábios finos e olhos sombrios, denunciavam vontade férrea e cruel. Esse homem tinha sido a minha alma danada e, valendo-se da religião e da disciplina moral, subjugava com mão de ferro o espírito tímido e covarde de Kurt. Bonifácio se

acostumara a

subjugar a vontade dos seus confessandos e assim foi que, mais de uma vez, me dissera que não trocaria sua

autoridade com o Duque, porque se este podia dispor do seu corpo, ele, em compensação, lhe senhoreava a alma. Ao

entrar no quarto, Bonifácio deu a bênção a Kurt e lhe fez sinal para que o acompanhasse ao oratório. Obediente,

cabisbaixo, Kurt não hesitou, mas eu li no seu cérebro este pensamento : "Padre maldito, antes fosses para o

inferno e não me viesses burlar com o teu palafrório Intempestivo, a entrevista com a bela aia de Rosalinda..

Bonifácio assentou-se junto do confessionário encimado por um crucifixo de ouro e disse com a maior gravidade: -

"Meu filho, acabas de sofrer uma grande perda e deves ter o coração em chaga aberta; mas, sabendo-te um espírito

mundano, julguei que lucrarias procurando alívio na confissão, caso o demônio te houvesse insuflado a ambição de

mando e a nova situação te impedisse de

sentir, menos profundamente, a morte de teu pai. Como teu diretor espiritual, impõe-se-me prescrever-te o mais

rígido jejum e a mais severa abstinência de todos os prazeres mundanos. Além disso, é necessário que faças valiosas

dádivas ao nosso convento e distribuas esmolas à pobreza. Depois, a exemplo de tua avó e de tua futura esposa, um

retiro espiritual de seis meses, em intenção do nosso querido morto." Furioso com a decisão da noiva, Kurt

praguejou intimamente e exalou fluidos negros, que o bom do padre não viu, e sim, apenas, que ele cruzou os braços

em atitude piedosa, para dizer : - Estou pronto a fazer tudo quanto ordenais, mesmo porque não tenho cabeça para

pensar noutra coisa que não a perda enorme que acabo de sofrer. E, ao dizê-lo,.tapara os olhos com as mãos e

acrescentava: - Bem desejaria chorar, se isso não fosse impróprio de um fidalgo... - Pois chora, meu filho, - disse

o sacerdote, pousando a mão na cabeça do hipócrita - já que perante o teu confessor o pranto só pode honrar o

coração filial. - Ah! meu padre, sinto-me esmagado pela enorme responsabilidade que ora recai sobre mim, de vez que

meu boníssimo pai sempre reivindicou todo o peso do seu fardo, que agora me sinto incapaz de carregar. Oh!

reconheço-me tão mau, tão mundano, indigno e imperfeito para substituí-lo, que, talvez por isso, as preces não me

auxiliem, não me beneficiem. E, contudo, leio a Bíblia todos os dias e não deixo de desfiar meu rosário, conforme

aconselhastes. - Pois ergue-te à noite e lê os salmos de Davi, que, a exemplo dele, te sentirás aliviado nas horas

de amargura. - Tenho em mente um plano para o qual solicito vossa aprovação - disse Kurt - é fazer, logo que minha

mulher e minha avó tenham partido para o seu retiro, uma peregrinação, descalço, à capela de São Bonifácio e lá, na

gruta do bom eremita, passar com ele algum tempo em jejum e piedosas meditações. - Digna ovelha do meu rebanho! -

exclamou Bonifácio, erguendo as mãos - aplaudo e abençôo essa idéia, que só pode ser inspirada por tua piedade.

O padre mal sabia que a piedosa idéia não passava de pretexto e que, não longe da capela, havia um albergue

isolado, onde Kurt se entretinha a seduzir uma bela rapariga, filha única e arrimo do velho hoteleiro cego. Assim,

contemplando a digna ovelha ali ajoelhada diante dele, Bonifácio pensava : - Meu pobre paspalho, não me escapas ao

guante e à tutela, sem tugir nem mugir. E altivo e satisfeito, inflou-se-lhe o peito de orgulho como se dissesse :

- tenho a faca e o queijo na mão. Em compensação, o pensamento de Kurt se definia assim : Como safar-me deste

maroto de padre que, a exemplo de meu pai, me considera uma criança e pretende, ainda por cima, impor-me o domínio

da sua igreja? Desde os dezesseis anos que ele me cativa e agora é tempo de o mandar às favas... Não pude deixar de

rir... Ah! se os encarnados pudessem ver os pensamentos que se esboçam sob a máscara de carne, quantas e quantas

vezes não fugiriam horrorizados entre si ! Profundamente desgostoso, resolvi deixá-los para visitar o convento que

tinha absorvido a maior parte da minha vida e onde tanto havia pecado e gozado. A perspectiva do sombrio edifício

me despertou as mais vivas e variadas recordações. Acreditei estar vivendo o dia em que, pela primeira vez, lhe

transpus os umbrais, na qualidade de fiel discípulo do prior D. Antônio. Com a rapidez do pensamento, desci aos

subterrâneos bem conhecidos e penetrei no laboratório. Absorto, face apoiada na mão, lá estava o infatigável

Bernardo na sua faina de atrair do espaço a indômita centelha evadida do corpo. O laborioso sábio merecera sempre a

minha amizade e bem que desejava poder demonstrar-lhe, agora, a realidade das suas presunções. Lançando o olhar em

torno, dei com a presença do jovem e robusto boticário, que trabalhava calado, arrumando pacotes de ervas para

secar. Enviei-lhe um feixe de centelhas que timbraram no ambiente. As ondas aéreas subiram e prensaram o peito do

frade, que empalideceu e deixou pender a fronte. Entrou, depois, a tremer, sob a pressão das correntes de fluido

puro e refrigerante que lhe enviei: encolheu-se no tamborete e adormeceu bocejando e espreguiçando-se. À me-

dida que o torpor o invadia, massas de fluido avermelhado, espesso e gorduroso se lhe desprendiam do corpo. A essa

emanação, opus meu cordão vital partido e semelhante a outro vazio, e num abrir e fechar de olhos, o fluido

avermelhado encheu meu corpo vaporoso, que tudo possuía, exceto a substância carnal. Respirei por meus pulmões

assim materializados, e, lançando o cordão atrativo do meu pensamento sobre o perispírito de Bernardo, fi-lo

estremecer com o choque fluídico. Ele levantou a cabeça e olhou espantado, dizendo-lhe então o narrado por

Benedito. Bernardo caiu de joelhos e lágrimas de alegria lhe rolaram nas faces arrugadas pelo trabalho e pelos

anos. - A alma - disse ele - sobrevive à dissolução do corpo e pode, assim, visitar os que lhe foram caros?

Obrigado, mestre, por esta prova da imortalidade. E dizendo-o, palpava-me com angústia e satisfação concomitantes.

- Mestre! - prosseguia - aqui neste laboratório, onde a procurávamos, vens dar-nos a prova da verdade! Não estou,

portanto, enganado; meu esforço tem razão de ser. Oh! Deus, grande é tua misericórdia! Mas, dize, mestre: poderás

aqui voltar e inspirar-me? - Sim - respondi apertando-lhe a mão - voltarei para corroborar a verdade que

investigas. O monge adormecido agitou-se penosamente; percebi que ele sofria e, inclinando-me, esfreguei

as mãos

fluídicas saturadas de eletricidade cósmica em meus próprios membros cheios de fluido carnal; remeti fluido vital

ao corpo do monge, sustando, assim, com essa contracorrente, a onda de fluido avermelhado ainda dirigida para mim.

O monge se acalmou, seu rosto adquiriu a cor natural e eu me afastei, mantendo a sanguessuga fluídica, que

representava meu cordão vital. Momentos após o monge despertava. Confesso que experimentei indizível bem-estar com

a presença de Bernardo, que não chorava a ausência de um morto, mas de um amigo. Seus pesares exalavam fluidos

quentes e benéficos que, saindo-lhe do coração, aqueciam meu coração (entangüido) pela algidez de Kurt. - Trabalha,

valoroso obreiro da Verdade, - pensava, ao deixá-lo; e alçando-me no espaço - trabalha, porque breve estarás entre

nós. As preces sinceras de minha mãe adotiva e de alguns amigos me atraíram de novo à Terra: vi a capela do cas-

telo, onde celebravam a encomendação do meu corpo, antes de o levarem ao jazigo dos Rabenaus. A igreja estava

repleta. Percebia-se em todos os semblantes profundo pesar, ou uma gravidade triste; mas, pairando sobre as frontes

abatidas, configuravam-se os pensamentos. Pensava um na caçada em perspectiva; outro, no banquete; este no melhor

meio de iludir o ciúme da esposa, e, por último, um tal que tapava os olhos talvez úmidos, pensando que se a grande

quantia emprestada pelo defunto conde não estivesse catalogada, o filho deixaria de cobrá-la e ficaria, então, com

a grata lembrança do excelente fidalgo, que emprestava sempre sob palavra. Depressa, entretanto, me abstraí desses

indiferentes, para concentrar a atenção em Kurt que, não longe do catafalco, mantinha-se de pé ao lado do Duque, a

saborear a honra que lhe dispensava o suserano, e não tendo para mim um só pensamento de pesar. Fremi de raiva...

Ah! quanto me doía não lhe poder gritar de cara : espírito mesquinho e vil, tu te rojas diante dêsse duque, cuja

nobreza em nada excede à dos Rabenaus! Não ! Meu filho não tinha partícula do sangue que me corria nas veias; alma

de lacaio invertebrado diante de tudo que lhe parecesse superior a si, ouvia cada conceito do suserano como se ouvisse evangélicas sentenças, gravando-as no coração como dádivas sagradas. Oh! pacóvio - considerei - se soubesses que nenhuma jerarquia outorga inata nobreza, e que esta tanto pode latejar sob o camisão do camponês como sob a couraça do cavaleiro... Malgrado o nome, a fortuna, o poderio que te leguei, antes mesmo que meu corpo esfriasse, eis que teu espírito reivindica, servil, o papel de escravo ao lado dêsse duque, cruel e pérfido como tu mesmo. Quanto daria eu para não presenciar tanta baixeza! Mas a vontade dos guias me forçava a permanecer junto dos homens e tive de assistir aos funerais. Vi Rosalinda com minha mãe seguirem para o convento e, por fim, acompanhei Kurt que, metido em grosseira blusa, pés descalços e cingindo uma corda, partia para sua peregrinação, após receber a bênção do padre Bonifácio. Ele fantasiava essa viagem obcecado por planos amorosos, atinentes à filha do velho estalajadeiro, e quando chegou à floresta em que demora a gruta do eremita, tomei-lhe a dianteira e vi um frade beneditino a ler o seu breviário sobre uma campa - a campa do eremita falecido dias antes, e que o frade ali conduzira para enterrar.

Reconheci logo o irmão Lucas, astuto, hipócrita e sempre humilde perante os poderosos. Lucas conhecia Kurt; e quando este lá chegou, recebeu-o com a maior deferência. Enquanto observava o digno par, que discorria animadamente, notei, na aura do monge Lucas, um Espírito negro e temível, que tentava evidentemente, ocultar-se às minhas vistas. Com força de vontade e superioridade espiritual, intimei-o a descobrir sua individualidade; mas, logo o identifiquei, estremeci, pois era um inimigo mortal de Kurt, adquirido em pregressa encarnação e de quem, por mais de uma vez, eu o havia livrado e por isso temia a minha presença ali. Tranqüiliza-te - disse-lhe - porque não te impedirei de atingir este ingrato. Não quero ajudar-te, nem hostilizar-te, crê. Satisfeitíssimo, o Espírito malevolente aferrou-se mais fortemente ao monge e logo notei que, enquanto os dois encarnados conversavam, seus

fluidos mais se harmonizavam; e quando Lucas concordou em desamparar a rapariga cobiçada, sua' confessanda, às

torpezas de Kurt - apertando-se as mãos a ovelha e o pastor, dignos um do outro - o Espírito inimigo senhoreou o

cérebro e o coração do indigno fidalgo e, cobrindo-o quase totalmente de fluidos negros, exclamou : até que enfim,

apanhei-te e vou devolver-te, em dobro, minhas dores e angústias. Seu pensamento, jorrando em todas as direções,

não tardou aparecesse um enxame de Espíritos inimigos. Oh! Kurt, já nessa encarnação, quantos inimigos tens aqui

adquirido! Tua dureza de coração, teu egoísmo têm frutificado. Os infelizes que atormentaste e escorraçaste quando

me ausentava do castelo, mortos de fome ou de paixão, vão agora cobrar-te as dívidas. Curvei a fronte, acabrunhado.

Sim era preciso, ele não queria regenerar-se, lutar contra o mal que os perseguidores lhe desfechavam sem tréguas,

mudando-lhe o humor e gostos a cada instante. E cada qual desses perseguidores invisíveis podia atuar nele, visto

que sua índole egoística e pérfida correspondia aos seus instintos. Dirão talvez que é injusto abandonar uma

criatura à perseguição dos invisíveis ; mas o espírito se encarna precisamente para resistir ao mal e, quando o

fundo nele é fraco e mau ; quando essa lassidão e fraqueza lhe proporcionam o bem-estar material relativo, sem que

ele procure resistir a si mesmo, resistindo aos prazeres vulgares, a despeito da voz íntima que lhe ordena fazer o

bem e evitar o mal ; esse encarnado não merece lástima,

pois só tem o que desejou e mereceu. Quem semeia iniqüidade e egoísmo colhe ódio e vingança. Pouco depois, Kurt se

escondia e logo entrou na clareira uma jovem loura de faces rosadas. Pelos fluidos que a envolviam e pelos

pensamentos que emitia, reconheci uma criatura bondosa, porém fraca. Sua fé, acanhada, tinha-a sustentado até então

na trilha da virtude, tinha podido resistir aos homens da sua classe. Era preciso aparecesse um fidalgo, sem alma e

sem brio, para ludibriá-la e conspurcálá. O padre Lucas procurou consolar a desventurada Gertrudes pelo falecimento

do velho eremita, a quem ela dedicara verdadeira afeição; depois procurou ouvi-la em confissão. A ingênua criatura

lhe confiou que tinha o coração opresso e perturbado o ânimo, desde que encontrara um desconhecido e dele ouvira

empolgante e terna declaração de amor. Que esse homem lhe apertava a mão e lhe embargava os passos, sempre e onde

quer que a encontrasse; e mais, que era belo e que se julgava fascinada; entretanto, sua velha madrinha, alma

piedosa e devota, estava convencida que tudo não passava de tentação demoníaca, presunção tanto mais dolorosa

quanto seu noivo, piedoso carvoeiro, era filho dessa mulher, sua madrinha. Padre Lucas, ergueu a cabeça e engendrou

uma resposta que deveria servir a Deus e a Mamon : - Filha - disse ele - eu não conheço o homem de quem me falas,

mas tu o deves conhecer, por ti mesma, à força dos sentimentos que te empolgam o coração e te roubam a

tranqüilidade. O amor, minha filha, é sentimento divino; foi por amor que Deus criou o mundo e concedeu à

humanidade todos os bens terrenos. Também não fez distinções nem exceções em sua dádiva, dela excluindo os

indignos, tanto os bons como os maus. Logo, para o amor não há freios quando ele nos invade o coração, como se

depreende destas palavras do Salvador, quando diz que a quem muito amou, muito será perdoado.

- Quanto vos agradeço, meu bom padre, estas consoladoras palavras! - exclamou a jovem, de olhos incendidos, - logo

perguntando : não é pecado, então, amar este belo moço desconhecido? - Não, certamente, sobretudo se puderes atrair

as bênçãos do céu para o teu amor; e agora, permite-me que vá rezar na sepultura do nosso saudoso Davi. Enquanto

isso, podes aqui ficar, orando por mim e por ele.

Afastando-se o padre, Gertrudes ajoelhou-se diante do crucifixo pendente da parede da gruta. Em vão seu protetor

espiritual lhe dizia que fugisse. Ela nada ouvia e, dentro em pouco, sorrateiro, entrava Kurt. Sensual sorriso

lhe franzia os lábios ao aproximar-se da rapariga para abraçá-la. Ela quis esquivar-se, porém, ele forçou-a a

sentar-se no banco de pedra e lhe falou do seu grande amor. Quando, porém, lhe tateou o corpete de tecido grosso,

fechou a cara e disse: - Bela Trude, vou te dar veludo para um casaco e far-me-ás o favor de usá-lo sempre, pois

esta fazenda me estraga as mãos. Outra coisa que te quero dizer é que as tuas roupas rescendem às

iguarias que

serves aos teus fregueses; ora, quando me pertenceres, quando fores minha mulher só usarás veludo e seda, e

pérolas, e perfumes nesta bela cabeleira. A rapariga permanecia assentada, cabisbaixa e muda, considerando-se ao

lado de um fidalgo disfarçado, uma vez que assim lhe falava de sedas e jóias. - Duvidas de mim? Estou a ver que

receias retribuir minha paixão e, no entanto, sabe que aqui vim em peregrinação a este santuário, só para pedir ao

céu que abençoe nossa união. Dize-me, então, que juramento de fidelidade te devo prestar. - Espera um pouco - disse

Gertrudes correndo para fora da gruta - de lá voltando com o padre Lucas e logo exclamando: jura, então, diante

deste santo homem, que casarás comigo. Desconfio que és um trovador, ou fidalgo talvez, enquanto que eu não passo

de rústica aldeã; mas sem embargo, o coração não exige nomes. Furtivo sorriso frisou os lábios de Kurt. Padre! -

disse - sois testemunha de que juro casar-me com esta moça e lhe entrego este anel como garantia da minha palavra.

- Deus os abençoe e lhes conceda risonho futuro, concluiu Lucas erguendo os braços. E Kurt abraçando-a... -

Acreditas agora, louquinha? Então espera-me logo à noite, junto da fonte, pois preciso ouvir meu pai e resolver

quando antes o nosso casamento. Gertrudes inclinou-se e desapareceu na floresta. Ele, então, rompeu em

gargalhada : - Veja que idiota! Como leva a sério... Não suspeita que breve me fartarei dela ... Convosco,

porém, meu padre, há o que conversar, de vez que me inspirais simpatia... Pergunto : aceitais a capelania do

castelo, no caso de vacância? Os olhos do padre cintilaram de alegria. - Muito me penhorais, mas não mereço tão

grande favor... - Procurai-me lá no castelo e talvez possais ajudar frei Bonifácio, mesmo porque ele anda

adoentado. Falarlhe-ei dos bons predicados que em vós encontro... A verdadeira intenção que o dominava, era a

seguinte: insinuando-lhe a possibilidade de substituir Bonifácio, quem sabe, este belo rapagão, que suponho

emancipado de maiores preconceitos, não me ajudará a desfazer-me do velho monge impertinente e vigilante? Amofinado

e triste, alcei-me no espaço por alguns momentos. Reconhecia-me, também eu, espírito culpado e fraco;

mas tanta

baixeza me nauseava. Um dia tive desejos de rever o convento e fui para lá impelido. Hóspede sutil e invisível,

penetrei facilmente na cela do novo prior, pois Benedito acabava de ser aclamado pela comunidade, inclusive a

secreta. Pendia-lhe do pescoço a cruz de ouro e no rosto se lhe estampava a alegria do sucesso. Assentado, apoiando

a fronte nas mãos, do cérebro lhe jorrava uma nuvem de projetos ambiciosos e arrojados. - Consegui o que desejava -

lia-se-lhe na mente - estou vingado e respondo, perante Deus pela série de crimes que pratiquei; mas, como cabeça

deste rebanho, preciso igualmente considerar as palavras do Evangelho. Manter esta associação de vingadores é

empresa tão perigosa quão exaustiva; ter de pensar por todos e ser o servo de cada um, visto que, pelo Regulamento

da confraria, o prior deve ser o primeiro a facilitar e prover a vingança de cada um. Rabenau tinha quase que o dom

da ubiquidade; mas era também cavaleiro e dispunha de inúmeras relações sociais, ao passo que eu... não. Eu me

conservarei monge intransigente e severo e a confraria morrerá pouco a pouco. O poder da Igreja deve aumentar

sempre, por toda a parte, sobre as suas ovelhas, e eu não posso tolerar, no próprio convento, outro poder que não

derive exclusivamente do priorado. Tomada esta decisão, ergueu-se sorridente e começou a andar pelo quarto,

enquanto eu me via presa das mais sombrias conjeturas: era o esboroamento de toda a obra gigantesca, levantada

pouco a pouco, por dois espíritos

ativos e argutos (Antonio e eu) à custa de muita paciência e de muitos crimes. Por essa confraria secreta eu

teria dado a própria vida! Sabia que em muitos corações florescia a esperança da vingança e de repente, aquele

recém-vindo julgava supérfluo manter a máquina maravilhosa, conservar aqueles subterrâneos com a opulenta

biblioteca adquirida a peso de ouro, tudo que a ciência humana revelara até então... Esses tesouros da inteligência

apenas deviam aproveitar ao novo prior, e o laboratório, que havia dado um Bernardo, deveria extinguir-se

com a

morte do sábio monge? Ah! exclamei desalentado e enraivecido, é bem certo que os herdeiros são sempre ingratos.

Bem que dizia a Bernardo, quando o encontrava na faina de fabricar ouro : "Ainda que o consigas, ninguém te

agradecerá.   Os herdeiros ingratos, que se locupletam com o suor dos que trabalham para eles, são sempre mais

sábios que os mortos. Isto posto, mergulhei nas nuvens e nem os próprios amigos me puderam consolar. Meu desânimo

era absoluto.   Entretanto, meus juizes não tardaram a impelir-me novamente para o castelo de Rabenau, lá

encontrando Lucas já instalado, a seguir Bonifácio como se lhe fora a própria sombra a obedecer-lhe cegamente e a

imitá-lo até na linguagem.   Se bem que observador profundo e inteligente, Bonifácio não deixava de sentir-se

lisonjeado com a atitude do seu auxiliar e sentinela, baboso sempre que o capelão lhe dirigia a palavra.

Inteiramente preocupado com a idéia de açambarcar a direção do condado, o velho capelão deferia a Lucas, de bom

grado, a celebração da missa e todos os serviços menos importantes da capelania. O rapaz soube insinuar-se e

tornar-se indispensável a todos. Kurt, mais que ninguém, o apreciava cada vez mais, mesmo porque havia entre eles

afinidade de gênios. Aqui, vale dizer que padre Lucas era um belo rapagão de trinta anos, com o seu rosto pálido,

barba preta, crespa e uns olhos de mel. Os dois dignos eclesiásticos assediavam Kurt com preces e exortações, um

para consolidar autoridade, outro no intuito de o livrar do parceiro. E Kurt, inapto para tudo que afetasse

generosidade de coração, tinha sempre argúcia para identificar os pérfidos, de sorte que percebeu logo que, se

conseguisse livrar-se do irritante e austero Bonifácio, teria em Lucas um instrumento passivo. Em tais condições, a

sorte do capelão era coisa assentada e resolvida. Bonifácio começou a langüecer a olhos vistos,

sem causa conhecida. Lucas cuidava dele como de um pai e Kurt aparentava profundo pesar, mas no íntimo ansiava pelo

desenlace que o livraria do incômodo confessor. No dia em que o médico declarou que a morte era inevitável e

iminente, Kurt desmascarou-se e não mais voltou ao quarto do enfermo. Não tolerava o ambiente, que dizia

empestado,

nem o cheiro dos medicamentos; a voz estertorante do moribundo lhe feria os tímpanos e a necessidade de lhe tocar a

mão suarenta causava-lhe calafrios. Sim, o bizarro fidalgo detestava, a mais não poder, toda criatura doente,

esquecendo-se que aquele mesmo sacerdote, em minha ausência, passara dias e noites à sua cabeceira, quando atacado

de violenta febre perniciosa, estivera entre a vida e a morte. Indubitável que o Bonifácio era rígido, cruel mesmo

e impiedoso até, quando julgava necessário; era do seu tempo e da sua casta; mas, aquele filho que eu tanto

estremecera, a ponto de me tornar covarde muitas vezes, doía-me vê-lo tão degradado, a desmentir minhas melhores

esperanças e previsões. Porque a mim, com justiça, poderiam julgar-me um homem dissoluto, um mau cavaleiro, mas

nunca um mau pai. Dei a Bernardo vale para visitar Bonifácio e ele o fez, justamente quando Lucas já convencido do

seu triunfo, dormia tranqüilamente. Lá estava eu, invisível, à cabeceira do moribundo, quando Bernardo entrou e lhe

apertou a mão rugosa. Depois de o examinar com a maior atenção, exclamou com espanto: - Pobre irmão, bem vejo que

sucumbes mortalmente envenenado; mas, que mão criminosa te daria esse veneno? Depois, concentrou-se um instante, e

exclamou: - Que horror ! o filho do nosso chefe. Bonifácio voltou a cabeça e murmurou: - Bem que o suspeitava e

Lucas é o seu cúmplice; mas, não tem um cordial que me suavize a passagem? Bernardo entregou-lhe um pequeno frasco

e inclinando-se de olhos acesos, sussurrou: - Não te amedrontes, amigo; a criatura ofendida e traída sobrevive à

destruição do corpo, podes crer, pois o chefe me apareceu e me disse. O enfermo reanimou-se perguntou ofegante:

Juras? - Sim, juro pela minha salvação - respondeu Bernardo; e logo Bonifácio: - Graças a Deus! porque assim

saberei vingar-me. Bernardo retirou-se e quando a noite caía, o padre Lucas

apareceu. Vendo-o, o moribundo reanimou-se e falou com firmeza: Neste transe de agonia, que já começou, eu vos

maldigo, a ti e a Kurt, que me envenenastes, e vos condeno a sucumbir de morte violenta, igual à minha;

dize-lhe

isto, e já que o crime vos uniu, haveis de morrer na mesma hora ; tomo a Jesus, nosso Redentor, por testemunha

deste vaticínio. Recaiu no travesseiro, inteiriçando-se; envolvemo-lo em filetes luminosos para cortar todos os

laços carnais e logo o tivemos entre nós, algo aturdido. Dando comigo, exclamou : Mestre ! é então verdade? Curvei

a cabeça e respondi : - Aqui, Bonifácio, não sou mais o chefe, mas, apenas um espírito sofredor, retido na

atmosfera terrena, por seus pecados (1). Kurt voltava da caça, expansivo e satisfeito, quando o padre Lucas lhe foi

comunicar o falecimento do capelão, convidando-o a certificar-se por seus próprios olhos. - Chi ! - disse, fazendo

uma careta - tenho em boa conta a sua palavra e, de resto, os defuntos me repugnam. Quando morreu meu pai, não tive

remédio senão abraçá-lo, mas foi só para salvar as aparências. Nos ofícios religiosos dessa noite, lá estava firme

a recitar o seu Pater, mas com o pensamento bem longe dali. Ao concluir, falou ao comparsa : - Atento ao grande

crime que tenho cometido em facultar a morte de Bonifácio, não me julgo digno de confissão e comunhão e quero

empregar o tempo, até o regresso de minha mulher, em jejuns e mortificações. Acreditava que, com essa contrição

exterior apagaria a culpa. Nessas ocasiões, também não deixava de interceder por Godeliva que, felizmente para

ela, tinha morrido antes de se lhe tornar desprezível. Às vezes ele se dignava de encarecer minhas súplicas a Deus,

em seu favor, mas logo considerava que eu tinha sido muito mau para merecer algo que lhe pudesse aproveitar e

passava a esquecer

(1) Nota do autor - O espírito desse Bonifácio foi mais tarde o famigerado Duque d'Alba. Evoluído e graduado pela

expiação e arrependimento, perdoou o seu algoz e, na última encarnação de Kurt de Rabenau, ofereceu-se

voluntariamente para auxiliá-lo como espírito familiar. Infelizmente, Kurt permaneceu egoísta, desalmado e

libertino durante seiscentos anos, assim falindo em sua provação. Isto, porém, em nada afeta o mérito do perdão do

ofendido.

os próprios crimes e a exorar o perdão das minhas faltas. Se pudesse ver que o espaço em que exalava seu fluido

estava vazio; que suas preces banais, destituídas de sentimento não atraíam nenhum Espírito benéfico e que o seu

auditório invisível zombava dele e, com fluido estonteante, ainda mais lhe obliterava o bom senso... A mim não me

era dado, senão raramente, deixar aquele lugar de punição; e quando Rosalinda regressou do convento, assisti ao

primeiro colóquio do casal, num quarto redondo que Rosalinda muito apreciava. Kurt, encostado à parede, mordiscava

o bigode louro, evitando encarar a mulher que, ainda em trajes de luto, permanecia na sua poltrona, com as mãos

cruzadas sobre os joelhos. Li na aura de Kurt que ele estava furioso com o acolhimento quase glacial que a esposa

lhe reservara, quando ele tudo fizera para recebê-la pomposamente, convocando para isso todo o pessoal do castelo.

Ele se gabava de suscitar sempre entusiasmos e admiração por sua pessoa, e Rosalinda, já pela convivência longa, já

pelas circunstâncias que os ligaram, não podia consagrar-lhe mais que uma sincera amizade, em consideração a mim.

Ela o analisou várias vezes. Estava mudado, muito havia perdido da sua beleza de adolescente, o semblante efeminado

tinha agora algo de rude e impassível e, apesar das ricas vestes, faltava-lhe graça e elegância ao porte. - Caro

Kurt - disse ela, por fim, rompendo o silêncio noto que estás aborrecido : tiveste qualquer contrariedade? Ou,

quem sabe, nossa chegada veio embaraçarte alguma caçada ou qualquer diversão? Criada sob aquele teto, a nobre

Rosalinda conhecia melhor que ninguém o temperamento do jovem conde ; mas, agora, como esposa, queria provar até

onde ia a amabilidade do marido. Ouvindo-lhe a pergunta, ele se voltou bruscamente e falou em surdina, como fazia,

aliás sempre que se encolerizava: Essa é muito boa! Então não vês logo que não posso estar satisfeito quando me

ofendes com ostensiva indiferença? Vou ao teu encontro, pressuroso e impaciente, exultante de alegria para te rever

após seis meses de ausência e tu me apareces coberta de luto!   Que vovó assim proceda, vá; mas tu? Ora,

faze o

favor de me dizer : que mulher, neste caso, não se rojaria nos braços do marido para beijar-lhe a mão? E olha que

não o digo por

mim, mas pelas pessoas aqui reunidas, como exemplo de respeito ao chefe da família. E tu esqueces tudo isso, como

se ignorasses que a regra de bom tom exige que a castelã se mostre humilde para com o marido e senhor. Dessarte,

tive que afrontar os olhares de surpresa dos nossos fâmulos, que não trepidarão em suspeitar tua frieza como

proveniente de secretos motivos. Rosalinda, estupefata, tinha as faces afogueadas. Por fim, respondeu : - Estou

estonteada de tantas estúrdias, mas permite que te diga, meu caro amigo, que este luto é por teu pai - alma grande

e generosa, que tanto te amou em vida; precisamente por voltar a este castelo hereditário, onde a sua pessoa,

inteligência e alegria tudo animavam ; onde cada objeto lembra sua presença e torna duplamente sensível o vácuo que

nos deixou sua morte; precisamente por isso, digo, seria inconcebível me apresentasse sem luto. Nem posso crer que

seis meses te fizessem esquecer nosso querido morto. Portanto, meu luto é coisa que te não pode ofender. - Sim,

sim, mas que tem a ver a reverência ao morto com a desatenção para comigo? Compreendo que o castelo agora te

pareça deserto, mas não podes considerá-lo vazio, a menos que não queiras considerar a presença, nele, do teu

marido e senhor. Melindrada, a jovem Rosalinda ergueu-se de olhos incendidos. - Meu amigo, irrogas-me censuras

imerecidas, pois não tive intenção de te ofender. Ao demais, seria insensato magoar um companheiro e amigo da

infância. Não te beijei a mão, é verdade; (detendo-se como que embaraçada, mas logo erguendo a fronte altaneira) no

entanto, beijei a mão de Léo; mas deves considerar que Léo foi o meu primeiro amor e outro é o sentimento que nutro

por ti, bem como o que me inspirava teu pai. Jamais te esposaria, crê, se me não merecesses afeição, uma afeição

que medeia a paixão de Léo e o amor por teu pai. De ti depende o futuro : se fores bom e razoável, hás de

conquistar maior afeto e então serei a primeira a te patentear submissão e respeito perante toda a gente. Isso ela

o disse já sorridente, como tal ou qual galanteria. Kurt desanuviou a fronte. Prezava bastante a beleza de

Rosalinda para não azedar inteiramente o seu humor naquelas primeiras horas de intimidade. Infeliz

Kurt! Tudo nele era inconstância e volubilidade: a mulher mais bela, o melhor amigo, a coisa mais interessante,

logo o entediavam e saturavam, menos seus caprichos, seu egoísmo, sua cupidez e covardia. Nisso ele hauria novas

forças para entreter sua maldade. Para o momento, a nova partida lhe interessava. Colocou a almofada aos pés da

esposa e sussurrou-lhe palavras de amor, que guardava de cor e salteado, para repetir, mais ou menos coloridas, ao

ouvido de fidalgas e de aldeãs. - Verás, minha doce Rosalinda, como te corresponderei tanto ou mais que Loevenberg;

o que somente peço é que me dês todo o teu coração. Meu amor é ardente como o próprio fogo e tua frieza me

acabrunha e pode fazer com que te fuja. Ah! se soubesses quanto te quero... Poderia aqui ficar eternamente a

teus pés, mirando-me no espelho de teus olhos, beijando o coral dos teus lábios. Atraiu-a a si e ela correspondeu

com ternura às carícias do amigo da infância. Quem assim os visse, acreditaria que era um casal feliz e no

entanto, ai de mim! tudo aquilo não passava de simples devaneio para aquele homem de coração vazio que, na sua

existência ociosa e inútil, não sabia o que fazer da sua pessoa. Um dia, encontrei na erraticidade um espírito

ainda obscurecido, mas que pela têmpera dos seus fluidos me atraiu; não tardei em reconhecer aquele que na Terra

tanto me estimara e a quem retribuí sincera e profundamente. Depois que ele desencarnou, a vida e as paixões

fogosas me haviam despojado das virtudes da adolescência, mas nada diminuíra a nossa afeição recíproca e eu me

sinto feliz em dizer que mesmo os séculos nada alteraram neste sentido, pois o mesmo pai que então me amava até ao

crime, é hoje o editor das minhas obras. Permutamos pensamentos. Meu pai me falou da sua vida solitária e disse-lhe

eu quanto fizera, como homem e como desencarnado. Por último, disse-lhe que sua esposa e minha mãe adotiva estava

prestes a juntar-se a nós na espiritualidade. Propôs-se ele, então, acompanhar-me, a fim de recebê-la e lá nos

fomos ao quarto em que penava a velha fidalga, devorada pela varíola. Rosalinda não arredava pé da cabeceira

enxugando-lhe de minuto a minuto a fronte banhada em suor. Uma freira ursulina auxiliava o piedoso mister. Os

fluidos negros da putrefação se amalgamavam em nuvens densas, rodeando o leito...

- Quero ver Kurt - dizia a moribunda, revolvendo-se no leito. Vai chamá-lo, Rosalinda, pois quero abençoá-lo antes

de morrer. Rosalinda ergueu-se contemplando o rosto pustulento da variolosa. Chorava... Depois, friccionando as

mãos e a face com a essência que Bernardo lhe dera para prevenir o contágio, encaminhou-se para o gabinete do

marido, que encontrou refestelado, lendo a Bíblia. - Vem dai que a vovó quer ver-te - disse - aproximando-se. -

Isso é que não - retrucou com vivacidade. - Mas - insistiu Rosalinda, quase súplice - ela pode falecer e quer

antes te dar a bênção... Kurt firmou o cotovelo no livro aberto e pôs-se a olhar o teto. A custo respondeu: - Bem

sabes qual é a sua enfermidade ; e depois, fala tão baixinho que mal se faz compreender. Não me atrevo a respirar,

nem mesmo suporto o hálito pútrido que ela exala... Olha, minha cara Rosalinda - acrescentou com um olhar malicioso

- a mulher casada que ama seu marido não tem o direito de fazer-se enfermeira, para não suceder que lhe transmita

doença. Assim, não posso abraçar-te agora, indene dos repugnantes miasmas que exalas. E dizendo-o, lhe repelia a

mão pousada no ombro. - É um cristão e um neto que assim se pronuncia, com a Bíblia aberta diante dos olhos! -

exclamou a jovem, recuando, extremamente pálida. É assim que entendes a Parábola do bom Samaritano? Será que toda a

nossa afeição deva extinguir-se, quando a criatura mais carece de amor? Então, amor não seja, mas amizade, o

predicado único que nos leva a arrostar o nojo e os perigos de uma enfermidade grave. Quando se trata da vida de um

ente caro, cujos momentos estão contados; e quando se lhe acompanha o sopro que se esvai, não há tempo de lhe

considerar o odor.   Não posso acreditar que estejas falando a sério ; aquela que te serviu de mãe, que te cuidou

desde que nasceste e em cujos braços cresceste quer ver-te e a sua enfermidade te assusta! Receias meu contato,

recusas minha mão, como se fosse uma leprosa, somente porque lá estou junto dela!   É verdade que pai Bernardo me

disse, há pouco, que a varíola se tinha declarado; mas ninguém aqui no castelo foi atingido e quanto a mim...

Kurt não a deixou concluir : levantou-se, pávido, transfigurado. Varíola? - E tens a coragem de me por a mão? Estou

perdido! Tragam um cavalo - exclamou fora de si - e fugindo da esposa, pasmada, precipitou-se escada abaixo.

Trouxeram-lhe o cavalo e enquanto os escudeiros o ajudavam a montar, visto que as pernas lhe tremiam e mal sustinha

as rédeas, disse : Ninguém se atreva a sair daqui para acompanhar-me. Por fim, procurando ganhar forças no próprio

terror que o assaltava, esporeou o animal e partiu qual flecha, em direção ao seu castelo de Lotharsee. Nesse

ínterim, a velha castelã entrava em agonia e Rosalinda, acabrunhada, voltava a assisti-la. Flutuando acima da

moribunda, ajudados pelos amigos, eu e meu pai atraíamos os fluidos vitais que se partiam, subindo lentamente no

espaço. Nós os cortávamos um a um, repelindo o fluido mais pesado, que dificultava o despreendimento completo do

corpo físico. Diz a sabedoria popular que tal vida, tal morte... O virtuoso tem suave transição, e penosa é a do

malvado. É simplesmente a verdade, e há para isso razões muito sérias. que a assistência invisível, de amigos ou

inimigos, facilita ou dificulta o despreendimento na razão direta do ódio ou da afeição que o moribundo inspira.

Dentro em pouco, o perispírito integral, apenas retido pela artéria principal, flutuou acima do corpo. Depois, um

choque elétrico e o cordão luminoso vibrou, contraiu-se no espaço e o Espírito libertado, oscilando brandamente,

elevou-se entre os seus amigos. Dona Rosalinda, - disse a enfermeira tocando no braço da jovem que, ajoelhada,

repetia a prece dos agonizantes - a condessa está morta! Rosalinda começou a chorar, foi buscar um crucifixo de

prata e, beijando-o, colocou-o sobre o peito da 'defunta. - Boa irmã - acrescentou - queira pedir o que se faz

mister para amortalhar o corpo; contamos com excelentes e piedosas servas, que não temem a moléstia nem se furtam

ao cumprimento de um dever sagrado. Por mim, não desejaria expor meus fâmulos ao contágio de uma enfermidade tão

perigosa, tanto mais quanto meu marido foi o primeiro a fugir espavorido... E dizendo-o, amargo sorriso lhe

frisava os lábios. Servindo-se do apito de ouro, soprou forte, e presto acorreu o pessoal do castelo.

- Ninguém saia a prevenir o conde da morte da velha condessa e do dia do enterro ; respondo pelo que houver.

Nenhum de vocês fica na obrigação de prestar serviços que possam acarretar-lhes transmissão da moléstia e propagar

a epidemia local. As boníssimas irmãs de Santa Úrsula aí estão para fazer todo o necessário. - Não, minha senhora -

responderam - una voce os servos - a patroa sempre nos tratou com bondade e delicadeza e queremos prestar-lhe

nossos últimos serviços e homenagens. A misericórdia divina que há de imunizar a senhora, se estenderá também a

nós. - Obrigada pelo vosso devotamento neste transe doloroso - respondeu a jovem Rosalinda, recolhendo-se ao seu

quarto. Uma vez lá, despediu as criadas, prosternouse lacrimosa diante do oratório e murmurou : Lotário morreu,

agora vai-se a velha e eis-me isolada e, o que mais é, abandonada ostensivamente, diante dos criados, pelo homem

que devia ser o meu amparo e o exemplo para todos nós. Quanta covardia, meu Deus ! Desesperava-se, indignada, por

ver que valia menos agora, como sua mulher, do que como amiga de infância. Compreendia que se lhe tornara

indesejável, odiada mesmo, desde o momento em que ele se reconheceu incapaz de lhe inspirar a paixão ardente que

ela tivera por Loevenberg. Cada palavra, cada gesto dele para com ela eram calculados para magoá-la. Muitas vezes,

desaparecia por muitos dias, a pretexto de negócios e caçadas, quando, na realidade, o que fazia era cortejar o

duque, namorando-lhe a sobrinha, princesa Ursula, ou então freqüentando ostensivamente justas e torneios, se bem

que um ano apenas havia que perdera o pai. Tudo isso ela sabia pelo padre Lucas que, a pretexto de amizade e

devotamento, lhe redigia minuciosos relatórios. Nessas condições, a jovem Rosalinda não raro chorava amargamente o

seu destino, mas não podia, por outro lado, suportar indiferente tais ultrajes, nem tampouco inclinada à tarefa de

regenerar o marido. Mulher do seu tempo, orgulhosa do seu sangue e da sua beleza, começava a odiar de morte esse

marido que a ultrajava. As copiosas lágrimas que vertia não eram, portanto, de ciúme e sim de orgulho malferido. O

enterro da velha castelã se revestiu de pompa digna da progenitora de Lotário de Rabenau ; e os pobres e enfermos,

que ela sempre socorrera, choravam sinceramente a sua morte. Os serviçais que ainda guardavam luto

pelo falecido amo tinham no rosto estampada a grande mágoa que lhes causava a perda de patrões tão generosos.

Decorridos mais de oito dias, uma bela manhã, chegou ao castelo um mensageiro do conde e voltou sem falar a

Rosalinda, que recusou recebê-lo. Um segundo portador teve o mesmo destino, até que, passado um mês, o foragido

reapareceu, a cavalo, começando por chicotear o guarda da ponte levadiça e, a seguir, o velho mordomo. Sua voz

alterada pela raiva, reboava pelos corredores e salas da nobre mansão : - Canalhas ! Como se atreveram a desatender

aos portadores que aqui mandei? - A senhora foi quem mandou - responderam em coro.

- Pois fiquem sabendo, seus cachorros, que, quem quiser viver sob este teto, tem que obedecer às minhas ordens,

ainda que dez castelãs digam o contrário. Dirigiu-se aos seus aposentos, onde tomou um banho e se preparou para

rever Rosalinda, mas a moça não lhe atendeu ao chamado, mandando dizer que só lhe falaria depois da refeição, na

sala do oratório. Com isso, o fidalgo Kurt perdeu o apetite, recusando os pratos e dirigindo-se de cenho carregado

para o quarto da esposa, decidido a desfeiteá-la com a sua frieza, impertinência e sarcasmo. Ao levantar o pesado

reposteiro, deu com Rosalinda de pé, junto à janela. Belo vestido de lã, branco, ajustado ao cinto de ouro,

deixava-lhe entrever as formas elegantes; a cabeleira opulenta e negra como as asas do corvo, caia-lhe em ondas

sobre as espáduas, e a vivacidade do rosto mais ressaltava o brilho do olhar. Vendo-a, assim, bela, Kurt logo se

acalmou. Ele estava, na verdade, farto de toda a espécie de aventuras com as mulheres louras e gordas, e aquela

morena esbelta e sedutora, de maneiras finas e discretas, como que lhe espicaçava os sentidos enervados. Além

disso, é força convir que intimamente, ele a queria mais que a quaisquer outras, e que sua dignidade feminina o

açulava. Rosalinda tudo compreendeu de relance; mas quando ele se aproximou tentando abraçá-la, recuou de cenho

fechado. - Não me toques : se anuí a esta entrevista, não foi para te contagiar de uma enfermidade repugnante quão

perigosa e, sim, e só, para te comunicar que me recolho ao meu castelo de Loevenberg, pois não posso nem quero

conviver com um cruel e desalmado; não quero correr o risco de adoecer e ver fugir meu marido apavorado, com

escândalo de toda a região. Abandonaste a avó agonizante, e a esposa extenuada e pesarosa não te mereceu os mesmos

sentimentos que acabas de afagar ao transpor aquela porta. Oh! sim, agora sei quem és e quanto vales: queres

brincar com a falena brilhante, mas logo que teus dedos rudes desbotem o vivo colorido de suas asas, ela será

repelida com enfado. Teu coração é mais duro que o granito. Senão, dize: que pretendeste fazer com os míseros

moradores de um albergue dependente dos domínios de Lotharsee, isto é: uma tal Gertrudes e seu pai, cego, ambos

atacados da varíola, mas ainda vivos? Não mandaste incendiar a casa a título de expurgo, estando eles ainda vivos?

Se a irmã Angélica, que assistiu tua avó, não me houvesse prevenido a tempo, os dois infelizes teriam morrido

queimados. Agora, felizmente, eles estão em segurança, em terras de Loevenberg, onde não metes o bedelho, porque o

duque mudou logo após a morte de Léo. Mas, (tornando-se mais corada) isso não é tudo: essa mesma Gertrudes foi

seduzida por um miserável, que jurou desposá-la e lhe deu em garantia um anel de rubi, cravejado de diamantes. Kurt

- concluiu com a voz entrecortada pela emoção - que fizeste do anel que sempre usaste antes da morte de

teu pai?

Surpreso e confundido, Kurt procurava um meio de conjurar o repúdio da mulher, que lhe parecia mais bela e

desejável naquele momento de exaltação. Ela queria abandoná-lo? Mas ele também a conhecia e sabia que, se tentasse

impor seus direitos maritais, ela apelaria para o duque e o acusaria de público. O que ele mais temia no mundo era

a divulgação das suas infâmias e o julgamento dos seus pares e vizinhos. Gostava do segredo e do mistério para os

atos pouco louváveis, que lhe pontilhavam a existência, só os referindo quando, à força de hiprocrisia, conseguia

atribuir-se o papel de vítima. Todas essas reflexões lhe ocorreram num minuto, e, conhecendo a fundo a maneira de

impressionar Rosalinda, atirou-se-lhe aos pés e exclamou com desespero e humildade bem representada : - Tens razão

para me odiar e desprezar, confesso que sou um miserável, um poltrão. Reconheço a justiça do teu libelo e

confesso-me horrorizado de mim mesmo ; entretanto, quando te traí, perseguindo Gertrudes, tu me

havias abandonado por seis meses e o meu amor árdego me levou a procurar distrações, aliás, indignas, bem o sei.

Esse mesmo amor que me inspiraste, é o que me fazia ter ciúmes do meu adorado pai, a quem, no entanto, amava acima

de tudo neste mundo, tanto que me não deito nem levanto, sem orar por ele. Kurt adivinhava que essa comovida

referência a meu respeito não deixaria de produzir alcance. Prosseguiu: - A verdade é que pensavas só em ti, nas

tuas e não nas minhas mágoas. Irritado, despeitado, pensei em te suscitar ciúmes e procedi, então, com a

indignidade que justamente verberas. Contudo, não posso admitir que me abandones, pois a tua perda me acarretaria

conseqüências que nem quero imaginar... Perdoa-me, pois; apieda-te de mim! Rosalinda ofegava. Por fim, falou com

voz opressa : - Como perdoar tanta desumanidade? Ainda bem não se enterrara teu pai e tu, por mesquinha vingança,

comprometeste o futuro de uma pobre criatura, tua vassala e, o que mais é: - não franca e lealmente, mas aleivosa e

torpemente. Depois, abandonaste tua avó às portas da morte. Pois bem: teus juramentos não me interessam, nada valem

para mim, que sinto e sei que ninguém abandona o ser amado na hora do perigo... Se Léo adoecesse entre pestosos, eu

só teria a preocupação de que pudesse morrer fora dos meus braços. Portanto, deixa-me partir. O farsante mostrou-se

desesperado: - Se te fores, rebentarei a cabeça nestas paredes; mas, (inclinando-se) não prometeste a meu pai que

jamais me deixarias? E queres, então, fazê-lo justamente quando te prometo corrigir-me? Sim, tu o prometeste a esse

pai, que me considerava o seu mais precioso tesouro o que nunca se mostrou indiferente aos meus dissabores! Vais,

assim, desmentir tua palavra quando ele, por morto, já não pode protestar? O canalha, sempre que lhe convinha,

valia-se do meu nome, do meu afeto, e desta feita atingiu completamente o alvo. A recordação do nosso último e

doloroso adeus sensibilizou o coração de Rosalinda e ela rompeu em soluços... Farto de tanta miséria e arrependido

da minha fraqueza em comprometer assim a pobre Rosa-

linda, esquivei-me ao cenário e, elevando-me no espaço, procurava o guia e amigo, a fim de reconfortar-me. Não sei

dizer quanto tempo assim estive, afastado da Terra, quando uma vibração etérea me advertiu que graves

acontecimentos se estavam passando no castelo de Launay, onde residia Wilibald, outrora Marcos, médico de Tibério e

amigo de Astartos. Na história de Tibério, o médico pouco aparece e, para que o leitor não pense, conhecendo a

vida de Wilibald, que seu espirito tivesse regredido em vez de progredir, preciso dizer que ninguém ali havia que

pudesse analisar o caráter de Marcos. Astartos, que foi quem melhor o descreveu, com os seus sentimentos de então,

era um gladiador intrépido, mas não um observador profundo ; era um camponês que votava grande estima ao sábio

médico. Claro que o homem rústico, embrutecido no seu mister sangrento, não podia ter acuidade mental e sutileza de

observação do conde de Rabenau desencarnado. Aqui, devo esclarecer a psicologia de Marcos, qual era naquela

encarnação. Não era homem bom e generoso por natureza, mas antes um temperamento maleável, que lhe permitia

manter-se na corte e fazer-se indispensável ao seu cruel soberano. Amigo dos próprios que o odiavam, ele a

todos

obsequiava, embora pronto sempre a trair uns e outros. Não desprezava a ninguém, de vez que todos lhe podiam ser

úteis ; os áulicos por seu prestigio e os traficantes por seus recursos monetários, pois não era impunemente que se

mantinha na roda do selvagem Astartos, jogador e beberrão como ele mesmo. Ainda no seu amor a Lélia era covarde,

pois não tinha a coragem de defender nem de matar a mulher amada. Não obstante, com essa maleabilidade de caráter,

fazia pomadas para sarar as chagas abertas pelo chicote de Tibério e nunca a defendeu, por simples gestos ou

palavras que fosse. Salvou-se, disse eu em narrativa de Astartos, porque era benquisto e tinha muitos amigos ; mas

a verdade é que os adquirira justamente com essa engenhosa artificialidade, que o levara a acatar todo mundo,

visando sempre pessoal proveito. A desgraça o feriu antes que estivesse bastante elevado e garantido para mostrar

o reveso do seu temperamento. Assim era ainda o nosso Wilibald de Launay ; pródigo e folgazão, tinha dissipado a

fortuna e não guardava aparências de luxo, senão a custa de expedientes. Conservando, ainda, a velha maleabilidade

de caráter, fixou-se na corte ducal, onde a vida era mais fácil e tornou-se cortezão flexível, a divertir o duque com boas

pilhérias, tanto quanto a duquesa e suas damas com o seu estro de rondós e discursos laudatórios. Dotado de bela

aparência, dono de magnífica voz e habilíssimo esgrimista, sabia como ninguém triunfar nos torneios com as divisas

da dama de sua escolha. Todavia, volúvel e sensual, não se fixava em parte alguma, amando por toda parte, cantando

hoje uma loura e amanhã uma morena. Nem mesmo as castelãs maduras lhe escapavam, desde que lhe oferecessem algum

partido. E nesse caso quando não lhes podia cantar a beleza, exaltava-lhes as virtudes. Enfim, um poço sem fundo

este Wilibald, e não foi à toa que se murmurava na corte a respeito dos amores de uma velha casquilha, que não

quisera abrir mão do apelido de bela Leonor, que merecidamente, aliás, tivera na juventude. Casada com um velho

fidalgo, não tendo filhos, essa criatura cinqüentona exibia-se em todas as festas e torneios e acabou morrendo de

amores pelo belo Wilibald que, muito de indústria, soube vender caro a sua juventude. O velho barão de Launay me

havia nomeado tutor dos dois filhos e assim foi que Rosalinda, com cinco anos apenas, se recolheu ao castelo de

Rabenau. Seu irmão, posto que muito a estimasse, à sua maneira, pouco se preocupava com ela e só por vaidade o

fazia - a vaidade de ter uma irmã tão bela. De resto, amigo de Kurt e de Alberto de Rouven, sobre o qual exercia

alguma ascendência. Enquanto vivi na Terra, sempre ajudei Wilibald, que me comprazia por sua inteligência. Com

Kurt, porém, o caso era outro, porque o meu herdeiro era avaro, rapace, invulnerável. Valendo-se dos seus talentos,

Wilibald, sem se humilhar, era bem acolhido em toda parte e reconheço que, com o seu gênio perdulário não procedia

de outra maneira. Entretanto, Kurt, que estava a coberto de quaisquer necessidades, por baixeza de caráter

procurava ensejos para dobrar a espinha. Oh! sim : rastejar perante o que lhe parecesse grande e áureo, constituía

honra para êle. Já do meu tempo na Terra, Kurt freqüentava a corte e se fazia humilde cortesão. No séquito da

duquesa figurava jovem e bela viúva, de nome Cunegundes, herdeira de riquíssimo e velho fidalgo, que desejava

muitíssimo vê-la casada em segundas núpcias. Formosa e amorável, a Cunegundes sobravam adoradores. Kurt alistou-se

entre eles e conseguiu cair-lhe em graça. Por mim, desaprovei tal casamento, convicto de que o gênio caprichoso

de Kurt e as paixões mal dissimuladas de Cunegundes desfechariam em pandemônio conjugal; mas, fraco como sempre

para resistir aos caprichos do filho querido, anuí aos esponsais, fixando-lhes um ano de espera, para que

consolidassem seus votos. Wilibald tinha acompanhado com olhos de inveja o namoro de Kurt com a viúva e soube

fazer-se amigo de ambos. Aproveitando a dilação, aguardou o momento de uma rixa mais séria dos noivos, (coisa aliás

freqüente, dada a impulsividade de ambos) para falar a Cunegundes de uma tal Godeliva, misteriosamente

desaparecida e que diziam casada com ele e por ele assassinada num acesso de feroz ciúme. Ao ensejo dessa conversa,

o trovador, cantando os olhos negros e os cabelos louros da viúva, foi capitulando todos os defeitos do noivo :

avareza, vaidade, brutalidade para os servos, aventuras amorosas... Não deixava, é certo, de desculpar o amigo, mas

a insinuação estaria feita. Nesse ínterim, falecia o tio de Cunegundes, legando toda a opulenta fortuna à futura

condessa de Rabenau A jovem viúva, porém, começava sentir-se ameaçada de perigo maior com as cenas violentas que

Kurt lhe armava, e aproveitou um momento em que ele, para pirraçá-la, cortejava a princesa úrsula, para romper o

compromisso, ou melhor dito : para trocar o noivo, irritadiço e voluntarioso, pelo trovador que se apoderou

melancolicamente das divisas. Julgando-se ao abrigo de qualquer suspeição, uma vez que a decantara antes de herdar

a fortuna, Wilibald só poderia regosijar-se de ver assim espontaneamente aceito e recompensado o seu fiel e

modesto amor. Kurt voltou ao lar, desesperado e furioso, acusando todo mundo de infâmia e traição, e nada

percebendo do malentendido que lhe restituía a sua liberdade. Consoleio que pude, sem falar no causador do

rompimento, para não acenar com um trapo vermelho ao meu novilho berrante. Aliás, ele depressa se consolou,

recomeçando pela quarta vez a reqüestar Rosalinda, que possuía o dom mágico de refrigerar sempre os seus melindres

ultrajados. O casamento de Wilibald foi realizado com toda a pompa e o boêmio fidalgo antegozava o esbanjamento da

opulenta fortuna ludibriando, naturalmente, a mulher. A

jovem baronesa, inteligente e precavida, soube resistir e anular as veleidades do estroina. Assim, promovia festas

magníficas, opíparos banquetes, com os quais Wilibald podia divertir-se e gozar à saciedade, mas o seu lema era :

nada de infidelidade, nem dissipações. Profunda melancolia apossou-se do rapaz, e contudo, nada mais lhe restava

fazer, senão conformar-se. Assim corriam as coisas, quando me passei dessa para um mundo melhor, onde a lucidez

espiritual me ensinou a desprezar mais os homens. Assim exposto o passado, volto ao momento em que um apelo do

Espaço me atraiu ao castelo de Launay. Ali me encontrei no quarto redondo de uma torre, onde se me

deparou a mesa

guarnecida de preciosa baixela e finas iguarias. Percebi que esperavam apenas pelo castelão, para iniciar o jantar.

À luz de duas velas esbatia-se o perfil sedutor de Cunegundes, que, vestida de branco e de cabelos soltos, ocupava

rica poltrona brasonada.   Junto dela, de pé, estava um rapaz de beleza incomum : cabelos crespos e negros,

fisionomia enérgica e olhos cintilantes cravados no rosto da castelã que, por sua vez, refletia a paixão ardente

que lhe ia nalma. Esse jovem era Guido, alquimista italiano que, a breve trecho, chegado da corte, se havia

instalado no castelo de Launay. Nesse momento, Guido tirou da bolsa um frasquinho e, examinando-lhe o conteúdo à

luz da vela, disse: - Veja, senhora ; algumas gotas no vinho é quanto basta para ficar livre. Convença-se de que

deverá agir, pois do contrário, quem se vai sou eu. Amo-a, louco, perdidamente, é certo : mas, o meu temperamento

italiano não tolera partilhas. A verdade é que, cansado de peregrinar ao léu da sorte, o maroto queria implantar-se

ali, tudo abocanhar e dominar, como senhor, antes que amante apenas tolerado... Enquanto assim lhe punham a vida em

jogo, Wilibald fulo de raiva, escondia no gibão aguçado punhal italiano. Ia jantar com a esposa e tencionava, à

sobremesa, liquidar o imprudente aventureiro. E esperava consegui-lo, crente de haver bem dissimulado a sua boa-fé,

como quem tudo ignorava até o momento. Ao vê-lo galgar as escadas que contornavam a torre, ninguém diria ser aquele

mesmo trovador alegre e sorridente da corte ducal. A idéia de que o vil alquimista nadava em ouro, ferventava-lhe

os miolos. Atrás dele seguiam dois pajens com duas cestas de flores; mas, no fundo de uma delas, via-se oculto um

rôlo de cordas, para amarrar o alquimista, caso não sucumbisse ao primeiro golpe ; e na outra, um chicote, para dar

juizo à ingrata Cunegundes. Os atores terrenos da tragédia que se ia desenrolar, engendrada por suas paixões, não

podiam ver o fluido negro que começava a acumular-se em torno deles, bem como a maleficente alegria dos seus

inimigos, que procuravam excitar-lhes mais ainda essas mesmas paixões. Preparei-me então para assistir

aos

acontecimentos. Cunegundes agradeceu ao marido as flores, dando-lhe uma palmadinha na face, com trejeitos de

faceirice. Procurando esboçar um sorriso, Wilibald assentou-se, saudando polidamente o alquimista, que ergueu a

taça, dizendo: - "A sua saúde, Barão!" - ao mesmo tempo que a baronesa enchia e passava ao marido outra taça. O

barão, despreocupado, ou antes, preocupado com o seu plano, esvaziou a taça de um trago ; depois, despediram os

pajens e logo o italiano apressou-se em fechar a porta por dentro. Wilibald, ocupado no momento em trincar uma

caça, levantou a cabeça, admirado. Como! estais louco - disse, levantando-se e dando alguns passos para a porta.

Súbito, porém, deu um grito e comprimiu o peito com as mãos... Era o veneno letal... Num instante, o belo rosto

desfigurado se cobriu de manchas roxas, sangrenta espuma lhe aflorou dos lábios e, contorcendo-se em dores que lhe

rasgavam as vísceras, tombou agarrado à mesa, que cedeu com estrépito. Cunegundes, assustada, esgueirou-se para um

canto mais escuro, enquanto o marido se rebolava no assoalho, vociferando blasfêmias. De repente, porém, reanimou-

se com os fluidos renovadores de um Espirito tenebroso, levantou-se de um salto e, agarrando o alquimista que lhe

dava as costas procurando encorajar a dama, levantou-o com sobre-humana força e o projetou pela janela afora. Um

grito espantoso e logo o baque do corpo, caindo no tanque encostado à torre, anunciaram o fim do italiano. Cune

gundes desmaiara e Wilibald se agarrou ao peitoril da janela, rasgando as vestes e careteando as derradeiras

convulsões. Fortes descargas elétricas me anunciaram o corte rápido dos fios carnais, plenos de energia vital, que

estalavam doloridamente. L.

Compadecido, aproximei-me e projetei um fluido acre, que tonteou o Espírito, e cortei a artéria principal.

Aturdido, vacilante, o espírito de Wilibald surgiu entre nós, ressentindo os efeitos da desencarnação violenta.

Vês? - disse-lhe eu, apontando o corpo desfigurado, a traição jamais enseja a felicidade; invejando a sorte de

Kurt, arrebataste-lhe essa mulher ; por amor ao dinheiro, a ela te vendeste, e agora colhes o fruto que plantaste.

Convence-te, então, de uma vez para sempre, que enquanto não te deixares levar pelo tipo ideal da mulher, hás de

perecer assim miseravelmente, sempre. Consideramos ainda : tua existência era inútil, passaste vinte e seis anos a

esbanjar dinheiro, traindo e gozando ; e mesquinhos quais tua vida, eram todos os teus planos. Voltas, agora, à

Pátria espiritual, tal como daqui partiste ; não combateste em favor de qualquer bastarda ... Espírito indolente,

não chegaste, sequer, a experimentar uma dessas erupções vulcânicas, que norteiam o pensamento para o bem ou para o

mal e que, ainda assim, sempre representam um trabalho moral. Eu me sentia com autoridade para falar desse modo,

porque, não obstante minhas faltas, era superior a Willbald. Nesse instante, apareceu um grande Espírito,

melancolicamente velado e me apressei a interrogar qual o destino do recém-desencarnado. - Errar no plano

espiritual, solitário e inativo - foi a resposta. Nuvens paradas repontaram do espaço e arrebataram o Espírito de

Wilibald num turbilhão semelhante à existência humana que tivera. Por vezes, o mosteiro me atraía. O que lá se me

deparava era inatividade! Faltava a mão que acionava a roda. Os conselheiros que ajudavam os "Irmãos Vingadores"

estavam desanimados, uns abandonando seus planos, outros entregues a impotente desespero. Algumas vezes, atraindo o

fio vital de algum médium, tornava-me visível nos corredores sombrios e gozava o louco terror dos monges. Meu

sucessor gozava tranqüilamente as honras do cargo ; a ambição o induzira a colocar nos ombros um fardo próprio para

gigantes, mas logo se descarregou dele, Pois faltava-lhe espírito de abnegação para servir à causa

Deixava-se absorver na leitura de livros cujo preço apreciava, mas temia espalhar as luzes assim captadas,

entre os seus subordinados. Deleitava-se, em suma, com essa vida preguiçosa do corpo e do espírito, que eu jamais

pudera suportar. Dinâmico e febril por natureza, desesperava-me ao ver que Benedito, em vez de cogitar dos

interesses da comunidade, passava horas e horas debruçado sobre um missal, a pintar figuras desgraciosas, de

pequenez irritante e de acabamentos que exigiam semanas para bordar apenas o manto de um rei mago ou de um santo

mártir ! Impaciente e inconformado, tratava então de fugir daquele sítio, onde já não podia comandar. Regressei ao

castelo de Rabenau, onde acabava de chegar um mensageiro ofegante, levando a notícia da morte de Wilibald. Kurt lá

não estava e Rosalinda profundamente compungida com a morte do único irmão, logo partiu para Launay, a fim de, com

lágrimas sinceras, acompanhar o féretro á abadia dos Beneditinos, onde deveria ficar sepultado. Ali, acabrunhado,

vi que se preparava grande atentado contra ela, e em vão lhe gritava que não passasse a noite na igreja. Os ouvidos

dos encarnados são moucos e eles comumente encaram como fruto de ignorância, ou fraqueza de imaginação, as

advertências e conselhos que lhes sugerimos. O miserável Mauffen amava instintivamente essa mesma Rosalinda,

outrora Lélia, da qual me havia mostrado, em tempos idos, um punhado de cinzas, temendo que ela pudesse

ressuscitar. E aquilo que Tibério tinha temido, Mauffen agasalhava no coração, isto é: - uma paixão tenaz e

insatisfeita. Vi quando ele, Mauffen, deslisou para a igreja com o seu hábito negro. Vi-o com aquele rosto pálido,

de traços bem acentuados, só lhe faltando a toga para identificar o famoso imperador romano. Ele a apresou de

assalto... e eu emiti milhares de fios elétricos, procurando os tímpanos auditivos de Sanctus e de Benedito.

Percebi que se sobressaltaram e dispararam pelo corredor, até a cela de Mauffen, para compreender o que lá ocorria.

Nesse entretempo, Rosalinda se defendia corajosamente contra o dementado monge, cuja raiva não tinha limites.

Depois, a porta cedeu e Rosalinda se julgou salva ; mas eu tremia dolorosamente em meu perispírito, vendo Mauffen

apanhar o punhal que ela deixara cair. Em vão meus amigos deste lado se precipitaram. O que só puderam conseguir

foi desviar o golpe que, doutro modo, seria mortal. Sob o jacto de fluido dissolvente, a ponta da

arma se fundiu, resvalou e feriu abaixo do ponto visado. Não tardou que meus nervos fluídicos me advertissem do

próximo fim do filho que tão caro me fora. Oh! - pensei comigo mesmo - se ele de fato conservar no coração um

resquício de afeição a Rosalinda, não deixará de o revelar agora, no temor de perdê-la. Mas... decepção cruel! -

Kurt chegou e nenhuma vibração de amor, de pesar, nem mesmo de terror, lhe jorrou do coração vazio, que somente se

contraiu de enfado à vista de uma ferida! E, já temeroso de presenciar uma agonia, imaginou de pronto como deixasse

a outrem o encargo de assistir à moribunda e, mediante simulado delíquio, (resultado de fadiga ou desespero)

eximir-se ao quadro desagradável. Não teve tempo, contudo, para executar esse projeto, pois Bernardo lhe participou

que o ferimento não era mortal, e então decidiu-se a lançar os olhos ao semblante da esposa desmaiada. Os olhos de

Rosalinda permaneciam cerrados e os cílios negros projetavam uma sombra em suas feições mimosas. Fora preciso o

encanto invulgar de Rosalinda e a forte dose de sensualismo de Kurt, para que esses dois fatores reunidos lhe

dominassem o enfado Assim, acercou-se da vítima e cobriu-a com o manto. E para mostrar a Mauffen os seus direitos,

carregou acintosamente a mulher disputada. Rosalinda foi conduzida ao convento das Ursulinas e lá os Espíritos

curadores lhe rodearam o leito com uma camada de fluidos azulados e transparentes, que o organismo extenuado e

ávido de forças renovadoras logo absorvia. Para eximir-se aos cuidados e incômodos que o estado da esposa requeria,

Kurt pretextou negócios importantes e urgentes, deixando-a entregue às freiras ursulinas e duas servas vindas do

castelo. Isto posto, desbordou-se em aventuras: amou uma viúva catorze dias; dedicou-se depois, uma semana, a jovem

aldeã ; e outra ainda, a uma estalajadeira de obscuro albergue. Depois, passou quinze dias na corte ducal a

reencetar seus velhos amores. Finalmente, de tudo entendido e desejoso de subtrair-se aos desgostos que

perfidamente suscitara, fêz-se marido terno e leal para retomar a esposa convalescente. Assim, após três meses de

ausência forçada, Rosalinda gravemente ofendida aproveitou a ausência do marido, que empreendera uma caçada, e

resolveu retirar-se para o seu castelo de Loevenberg. O padre Lucas ficou

incumbido de lhe dizer, da sua parte que, uma vez tão bem disposto com o ensejo de sua enfermidade,

poderia assim

prosseguir dali por diante. O tresloucado Kurt não podia deixar de exasperar-se furiosamente, de vez que estava,

então, num dos seus períodos de exaltação amorosa pela esposa. Rosalinda era-lhe indispensável. Procurou-a, não foi

recebido. De regresso, encontrou na floresta um carvoeiro, nem mais nem menos que o malogrado noivo da pobre

Gertrudes, que, vendo sozinho o homem que lhe destruíra a felicidade, atirou-se a ele e o esfaqueou, deixando-o

caído na estrada. O golpe, porém, não foi mortal. A hora de Kurt não havia chegado e ele imaginou logo que o

incidente lhe poderia ser útil. Divulgou desde logo o atentado, para demonstrar a Rosalinda que a causa da sua

repulsa não vingaria melhores resultados, antes pelo contrário ! Uma vez que o atentado ocorrera justo ao regressar

de Loevenberg, onde ela recusara recebê-lo; e ainda porque do feito não houvesse testemunhas, faria constar que o

desespero o teria levado a suicidar-se, e quem sabe, assim alcançaria o arrependimento, a reconciliação e

assistência da esposa melindrosa. Assim pensando, apeou do animal, enxotou-o e estendeu-se no solo. Camponeses de

passagem, ao verem um fidalgo exânime, com um punhal sangrento na mão, puseram-se a gritar e logo reconhecendo o

senhor Rabenau, improvisaram uma padiola e trataram de comunicar ao padre Lucas, que, presto acorreu surpreendido.

Kurt fingiu-se desacordado; mas quando o padre lhe pensava o ferimento, abriu os olhos e murmurou baixinho que

ninguém procurasse um malfeitor, pois só a repulsa de Rosalinda lhe determinara aquele ato desesperado. À vista

disso, padre Lucas desistiu de quaisquer devassas a respeito, tratando logo de conduzir ao castelo o nobre ferido,

que continuava fingindo atrozes padecimentos e não falava senão da mulher. O capelão enviou a esta um mensageiro e,

tal como Kurt imaginara, Rosalinda acorreu consternada para junto do pretenso moribundo. Com voz desfalecente, o

falso "suicida" engrolava palavras de arrependimento e Rosalinda, assaz comovida, prometeu não mais o abandonar e

de fato velou à sua cabeceira noite e dia, até que de todo se restabelecesse. A convalescença, já se vê, foi

demorada e trabalhosa para quantos o assistiam, tendo em conta seus caprichos e impertinências. Sobressaltado e

inconformado com o menor sintoma ou sensação dolorosa, impressionava-se com a morte e chegou a comungar duas ou

três vezes. Dia a dia, tornava-se mais insuportável, exercendo sua maldade principalmente com Rosalinda, a quem

exprobrava tê-lo abandonado, levando-o ao extremo desespero. Sem embargo, não se eximia de perseguir qualquer

rapariga bonita que aparecesse no castelo. Um dia em que Rosalinda, mais que nunca revoltada, tentava despedir uma

empregada por ele seduzida, resolveu ir até ao castelo de Loevenberg. Ao passar perto do casebre onde morava a

infeliz Gertrudes, esta lançou-se-lhe aos pés e confessou que o noivo, reconciliado com ela, se havia ali

homiziado, depois que atentara contra a vida do conde. Ajoelhada a seus pés, suplicou proteção e auxilio para se

ausentarem do país, visto que seu pai já não existia. Rosalinda aquiesceu e prometeu, penalizada, socorrer o

desditoso par, regressando indignada ao castelo e disposta a desmascarar o audacioso hipócrita, que ainda uma vez

tripudiara da sua boa-fé. Kurt se preparava para jantar quando ela entrou na sala, de rosto esfogueado e olhos

coruscantes. - Que se passou contigo para te mostrares tão exaltada - perguntou comovido - por isso que a coloração

daquelas faces o -Faziam perder de súbito a impressão de indiferentismo que a esposa lhe infundia, desde que ele se

restabelecera e ela esmaecera afadigada. - O que há é que és um mentiroso desprezível, com essa história de

suicídio. Mas, logo se deteve em presença dos criados, e Kurt furioso exclamou: "Fora daqui, todos..." A sala

esvaziou-se como por encanto, ficando apenas o padre Lucas. - Estúpida que sou em acreditar em ti ! E tu, hipócrita

refalsado, ainda por cima me arguis de insensível! Então não foi o noivo da mal-aventurada Gertrudes quem te feriu?

- Consente que diga - objetou ele com doçura e dignidade - que não é justo procurar motivos para caluniar teu

marido; as aparências atestam contra mim; mas crê, só a falta de tua confiança me impediu de revelar toda a

verdade, desde logo. Padre Lucas, meu confessor, ali está para confirmar que sempre me julguei em falta e

arrependimento, com relação a Gertrudes Padre Lucas inclinou-se num gesto confirmativo.

- Pois bem - prosseguiu - quando o noivo da pobre rapariga me feriu, desisti de mandar enforcá-lo, como de direito

me competia, e chamei a mim toda a responsabilidade do crime, não só no intuito de salvar a vida do criminoso. De

resto, (aprumou-se altaneiro) sou bastante religioso para não tentar jamais contra a própria vida. Entretanto,

crente de que ia morrer, era natural quisesse rever minha esposa. Rosalinda tudo ouvia embasbacada, acabando por

dizer : - Foi assim? verdade que foi por isso que me iludiste? - Oh! que motivo outro poderia existir? - eu quis

apenas resgatar com os meus sofrimentos o mal que fiz à pobre Gertrudes. E dizendo-o, acercava-se de Rosalinda,

tomava e lhe beijava a mão. - Meu inquebrantável amor por ti, é pois tão ofensivo? Pois olha : eu não me esqueço

que és o legado mais precioso daquele pai querido, e o só desejo de resgatar um erro é que constitui meu crime. Em

todo este episódio Rosalinda, que não podia suspeitar de tanta hipocrisia, reconciliou-se com o marido e o jantar

tão mal começado, acabou em paz. Logo em seguida, Kurt mandou chamar Thisbo, servo de sua predileção e inteira

confiança, aliás perverso e truculento, cometendo-lhe a incumbência de prender o carvoeiro e conduzir Gertrudes a

um castelo distante, isso depois de enforcar o noivo diante dela, por lhe tirar, assim, tôda a vontade de viver.

Essas ordens foram cumpridas à risca e, por algumas semanas, o desalmado Kurt assediou de tal arte a esposa, que

ela não pôde enviar a Gertrudes o prometido socorro, para que se exilasse com o desgraçado noivo. Um dia, porém,

enquanto o conde buscava o palácio ducal, Rosalinda teve notícia da terrível tragédia e se arrependeu amargamente

de haver, no auge da sua cólera, traído o segredo do infeliz casal, antes de lhe ter provido a segurança.

Indignada, desesperada, recolheu-se ao oratório e a idéia de estar ligada a um homem tão infame, por pouco a

enlouquecia. Rosalinda fora minha discípula, muitas vezes conversáramos, horas e horas, sobre assuntos

desconhecidos das mulheres daquele tempo. Seu intelecto desenvolvido, agudo, exaltava-lhe ainda mais a

sensibilidade, com relação aos ultrajes do marido.

No curso de sua perturbação moral, naquele momento, vi aproximar-se um mau Espírito ; mas, não obstante desejar

afastá-lo, nada consegui, sentindo-me até esgotado pelos próprios fluidos pesados que me envolviam. - Desembaraça-

te dele - sussurrava-lhe o espírito maléfico - é um réptil venenoso, funesto a quantos se lhe aproximam. Considera,

que liberta do seu jugo ominoso, muito benefício poderás fazer. Não estás farta de saber que ele te não ama? Olha

que se não o liquidares, acabarás liqüidada, senão a ferro ou veneno, a golpes de amargura. Vê como estás

desfigurada: teu rosto é de cera, olheiras violáceas, lábios secos e retraídos, e o sangue te escalda os miolos a

cada instante... Tais as insinuações do malévolo espírito, que se entrechocavam na mente exaltada e vacilante da

pobre Rosalinda. - Desde que me casei com ele - monologava ela consigo - não mais tive sossego, subordinada aos

seus caprichos extravagantes. Sem filhos, dentro de poucos anos minha beleza se fanará e o miserável não trepidará

em repudiar-me, vergonhosamente. Esta hipótese fê-la estremecer e começou a suar em abundância. - Pois que morra

ele, então, e saberei resgatar o crime odioso com a salvação de mais alguns inocentes. Kurt deveria regressar

depois do jantar. Febril, nervosa, Rosalinda ordenou que lhe servissem no quarto a refeição da noite. Vestiu-se de

branco e, trêmula, abriu uma caixinha (comprada a um alquimista italiano que se hospedara, havia pouco, no castelo)

dela retirando pequeno frasco contendo esverdeado líquido que, sem maior sofrimento e sem deixar vestígio - dizia-

se - tinha efeito fulminante. Sôfrega, deteve-se em frente da janela aberta, em cujo peitoril alguns pombos

debicavam quaisquer migalhas. Queria experimentar o tóxico; mas, era evidente que não se animava a sacrificar os

inocentes e graciosos bichinhos. Afastou-se, ao ver que começavam a pôr a mesa do jantar e assistiu a esse

trabalho como se estivessem armando um cadafalso. Experimentou, assim, as angústias que soem preceder à realização

de um crime. Em seguida, despachou os criados e, certa de que ninguém poderia observá-la, derramou o

veneno da taça

de ouro do castelão, taça que, pela profundeza e espessura, mal deixaria transparecer o conteúdo. E, como se já

houvesse perpetrado o crime, deixou-se cair numa cadeira, exausta de forças.

Debalde me esforçava eu em segredar-lhe: - Deixa-o: ele encontrará quem o castigue; lembra-te de que é o filho de

Lotário que vais aniqüilar. Em sua cólera e orgulho ofendido, ela como que me respondia :

, - Não, já não posso tolerar esta convivência, esta união, este suplício; é preciso destruir essa criatura

nefasta, a benefício meu e de muita gente. O ruído da ponte levadiça levou-a à janela e, procurando acalmar-se,

assumiu atitude displicente, atirando migalhas aos pombos. Kurt não tardou a surgir no pátio, a cavalo, sobraçando

um falcão e seguido de alguns escudeiros. Enquanto ele subia a escada, tinha ela a impressão de que o cérebro se

lhe rompia. -- Ah! - exclamou ele entrando - mandaste servir

aqui o jantar? E após ligeiro saudar, deixou-se cair numa cadeira, displicente e fatigado, esticando as pernas.

Febril agitação me abalou o perispirito, ao considerar que Rosalinda ia macular-se com um crime odioso. Do coração

me brotou ardente súplica a meu guia espiritual, que logo surgiu, pacífico e luminoso. Ele tudo sabia e, com o seu

fluido auriazulado tocou o coração e a mente da atribulada criatura que eu, com os meus fluidos pesados, não

conseguia atingir. Nesse momento preciso, Kurt encheu de vinho a taça e levou-a aos lábios... - O guia sugeriu

então: "Todo crime é condenável, pois lá está no Evangelho, que o sangue derramado recai sobre aquele que o derrama. E Rosalinda logo considerou, em

si mesma, que devia emendar a mão. De um salto, terrificada, bateu no braço do marido e o choque inesperado

derrubou a taça, entornando-se o conteúdo letal. Eu me senti como que aliviado

de um peso enorme e o protetor afastou-se de súbito. Kurt, estupefato, olhava alternativamente para a taça

e para a esposa, petrificada diante dele e pálida como

um cadáver. Aquele rosto desfigurado lhe fez presumir, em parte, a verdade. Lívido, lábios trêmulos, inclinou-se,

tomou a mão da esposa e perguntou: - Que é isto? por que não me deixaste beber?

- Porque a tua indignidade não vale o sacrifício de um atentado, que haveria de macular minhas mãos e minha alma

. Ele rojou-se-lhe aos pés e balbuciou com voz insegura: - Querias envenenar-me? Não, não creio ... Não é

possível ... Mas, afinal, por quê? Na sua vaidade, ele não podia conceber semelhante atentado à sua valiosa pessoa,

e muito menos que pudesse exasperar uma mulher a ponto de lhe transformar em ódio o afeto, para culminar no crime.

- Pois é verdade - prosseguiu Rosalinda - desejava desembaraçar-me de ti, porque és um perjuro, sem fé nem lei.

Para ti não há dignidade, honra, amor, fidelidade, moral enfim. Sempre que falas é para atraiçoar e mentir. Fazes

de mim joguete dos teus caprichos e já não posso tolerar tanta maldade e aleivosia. Dize-me : que fizeste do

carvoeiro? Felão, não vês que ,conspurcas o nome de teu pai? Ao derramar veneno, hoje, no teu copo, travei com a

consciência a luta maior da minha vida, experimentando todas as angústias infernais. Agora que tudo sabes, deixa-

me partir, visto que as tuas infidelidades e maluquices me exasperaram a ponto de ameaçarte a existência. Desta

vez, meu anjo da guarda pode evitar o crime; mas, quem poderá garantir a repetição desse amparo da Providência?

Assim falando, deixou-se abater numa cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Kurt tudo ouviu acabrunhado. Ela soubera

de tudo e procedera no auge da desesperação e ao demais, não chegara a consumar o crime; logo - considerava - não

lhe era ele de todo indiferente e quereria fugir-lhe mais, talvez para se não deixar vencer pelo ciúme. O coração

lhe inchou de vaidade e deitou à esposa ferida e indignada um olhar de satisfação íntima. E como lhe pareceu bela,

com aquele vestido branco de mangas abertas, que deixava entrever os braços roliços e bem torneados! O semblante, o

colo alto, os cabelos negros, tudo nela despertava um novo encanto e até a maneira pela qual quisera eliminá-lo,

exaltava-lhe o sistema nervoso esgotado. Lançou-se-lhe então aos pés, procurou destapar-lhe o rosto: - Rosalinda,

doce amada, perdoa-me ... Aqui me tens a teus pés e crê que te agradeço o me haveres poupado a vida, para que

possa emendar-me e reparar minhas faltas. Nunca, como neste momento, pude avaliar a extensão de minhas culpas; mas,

ainda uma vez - a última vez - te suplico, perdoa teu marido. E chorava! sim, chorava não de arrependimento, mas do

choque nervoso que a iminência do perigo lhe causara ... Deixe-me - respondeu Rosalinda, repelindo-o - eu nada

quero de ti senão ausência definitiva; recuso protestos de falso amor, mentirosas promessas de regeneração.

Deixarei esta casa, ninguém me poderá deter. Quanto a ti, fica-te à vontade e bom proveito possas colher dos teus

deboches e traições. A mim é que me não apraz aqui viver, traída e humilhada. Levantou-se tentando fugir-lhe.

Vendo-a assim esquiva e resoluta, ele exclamou: - Não crês no meu amor e quiseste matar-me ... Pois bem: se me não

perdoares, atiro-me desta janela ao pátio. De um salto, galgou o peitoril, contando com a comoção da esposa. Esta,

incapaz de calcular a farsa, deu um grito e estendeu os braços para detê-lo. Mas a verdade é que o farsante, só por

dar mais colorido à cena, alçou uma perna e tomando atitudes, gritou : Queres que te tragam meu corpo espedaçado? -

Ficarei - disse ela com voz soturna, apoiando-se no espaldar da cadeira. Kurt desceu da janela, abraçou-a e beijou

-a, mesmo desmaiada. Duas horas depois, um escudeiro cuja montaria arquejava e espumava de cansaço, parou defronte

do portão do Mosteiro e pediu os socorros do irmão Bernardo para a nobre castelã. Kurt, mais cabeçudo e intratável

que de costume, estava assentado no seu oratório e a todo instante pedia noticias da enferma. Bernardo lhe declarou

que o estado era melindroso e ele compreendeu que, dessa feita, se excedera na partida. Com que mágoa me acerquei

do leito de Rosalinda, não saberia dizê-lo, senão que utilizava todos os recursos ao meu alcance para aliviá-la, de

vez que sabia, intuitivamente, não ser chegada a sua hora. Kurt ia vê-la uma que outra vez; era evidente que seu

amor arrefecia, pois como já tive ocasião de dizer, ele abominava incoercivelmente toda criatura doente. Ao demais,

tinha refletido muito e acabou revoltando-se com a idéia de que a esposa o julgara tal como ele era e tinha

tramado

a sua perda. Também a ele lhe aprazia desembaraçar-se de quantos o conheciam a fundo. Bernardo havia exigido os

maiores cuidados com a enferma, inclusive absoluto repouso. Kurt valeu-se desta circunstância

para acobertar seu natural indiferentismo e passar todo o tempo em confabulações com o malicioso Tuísco, dileto

confidente dos seus dissabores. Tuísco não vacilou em aconselhar o divórcio e ele, para matar o tempo, recomeçou a

freqüentar a corte, ali passando semanas inteiras a cortejar a princesa Úrsula, cujo casamento havia gorado mais de

uma vez, e que esperava a morte de Rosalinda para fazer-se condessa de Rabenau. Por fim, Rosalinda se restabeleceu;

mas, enfraquecida de corpo e alma, não alimentava qualquer ilusão sobre o marido, sempre ausente. Um dia, ele se

apresentou, procurando fazer-se jovial ; mas um simples reparo nos olhos frios, bastava para lhe desmascarar toda a

hipocrisia. - Querida Rosalinda - disse, assentando-se - ainda não voltamos a falar dos fatos que precederam tua

grave enfermidade. Eu nunca poderia supor que uma leviandade da minha parte pudesse levar-te ao extremo de atentar

contra minha vida, embora já estivesses, ao que suponho, sob a influência dessa febre que poderia ter-te levado à

loucura. Deves, portanto, compreender que, apesar da amizade sincera que te dedico, não posso concordar que a

estirpe dos Rabenaus se extinga com a minha pessoa, ou que venha a ter um rebento sujeito a perturbações cerebrais,

o que por aí se chama de loucura ou possessão demoníaca; tanto mais quanto não nos unimos por livre escolha dos

nossos corações e sim obedecendo a meu pai, que na cegueira do seu amor por nós ambos, resolveu, a todo custo, nos

unir. Certo, não te esqueceste que foi por veneração à sua memória que me concedeste à mão de esposa e que o teu

desespero em perdê-lo foi tão notório que me colocou em situação de marido ridículo. Se eu tivesse podido

adivinhar que ele corria ao encontro da morte, ter- lhe-ia suplicado, de joelhos, que te esposasse.

Rosalinda, indignada tentou interrompê-lo, mas ele confirmou cínico e imperturbável: - Tu não me amas, tu

planejaste deixar-me; portanto, tenho resolvido irmos a Roma e lá obter do Santo Padre o nosso divórcio.

Como não

temos filhos, tudo se arranjará facilmente e ambos ficaremos legalmente livres, visto que uma simples divisão dos

nossos domínios me faria sentir demasiado as cadeias de uma separação incompleta e eu desejo um segundo matrimônio

para legar ao mundo um herdeiro do meu nome. Ao terminar esta perlenga, Kurt ostentava no semblante toda a

brutalidade da sua alma; e seus olhos azuis cintilavam, contrastando com a palidez mortal da esposa convalescente.

Não sei como descrever o que comigo se passava, como espectador forçado e mudo, diante de tanta infâmia. Meu

perispírito vibrava de cólera impotente, tinha ímpetos de asfixiar o desbriado farsante com os fluidos negros que

me jorravam do coração. Cego de raiva, sacudia, tentando desprendê-los, os fluidos luminosos e no momento

embaciados, que me ligavam ao execrável vilão, esquecendo-me de que, com aqueles abalos violentos, arriscava a vida

do próprio médium, de cuja artéria vital concomitantemente me servia. Por fim, ainda pude ouvir Rosalinda dizer : -

"Pois vamos a Roma quanto antes". Depois atirei-me para frente, mas a violência com que sacudia o filamento do

coração, sem atender senão à raiva que me empolgava, excessiva, notei, ou antes, pressenti que Rosalinda, levando

as mãos ao peito havia desfalecido. Nesse instante, luminoso clarão jorrou a meu lado e me paralisou de chofre

todas as fibras. - Não te envergonhas - disse meu Guia - de te entregares, como Espirito, a uma cólera tão

insensata, cujas conseqüências se refletem dolorosamente no médium? Eu estava aturdido, fora de mim, incapaz de

refletir. - Tem paciência, meu amigo, continuou o Guia, saturando-me de azulado fluido refrigerante - ele poderá

esquivar-se à justiça humana, refugiar-se na impunidade que a posição social lhe assegura, salvar-se pela traição e

pela mentira; mas, tu bem sabes que, uma vez despojada do corpo, essa alma recairá inevitavelmente sob a justiça

divina, severa e inelutável. E terás, então, o prazer de, como tantas vezes já o fizeste, tocado por seus rogos e

lamentações, lhe ofereceres o escudo do teu amor. Acalma-te, pois, e não te deixes arrastar a ponto de

fazeres

sofrer um inocente, de vez que nos médiuns, bem o sabes, repercutem todas as nossas comoções espirituais. Essa

exortação logo me acalmou e projetei sobre Rosalinda benéfico fluido, que transformou sua angústia em sono

profundo, reparador. Kurt não se movera para socorrê-la. Limitou-se a lançar-lhe um vago olhar e chamar as criadas.

- Há de chegar, pensava eu, observando-o, a hora do teu ajuste de contas. E procurei manter-me tranqüilo, para não

molestar o médium. Afastei-me, em seguida, absorto em minhas cogitações. Sim, o Guia tinha razão :

não havia motivo para encolerizar-me, uma vez que ninguém podia escapar à justiça divina. A couraça da carne, que

resguarda a insolência de nossos inimigos, quebra-se com a morte e o perispírito desguarnecido não tem como nem

por onde fugir, importando-lhe prestar contas de seus atos e pensamentos. Ah! se os vivos, (falo em tese)

quisessem compreender que ninguém pode eximir-se às leis imanentes; que os falsos pensamentos e vilanias ocultos

sob a máscara da carne serão a seu tempo descobertos... Sede, pois, leais entre vós, amigos encarnados e

desencarnados, mesmo não vos entrevendo, visto que, onde semeardes afetos, aí também os colhereis. Eis porque

permaneci no castelo de Rabenau e não visitei, senão de longe em longe, o convento dos Beneditinos, onde não tinha

semeado afeições. É verdade que ajudara os irmãos vingadores; mas com isso fizera mais mal que bem. As vítimas

estavam no meu encalço, pelo auxílio que prestei à causa daqueles irmãos, e no dia do julgamento haveriam de

apontar-me, dizendo que tinha entretido a chama do ódio. Eu teria podido vingar-me de Benedito, que me arrebatou o

posto e me levou ao suicídio. Contudo, recusei fazê-lo e de mim para mim repetia - um dia nos encontraremos todos

aqui, a fim de prestar nossas contas. Isso, no intuito de acalmar o sangue fluídico que borbulhava em meu cérebro

transparente, sede que é da alma, tênue partícula que é, da invisível Divindade que governa o Universo. Fatigado e

desencantado dessa pesada existência espiritual, desejaria reencarnar para exercer novas tarefas, mas, ai de mim -

era preciso esperar. O tempo não se apressa, nestes domínios, onde compreendemos a eternidade. Por mim, apenas

sabia que a morte de Rosalinda estava próxima e precederia de muito a do pérfido e ingrato Kurt. "Hás de os receber

a todos" - havia dito meu Guia, - e a luta do teu ódio e do teu perdão, enquanto durar a separação dessas

criaturas, será devidamente avaliada. Sombrio futuro, portanto. Qual de nós desconhece (somente o encargo esquece)

aquele momento em que o espírito treme de impaciência junto do inimigo moribundo, espreitando o instante de sua

reentrada no Espaço, onde não mais lhe poderá fugir? Sim, daqui os vigiamos, cortamos-lhes as teias que os

encobrem à nossa vista e os resguardam, em parte, das vibrações do nosso ódio, para, finalmente, os enfrentar

e inundar de fluidos acres, voraginosos, ligando-os não com fibras da terra, mas por laços indestrutíveis e

incoercíveis, que jungem o culpado à vítima para gozar com a sua vergonha, com o seu pavor, todos os seus suplícios

enfim. Oh! esses momentos que o criminoso experimenta, dir-se-ia constituírem um outro inferno, bem mais vivo e

menos banal que o apregoado pelos padres. E de mim se exigia que me privasse de semelhantes momentos; que, ao invés

de cevar meu ódio, procurasse perdoar os inimigos e lhes aliviar os sofrimentos. A tarefa se me afigurava quase

impossível, dado o desencadeamento de minhas paixões. Não obstante, submeti-me e procurei haurir forças mediante

ardente súplica. Um dia, errando no espaço, sem destino, tive o cérebro tocado por uns fluidos azulados e, nessa

espécie de floco que oscilava diante de mim, reconheci algo do fiel Bernardo. E, contudo, certifiquei-me de que não

era ele, mas, apenas uma irradiação do seu pensamento, suficientemente forte para identificá-lo. "E, chegada minha

hora - diziam aquelas vibrações luminosas - tão certo é que o pensamento invisível para vós outros, atravessando a

puríssima atmosfera do plano espiritual, tonaliza a voz, ressoa em nosso ouvido fluídico, tal como se dá no mundo

físico. Essas vibrações poderosas me envolviam e atraíam para o mosteiro, e logo me encontrei no subterrâneo, a

caminho do laboratório, onde se refletiam as imagens fluídicas dos meus pensamentos humanos. Lá havia

trabalhado e

procurado resolver o enigma do além-túmulo, que agora conhecia em parte. Digo em parte, porque apenas erguia uma

pontinha do véu que cobria o mundo da perfeição, no qual não podia penetrar, tolhido pelas paixões que me assomavam

e confinavam na atmosfera de um planeta inferior. Todavia, já não ignorava muita coisa geralmente desconhecida dos

habitantes desse planeta inferior. Na grande poltrona colada à mesa de trabalho habitual, deparou-se-me assentado o

grande, o infatigável sábio, mergulhado em profunda letargia. Tinha, evidentemente, chegado ao termo da vida.

Exaustivo trabalho superior às forças e o ambiente viciado de exalações tóxicas que o cercava, acabaram por

esgotar-lhe o fluido vital, que sói retemperar o organismo. Do corpo ressequido escoava-se um fluido acre e

penetrante, em crepitações de braseiro. Esse fluido dava à epiderme, no local atingido, a tonalidade amarela,

típica da morte. O corpo espiritual se desprendia poro a poro, quebrando o cordão luminoso que o prendia à matéria,

e subia para o cérebro à proporção que se adensava. Duas grandes artérias luminosas ainda funcionavam, posto que

fracamente - a do coração e a do cérebro. Não obstante conturbado e embaraçado, o pensamento do moribundo percebia

a transformação em curso e ele acabou por inquietar-se, apelando para os seus amigos, convicto, mais do que nunca,

da sobrevivência da alma. Rodeamo-lo, tratamos de cortar célere os laços terrenos e não ficou mais que um filete do

cérebro e do coração. Mestre! vem... - murmurou. De pronto, cortei a artéria cerebral; houve um como aturdimento do

espírito, mas o sofrimento cessou. Chegava, então, o momento em que alcançava a verdadeira perturbação, que alivia

o último e mais doloroso transe: o seccionamento da artéria cordial.(1) Percebendo que a perturbação ia empolgando

o querido Bernardo e que o perispírito se desprendia e começava a reconstruir-se inconscientemente, no espaço, com

a rapidez do pensamento, elevamos as vistas para a região em que pairava o Protetor do nosso grupo, porquanto só

Ele tinha autoridade para cortar o último elo perispiritual. De fato, só os Guias dispõem de tal poder, de vez que,

por outra forma, os Espíritos inferiores o empregariam à discrição, extemporânea ou prematuramente, com intuitos de

vingança. Um feixe de luz, mais viva que o raio, atravessou o cordão fluídico que se rompeu com um ligeiro

estalido. O corpo ainda estremeceu por momentos com a invasão violenta dos fluidos da putrefação que, vitoriosos,

qual lava transbordante, invadiam todas as células abandonadas pelo fluido vital, o mesmo que aí denominais

galvânieo. Só no espaço, porém, é que esse fluido toma cor azulada e tépida - confortante, quando, rejuvenescido e

(1) Nota do autor espiritual - Pode-se assim permanecer por algum tempo, depois de seccionada a artéria cerebral,

continuando em função a cordial, que aparece posteriormente e, rápida, avermelhada, se desdobra qual serpente de

fogo. Este cordão fluídico é o primeiro que adere à matéria e o último que se desliga com a morte. (Nota do

tradutor) - Vale considerar como concordam estas observações com o que nos diz o espirito de André Luis, em

OBREIROS DA VIDA ETERNA, através do médium Francisco Cândido Xavier. A artéria cerebral a que alude Rochester é bem

a caixa branca de que nos fala o outro e não há como esquecer que este livro foi ditado há mais de 60 anos.
expurgado o perispírito, o ser o absorve, pleno de seiva etérea. O perispírito de Bernardo não tardou em haurir a

massa necessária de fluido, que seria a substância vital do seu corpo etéreo, ou astral.   Os órgãos perispirituais

entraram a funcionar e a máquina transparente, admirável, reconstituia-se em todas as suas peças. O filete

avermelhado se concentrou na região correspondente ao coração do homem e, assim, respectivamente, o do órgão do

pensamento. No instante preciso em que começava a funcionar, como se fora uma borboleta desprendendo as asas, a

individualidade despertava atônita do seu último sono terrestre, para não mais adormecer no estado espiritual.

Bernardo mostra-se maravilhado ao constatar a realidade do seu ideal terreno : apalpa-se, apalpa-nos, fala,

vocaliza o pensamento, vê-se compreendido e toda a sua alma laboriosa rejubila-se à idéia de não ser um simples

átomo absorvido pelo nada. O futuro lhe parece radioso, pleno de atividades e descobertas, semelhantes às que

perseguia na Terra; que ali encontrava e decerto proseguinam em mundo porventura ainda melhor isento de

paixões.(1)

Uma vez conosco o fiel companheiro de tantos séculos, tratamos logo de nos alçarmos no espaço. - Vai ao Mosteiro -

diz meu Guia - vai assistir à desencarnação de Pater Benedictus Involuntariamente, disse comigo : por que, tão

jovem ainda e vigoroso, vai ele deixar o fardo? Mais de dez anos há que desencarnaste e Benedito orça agora pelos

quarenta - responde-me o protetor. Não deixei de estremecer ... Havia, então, dez anos que eu flutuava sem repouso,

tudo vendo e sentindo, mas, sem contar as horas?! Procurando dominar o sentimento de inimizade que Benedito me

inspirava, baixei aos seus monacais aposentos e lá se me deparou ele debruçado à mesa cheia de papéis Cenho

carregado, rugas precoces sulcavam-lhe a fronte. Somando os rendimentos do convento, escogitava a possibilidade de

restringir as vultuosas esmolas consideradas supérfluas, mas voltava sempre a reler um certo pergaminho que, na

manhã daquele dia, lhe enviara de

(1) O dom da memória, meu caro médium, não te enganou. Esse espirito tão ativo e infatigável no aliviar os

sofrimentos dos encarnados, é mesmo o de Paré. (Nota do espírito do autor).

Roma um cardeal seu amigo. Sua Eminência lhe comunicava que o Papa, julgando a Abadia riquíssima e assaz numerosa,

projetava dividi-la em duas congregações. Esse projeto se refletia profundamente na fronte do Prior e lhe

desentranhava chispas ardentes dos olhos azuis. - Jamais o consentiria - murmurou por fim. - Partilhar esta enorme

fortuna, despovoar metade deste grande edifício para atulhá-lo de mendigos e peregrinos, isso é que nunca! Pelo

menos enquanto eu viver, não o conseguirão. Debruçou-se à mesa e vi amadurecer-lhe no cérebro a execução de

gigantesco plano - aliás, seu ideal maior de toda a vida - que era cingir a tiara, mediante a morte do seu

detentor. "Pois que morra" - murmurou ele, a sorrir sinistramente. Tomando a pena, esboçou a resposta ao cardeal. O

que ele não sabia, porém, é que estava respondendo a um defunto, porque, àquela hora, o cardeal já tinha sido

atraiçoado e morto. Depois, alta noite já, levantou-se, deu alguns passos pelo quarto e estirou-se no leito. Seu

perispírito não tardou a exteriorizar-se, com a facilidade que o sono sói ensejar; e no momento justo em que eu me

enfurecia à relembrança da traição que ele me fizera, um como véu se rompeu a meus olhos e pude identificar

Veleda, minha amiga de Pompéia. As lembranças do circo, do calabouço, da sua morte trágica, me ocorreram aluviais e

como que me acalmaram. Tomando, então, o aspecto de Astartos, disse: - Foi a mim que traíste e suplantaste. O

espírito recuou, envergonhado e admirado, mas a revivescência da nossa remota amizade parece que lhe abrandou o

ânimo de rivalidade, dizendo : - Perdoa, Astartos, mas dize-me: por que haverias de ser o chefe? Não foi a ti,

pessoalmente, que eu traí; o que eu queria era apenas o cargo. Conheces-me a índole violenta, ciosa de autoridade,

mas tu és sempre o meu bondoso Astartos, não podes guardar de mim nenhum rancor e te confesso que não tenho

perseguido senão fantasmas. Minha cólera se havia desvanecido e eis-me a conversar como outrora, na loja de

Pompéia, que renasceu para as nossas recordações, com as suas ânforas enormes, seus frascos lavrados, a escadinha e

os bancos de pau.
Essas lembranças suaves foram um como bálsamo para os nossos corações, que a sede de poder, a rapacidade, a in

triga, haviam contaminado e ulcerado. Veleda, tu vais morrer, pois não deves entravar as decisões do Papa, que

ainda tem de viver, por motivos que não te importa saber. Ela, um instante perturbada, logo recobrou ânimo e

exclamou : - Pois seja benvinda a libertação, porque a cela sempre me pareceu demasiado estreita ; é verdade que

desejei o claustro ; mas de há muito que ele me vem parecendo masmorra. Quereria, sim, ocupar o trono de São Pedro

. Reconheço e confesso minha fraqueza ... Oh! sim ... Eu sou mesmo incontentável e bom é que deixe o mundo.

Contudo, pobre Sanctus ... Vai ficar tão só ! Seu perispirito estava inteiramente desligado, nosso Protetor cortou,

indene de sofrimento, o filete que o prendia ao coração e o corpo adormecido se insensibilizou na morte. Rápida a

perturbação. - Veleda - disse-lhe então - se não fosses a boa amiga de Pompéia, caro me pagarias o esbulho do meu

cargo abacial. Sem embargo, considero-me teu credor. - Pagarei a dívida, se o puder, e só uma coisa te peço,

Astartos : é que não me tentes em questões de autoridade e poderio. Separamos-nos. Benedito ficou com o Guia do

grupo, a fim de conhecer a tarefa que lhe competia na espiritualidade, até o dia do julgamento, enquanto eu seguia

a encontrar, em pleno mar Adriático, o belo navio em que se encontrava Rosalinda e que haveria de ser o seu

esquife. Antes, porém, do episódio de sua morte, quero contar alguns precedentes da sua viagem. Kurt não pudera

guardar segredo do seu projeto. À boca pequena dizia-se que ele ia a Roma tão-somente para divorciar-se.

Inescrupuloso e grosseiro, não se pejou de organizar um grande banquete em despedida, convidando não apenas a

nobreza em peso, mas o próprio duque e a princesa Úrsula, e assim obrigando Rosalinda a fazer as honras da festa.

Criatura inteligente e sagaz, Rosalinda não se deu por achada. A vida conjugal se lhe tornara intolerável. Depois

da última entrevista, não mais o encarou e o divórcio lhe parecia a única solução possível. Era a libertação.

Ciente do dia aprazado para o banquete, apelou para todas

as energias de sua alma, no intuito de realçar a própria formosura. Tratou de alimentar-se bem, de repousar o corpo

e o espírito, de sorte que, chegado o grande dia, apresentava-se graciosa e louçã como se fosse uma donzela. Por

mim, confesso que tive a maior satisfação, vendo-a vestir-se, auxiliada pelas criadas de quarto. Um corpete de

arminho lhe desenhava o busto esbelto, conjugando-se à saia de seda encarnada, com bordados da mesma fazenda ;

colar de pérolas e os cabelos negros encimados pela coroa de condessa. Quando a ponte do castelo arriou para dar

passagem ao duque com a princesa e sua brilhante comitiva, Rosalinda se postou no topo da escada de honra, ao lado

do marido, para receber os ilustres convidados. Kurt, que passara muitas semanas sem avistar a esposa, estremeceu

quando a reviu tão bela e altaneira, sem qualquer traço de mágoa ou sofrimento. Admirado e surpreso, não podia

despregar os olhos da esposa que, por sua vez, sem lhe dar a mínima atenção, atendia com a maior dignidade e

compostura ao seu papel de castelã. Os boatos correntes sobre os motivos do banquete faziam convergir inúmeros

olhares para a formosa mulher que levava o conde de Rabenau ao extremo recurso de um divórcio. Kurt sentia o ardor

que lhe ruborizava as faces, e para mostrar que, apesar de tudo, suas relações conjugais não eram tão

comprometedoras, tentou lisonjeá-la; mas um olhar glacial e um gesto de mal disfarçada repulsa o detiveram a tempo.

Findo o laudo banquete, entrou em cena o trovador para divertir os convivas e Kurt, que não perdia de vista a

esposa, notou que ela se demorava junto de uma janela, a conversar com o jovem barão Frit de Feitsbourg, por sinal

que um belo gentil-homem de trinta e poucos anos, cujos olhos negros pareciam devorar o belo semblante da sedutora

castelã. A certa altura, ele se inclinou para Rosalinda e, comovido, falou em tom confidencial : - De joelhos vos

peço me releveis a ousadia ; mas, dizei-me se é exata a versão corrente, isto é: que esta viagem a Roma colima o

divórcio do casal Rabenau. Súbito palor cobriu o rosto da formosa castelã. Era, então, sabido de toda gente, que o

conde pretendia desfazer-se dela?   Procurando acalmar-se, respondeu com firmeza :

- É verdade, Sr. barão; e verdade é, igualmente, que me sinto feliz ao pensar na minha liberdade. Os olhos do

barão cintilaram de alegria e curvando-se ainda mais, perguntou: - E já elegestes vossa nova residência? De um

castelo sei que se chama Feitsbourg e que se encontra vazio e desolado, por lhe faltar a magia de uma castelã.

Permitireis fosse ao vosso encontro e vos oferecesse minha coroa de barão?   Asseguro-vos, de antemão, que tereis

ganho de causa, pois tenho uma tia italiana, parenta do Pontífice, que intercederá em vosso favor. Escusado é dizer

do contentamento da bela condessa, pois quem assim lhe falava era um jovem, guapo e rico ornamento da melhor

nobreza. Não o amava, certamente, mas o orgulho lisonjeado a inclinava para ele... - Dê-me a vossa palavra que, ao

regressar de Roma aceitareis minha mão de esposo, por considerar-se desde já minha noiva, à face de Deus. - Sim, eu

vo-lo prometo - respondeu fitando-o com gravidade - tal como prometi, um dia, a esse marido ingrato; mas, diga-me:

também odiais as criaturas enfermas e sofredoras, a exemplo do senhor Kurt de Rabenau? - Deus me livre de assim

proceder - respondeu Feitsbourg, corando vivamente - todos nós somos criaturas de Deus e ninguém sabe o futuro que

o aguarda. Esperando eu que minha mulher continui me amando, caso volte de uma batalha mutilado ou enfermo; que não

deixe jamais, em circunstância alguma, de apreciar a fidelidade de coração com o mesmo ardor que lhe mereceram meus

dotes físicos, é claro que lhe garanto pagar na mesma moeda, com ela compartindo alegrias e mágoas. Não temais, não

duvideis, nobilíssima senhora : este amor que hoje me inspirais, bela e fresca qual rosa desabrochada em manhã

primaveril, há de acompanhar-vos até ao túmulo. Sensibilizada, Rosalinda lhe estendeu a mão, que ele beijou

comovido, nela depondo o seu anel de brilhante e dizendo: meu afeto por vossa pessoa tem o mesmo fulgor e pureza

desta gema. Kurt fremia de raiva e ciúme ao vê-los absorvidos em confabulação tão íntima; ao demais, o barão não

procurava dissimular atitudes e logo começaram os cochichos que o inculcavam sucessor do meu querido filho. Este,

por sua vontade, teria logo provocado um desforço; mas, como

fazê-lo? Ele fora o primeiro a divulgar a nova do divórcio, e com o namoro ostensivo da princesa Úrsula, granjeara

as boas graças do suserano. Quando os últimos convivas se retiraram e Rosalinda se afastava do salão, Kurt lhe

embargou o passo, dizendo: - Temos o que falar... - Penso que tudo ficou resolvido com a nossa última entrevista e

que a derradeira palavra só poderá ser dita em Roma, quando nos separarmos para sempre. O estouvado correu os olhos

pelo salão e vendo que estavam a sós, aproximou-se com vivacidade e disse em tom melífluo: - Como estás bela! Olha

que me sinto feliz em ver-te restabelecida, forte e mais que nunca sedutora. - Deveras? - retrucou ela com

mordacidade - pois tu te deslumbras justamente quando estamos prestes a nos libertarmos um do outro?

Estes

madrigais deveriam caber à princesa úrsula que, igualmente, muito se embeleceu com a perspectiva de nossa viagem a

Roma. - Oh! deixemos em paz a princesa : estou a ver que és um tantinho rancorosa e não perdoas as palavras

imprudentes que um dia pronunciei, em momentos de exaltação; entretanto, asseguro que sempre te amei e estava louco

quando pensei em divórcio. Perdoa-me, então, querida e fica certa de que te amo bastante para não querer perder-te,

tanto assim que está cancelada a viagem; fica o dito por não dito. Rosalinda fez-se lívida e aproximando-se do

marido disse-lhe nas bochechas: - Estás muito enganado, conde; nós seguiremos para Roma e fica certo de que havemos

de obter o divórcio. Podes tu, na tua obtusidade e bruteza, acreditar que me submeta passivamente aos teus

caprichos de sátiro? Olha, faze de ti o que bem te aprouver ; mas fica certo que desta vez me perdeste para

sempre... E para prova desta minha decisão irrevogável, declaro-te, desde já, que me comprometi com o barão

Feitsbourg e com ele me casarei logo que regresse de Roma. Assim o entendas e não me apoquentes, nunca mais, com

protestos e juras que não tens o direito de fazer. Despudorado, anuncias aos quatro ventos o nosso divórcio e ousas

festejá-lo com um banquete; convidas todo o mundo e constranges tua mulher a presidir

essa festa. Sabe, então, que uma mulher briosa não poderia aproveitar essa festa senão para eleger outro marido.

Pensas que ignoro o que propalas para justificar tua infâmia, ou seja, a minha esterilidade? Pois bem : foi para

ferir-te com a única arma capaz de vulnerar tua bestialidade que eu me restabeleci, me embelesei e acabo de

escolher outro marido. Livre, vai-te de mim e pede a mão da princesa. Aqui tens um anel de núpcias, que lhe poderás

ofertar. Retirou do dedo a aliança e atirando-lha ao rosto saiu precipitada. Kurt ficou um instante como que

estupidificado ; depois, sapateou de raiva, desgrenhou os cabelos fechou-se em seu quarto, lá rompendo em soluços.

Não, ele não tinha sonhado. Retomo agora a narrativa no ponto em que a deixamos, quando, depois de assistir à

morte de Benedito, me encontrei a bordo do navio em que se encontravam Rosalinda e o marido. Espectador invisível,

acompanhei o combate dos piratas e vi, finalmente, quando o capitão Nigro saltou para a galera apresada.

Esforçando-se por dominar o pavor que o assomava, Kurt perguntou, altaneiro, qual o preço do seu resgate. O capitão

Nigro, por sua vez, procurou saber que garantias lhe oferecia para o cumprimento da palavra empenhada,

acrescentando com ironia que somente ele, Kurt, ou Rosalinda, lhe serviriam como refém. O conde Rabenau olhou

atônito em torno de si. A raiva que lhe causava a frieza de Rosalinda e o ciúme que lhe inspirava o barão

Feitsbourg, sugeriram a idéia de uma dupla vingança, que atingiria simultaneamente a esposa e o rival, retardando

ou anulando, talvez, a realização do matrimônio. Ficai com ela e fixai o preço do nosso resgate, que vos será pago

logo que me encontre em terra firme. Um lampejo de alegria fulgurou nos olhos do pirata, enquanto os homens de Kurt

se entreolhavam espantados, sem atinar com os motivos de uma atitude tão indigna de um fidalgo. A passo firme, sem

lhe deitar um simples olhar, Rosalinda aproximou-se do pirata e lhe apertou a mão. Ninguém poderia suspeitar,

inclusive Kurt, que o coração da formosa Rosalinda pulsava ansioso, porque a mão que se lhe estendia era a de Léo

de Loevenberg. Um pajem e uma serva ficaram também como reféns, ao serviço da fidalga.

- Rosalinda - interpôs Kurt, fulo de raiva, - partes sem te despedires e eu espero, contudo, que a nossa separação

não será longa. - Pois eu espero antes que seja eterna - respondeu ela em tom desprezível - ainda porque a

resolução que acabais de tomar equivale a um divórcio. O capitão levou-a consigo; mas, chegando ao convés, longe

das vistas de Kurt e da equipagem, abraçou sua legítima mulher e, banhado em lágrimas, murmurou : - Aqui, entre o

mar e o céu, posso ressuscitar para o teu amor. - Parece-me um sonho, Léo... Vives e eis que te encontro, após

dez anos de tortura ao lado de um homem indigno. E agora, oh! Deus, estou de novo a ouvir palavras de amor de

teus lábios, que nunca mentiram! Mas, dize-me: como pudeste calar tanto tempo? Devias saber que a ti me juntaria

onde estivesses. Agora fico contigo, serei refém voluntária por toda a vida. - Sim, minha querida, agora só a

morte

poderá separar-nos. Por fim, vi Mauffen com os seus projetos sinistros; vi Eulenhof, o anão ingrato e a pérfida

Rosa, comparsa de todos esses monstros. A verdade, porém, é que nada podia fazer, porque chegada era a hora de

todos eles. Naquela noite memorável, Rosalinda e Léo galgaram o convés, abraçados e mudos. Contemplativos,

ficaram encostados na amurada, como esquecidos de si mesmos e de tudo que os cercava, até que Rosalinda quebrou o

silêncio, dizendo: - Conta, meu querido, como escapaste da morte e te fizeste pirata ; conta-me tudo que se passou

desde a hora em que nos separamos.   Olha, nada me ocultes, porque tudo o que te diz respeito me é precioso;

(levantou a cabeça e fitou sorridente o rosto moreno do belo marujo) olha, és tão bonito e por aqui, suponho, as

mulheres são tão sedutoras e passionais que, se te soubera vivo, não teria um minuto de tranqüilidade na minha

vida. Uma grande gargalhada foi a resposta de Léo. Toda a satisfação que lhe causava o tardio ciúme da esposa amada

espelhava-se-lhe no semblante. Beijando-a na boca, falou com o coração. - Lobrigaste aqui a bordo algum perfil de

mulher? Não, de certo, e isso significa que mantive fidelidade à condessa, de Loevenberg. Assim entendidos, ouve a

história de minha vida depois que nos separamos : Quando o punhal do miserável Mauffen me varou o peito, perdi de

todo os sentidos. Ao recobrá-los, estava numa cabana e uma mulher que de pronto não reconheci, na penunbra

ambiente, pensava-me o ferimento. Mais tarde, soube que essa mulher era uma mercadora que, na companhia de um

irmão, freqüentava feiras e torneios, para vender frutas, refrescos, doces e também xaropes e pomadas. Essa bondosa

criatura, a quem sempre comprava alguma coisa, interessou-se por mim e vendo que me havia levado à tenda como

morto, lá se insinuou furtivamente quando meus parentes se retiravam aturdidos e desolados. Ao constatar, porém,

que meu coração ainda pulsava, suplicou ao irmão que me socorresse. E como a noite começava a cair, puseram-me na

sua carreta, debaixo da palha, e enquanto me procuravam por toda a parte, transportaram-me à sua cabana escondida

em plena floresta. Ali, oculto num quartinho isolado, a bondosa Lidivina me curou os ferimentos com um bálsamo

deveras maravilhoso e pouco a pouco me restabeleci completamente. Uma vez são, urgia cuidasse da vida, de vez que

não podia ali permanecer oculto para o resto dos meus dias. A verdade, porém, é que me sentia assaz embaraçado,

pois não podia, nem queria apresentar-me a ti e à sociedade, destituído dos meus foros e prerrogativas de nobreza.

Enquanto me angustiava para resolver o problema, aprouve à Providência encaminhar à choupana o monge Benedito, teu

padrinho. Penso que ele fosse o confessor da minha generosa enfermeira e talvez algo mais, porque Lidivina era uma

bonita mulher. Sabedor da minha estada ali, Benedito me testemunhou muita amizade e benevolência. Quando lhe disse

que desejava passar por morto e me ausentar do país, ele me aconselhou a disfarçar-me e seguir na companhia de um

frade italiano, que viera a negócios com a Abadia e estava prestes a regressar ao seu mosteiro, onde, -

acrescentou - eu poderia professar, se me aprouvesse, ou descansar algum tempo e procurar, depois, um velho parente

morador em Veneza. O plano me agradou. Benedito me forneceu valiosa quantia e assim foi que acompanhei o venerável

frei Francisco. Bem acolhido no respectivo convento, o Prior consentiu que lá vivesse como leigo e de fato ali

passei mais de um ano, até que travei relações com o primo de um monge, que, pirata profissional, me convenceu das

vantagens da carreira. Mantendo correspondência com Benedito, por ele soube, mais tarde, que assumira o priorato.

Posteriormente, quando ele veio a Roma, tivemos uma entrevista e no intuito de me fazer seu agente, confiou-me os

planos ousados que tinha em mente, como cabeça de arrojada conspiração, na qual entravam diversos cardeais,

comprados a peso de ouro. Tratava-se, não mais nem menos, de eliminar o Papa e eleger um velho beneditino, fundador

da Ordem dos Celestinos, homem ascético e absolutamente destituído de experiência política. Benedito pretendia o

cardinalato para fazer-se secretário desse Papa inábil, e isso com o fito de o destronar mais tarde, fazendo-se

eleger Sumo Pontífice. Eu já me dedicava à pirataria, mas Benedito me forneceu recursos para comprar este soberbo

navio. Como seu procurador, incumbe-me visitar os cardeiais, prelados e quantos personagens mantêm relações com

ele. Agora, sei que seu plano está na iminência de vingar, pois o seu candidato acaba de ser eleito e a nomeação do

cardeal não deve tardar. Neste momento, tenho comigo preciosos documentos, cartas e recibos e grandes somas, que

preciso mandar-lhe. Enquanto Léo assim discorria, percebi que Mauffen rastejava para junto dele, no intuito de o

matar. Rosalinda também percebeu e se colocou entre os dois. O celerado quis, então, feri-la, mas errou o golpe e a

punhalada não foi mortal. Léo, exasperado, com certeira estocada o cravou no mastro, pela garganta e levou

Rosalinda desmaiada. No dia seguinte desencadeou-se pavorosa tempestade. As ondas do Adriático se alteavam

montanhosas e o navio, como se fora uma simples casca de noz, era levado de roldão, rangendo em todas as suas

juntas. Os piratas, tão intrépidos nas refregas humanas tremiam diante da fúria dos elementos insensíveis e

invulneráveis à força dos seus braços e ao gume das suas armas. A tormenta parecia aumentar, até que uma vaga maior

estrondou no convez, varrendo-o de popa a proa. Quando o navio emergiu desarvorado e cabriolante à flor das águas,

nenhum ser vivo restava a bordo. Tudo havia sido tragado na voragem das águas e apenas se via - troféu macabro de

inconcebível resistência - o cadáver de Mauffen cravado no mastro ! Léo boiava abraçado a Rosalinda. O

desprendimento do seu perispírito não foi demorado. Alguns amigos deste lado, coadjuvados por mim, cortaram

célere os filetes cerebrais, a fim de o despertar ... e a luta recomeçou... A morte de ambos estava, no entanto,

prevista, e logo das águas surgiriam os seus perispíritos. - Estais livres, o corpo nada mais vale - dissemos - e

logo me fui para junto de Kurt, que havia alcançado terra firme e repousava num vilarejo da costa. Na manhã

seguinte ao sinistro, o mar atirava às praias inúmeros corpos inclusive os de Léo e Rosalinda. Dois

sobreviventes

apenas, apareceram para contar o que fora a pavorosa catástrofe ; eram o pajem e a criada de Rosalinda, que haviam

ficado como reféns. Kurt mostrou-se a principio muito comovido quando reconheceu o cadáver da mulher, mas não

tardou a substituir essa impressão por malicioso e intimo contentamento. Que agora, nenhum barão teria o direito de

reqüestá-la. Quando retiraram do pescoço do capitão Nigro uma caixinha de metal, Kurt lhe examinou o conteúdo e

ficou estupefato por encontrar não só a prova de identidade do conde de Loevenberg, como a correspondência de

Benedito com os cardeais. Entretinha-se ele a examinar os papéis, quando o alarido do povo anunciou o aparecimento

de um navio destroçado, no qual se lobrigava um vulto que parecia humano. Como o tempo estivesse magnífico e o mar

calmo, Kurt tomou um batel e abordou o navio, esperançoso de encontrar algo mais que lhe aclarasse o roteiro e os

feitos de Loevenberg. Não encontrou mais que o cadáver de Mauffen, mas, em compensação, apreendeu os planos dos

subterrâneos e os documentos concernentes à minha origem e posição de chefe da sociedade secreta. A serva conseguiu

retirar da mão rígida de Rosalinda o anel de Feitsbourg, procurando empalmá-lo ; mas Kurt, solerte, lhe pôs

embargos. Na cidade mais próxima cuidou de embalsamar o cadáver da esposa e retomou, sem demora, o caminho da

pátria, com a cabeça cheia de mil projetos dignos dele. Foi direto ao castelo de Rabenau. Sempre hipócrita, simulou

profundo pesar, ordenou pomposos funerais; entretanto, mesquinho e vingativo por natureza, não poderia esquecer o

barão e lhe devolveu o anel de núpcias arrancado à morta. Isto feito, resolveu apresentar-se no convento com os

documentos apreendidos do capitão Nigro, cuja importância lhe fora encarecida e explicada pelo padre Lucas. O novo

Prior, pater Sanctus, criatura nada enérgica e culposa, má, (faço-lhe justiça) dotado igual-

mente de bons sentimentos, tinha a exata noção da honra e dignidade do cargo. O boato corrente, de haver o conde

empenhado a mulher a um pirata, lhe chegara aos ouvidos. Assim, recebeu o fidalgo com a maior frieza, suspeito da

sua narrativa. Não deixou, contudo, de comover-se e considerar os caprichos do destino, ou do acaso, que reunira na

morte o inditoso casal. Concluindo esse tópico da conversa, Kurt lançou a Sanctus um olhar malicioso e disse : -

Aqui estão, Reverendo, alguns documentos interessantíssimos, encontrados em poder de Locsenberg e concernentes ao

seu digno antecessor. Antes, porém, de os remeter ao duque, resolvi mostrar-lhes e obter algumas explicações. Eis

aqui, por exemplo, a carta de um Prior beneditino, italiano, na qual se explana a idéia de elevar ao trono

pontificial um certo eremita absolutamente nulo e se afirma que a vitória não tarda; a seguir, temos recibos de

grossas quantias pagas aos cardeais para lhes alcançar o sufrágio; uma lista dos principais candidatos à tiara, e

ainda outra nominativa das pessoas gratificadas para obter o chapéu vermelho para o falecido prior Benedito.

Finalmente, isto que me parece o mais interessante: uma carta do próprio Benedito a Loevenberg, em que diz

textualmente : "Por muito inexperiente que ele seja, em todos os assuntos, afora os de ordem teológica, a verdade é

que não preciso de um cérebro que me compreenda, mas de um corpo que me obedeça; e uma vez feito cardeal-

secretário, ativarei a cruzada em vista, com o donativo de 500.000 escudos de ouro. Explique bem este assunto às

pessoas interessadas. Dinheiro é o que não falta, felizmente, porque dispomos dos cofres da confraria secreta"...

neste lanço, Kurt interrompeu a leitura para dizer : - Permita-me saber qual seja a sociedade secreta aqui

existente e que tinha meu pai por chefe, como se infere de outros documentos que não trouxe comigo. Esses

documentos assinalam tesouros que meu pai possuía como chefe e que provavelmente, se encontram ocultos em nossos

vastos domínios. Por mim, estou em crer que meu pai tinha a mania de superintender uma sociedade secreta, que

acabou por assassiná-lo - a ele que sonegou meu patrimônio. Peço-lhe, Reverendo Sanctus, que me ponha tudo isso

em pratos limpos e me devolva, quanto antes, o que me pertence, pois do contrário entregarei os documen-

tos ao nosso duque e desvendarei as tenebrosas maquinações desta confraria, junto à corte de Roma. O

prior tudo

ouvira, aparentemente calmo, mas, no intimo, inquieto. - Mostre-me os documentos inerentes aos negócios de Roma -

disse afinal -, eu conheço a letra das pessoas que acabou de citar e quero certificar-me de que não há em tudo isso

alguma fraude. Kurt não vacilou, passando-lhe a correspondência de Benedito com Loevenberg e os cardeiais. Sanctus,

de cenho carregado, folheou a papelada, contou carta por carta e depois, altivamente, lançou tudo às chamas altas

do fogão. Kurt ergueu-se e gritou fora de si, ao mesmo tempo que procurava abafar o fogo : - Que fazeis?! Quereis

assim destruir documentos tão preciosos? Sanctus reteve-lhe o braço e por sua vez falou com significativa entonação

: - Filho, sois de certo um grã-senhor, e diante dos homens valeis alguma coisa; diante da igreja, porém, nada

sois. Ouvis? Vossa insolência neste caso só se explica pela vossa ignorância. Ligar-se a esta santa madre e

pretender comprometer algum de seus membros, é o mesmo que auto-senteciar-se à morte. Nunca, jamais, se viu lei

que autorizasse a restituição do que cai nas arcas da igreja, uma vez que os bens terrestres por ela amealhados o

são para benefício da humanidade e ninguém ousa reivindicálos. Portanto, já vedes que nada tendes a reclamar aqui.

Se o vosso progenitor, como crente fervoroso, houve por bem aquinhoar a igreja entregando-lhe grandes somas, o que

só vos cabe é conformar-vos. Por outro lado, sabei que ninguém o assassinou. Ide, pois, em paz e procurai

tranqüilamente, pelo jejum e pela oração, expiar vossa ousadia e insolência. Para o momento, ficais privado de

receber os sacramentos. Quanto ao Padre Lucas, fica a meu cuidado adverti-lo da negligência de vossa instrução e da

sua incompreensão no concernente à disciplina da igreja e ao respeito devido aos seus representantes. Depois desta

parlenga bem sentida, o prior despediu Kurt, que, além de obtuso e preguiçoso, mal sabia ler e apenas conhecia por

alto os documentos que o padre Lucas interpretara e comentou. Voltou, portanto, muito aborrecido, mas sem saber o

que responder. Pouco tempo depois, seguia para a corte, a fim de pedir em casamento a sobrinha do duque, que o

recebeu com a maior benevolência.   Por ocasião do banquete, ele notou, indignado, que os convivas o olhavam com

desdém e evitavam dirigir-lhe a palavra. Findo o banquete, o barão Feitsbourg levantou-se e pediu a palavra, que o

duque lhe concedeu de bom grado. Disse, então, que o acusava de traição e covardia, por haver, contra todas as

regras da fidalguia e da nobreza, empenhado a esposa a um pirata. O duque estava lívido e a princesa a pique de

desmaiar. - Repto-vos, senhor de Rabenau, nódoa imunda que sois e vergonha de nossa classe ; e se eu sucumbir, aqui

estão seis cavaleiros mais, dispostos a corrigir vossa infâmia. Kurt levantou-se, fulo de raiva, pois o barão lhe

havia atirado a luva ao rosto e os outros seis fidalgos lhe assacavam conceitos injuriosos. - Silêncio! senhores -

disse o duque - e vós, conde, explicai-vos... - Estou absolutamente inocente - e dizendo-o, os olhos espelhavam

vulpina malícia -; a verdade é que só empreendi essa viagem para pleitear nosso divórcio. No mar Adriático o navio

foi apresado pelo corsário, que exigiu um refém e esse pirata era, nem mas nem menos, o vassalo do nosso amado

duque, ou seja o mesmo Léo de Loevenberg, que todos havíamos por morto em memorável duelo com o conde de Mauffen.

Como, por que acaso terá ele sobrevivido, fazendo-se salteador do mar? Eis o que jamais poderia dizer. O que não

ignorava, porém, é que não tendo ele se divorciado de Rosalinda, esta lhe pertencia de direito e de fato ; e assim

é que a entreguei, não a um pirata mas ao seu legítimo marido, que, aliás, me agradeceu por havê-la guardado

durante dez anos.   Estando ele vivo, minha união com ela fica ipso facto nula e vós, senhor de Feisburg, sois quem

menos direito tem de me pedir contas e haveis de convir que me ultrajastes sem razão. O duque parecia satisfeito, a

princesa readquiria as cores naturais e os fidalgos se entreolhavam surpreendidos, mas Rosalinda e eu muito

sofríamos no espaço. Por fim, o duque disse: Senhores, eu penso que esta explicação é de molde a lavar a honra do

conde de Rabenau e espero que o incidente fique amistosamente liqüidado. Os seis fidalgos balbuciaram quaisquer

desculpas que Kurt ouvia a contragosto e semblante carrancudo. Apenas Feit nada disse e tornou a assentar-se de

braços cruzados. - Pois bem, barão : vós que provocastes o incidente, nada dizeis? Ora, vamos acabar com estes

malentendidos, que estão perturbando nossa alegria. Isto disse o duque. Kurt, sabemo-lo, era covarde e evitava

provocações. Uma vez desafrontado, aceitou as desculpas. Feit, porém, era rixento por natureza e respondeu com

ironia: - Se a minha luva não arde na face do conde Rabenau, estou pronto a me reconciliar com ele. O duelo tornou

-se, assim, inevitável; fixaram o dia do encontro e o duque declarou a Kurt que se ele sobrevivesse, lhe concederia

a mão da sobrinha. Nosso herói partiu furioso e já cogitando se não haveria algum meio de desfazer do adversário,

que era, de fato, espadachim terrível, Como se dá com todos os covardes, Kurt temia a morte, pressentindo nela o

fim da impunidade. Para obter o auxílio do céu, passou vários dias e muitas noites agarrado ao padre Lucas, orando

e jejuando, batendo no peito e encarecendo a todos os santos da corte celeste, o dom da sua vida ignóbil. Sem

embargos de piedosas diligências, recorria também a fatores mais positivos e assim foi que despachou Tuísco - sua

alma danada para, a peso de ouro, corromper um escudeiro do barão, o qual escudeiro, na manhã do duelo, lhe

ministrou no vinho o mesmo tóxico que lhe valera no reencontro de Waldeck com Edgar de Rouven. Graças a essa

traição, Kurt logrou fácil vitória, matando o desventurado adversário, aturdido e baldo de forças. Se Kurt tivesse

podido ver as nuvens que se condensavam para além da Terra ; se visse que as forças do bem se afastavam dele,

apesar dos apelos que hipocritamente lhes faziam, então, haveria de tremer por seu futuro. Cego, porém, acreditava

-se invulnerável na sua insolência. Com toda a pompa celebrou-se o casamento com a princesa Úrsula, que não era

jovem, nem bela, nem inteligente, mas grosseira e sensual, digna dele, enfim. A essa festa nupcial compareceu toda

a nobreza, em atenção ao suserano, mas ao banquete dias mais tarde oferecido por Kurt, em seu castelo, faltaram

todos os grãosenhores.   O próprio duque, quiçá prevendo essa abstenção, pretextou acidental enxaqueca para

justificar a ausência. De sorte que a reunião apenas se constituiu de apagados castelões e conhecidos papa-

jantares, suficientemente pobres e fracos para não ofenderem um vizinho poderoso. Em seguida, tive a satisfação de

constatar que o meu herdeiro gozava a ventura conjugal que merecia. ürsula, posto que princesa, era uma criatura

medíocre, ciumenta, maldosa e pouco se incomodava com ele. Nada obstante, não lhe dava tréguas e certa feita em que

o pilhou abraçando uma criada, deu-lhe uns pares de bofetadas e expulsou a serva a pontapés. Ele se havia queimado

da frieza de Rosalinda, que nunca o ameaçara sequer com um gesto de mão - mão de jaspe setinosa - agora sentia nas

faces o estigma da brutalidade ciumenta. Úrsula se trancou à chave e sapateou de raiva ; e quando ele procurou

desculpar-se, foi acerbamente injuriado; mas, passada a crise, atirou-se-lhe ao pescoço.   E ele, que se mostrava

tão melindrado com os arrufos da graciosa e mansa Rosalinda, suportava agora com paciência as rixas escandalosas

daquela mulher feia, comilona e relaxada, simplesmente porque era ... princesa. Mas, como tudo passa e cansa,

inclusive a honra de ser sobrinho de um duque; e porque o ciúme agressivo da mulher o irritasse em demasia, acabou

perdendo as estribeiras e retribuindo-lhe as bofetadas.   Nesse dia, úrsula enfurecida lançou mão de uma taça e

atirou-lha ao rosto com tanta força que lhe arrancou um grito feroz. Da boca entreaberta lhe saltou algo sangrento

: era um incisivo, um daqueles dentes alvos, que ele prezava acima da mais preciosa pérola. Aquele horrendo buraco

escuro haveria de privá-lo, para sempre, de sorrir. Obrigado, no plano espiritual, a presenciar todas essas

baixezas, eu me sentia cada vez mais triste. Se, ao menos, me fosse dado expiar no espaço - conjeturava suspiroso,

muitas vezes - lá, pelo menos, a formidável atividade universal me levaria a esquecer o meu ego; no turbilhão

formidoloso dos sistemas planetários, o átomo inteligente esquece suas ambições mesquinhas; deslumbrado pelo

trabalho sem trégua de bilhões de inteligências, que manejam com inconcebível destreza as massas nebulosas de

matéria primária molgando-se dócil às correntes luminosas de volição

de uma inteligência já chegada a esse grau de perfeição. Quão mesquinho era o poder atrás do qual eu tinha corrido!

Os homens que pretendi governar eram falsos e mesquinhos, suas atividades não colimavam mais que saciar

grosseiros instintos, nenhum objetivo elevado lhes acionava a inteligência. Meu olhar de desencarnado via que o

amor se pagava com ouro, que a amizade e estima se baseavam no interesse, e, contudo, essa convicção, devo

confessar, para vergonha minha, que os interesses terrenos me prendiam como se fossem tenazes de ferro. A

multidão miserável que lá formigava me aborrecia e me revoltava, mas não me desinteressava e eu queria imiscuir-me

dos seus destinos, para aliviá-la ou destrui-la. Baixei ao quarto do padre Lucas, o fiel amigo do meu Kurt.

Encontrei-o engolfado na leitura dos pergaminhos condizentes à minha identidade e à existência de opulentos

tesouros no castelo de Mauffen. O semblante nédio e oleoso do frei, que muito havia engordado, graças ao bom

passado, estava radiante de satisfação quando Kurt entrou mal-humorado e deixou-se cair numa cadeira.

- Meu filho - disse Lucas, erguendo a cabeça - estes documentos que me confiaste contêm revelações

gravíssimas, como vais ver. E passou a relatar o seu conteudo. Oh! exclamou o cúpido herdeiro do meu nome - não

podemos abrir mão desses tesouros, uma vez que meu pai descendia dos Mauffens, era um Mauffen. Vou revelar tudo ao

nosso duque e com ele, sob sigilo, repartirei o achado, visto que sem ele não posso lá entrar sem ofender os

beneditinos. Contudo, eles hão de concordar em vender o castelo ao suserano, mesmo porque nenhum proveito lhes

oferece esse imóvel. Isso conseguido, farei ver ao duque que meu pai era o cabeça da sociedade secreta, visto

restarem alguns documentos que não levei ao prior. Portanto, ponha-me em ordem toda essa papelada, redija com

clareza o que devo falar ao duque e ponhamo-nos a caminho. Insensata cólera quase me paralisou o perispirito, por

mal contida. Aquele filho ingrato queria desvendar o passado criminoso do pai, esquecendo, na sua

rapacidade

estúpida que, se eu fosse um Mauffen, ele deixaria de ser um Rabenau. Queria delatar minha posição de chefe,

conspurcar minha memória, borrar o nome do meu túmulo e pilhar o tesouro que porventura encontrasse, para dissipá-

lo em novos crimes e deboches. Que fazer para embargar esse plano? Sentia-me impotente à face do atrevido

encarnado, para o qual nada havia sagrado e que me afrontava sem o mínimo resquício de sentimento filial. Um esto

desesperado atraiu meu Guia e protetor e lhe confessei meu desejo de aniqüilar aquela criatura. A palidez com que

se me apresentou o Guia só pode ser avaliada pelo exaspero que causa aos espíritos imperfeitos. - Sabes - disse ele

- que a existência da criatura, por mais culposa que seja, não depende do arbítrio de outrem. Lá onde se resolve

a encarnação, é que se lhe marcam os limites; e faz-se preciso que uma existência terrena seja bem inútil e

faltosa, para que se lhe corte o fio. Ninguém escapa à lei da desagregação do corpo físico e a pressa, neste caso,

é atributo de imperfeição... - Pois bem! - concluí na minha exasperação - leva-me a esse Tribunal onde se regulam

os destinos e pleitearei, eu mesmo, a minha causa contra este ingrato. Minha força de vontade me colocou perante os

Guias supremos, seres perfeitos, imparcialíssimos e diante de qual majestade me prosternei. - Que queres? - ouvi

como que por efeito de repercussão mental. - Sabes que a morte corporal é a porta de acesso inevitável ao Tribunal

da Justiça perfeita. Pedes a destruição de um corpo que tem servido para degradar o seu detentor, que abusa do

estágio terreno; mas, que direito te assiste para assim procederes? Tremes e te indignas ao pensar que tua

reputação se maculará, talvez, em conseqüência de um passado criminoso; coras à idéia de humilhação, por te veres

desmascarado e julgado pelos homens, que te conceituavam melhor do que eras; mas nunca tremeste nem coraste na

prática de tais ações repreensíveis. Espírito inteligente, não te envergonhas de escravizar-te assim, a essa mesma

turba que pretendes desprezar e contra a qual te revoltas? Mesquinha fatuidade te faz espumar de raiva e pleitear

a morte de teu filho, porque ele se escraviza a instintos e preconceitos que supõe satisfazer a peso de ouro. Teu

pedido não se justifica, porque tua existência terrena não se recomenda pela virtude. Lastimas o tesouro que teu

filho quer esbanjar e

te esqueces de que, se o não fizer ele, outro o encontrará e o empregará mal. Não há, portanto, o que possa

justificar a morte imediata de Kurt. Fiquei aturdido, não sabia o que alegar, mas procurei concentrar-me e, logo, a

idéia do partido a tomar, me veio à mente. - Nessa encarnação, Kurt nada fez em benefício próprio, nem de outrem.

De um egoísmo empedernido, a ninguém ama nem é por alguém amado. Não faculta abrigo ao indigente; seu dinheiro não

enxuga uma lágrima; é um ser inútil, parasitário, que se nutre do suor de seus vassalos - suor que sua capacidade e

brutalidade aumentam e envenenam. Pois bem! em troca dessa existência inútil, que peço para ser abreviada, proponho

encarnarme quando os Guias determinarem, fazer vida modesta de peregrino e, se for permitido encontrar os tesouros,

transformar o castelo de Mauffen em hospital, cuidando eu mesmo dos enfermos. E, dado que o reencontro do tesouro

me leve a iludir este compromisso, que se me aplique a mesma pena que ora pleiteio para o filho ingrato. Meu

pensamento se evolava puro, nítido, forte, como a vontade mesma de o concretizar. Senti-me logo envolto em áurea

claridade. Só uma existência de caridade, de abenegação, de sacrifício, pode resgatar uma vida inútil. - Que,

pois, intacto fique o tesouro que destinas a esse fim, e que o homem ingrato e nulo pereça prematuramente. Espírito

refletido, que fazes das próprias mágoas um ideal preconcebido, de benemerência humanitária, estás atendido.

Jubiloso com a concessão obtida, desci a juntar-me aos companheiros. Agora, - disse de mim para mim - o ingrato não

me escapará. Estávamos em plena estação estival, o sol requeimava a Terra, deprimia as fontes, esturricava a

folhagem. Pelas estradas longas, o vento morno levantava nuvens de poeira, que asfixiavam os raros viajantes

obrigados a enfrentar a canícula. Toda a natureza parecia exausta e dormente. A atmosfera saturava-se de

eletricidade. Em tôdas as igrejas e capelas o povo se aglomerava, fazendo preces ardentes para que a chuva

benéfica refrescasse a terra e evitasse a destruição total das colheitas. Para o momento, porém o céu mostrava-se

indiferente, nem uma nuvenzinha se condensava na umbela azul, onde o sol triunfante ameaçava tudo aniqüilar.

Naquele dia, Kurt acordara mais tarde, estava almoçando com a mulher e o padre Lucas, ambos bem nutridos e

pletóricos. - Oh! - disse o frade enxugando o rosto, será mesmo que o Sr. conde se arrisca a partir com este tempo?

Por mim, confesso que me sinto abafado... E afrontar a poeirama que ai se levanta, é temeridade que ultrapassa

minhas forças. Kurt, que nunca se preocupava senão consigo mesmo, respondeu com a maior displicência: -- Tenho

decidido ver o duque ainda hoje e havemos de lá chegar, porque precisamos resolver esse negócio. Prepare-se, então,

para montarmos. - Mas, afinal, porque essa teimosia de viajar com este tempo? - interrogou a condessa, metendo-se

na conversa e deitando ao marido um olhar desconfiado - Que assunto grave podes ter a tratar com meu tio? Neste

caso, vou também contigo determinou em tom provocador. Kurt inflamou-se e deu na mesa um murro que fez dansar toda

a louça. - Pois não irás e fica sabendo que, com essa estupidez ainda me verei forçado a deixar-te. Teu ciúme vai-

se-me tornando intolerável... (E suspirando. Oh! Rosalinda, quem diria houvesse eu de suportar estas vergonhas!

Agora, sei quanto valias e nunca, nunca te esquecerei! - Impudente! Desbriado! Ainda te atreves a falar do teu amor

a Rosalinda? Mas, quem, senão tu mesmo, me confessou que a sua malícia e fraqueza te desagradavam?. E agora me

insultas e finges-te pesaroso e arrependido? Pois estás muito enganado, porque nada me demove de acompanhar-te e

ver com quem pretendes enganar-me. Kurt proferiu um palavrão e empurrando a mesa com violência, saiu praguejando. -

Filha - disse Lucas, cruzando as mãos em atitude beatifica - não se deixe empolgar assim pelo demônio do ciúme;

acalme-se e fique, pois sou eu quem lhe assegura que seu marido visa a negócios de grande importância. Além disso,

vou em sua companhia e esta circunstância prevalece para dissipar quaisquer suspeitas.

Assim dizendo, levantou-se e saiu. Úrsula depois de lhe beijar a mão, tornou a sentar-se e continuou a jantar como

se nada houvesse ocorrido. Enquanto isso, Kurt se vestiu, apanhou os documentos satisfeitíssimo e os ocultou no

bolso interno do casaco. Mal poderia advinhar que os guardava para sempre. A seguir, cingiu a espada que o pajem

lhe apresentava e desceu ao pátio, onde os escudeiros seguravam, já selados, o seu cavalo e a mula da montada do

frade. - Meu nobre senhor, - advertiu o guardião do castelo - permita vos diga que, por mim, não faria hoje esta

viagem... Vede aquelas nuvens negras que se encastelam no horizonte e atentai nesta ventania que começa a soprar

. Isto é sinal de que vem por aí algum tufão ... - Qual nada; antes que o temporal estoure, estaremos bem

resguardados no palácio ducal. - Disse-o, cavalgando a esplêndida montaria, enquanto dois escudeiros procuravam

encarapitar o gordalhudo padre Lucas, que bufava e daí a pouco protestava, a caminho: - Oh! sr. conde, não galope

assim, que esta poeira me cega e sou obrigado a largar as rédeas ... Kurt diminuiu a carreira. Não queria chegar

antes do seu confessor, que deveria ler e explicar ao duque os textos documentais. - Peste de animal que assim se

detém para almoçar em caminho! - vociferou Lucas - enquanto a pacífica alimária, igualmente extenuada pelo calor,

se detinha junto de uma touceira de cardos, insensível aos chutes e chicotadas. - Vamos acabar com isso, meu frade,

ou ficaremos aqui torrados - gritou Kurt furioso, aproximando-se e fustigando a cauda da mula com o -rabo do

chicote. De repente, a empacada mula arrancou a galope e deu com o frade em terra, estatelado e arquejante.

Vendo-o assim de papo para o ar e com o rosto suarento empastado de terra, Kurt riu-se à bandeiras despregadas.

Dois escudeiros ajudaram o frade a retomar a sela e a comitiva seguiu. Se eles pudessem ver o que se passava no

espaço; ver como os Espíritos manipulavam as massas nebulosas, combinando-as... Eu também lá estava e procurava,

por meio de mil fios elétricos, sugar toda a humanidade do corpo de Kurt, assim o preparando para o choque

decisivo. Bonifácio igualmente o fazia, em relação ao padre Lucas. Notávamos que ambos estavam possuídos de

estranha vaga inquietação. - Parece que errei na escolha deste dia para visitar o duque, pois nunca senti um calor

assim... Não sabia explicar a angústia que o oprimia, senão que a experimentava. A fronte lhe ardia. Ergueu os

olhos e viu a massa negra que começava a invadir todo o firmamento. O vento forte desencadeava-se em remoinhos,

levantando colunas de areia. - Aviemo-nos, disse, esporeando o cavalo, mas o furacão lhes ganhava dianteira,

vertiginoso ; a poeira sufocava, cegava homens e animais, embaraçava-lhes a marcha; a escuridão aumentava, as

frontes vergavam e gemiam açoitadas pelo vendaval. - Vamos! repetia Kurt estamos perto... Mas os cavalos

pinoteavam, crinas eriçadas, farejavam o perigo iminente. Todos os seres vivos procuravam um abrigo e as próprias

coisas inanimadas como se retraíam. Os operários invisíveis continuavam a formigar na atmosfera caliginosa.

Coloquei-me diante de Kurt, retirando os fios que a ele me ligavam e ajustando-lhe os que deveriam veicular o raio

entre duas nuvens carregadas de eletricidade. Súbito, jorrou um clarão ofuscante, que pareceu inundar o próprio

ambiente extra terreno e fez estremecer os operários do Espaço, que revolviam a atmosfera com a velocidade do

pensamento, a fim de purificá-lo. Vi que tudo se aclarava em comburências de braseiro e, tal como se enrosca um fio

de cabelo à chama de uma vela, assim os ligamentos perispirituais arderam e crepitaram; o fogo celeste atravessou o

corpo de Kurt e consumiu os documentos comprometedores. Num ápice, o perispírito, arrancado do seu casulo

terrestre, reconstituiu-se e o prendi a mim. O padre Lucas tinha tido a mesma sorte e Bonifácio o levou consigo.

Os escudeiros, estarrecidos, gaguejaram uma Ave Maria ao ver o amo inerte na estrada. Supondo-o apenas desmaiado,

procuraram socorrê-lo, mas logo viram que do fidalgo insolente e autoritário senhor não restava mais que

um cadáver

com as roupas chamuscadas. No mesmo instante, a chuva torrencial dessedentava a terra ressequida. Por efeito dessa

mesma tempestade, muitos anos lembrada por suas desastrosas conseqüências, outro raio atingiu o castelo de Mauffen,

cuja parte antiga desmoronou e amortalhou em seus escombros os tesouros reservados ao meu curso expiatório. Kurt,

atarantado, nada percebendo do que lhe ocorrera, tão súbita fora a transição, levou algum tempo a assenhoriar-se ;

mas, quando voltou a si, recuou espantado, ao dar comigo e com Bonifácio. - Morreste, ingrato!... Deixaste na Terra

o corpo em que te abrigavas, supondo-te invulnerável. Coração vazio, retribuíste o meu amor com a calúnia e a

traição ; e agora me não escaparás à justa cólera. Não quero vingar-me infligindo-te um suplício moral, mas vou

separar-me de ti três séculos. Quebro os laços que a ti me prendem e deixo-te entregue à matilha dos inimigos que

fizeste, graças aos teus crimes. Parasita ingrato que alimentei e defendi com o meu amor, procura quem te proteja e

segue a colher a semente que plantaste. Isto posto, recuei, cortando os filamentos que a ele me prendiam. Vi-o

contorcer-se aterrado diante do enxame negro de inimigos que o rodeavam, dispostos a infligir-lhe todos aqueles

tormentos já descritos por Mauffen. Todavia, minha presença ainda os continha e lhes paralisava os fluidos

estonteantes e enegrecidos pelas paixões efervescentes. "Pai"! ouvi dizer como através de um sopro agoniado, saído

do coração do ingrato, sempre covarde ante a evidência do perigo e do sofrimento. Recebi um choque doloroso :

aquele mesmo sonido vibrando no espaço me escravizara, outrora, ao ser ingrato. Eu o deixara lactante e quando

regressava de longa excursão, encontrei um menino de três anos, louro e lindo como um anjo, que me estendeu os

bracinhos e balbuciou esse nome... O que só me cumpria, então, era amar o locutor desse nome e concentrar nele

todas as esperanças de minha vida. E sempre essa palavra - Pai por ele pronunciada, na alegria como na aflição, me

havia exaltado até a cegueira.   Naquele momento em que pretendia entregá-lo inerme ao furor dos

inimigos, essa

palavra abalou todas as fibras do meu ser e despertou a lembrança do passado. Então, como agora, eu era forte, ele

fraco; da mesma forma que, em sua infância lhe protegera o berço que alimentava o coração paterno, assim também

agora, o espírito imbele, imperfeito e acovardado ante o sofrimento, nada era, nada valia sem o sustentáculo da

minha férrea vontade, que aquietava os seus inimigos.   Temendo, porém, minha fraqueza e resumindo, com a rapidez

do pensamento, todos os agravos recebidos, revoguei todas as energias de minha alma e surdo aos lamentos

desesperados do espírito de Kurt, alcei-me no espaço, enquanto os meus amigos cortavam o último elo que a ele me

prendiam. Cerrada coluna de Espíritos inimigos se abateu sobre o ingrato atirando-lhe injúrias, exprobrando-lhe a

covardia. Depois o arrebataram espaço a dentro, para que visse os sofrimentos que causara. - Posso trabalhar na

erraticidade? - perguntei ao meu Guia. A verdade é que muito sofro sob a lava de minhas paixões ardentes.

Respondendo o Guia afirmativamente, lancei-me ao infinito, deixando a atmosfera planetária para engolfar-me no

turbilhão rotativo da eterna atividade cósmica, onde não havia tempo de pensar em mim mesmo.

Estranha força me fez parar de súbito e me atraiu. Senti que o perespírito se me adensava e ouvi uma voz que dizia

: - Todos já se passaram, chegou a hora do julgamento. Vamos! Era a voz do Guia : Caminhei com dificuldade,

sensivelmente comovido pela aproximação do momento solene, cuja gravidade mal podia conhecer. No ambiente

pardacento que me envolvia, surgiam vultos de todos os lados, cada qual com sua auréola mais ou menos lucificada ou

depurada. Silhuetas monacais, cabeças tonsuradas, mãos desfiando rosário, passavam e repassavam mudas, e

sutilmente. Meu perispírito estremecia, o quadro me impressionava : Por quê? - não era um cântico religioso que me

timbrava os ouvidos, embora não visse lábios entreabertos que o justificassem?   Dominei a emoção e concluí que

eram as reminiscências de seus pensamentos que produziam aquele som, pois no mundo espiritual toda vibração etérea

produz um som harmonioso. Vendo-se subitamente agregados em coluna cerrada, marchando como quando encarnados, os

irmãos beneditinos se haviam lembrado dos seus cânticos. À sua frente flutuavam três entidades : Eulenhof, Benedito

e Sanctus.   Silenciosa, a nuvem compacta de monges me precedia. Curvei a cabeça, considerei : sim, eu era o chefe

daquela comunidade criminosa - Os Irmãos Vingadores! Nesse instante, defrontou-se-me uma entidade cuja presença me

proporcionou grande alegria, não por ver compartilhada minha responsabilidade, mas por tornar a ver um velho amigo:

Antônio, eixo e centro de todas as tramas que me haviam arrastado à senda criminosa. Doutro lado se reunia,

silente, um segundo cortejo, à frente do qual distingui Mauffen, Rosalinda, Loevenberg, Kurt, o anão e tantos

outros. Conduzidos pelos Guias alvinitentes, que flutuavam em plano mais elevado, esses espíritos avançaram para o

círculo radioso onde se decreta a pena de talião: - Não faças a outrem o que não queres que te façam; a clemência

de Deus te faculta reparar tuas faltas, mediante novas encarnações.

EPÍLOGO

O sol poente dourava a copa das árvores e projetava reflexos avermelhados na clareira de um bosque, onde um homem

pálido e extenuado repousava à sombra de frondoso carvalho. Uma harpa, ao lado, indicava o bardo. Fazia-lhe

companhia, igualmente extenuado, um rapazola franzino, mas de beleza invulgar. Súbito acesso de tosse sacudiu o

bardo enfermo e uma golfada de sangue lhe aflorou nos lábios. Filho querido! - murmurou afagando-lhe a cabeleira

anelada com a destra descarnada e trêmula - quanto me custa deixar-te sozinho neste mundo e quiçá sujeito a morrer

de fome ... Ó Deus, tem piedade do pobre órfãozinho ! Isto dizendo, recaiu sobre a relva, estertorante, cerrou os

olhos para sempre... Daí a pouco, ouviram-se passos, estalidar de ramos e do âmbito da floresta surgiu um ancião de

longas barbas brancas, em trajes de peregrino. Vendo o rapaz debulhado em lágrimas, aproximou-se e procurou saber o

que ocorria ; e tanto que o soube, ajoelhou-se e orou pelo morto. Depois, com a faca que trazia, cavou a sepultura

e enterrou o corpo, levando consigo o rapaz e procurando, quanto possível, consolá-lo. Esse adolescente se fez

companheiro devotado e fiel do peregrino, que, solitário no mundo, se entregara à tarefa de assistir aos pobres,

cuidar dos enfermos e enterrar os mortos. O adolescente cresceu, tornou-se homem

e ficou ligado ao peregrino que, ao demais, perdera a vista. Tendo aprendido a tocar harpa - a única coisa que lhe

deixara o pai - graças a inata vocação, arrancava do mélico instrumento harmonias empolgantes. Assim, de olhos

sonhadores, guiando e amparando o velho, iam os dois de pouso em pouso, inspirando simpatia e compaixão. Mais de

uma beldade se enternecia e enamorava do jovem músico idealista, mas não houve tentação que o separasse do grande

amigo, e todo o dinheiro ganho era generosamente distribuído com os pobres e os enfermos. Dessarte, onde quer que

chegassem, semeavam benefícios. Dobraram anos, até que um dia se detiveram ao sopé de um rochedo em cujo cimo se

ostentava, imponente, velho mosteiro cercado de muralhas dentadas. Algo distante, coroando outro rochedo, outro

convento se erguia, não menos imponente. - Pai ! - exclamou o jovem harpista - que pena não poderes contemplar esta

paisagem ... Intima tristeza o empolgou, tristeza que não podia explicar. Ajoelhou-se à beira da estrada e chorou,

imaginando coisas que lhe pareciam quiméricas. - Filho de minha alma, que tens? - interrogava, tateando, o ancião

aflito. Como que despertado pela voz do companheiro, o rapaz ergueu-se, enxugou as lágrimas, deitou magoado olhar

ao mosteiro e tomando a mão do amigo cego, seguiram seu caminho. Dias depois, cansadíssimos de longa caminhada e já

ao cair da noite, ei-los à cata de um abrigo onde pudessem pernoitar. - Estamos longe do povoado e tu estás

cansadíssimo, meu pai - disse o rapaz, caridoso, fitando o rosto do cego ; mas, logo circunvagando o olhar,

percebeu, no alto de um rochedo, velho castelo cujas paredes em parte derrubadas, indicavam ter experimentado

rigoroso assédio. - Faze esforço, pai, pois ali temos, perto, as ruínas de um castelo e certo encontramos, por

lá,

onde passarmos esta noite. Abrindo caminho entre silvas, espinheiros e blocos de pedra, galgaram a colina e foram

direto a um torreão, dentro do qual se lhes, deparou espaçoso abrigo. Após ligeira e frugal refeição o velho fez de

uma pedra travesseiro e, mãos cruzadas ao peito, adormeceu suavemente. O rapaz continuou assentado em atitude

meditativa. O luar magnífico, derramando-se naqueles escombros, desenhava figuras fantásticas nas paredes

arruinadas. O bardo levantou-se, por fim, e sem medir o perigo que arrostava, galgou estreita janela, de onde

contemplou extasiado o panorama que se desdobrava na planura, a perder de vista. Novamente empolgado por angustiosa

tristeza, voltaram-lhe as lágrimas quentes e abundantes. Ah - murmurou - se eu pudesse fundar aqui um hospital e

cuidar dos enfermos, para que meu pai não mais andasse a procurá-los por toda parte... Que belo sítio! A verdade,

porém, é que os soberbos fidalgos não viram como eleger neste local, e nesta soberba mansão, um abrigo para os

infortunados da sorte... Como que tomado de súbita inspiração, foi apanhar a harpa e, assentando-se no peitoril da

janela, olhos fitos no céu enluarado, pôs-se a cantar e dedilhar melodias tão tristes quanto a própria alma do que

se chamara outrora Lotário de Rabenau. De repente, estremeceu e parou: um vulto branco flutuava, oscilante através

das grades! Atravessando-os depois, passou-lhe ao lado quase o tocando. Esta sombra nebulosa desceu da torre e se

deteve sobre um montão de escombros. Condensando-se depois, tomou aparência feminina. Um cicio de voz em carícias

brandas de zéfiro, feriu-lhe os tímpanos, dizendo : "Escava aqui, levanta a grande laje e desce a escada que leva

ao tesouro." Esvaneceu-se a visão. Teria sonhado? Esfregou os olhos, saltou do peitoril. "Não importa, hei de

procurar". Tomando uma tocha e fixando-a entre duas pedras, começou a revolver o entulho com ardor febril. De

começo, não encontrou mais que pedra e barro. Cansado, suarento, não se deixou abater pelo desânimo, até que deu

com o pé num argolão de ferro. Agarrou-o com força, procurando erguê-lo, e não tardou que um ah! de

satisfação lhe

brotasse dos lábios, ao ver escancarar-se um alçapão e uma estreita porém sólida escada. Tomando a tocha, desceu

resoluto e foi esbarrar em maciça porta de ferro. Com a ponta da faca escarafunchou a fechadura algo carcomida

pela ferrugem e acabou abrindo-a e penetrando no subterrâneo intacto. À luz oscilante da tocha reverberavam, em

brilhos policrômicos, os famosos tesouros dos condes de Mauffen!

Tempos depois, o jovem bardo defrontava o prior dos Beneditinos, procurando adquirir o velho solar, cujos alicerces

desejaria aproveitar para construir um hospital. As ruínas que, em nada aproveitavam ao convento foram, a título

gratuito e de bom grado, cedidas ao proponente, que, não obstante, pediu licença para compensar a doação,

oferecendo à comunidade alguns saquitéis de ouro, que depositou sobre a mesa. - Filho - disse o abade - de onde

tiras esta soma tão vultuosa para um simples menestrel? - Das nossas economias - minhas e de meu velho pai - a fim

de realizar o único ideal de toda a minha vida. aquela mansão isolada e abandonada foi o que de melhor encontramos,

por felicidade nossa. Soubemos que era propriedade desta confraria e eis como e porque aqui me tendes em vossa

venerável presença. - Muito bem! - concluiu o prior - grandiosa é a tarefa que te impõe, e que Deus te ajude.

Entregando a dádiva ao tesoureiro, passou às mãos do postulante o título de propriedade.

A breve trecho, o sítio ermo se transforma em colmeia de trabalho ativo: restauravam-se muralhas e apartamentos,

escadas e galerias, de sorte que, do vasto hospital ninguém poderia presumir o que fora o tradicional castelo.

Doentes também no lhe faltaram, mas o jovem fundador mostrava-se triste, apreensivo, sobretudo depois da morte do

velho companheiro. A enorme fortuna de que dispunha lhe tirava o repouso; íntima, terrível luta lhe transparecia

no rosto; a única distração que ainda o satisfazia era visitar as redondezas. Um dia, passeando a cavalo,

acompanhado de um velho soldado que mantinha a expensas do seu bolso, viu à margem da estrada grande jaula de ferro

e dentro dela, acorrentado, um homem da sua idade mais ou menos, cujo semblante estereotipava indizível angústia e

sofrimento. O infeliz, vendo-o, atirou-se às grades da jaula, gritando: "Pai! Meu pai!" - Ora essa! - disse o jovem

filantropo empalidecendo.   Quem é esse homem? E o coração lhe pulsava com violência, sem despregar os olhos do

estranho personagem. - Senhor ! - interrompeu o velho soldado - saiba que se trata de um pobre escultor, possesso

do demônio. Certa feita, chamado a restaurar algumas peças de rico

castelo que pertenceu a ilustre família do século passado, isto é, dos condes de Rabenau, estalou grande tempestade

e uma faísca elétrica destruiu a porta do quarto onde ele trabalhava ; começou, então, a saltar, tomando o nome de

um Rabenau e querendo, à viva força, tomar conta do castelo. Cada vez mais furioso e indomável, foi assim enjaulado

e aqui vive do que lhe dão os transeuntes apiedados.   As vezes, dá-lhe para atribuir nomes estranhos a quem dele

se aproxima, e assim é que, ainda há pouco, vos chamou de pai. O bardo mergulhou em profunda meditação. Em seu

íntimo colidiam estranhos sentimentos de ódio satisfeito e de comiseração incoercível. Esporeou a montaria e não

olhou para trás. A partir desse dia, entretanto, não teve mais um minuto de tranqüilidade, perseguido pela imagem

do pobre enjaulado. De vez em quando, assaltava-lhe o desejo de o libertar secretamente, mas logo experimentava

estranho rancor, a si mesmo perguntando como e por que um tal saloio se julgava ilustre fidalgo e citava nomes

desconhecidos. Uma noite de céu carregado e atmosfera abafadiça, dois homens tripulando uma carreteira carregada

de sacos, que pareciam de farinha, deixavam discretamente o hospital. Eram, não mais nem menos, que o bardo e o

velho soldado, que fugiam levando uma parte dos tesouros. A tentação do mundo, com a liberdade de o gozar, era

muito grande e acabou por triunfar. O moço idealista e generoso tinha sucumbido à tentação. Pela direção que

tomaram, não podiam deixar de passar pelo sítio onde se encontrava a jaula. E o grande caso é que por lá passaram

justamente no momento em que o pobre prisioneiro gemia de cortar o coração. O menestrel parou a carreteira e,

saltando ao solo, disse com voz opressa, enxugando o suor que lhe escorria do rosto: - Pelo menos a liberdade eu te

darei... Com esforço sobre-humano vergou uma, duas, três, barras da jaula, e arrancou para fora o prisioneiro. -

Toma esta bolsa e safa-te quanto antes! O desgraçado, porém, oito anos enjaulado, não sabia nem podia compreender e

aproveitar a oferta. A bolsa rolou por terra e ele, abraçado aos joelhos do seu libertador, continuava a gritar: -

pai, meu pai! A princípio, o rapaz procurou repeli-lo; mas, de repente, comoveu-se e começou a chorar; inclinou-se

e disse:
- pois então vamos, desgraçado, porque eu também, um dia assim fui libertado e Deus não me abandonou. Tomou nos

braços o corpo esquelético, acomodou-o na carreta e fustigou os cavalos. Horas depois, ei-los chegados à margem de

grande lago. Do outro lado, coroando o rochedo, avultava o perfil sombrio do Mosteiro beneditino. Uma barcaça os

esperava. Nela embarcados a carga e o louco, os dois homens começaram a remar. Singrando as águas que o vento

encrespava prenunciando o temporal, ouviram-se longínquos os primeiros ribombos do trovão e a luz dos relâmpagos

intermitentes deixava entrever, à distância, a silhueta negra do castelo de Lotharsee. O louco, muito agitado,

tapara os ouvidos e mergulhara a cabeça entre os joelhos do seu libertador, e a repetir : "Pai, outrora foi também

assim .. Súbito, um raio fendeu o manto negro da noite, a embarcação estalou e o velho militar exclamou aterrado -

Nossa Senhora, lá se foi o patrão! - O corpo, ao tombar, emborcou a embarcação, entregando às águas profundas a

carga e os tripulantes. O velho soldado, bom nadador, tomou o louco e consegiu ganhar a margem, onde alguns monges

atraídos pelos gritos de socorro, os receberam com generosidade. O louco, porém, volveu à jaula, pois era evidente

que estava possesso do demônio e o velho soldado chegou a jurar que fora essa a causa única de tamanha desgraça.

Quando os raios do sol nascente aclararam a superfície calma das águas, viu-se um corpo emaranhado nos

caniços da

margem e as ondas prateadas embalavam uma bela fronte de anelada cabeleira, que parecia pedir a esmola de uma cova

para o fundador do hospital.
ROCHESTER